

Discurso e texto em
diferentes domínios sociais

Organizadores

Max Silva da Rocha

Marcos Suel dos Santos

Patrícia Rodrigues Tomaz

Discurso e texto em diferentes domínios sociais

Organizadores

Max Silva da Rocha

Marcos Suel dos Santos

Patrícia Rodrigues Tomaz

Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

FICHA CATALOGRÁFICA

R672d Rocha, Max Silva da
Discurso e texto em diferentes domínios sociais / Max Silva da Rocha, Marcos Suel dos Santos, Patrícia Rodrigues Tomaz (organizadores) - Teresina: Editora Pathos, 2022.
226p.
ISBN 978-65-994244-6-5 [digital]
1. Linguística 2. Texto. 3. Discurso I. Título.

CDD 410

Diagramação, capa e projeto gráfico

Vinícius Alves

Conselho Editorial

Argus Romero Abreu de Moraes (UFSJ); Bruna Toso Tavares (UEMG); Carlos Ângelo de Meneses Sousa (UCB); Edmilson José de Sá (UPE); Ida Lúcia Machado (UFMG); João Benvindo de Moura (UFPI); Ivanete Bernardino Soares (UFOP); Márcio Rogério de Oliveira Cano (UFLA); Max Silva da Rocha (UNEAL); Rony Peterson Gomes do Vale (UFV); Rosane Monnerat (UFF).



editora

PATHOS

contato@editorapathos.com.br

editorapathos.com.br

Teresina - Piauí

2022

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
APRESENTAÇÃO.....	9
OS RECURSOS FRASEOLÓGICOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK.....	12
Katiuscia Cristina Santana Ana Paula Albarelli	
PROGRESSÃO TEMÁTICA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM CHARGES	28
Marcos Suel dos Santos Maria Silma Lima de Brito Maria Inez Matoso Silveira	
PRÁTICAS DISCURSIVAS E DISPUTAS DE SENTIDO: AS CENAS DE ENUNCIÇÃO EM SESSÕES DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS FAMILIARES.....	45
Patrícia Rodrigues Tomaz João Benvindo de Moura	
REFERENCIAÇÃO E GESTUALIDADE EM FALA DE PROFESSORES.....	57
Thaís Ludmila da Silva Ranieri	
DISCURSO E POESIA SURDA, NEGRA E PERIFÉRICA: DOS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS	74
Heron Ferreira da Silva Maraisa Lopes	
QUESTÕES CONTEXTUAIS NA ANÁLISE DE GÊNEROS: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E ANALÍTICA.....	90
John Hélio Porangaba de Oliveira	

**O FUNCIONAMENTO DO POSICIONAMENTO DE
ASSENTIMENTO EM COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS AO
DISCURSO DE ACUSAÇÃO NO IMPEACHMENT DE DILMA
ROUSSEFF109**

Eduardo Pantaleão de Moraes
Samuel Barbosa Silva

**A REPETIÇÃO COMO MECANISMO TEXTUAL EM UMA
ENTREVISTA ORAL TELEVISIVA..... 125**

Daniela Carla Silva Costa
Max Silva da Rocha
Sandra Araújo Lima Cavalcante

**UM ESTUDO SEMIOLINGÜÍSTICO ACERCA DOS DISCURSOS
DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE
SOCIAL 152**

Adriana Rodrigues de Sousa
João Benvindo de Moura

**GENÉTICA TEXTUAL: UM ESTUDO SOBRE OS TIPOS E AS
FUNÇÕES DAS RASURAS EM MANUSCRITOS DE ALUNOS
RECÉM-ALFABETIZADOS 170**

Dayane Rocha de Oliveira
Cristina Felipeto

**UM ESTUDO DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO EM MEMES
NA ESFERA POLÍTICA.....188**

Emanuelle Maria da Silva Piancó
Max Silva da Rocha

**A NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL COMO PROPOSTA
PARA O ENSINO DA ESCRITA203**

Laysdemberg Tavares Rodrigues
Fabiana Pincho de Oliveira

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS 219

PREFÁCIO

Afinal, o que é o texto? O texto possui tantos sentidos! Pode ser definido como um conjunto de ideias organizadas em palavras, frases e períodos bem articulados do ponto de vista composicional, assim como também pode ser compreendido, em seu sentido mais poético, como o espelho das emoções refletido na combinação das letras da alma, entre outros. Por isso, pesquisas sobre seu sentido, certamente, nos conduzirão a diferentes perspectivas, reflexões, caminhos teóricos e discursivos. Enfim, é indiscutível o fato de que estamos rodeados de palavras, silêncios, meias-palavras, sons, desenhos, símbolos que insistem em nos dizer algo, em forma de TEXTO.

A todo momento, mensagens escritas, ditas, gesticuladas, não vozeadas nos rodeiam em diferentes situações comunicativas. Somos diariamente convidados a ler, ouvir, compreender e nos posicionarmos em inúmeras interações sociais, presencialmente e/ou via *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *e-mail* e outras redes de comunicação, o que nos conduz ao inquestionável argumento acerca da importância da presença do texto em nossas vidas.

O texto como expressão da linguagem, pensamento, reflexão, atitudes, interação e enquanto prática social tem o poder de contribuir para o processo de aprendizagem, troca de conhecimentos, experiências, saberes, sentimentos e emoções. Entretanto, como também reflete os comportamentos sociais, muitas vezes conduz à expressão da violência, agressão, ódio, preconceito e racismo, já que as palavras, quer sejam orais, quer sejam escritas, representam diferentes formas de agir e de se posicionar socialmente. E hoje, mais do que nunca, deparamo-nos com esse tipo de expressão da linguagem em diferentes interações sociais, principalmente nas redes sociais.

Vivemos tempos sombrios, marcados não só pela pandemia da Covid-19, que diariamente, acomete, adoce e mata milhares de pessoas pelo mundo afora, mas também por atitudes negacionistas frente à ciência, desvalorizando a vida e ameaçando os sistemas democráticos vigentes. De que forma isso acontece? Principalmente por meio da linguagem propagada, nos mais diferentes tipos de textos, a partir de informações disseminadas por grupos de pessoas, articuladas e motivadas por interesses adversos. Nesse contexto, a população é exposta à desinformação também por meio da linguagem e conduzida aos terrenos da ignorância. Assim, portanto, não há como falar de texto sem abordar a importância da

formação que conduz à busca curiosa, atenta e crítica pela compreensão de tudo que nos cerca.

Aqui, defendo a educação que ensina a escutar, a dialogar e a compreender que as diferentes formas de perceber e se comportar no mundo são advindas de histórias e experiências vividas, conduzindo à formação consciente, libertadora, reflexiva e transformadora. Nas palavras do maior educador brasileiro de todos os tempos “Quanto mais me torno rigoroso na minha prática de conhecer tanto mais, porque crítico, respeito devo guardar pelo saber ingênuo a ser superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p. 33). Portanto, por meio da linguagem conheço outras formas de pensar e experienciar o mundo, do mesmo modo que, por meio dela, construo novos conhecimentos, acesso o “outro”, posiciono-me e me transformo, assim como também posso atuar em diferentes contextos e modificá-los.

Além do mais, a língua que comporta os diferentes discursos é essencialmente política na medida em que representa vozes proferidas de diferentes lugares e alimentadas por múltiplos interesses, o que prova a ausência de sua neutralidade. Logo, discursos entrelaçados nos jogos de palavras, inteligentemente escolhidas, marcam diferentes lugares de fala, posicionamentos, ações sociais e o exercício do poder, nem sempre direcionado às práticas sociais nutridas pelo amor, esperança, liberdade, democracia e justiça social. Hoje, mais do que nunca, observamos mostras de uma arquitetura da linguagem apoiada em projetos argumentativos negacionistas, preconceituosos, sexistas, machistas e injustos que, por sua vez, tentam enfraquecer a ciência, as áreas de humanas, os discursos das minorias e a universidade.

Ser resistência a toda forma de preconceito e desigualdade implica em adotar a linguagem enquanto prática social de subversão ao sistema excludente e hegemônico que insiste em preservar a injusta divisão de classes, alimentando o ódio, o preconceito racial, discursos unilaterais, os quais se apoiam no senso comum que, por sua vez, favorece a naturalização tanto das desigualdades quanto dos problemas sociais.

Assim, portanto, esta obra contribui para um profundo repensar acerca de problemáticas atuais em torno de diferentes discursos que circulam na sociedade, reunindo um conjunto de pesquisas apoiadas pela visão crítica, discursiva e questionadora em torno de aspectos sociais da língua oral e escrita, em diferentes textos: *facebook*, *charges*, sessões de mediações de conflitos familiares, comentários de internautas e entrevista oral televisiva. Como uma das representações mais contemporâneas do discurso em variadas manifestações contextuais, a obra apresenta a

análise crítica de posicionamentos políticos, discursivos e enunciativos em diferentes tipos e gêneros textuais, assim como analisa questões mais específicas da linguagem relacionada ao gesto, à progressão textual e aos recursos fraseológicos pertinentes ao mundo virtual.

Além disso, os estudos apresentados por esta importante coletânea de textos respondem às demandas atuais das ciências da linguagem, na medida em que dialoga com aspectos da língua em uso, em diferentes interações sociais, realizadas online e no campo das mediações de conflitos de base argumentativa. Do mesmo modo, a obra subverte os valores hegemônicos enraizados na sociedade e, porque também não dizer nas ciências, ao abarcar a literatura surda, bem como as produções de sentido da comunidade surda, contemplando o “outro” que, muitas vezes, é apagado, ensurdecido e ignorado em suas mais diversificadas manifestações linguísticas, políticas, culturais e sociais.

A abrangência e atualidade dos temas apresentados nos diferentes capítulos que compõem este livro tornam-no, assim, convidativo à leitura, estudos e pesquisas em diferentes campos do saber: linguística, literatura, educação, sociologia, filosofia, ciências políticas e sociais, entre outras. Os leitores e leitoras interessados em aprofundar os conhecimentos acerca da linguagem na contemporaneidade e suas interlocuções com diferentes áreas do conhecimento, encontrarão nessa obra relevantes discussões que, certamente, provocarão reflexões, pensamentos e inquietações conduzidas pelo maravilhoso mundo do texto e do discurso.

Desejo a todos, todas e todes, uma excelente leitura!

Flávia Colen Meniconi

Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresento a obra *Discurso e texto em diferentes domínios sociais*, organizada por Max Silva da Rocha, Marcos Suel dos Santos e Patrícia Rodrigues Tomaz, e lançada no ano de 2022. Com prefácio de Flávia Colen Meniconi, este livro digital é composto por importantes contribuições no campo dos estudos do discurso e do texto e conta com 12 capítulos escritos por pesquisadores de diferentes instituições públicas brasileiras, dentre as quais destaco a UNEAL, a USP e a UFAL.

No primeiro capítulo, intitulado *Os recursos fraseológicos na rede social facebook*, Katuscia Cristina Santana e Ana Paula Albarelli discutem, a partir dos estudos fraseológicos e dos pressupostos da pragmática, a relação entre aspectos verbais e não verbais em memes publicados no facebook. Seus resultados demonstram que é preciso associar os sentidos denotativos e conotativos para o sucesso interacional nessa rede social e que o conhecimento de mundo é determinante em tal processo.

Já no segundo capítulo, *Progressão temática e construção de sentidos em charges*, Marcos Suel dos Santos, Maria Silma Lima de Brito e Maria Inez Matoso Silveira apresentam, à luz da Linguística de Texto, uma análise da progressão temática no gênero textual charge. Para isso, os autores abordam a questão da construção de sentidos no texto a partir de aspectos multimodais e de uma metodologia qualitativa, que focaliza a interpretação dos dados. Diante da sua análise, os autores concluem que é possível verificar a progressão temática nos elementos não verbais presentes nas charges analisadas, havendo relação, também, com a construção textual.

No terceiro capítulo, *Práticas discursivas e disputas de sentido: as cenas de enunciação em sessões de mediação de conflitos familiares*, Patrícia Rodrigues Tomaz e João Benvindo de Moura abordam a questão da mediação de conflitos, refletindo sobre seu estatuto legal e sobre a importância de seu estudo em uma perspectiva científica dos estudos da linguagem. A partir de uma análise à luz da Semiologia, os autores concluem que uma boa mediação pode conduzir a um consenso e que a sessão de mediação pode ser entendida como cena englobante.

Em *Referenciação e gestualidade em fala de professores*, quarto capítulo desta coletânea, Thaís Ludmila da Silva Ranieri discute a construção referencial associada às semioses do texto oral, destacando, especificamente, a questão da gestualidade em contexto didático. A pesquisadora defende a imbricação entre os elementos verbais e os não

verbais com referentes ligados a uma construção intersemiótica no processo didático do professor na aula de geometria e sua relevância para a recategorização dos objetos de discurso.

Por outro lado, no quinto capítulo, intitulado Discurso e poesia surda, negra e periférica: dos efeitos de sentidos produzidos, há a abordagem de outra temática, já que Heron Ferreira da Silva e Maraisa Lopes associam os estudos linguísticos e literários, por meio da Análise do Discurso Materialista, na análise da Literatura Surda. Os autores apontam que essa tem sido cada vez mais explorada e que há diversas discussões em relação ao reconhecimento e à visibilidade do tema. Os pesquisadores concluem que o sujeito surdo ocupa um novo lugar na sociedade leitora e que não aceita e reproduz mais o discurso de normalização.

No sexto capítulo, Questões contextuais na análise de gêneros: considerações metodológicas e analítica, John Hélio Porangaba de Oliveira visa a apresentar a questão do contexto na análise do gênero resumo a partir de uma metodologia textográfica em que são observadas as dimensões contextuais. O autor constata que a questão do contexto na análise do gênero resumo está ligada às orientações de produção e às orientações de identificação.

Já em O funcionamento do posicionamento de assentimento em comentários de internautas ao discurso de acusação no *impeachment* de Dilma Rousseff, Eduardo Pantaleão de Moraes e Samuel Barbosa Silva discutem o processo de produção de sentidos em comentários publicados em resposta ao discurso de acusação em relação à Dilma Rousseff. A partir da Análise de Discurso de linha pecheutiana, os autores constatam que os internautas que se posicionaram eram motivados por diferentes filiações interdiscursivas e pela memória de arquivo da internet e da grande mídia.

No oitavo capítulo, A repetição como mecanismo textual em uma entrevista oral televisiva, Daniela Carla Silva Costa, Max Silva da Rocha e Sandra Araújo Lima Cavalcante analisam o fenômeno da repetição e o seu papel na construção do texto conversacional, mais especificamente, em uma entrevista oral televisiva do domínio discursivo jornalístico. À luz da Análise da Conversação, os autores percebem a importância da repetição para a construção argumentativa e da criação de imagens de si e de terceiros.

No nono capítulo, intitulado Um estudo semiolinguístico acerca dos discursos de mulheres em situação de vulnerabilidade social, Adriana Rodrigues de Sousa e João Benvindo de Moura discutem a construção do *ethos* e dos imaginários sociodiscursivos envolvidos em entrevistas etnográficas realizadas com mulheres dependentes químicas em recuperação. Os autores concluem que foram construídas diferentes imagens das entrevistadas e que

tais mulheres fundamentam suas crenças nas suas próprias experiências, o que evidencia, por exemplo, insegurança, mas também empoderamento.

No antepenúltimo capítulo, *Genética textual: um estudo sobre os tipos e as funções das rasuras em manuscritos de alunos recém-alfabetizados*, Dayane Rocha de Oliveira e Cristina Felipeto discutem os tipos de rasura e as suas funções em textos de alunas do 2º ano do ensino básico no Brasil e em Portugal. Revisitando propostas de investigações anteriores, as autoras defendem que a rasura é um elemento essencial de toda escrita e que indica uma reflexão sobre o texto. Diante de sua análise, elas concluem que, em situações de escrita colaborativa, há diferentes rasuras, dentre as quais as ortográficas, as de pontuação e as de acentuação.

No penúltimo capítulo, *Um estudo do funcionamento discursivo em memes na esfera política*, Emanuelle Maria da Silva Piancó e Max Silva da Rocha analisam os sentidos envolvidos na recategorização de memes ligados ao contexto político. Os autores constatam que esse gênero envolve elementos linguísticos, culturais, históricos e ideológicos e que funcionam como uma crítica a alguns políticos, sobretudo aos que apoiaram o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Os efeitos de sentido de humor também estão presentes nesses textos a partir de referências intertextuais, dentre as quais o personagem *Superman* e a novela *A usurpadora*.

No capítulo que finaliza esta obra, *A narrativa de experiência pessoal como proposta para o ensino da escrita*, Laysdemberg Tavares Rodrigues e Fabiana Pincho de Oliveira apresentam reflexões acerca do ensino de produção textual, destacando os efeitos dessa prática em um contexto digital. As autoras atestam que os alunos participaram dos encontros síncronos, mas raramente enviaram os textos na plataforma e que, por vezes, alegavam não ter algo de importante a relatar em suas narrativas. Ressaltam, ainda, a questão da reescrita e as suas limitações diante da baixa participação discente.

Diante dos capítulos apresentados, concluo que a obra *Discurso e texto em diferentes domínios sociais* apresenta uma extensa gama de pesquisas acerca de diferentes olhares e abordagens dos estudos do texto e do discurso (Linguística de Texto, Semiologia, Análise da Conversação, Análise do Discurso Materialista, etc.), o que garante múltiplas perspectivas e uma visão ampla e multifacetada, com objetos de estudo bastante variados e que contemplam temáticas atuais e emergenciais. Desejo, por fim, que a leitura seja proveitosa e produtiva e que seja possível refletir acerca dos estudos da linguagem diante dessas contribuições.

Dennis Castanheira

Professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF)

OS RECURSOS FRASEOLÓGICOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Katiuscia Cristina Santana

Ana Paula Albarelli

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos de fraseologia permitem várias abordagens teóricas em relação ao emprego e ao uso de expressões idiomáticas, de provérbios e de frases feitas em uma determinada língua. Em especial neste capítulo, objetivamos analisar os recursos fraseológicos do Português Brasileiro por meio dos memes utilizados na rede social Facebook. O termo “meme” foi criado por Richard Dawkins em 1976 ao escrever uma teoria sobre o processo de transmissão cultural humana. Hoje, os memes são conhecidos pelas imagens acompanhadas de texto ou de vídeos presentes no mundo virtual. O objetivo específico deste trabalho será, sobretudo, estudar a expressividade do humor e os efeitos de sentido das expressões populares na interação digital. Embora presentes na linguagem popular oral, é possível encontrarmos no mundo virtual expressões populares em publicações públicas ou privadas nas redes sociais digitais, em especial sob formas de memes. Há, portanto, não só um sentido verbal, mas também um sentido não-verbal, conciliando a representação de imagens com recursos verbais. Pode-se observar, assim, que o uso desses memes cria um ambiente de interação descontraído, uma vez que colaboram na interação de forma efetiva e, muitas vezes, de maneira bem humorada.

Com base nos estudos fraseológicos populares de Urbano (2009; 2016) e nos parâmetros teóricos da Pragmática, observou-se o jogo entre imagem e mensagem em um sentido denotativo e conotativo a partir do levantamento de alguns exemplos comuns de memes usados no Brasil a fim de gerar um efeito de humor ou de crítica em discussões *on-line*. Nota-se que o meme representa um fenômeno social nas redes sociais digitais, fato que vai ao encontro do pensamento de Castells em *A Galáxia da Internet*, segundo o qual “a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade” (CASTELLS, 2003, p.112).

REDES SOCIAIS DIGITAIS E MEMES

Com o advento de novas tecnologias, abriu-se espaço para outros meios de interação, como as redes sociais digitais. Entendemos o conceito de redes sociais tal como define Martino:

Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definida pela interação via mídias digitais. [...] A noção de “redes sociais” é um conceito desenvolvido pelas Ciências Sociais, para explicar alguns tipos de relação entre pessoas. (MARTINO, 2015, p.55).

Castells (2003) defende o avanço da internet como forma de comunicação e como grande responsável pela transformação da sociabilidade no mundo contemporâneo, com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas de sociabilidade. Além de colaborar com a socialização, as redes sociais possuem inúmeros recursos visuais que cooperam com os textos verbais, especialmente na função de argumentar. Para Gonçalves-Segundo,

[...] as formas de argumentar também se diversificaram e os recursos imagéticos, sejam eles estáticos (fotografias e desenhos), sejam eles dinâmicos (sequência de imagens estáticas ou vídeos), vêm desempenhando um papel cada vez mais relevante na argumentação desenvolvida nas redes sociais/mídias digitais, não só no manejo do dissenso e na explicitação da diferença, como também na radicalização das posições e no fechamento em relação a outras perspectivas. (GONÇALVES-SEGUNDO, 2021, p.75)

A internet, dessa forma, ganha espaço para trocas linguísticas realizadas *on-line*. Neste capítulo, destaca-se, sobretudo, a rede social digital Facebook. Criada por quatro alunos da Universidade de Harvard no ano de 2004 com o objetivo de reunir somente os alunos da universidade, tornou-se mundial graças ao grande sucesso. Na rede social digital, é possível a interação pública e privada, entre amigos e desconhecidos. Além disso, é possível criar grupos de discussão para a troca comunicativa de um mesmo interesse em comum ou participar na discussão de notícias veiculadas na rede, em páginas de jornais *on-line* ou de sites de entretenimento.

Embora a interação seja semelhante a uma conversa face a face no que diz respeito ao uso de um léxico típico de língua falada, os recursos extralinguísticos e paralinguísticos se dão de uma forma diferente no mundo virtual. Muitas vezes, os recursos paralinguísticos são substituídos

por vídeos gravados pelos participantes da rede social e, por sua vez, os recursos extralinguísticos ganham lugar por meio de *emoticons* e *memes*. O termo *emoticon* deriva da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone). Trata-se de uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: *:)*, *:(*, *^-^*; ou, também por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial, usualmente, pequena, que transmite o estado psicológico e emocional de quem os emprega. Neste trabalho, no entanto, destacaremos o uso de *memes* na interação virtual, que pode ser também considerado como um elemento linguístico e extralinguístico.

O “*meme*” de internet é uma imagem, um vídeo ou um texto que é replicado por diversas vezes pelas pessoas na rede, com modificações pessoais de acordo com seu próprio gosto ou intenção. De acordo com Souza:

[...] no ciberespaço os “*memes*” têm a ver principalmente com comentários, postagens de fotos, vídeos, paródias que são comumente relacionados a notícias do cotidiano provenientes em grande parte de outros canais midiáticos, sendo estes a televisão, os jornais impressos e o rádio. (SOUZA, 2013, p. 131).

Os *memes* selecionados no *corpus* desta análise se destacam, sobretudo, pela criatividade em conciliar a imagem com os recursos fraseológicos populares típicos do Português Brasileiro. Em consonância com Urbano (2009), entendemos que os recursos fraseológicos compreendem interjeições, gírias, expressões, ditos e ditados populares, provérbios etc., que se articulam naturalmente ou com certa artificialidade. Segundo Urbano:

Esses tipos de frases ou expressões feitas, relativamente fixas e cristalizadas, à semelhança de muitos outros fenômenos de ordem linguística, sobretudo na linguagem falada, são universais. Isso tem justificado, inclusive, estudos e a confecção de dicionários específicos e abrangentes, contemplando línguas diferentes, ou a mesma língua de países diferentes, como é o caso de Brasil e Portugal. Ao mesmo tempo, ensejam estudos comparativos e inferenciais que podem favorecer bastante a compreensão específica de determinadas expressões ou idiomatismos. (URBANO, 2016, p.160)

É por meio da situação comunicativa que os recursos fraseológicos dos *memes* adquirem um efeito expressivo na interação virtual, já que o sentido semântico se dá de maneira denotativa e conotativa. Nas redes sociais digitais, os *memes* cumprem geralmente uma função fática, uma função emotiva e/ou uma função argumentativa nas interações, as trocas comunicativas são realizadas por meio de *polílogos*, ou seja, trata-se de um diálogo com múltiplos participantes.

O CORPUS

O *corpus* foi extraído de várias interações públicas ocorridas na rede social digital Facebook. Os memes surgem como resposta à publicação de uma pessoa ou de uma página específica que reúne vários seguidores. Como mencionado, optamos por escolher memes que fazem uso de expressões populares do Português Brasileiro utilizados na rede social Facebook, seguidos da explicação do sentido das expressões usadas com base em dois dicionários, o dicionário Houaiss (2001) e o Dicionário Informal¹, este disponível na internet para que os usuários definam o significado dos verbetes de acordo com o contexto de uso. Tal como o nome diz, o Dicionário Informal é caracterizado, sobretudo, por palavras e expressões de uso informal na língua falada e que muitas vezes não constam nos dicionários de referência.

Para fins de análise, serão mantidos os prenomes dos participantes, no entanto, ocultaremos os sobrenomes e as fotografias de perfil.

ANÁLISE DO CORPUS

O meme, que figura na imagem 1, faz referência a uma típica expressão da língua falada, “Onde já se viu”:

Figura 1: Meme Onde Jah se viu



Fonte: Facebook.

1 - O endereço on-line do dicionário encontra-se em <http://www.dicionarioinformal.com.br/>

A expressão “Onde já se viu” encontra-se no *Dicionário Informal*. Na definição do dicionário *on-line*, trata-se de uma expressão popular usada para mostrar indignação. Exemplifica-se a expressão da seguinte maneira: “Gente, onde já se viu fazer uma coisa dessa? Que horror!”

Trata-se de um meme que exige um conhecimento cultural prévio por parte dos usuários na rede social. Temos a figura de Jah, Deus na religião rastafári, diante de um espelho e, ao fundo, as cores do movimento rastafári: o verde, que remete à terra e à esperança; o amarelo, que remete à igreja e à paz e o vermelho, que remete ao poder e à fé. Os seguidores pregam o uso da maconha como erva medicinal, e muitos cultivam *dreadlocks*, isto é, cabelos enrolados com cera.

O meme foi utilizado para interagir com outros comentários a partir de uma publicação de um participante da rede social, reproduzida a seguir:

Figura 2: Meme “Onde Jah se viu” contextualizado na interação



A caminho do Culto...

Curtir Comentar Compartilhar

Você, Juliana Prado e outras 76 pessoas curtiram isso.

4 compartilhamentos

Geomax 😄😄😄
Curtir · Responder · 1 · 55 min

Jonathan Marijuana Cannabis de Deus
Curtir · Responder · 1 · 52 min

Fábio HAHAHAHAAAAHA
Curtir · Responder · 1 · 49 min

Escreva uma resposta...

Juliana



Descurtir · Responder · 10 · 51 min

Franklin Hahahahaha! Queria ser amigo dela... #Irma4e20
Curtir · Responder · 1 · 43 min

Tatiane 😄😄😄😄😄
Curtir · Responder · 1 · 39 min

Alexandre pobre alma! :|
Curtir · Responder · 1 · 35 min

Fábio hehehehehe
Curtir · Responder · 1 · 33 min

Escreva uma resposta...

Alex Louvor da Brisa.
Curtir · Responder · 2 · 33 min

Fábio HAHAHAHAAAAHA
Curtir · Responder · 32 min

Escreva uma resposta...

Mayara Pqp HAHAHAAHAAAAHAHA
Curtir · Responder · 16 min

Ana Kkkk deve ter pensado ser folha de palmeira... Kkkk
Curtir · Responder · 1 · 9 min

Fábio Tadinha, nem deve imaginar do que se trata...
Curtir · Responder · 4 min

Escreva uma resposta...

Gisele Hahahaha. Firmezal
Curtir · Responder · 1 · 6 min

Fábio hehehehehe
Curtir · Responder · 1 · 33 min

Fonte: Facebook

Trata-se de uma imagem de uma senhora de cabelos longos andando na rua e, na própria imagem, a legenda “A caminho do culto...”. Não se sabe se, de fato, a senhora em questão ia ao culto, mas na memória discursiva de muitos brasileiros o uso de cabelos longos e o uso de saias ou de vestidos até os joelhos remetem aos evangélicos. Destaca-se na publicação o fato de a senhora estar com um vestido no qual podemos ver a estampa de folhas de maconha. Os amigos de Fábio, responsável pela publicação, reagem de maneira bem-humorada. É dessa interação que surge o meme “Onde Jah se viu”, visto que muitos relacionam a religião Rastafári ao uso de maconha. Percebe-se, então, como um meme pode ser responsável por uma interação bem-humorada ao mesmo tempo em que mobiliza o conhecimento enciclopédico dos demais interactantes, já que só entenderão essas referências já mencionadas quem conseguir relacionar o meme com o significado cultural já citado.

Os memes podem mobilizar o conhecimento prévio dos interactantes no que diz respeito ao domínio da língua materna, sobretudo no que concerne ao conhecimento enciclopédico e à competência em interpretar a mensagem junto aos recursos visuais. Os sentidos das expressões populares já cristalizadas no uso da língua portuguesa do Brasil são decodificados no uso, tal como ocorre nas expressões populares em outros idiomas. Isso se deve ao fato de categorizarmos o mundo de acordo com nossas percepções e nossos conhecimentos, o que torna a língua dinâmica e ao mesmo tempo única.

Os memes elencados a seguir surgiram como reação à publicação da página *Catraca Livre*, que veiculou a seguinte notícia em 10 de março de 2014:

Catraca Livre
10 de março · 🌐

Exagero?

Modelo gasta R\$ 114 mil para se parecer com uma boneca inflável
ESTILO. CATRACALIVRE.COM.BR

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

728 pessoas curtiram isso. Mais relevantes ▾

85 compartilhamentos 469 comentários

Escreva um comentário...

Marcos [redacted] Achei que ficou super natural.
Curtir · Responder · #9.159 · 10 de março às 16:06

Fonte: Facebook

Uma das reações de um leitor da página faz uso de uma expressão recorrente na língua falada no Português Brasileiro, a expressão “Obra do Cão”. A seguir, contextualizamos o meme na interação junto com outros participantes.

Figura 3 : Meme Obra do Cão



Fonte: Facebook

Figura 4: Meme Obra do Cão contextualizado na interação



Fonte: Facebook

De acordo com o Houaiss (2001), uma das acepções do verbete “cão” tem como significado “diabo”. Logo, “obra do cão” seria uma ação em que o diabo atuou, resultando em desordem ou em algo difícil de explicar. No dicionário, consta também as expressões “obra do diabo”, “obra do capeta”:

“Obra do capeta: coisa misteriosa, difícil de explicar; obra do diabo”

A imagem expressa no meme traduz literalmente a expressão popular, ou seja, há uma figura canina vestida com acessórios típicos de pedreiros, tais como capacete, botas e o cachorro segurando uma desempenadeira com a pata, trabalhando em uma obra. Traduzida a expressão ao pé da letra por meio do meme, observa-se que o leitor se mostra atônito com a notícia, demonstrando sua reação de forma bem-humorada.

A seguir, reproduzimos outro meme referente à mesma publicação, o meme “A que ponto chegamos?”:

Figura 5: Meme A que ponto chegamos?



Fonte: Facebook

O meme “A que ponto chegamos?”, assim como o já citado anteriormente, traduz literalmente a expressão popular utilizada por muitos brasileiros. Esta expressão, no entanto, pode ser ambígua, pois ela tem um sentido literal e um sentido figurativo, diferente da expressão anterior que é conhecida somente pelo seu sentido figurativo.

Figura 6: Meme A que ponto chegamos contextualizado na interação



Fonte: Facebook

De acordo com o Houaiss, (2001) o verbete “ponto”, em uma de suas acepções, designa o lugar em que param veículos coletivos (ônibus, táxis etc.), para que os passageiros embarquem ou desembarquem. É justamente o que a imagem representa, por meio de um motorista de um coletivo parado em um ponto. Nota-se, todavia, que o sentido adquirido no meme é polissêmico, ou seja, o ponto em questão faz referência a outro sentido da palavra, com o significado de circunstância, situação, estado. O Houaiss exemplifica esse sentido por meio da frase: “Veja a que ponto a bebida o levou!”. Percebe-se, então, que o meme remete a esse último contexto, por meio da notícia veiculada, já que o usuário da rede social digital parece não acreditar na notícia em questão.

O meme colabora com este sentido, sobretudo, pelo rosto expressivo do motorista da imagem, que aparenta estar incrédulo. A feição do motorista parece substituir a reação do internauta que fez uso do meme,

uma vez que no mundo virtual há a ausência de elementos paralinguísticos, que são substituídos justamente por outros recursos não verbais, como o exemplo que acaba de ser mencionado. Fora desse contexto, a expressão poderia ser uma pergunta de um passageiro para o motorista sobre qual ponto o coletivo se encontrava.

O meme a seguir faz uso de uma expressão popular que ocorre, sobretudo, em São Paulo. A expressão em destaque neste meme é “Mano do Céu”, representado pela imagem a seguir:

Figura 7: Meme Mano do Céu



Fonte: Facebook

Segundo o Dicionário Informal, “Mano do Céu” seria uma expressão de espanto, surpresa, pavor e desespero. Segundo o dicionário mencionado, a expressão “Mano do Céu” fica abaixo apenas da expressão “Meu Deus do

céu” no que se refere à intensidade de sentimento. O dicionário exemplifica a frase da seguinte maneira: “Mano do céu, você viu como essa inflação está acabando com a economia do povo?”. Esta expressão, no entanto, não se encontra ainda no dicionário Houaiss consultado, apenas o verbete “mano”.

Contextualizamos, a seguir, o uso do meme na rede social, que também foi utilizado como reação à mesma publicação da página *Catraca Livre*.

Figura 8: Meme Mano do Céu contextualizado na interação



Fonte: Facebook

De acordo com o Dicionário Houaiss, “mano” designa, de maneira informal, um irmão bilateral ou irmão unilateral, aquela pessoa com quem se tem relação de afeto, de intimidade, de amizade; amigo, camarada, colega. Da mesma forma, os primeiros verbetes que constam no Dicionário Informal possuem a mesma designação, porém, como se trata de um dicionário colaborativo, em que os participantes podem complementar os verbetes, alguns usuários do dicionário complementaram o sentido de “mano”, tal como se transcreve a seguir:

“Vileiro, rapper, garoto geralmente de poucas condições financeiras que gosta de hip hop e/ou rap (...)

Existem dois tipos de manos:

Mano Pobre - geralmente vive em bairros pobres, favelas, vilas, casas pequenas e se acha o cara (ou não). Gosta de fingir que tem dinheiro, sonha em ser cantor de *rapper*, ficar famoso e ganhar muita grana (...)

Mano Rico/Playboy - amam comprar coisas de marca, tênis gigantes, bermudas e calças gigantes, camisas, regatas, camisetas gigantes, bonés vermelhos, jaquetas vermelhas, meias, cuecas vermelhas, tem muitos brincos, piercings, colares de prata, ouro, pulseiras, anéis, relógio grande e gosta de fazer símbolos estranhos com as mãos e imitar rappers (...)

É com base neste significado de “mano” que o meme foi criado. Utiliza-se uma imagem do rosto de Jesus, usando boné, correntes, de forma que aparenta ser um indivíduo descolado, como os jovens “manos”. Assim, o meme retrata ao pé da letra a expressão popular e só pode ser compreendido contextualizado com o sentido de espanto, sendo o uso recorrente da expressão presente na cidade de São Paulo.

O meme a seguir também faz referência a uma figura religiosa, porém de forma deturpada. Trata-se do meme “Ave marinha cheia de graxa”, meme encontrado na mesma publicação da página *Catraca Livre*:

Figura 9: Meme Ave Marinha Cheia de Graxa



Fonte: Facebook.

Este meme trabalha não só com o léxico, mas também com a intertextualidade. Há uma troca de palavras no meme que remete à conhecida oração “Ave Maria”, transcrita logo a seguir:

“Ave Maria, cheia de graça,
o Senhor é convosco.
Bendita sois vós entre as mulheres,
e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”.

Observa-se como a palavra “Ave” adquire um sentido polissêmico neste contexto. Na oração, “Ave” é usado como uma interjeição, equivalente a “salve”. A oração saúda a Virgem Maria baseada nos episódios da Anunciação e da Visitação (Lucas 1:28-42). A expressão “Ave Maria” também é usada popularmente para designar espanto, tal como a expressão “Meu Deus”. O meme aproveitou-se de outro sentido da palavra “ave”, ou seja, um animal que voa coberto de penas. Esse animal se encontra em um ambiente hostil, onde há óleo, possivelmente petróleo. Por se tratar de uma substância de cor preta, semelhante à graxa, fez-se o trocadilho de “graça” por “graxa”, “Maria” por “Marinha”, pois a ave encontra-se próxima ao mar para se alimentar. Desta forma, explorou-se o sentido polissêmico da palavra “ave”.

Segue-se o meme contextualizado na interação virtual, exercendo a mesma função dos demais, isto é, mostrar espanto, mas com humor.

Figura 10: Meme Ave Marinha Cheia de Graxa contextualizado na interação



Fonte: Facebook

Observa-se, logo, que os memes unem elementos de forma denotativa e conotativa, estabelecendo conexões semânticas que evidenciam efeitos expressivos na interação. A expressividade se dá, assim, pela carga semântica da expressão traduzida literalmente na imagem, resultando em uma imagem inusitada, ao mesmo tempo que traz o sentido figurativo no contexto interacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A troca comunicativa na internet apresenta características linguísticas híbridas entre a espontaneidade do sistema oral e estabilidade do sistema escrito. Pode-se dizer que as expressões elencadas quando estão em uso adquirem um sentido próprio àquela situação comunicativa, que é revelada a partir das relações entre o emissor, o receptor, o canal e o contexto em que a expressão está inserida. Observa-se, assim, que os memes exploram o sentido literal nas imagens, o sentido denotativo e, por outro lado, a expressão contida em cada meme é o sentido conotativo, cujo sentido é revelado pelo contexto das interações. Salienta-se que os interactantes da rede social devem conhecer previamente o sentido das expressões populares para que a interação virtual seja bem-sucedida e, ao mesmo tempo, para que o meme tenha sucesso na sua intencionalidade, ou seja, para que os usuários reajam de forma bem-humorada ou irônica.

O comportamento dos participantes do Facebook espelha o uso da língua falada popular comum em sociedade, por meio de publicações públicas e privadas. Os memes, além de refletirem os pensamentos dos interactantes na rede, colaboram para a interação no mundo virtual, revelando como a linguagem virtual pode ser rica e dinâmica tal como ocorre nas interações *in praesentia*.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Argumentação multimodal: múltiplos olhares para um objeto complexo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes. **Estudos de linguagem, argumentação e discurso**. Campinas: Pontes, 2021, p. 73-110.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2. ed. - Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **VÉRTICES**, Campos dos Goytacazes, volume 15, nº 1, p. 127-148, janeiro a abril de 2013.

URBANO, Hudinilson. Recursos fraseológicos populares em crônicas. In: PRETI, Dino (Org.). **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas, 2009.

URBANO, Hudinilson. Expressões e ditados populares: entre a língua e o discurso. In: AQUINO, Zilda G.Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (Orgs.) **Estudos do discurso**: caminhos e tendências. São Paulo: Paulistana, 2016.



PROGRESSÃO TEMÁTICA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM CHARGES

Marcos Suel dos Santos
Maria Silma Lima de Brito
Maria Inez Matoso Silveira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo insere-se nos estudos do texto e em seus aspectos multimodais, com vistas a fomentar discussões sobre a relação entre progressão temática e construção de sentidos no gênero charge, uma vez que conhecer os mecanismos não verbais que sustentam a progressão temática nesse gênero é de grande valia para os estudos textuais. De modo geral, este estudo dialoga com os pressupostos da Linguística Textual, que “se ocupa em descrever e explicar as estratégias de colocar em textos (isto é, de textualizar) os propósitos dos interlocutores que agem em práticas discursivas convencionadas como gêneros do discurso” (CAVALCANTE et al., 2020, p. 17).

No empreendimento textual, a recorrência a diferentes estratégias é essencial para obter-se efetivamente a compreensão do texto. Antes de atingir esse ápice, o leitor carece de ativar uma rede de conhecimentos, pois à medida que lê ou analisa o texto, ele precisa construir sentidos a partir das informações apresentadas no cotexto, com base em suas experiências. Atualmente, os textos estão cada vez mais multimodais, pressupondo análises de todos os elementos que os constituem e que significam muito para a compreensão. Há textos praticamente sem linguagem verbal, apenas a não verbal, e que precisam e devem ser discutidos pela Linguística Textual, considerando a perspectiva de que o texto envolve, em sua realização, sujeitos ativos que compartilham conhecimentos, de modo interacional. Isto posto, admite-se que o texto possui muito mais informações que aquelas apresentadas na materialidade linguística, ou seja, no extralinguístico (os conhecimentos ativados).

Partindo dessa perspectiva, propõe-se analisar a relação entre progressão temática e a construção de sentidos em charges, focando, principalmente, nos elementos não verbais, como os responsáveis pelo desenvolvimento da progressão do tema em evidência no gênero. Não se descarta a análise do enunciado verbal, mas percebe-se que ele diz pouco

sobre o desenvolvimento do tema. Na verdade, ele menciona a temática, mas não traz informações necessárias à compreensão. Esta somente é possível quando o leitor analisa a imagem globalmente, associando-a ao enunciado verbal para corroborar a intenção do chargista. Enfatiza-se que a pretensão não consiste em ignorar o texto verbal, mas por acreditar que sem contexto ele não se efetiva em termos de construção de sentidos e de compreensão; a interação compromete-se entre os interlocutores. Mediante a isso, busca-se verificar: em que medida a linguagem não verbal no gênero charge contribui para a progressão temática e como conflui para a construção de sentidos?

Desse modo, embasado nos estudos da Linguística Textual, tendo como foco o texto e as estratégias que permitem analisá-lo, este estudo reflete o funcionamento da progressão temática, considerando os seus componentes: tema – aquilo que se vai dizer sobre algo – e o rema – que consiste nas informações trazidas pelo tema. Nesse sentido, assume-se como foco teórico os estudos de Koch e Elias (2011, 2012) e Koch (2019). Para a construção de sentidos e coerência, os estudos que sedimentaram o presente estudo foram os de Koch (2009) e Koch e Travaglia (2009); além da menção ao contexto, sob a perspectiva de Van Dijk (2017). O embasamento acerca da charge e sua função multimodal, os estudos de Costa (2009) e Dionisio (2011).

No campo metodológico, este estudo enquadra-se na linha qualitativa, considerando que o pesquisador não dispõe de dados coletados inicialmente, mas parte daqueles que são apresentados e analisados durante o percurso processual do *corpus*. Em vista disso, o estudo focaliza a interpretação dos dados, pressupondo a flexibilidade e a dinâmica dos textos analisados. Compõem o *corpus* três charges coletadas em três jornais *on-line*, com temáticas diferentes, a fim de permitir a heterogeneidade da análise e do grau de informações trazida em cada uma delas. As análises indicaram ser possível verificar a progressão temática nos elementos não verbais, inclusive extraíndo deles outros temas, além de possibilitarem a construção de sentido, uma vez estabelecida pela coerência entre o dito no enunciado verbal e o verificado nos enunciados imagéticos.

Este texto divide-se nas seguintes partes: a primeira discute a parte teórica, em que se observam discussões acerca da progressão temática, da construção de sentidos e do gênero charge e sua multimodalidade. A segunda expõe brevemente os aspectos metodológicos que direcionam o estudo; e a terceira, constitui-se das análises das charges. Considera-se também as partes das considerações iniciais e finais. Com base nessas partes, é possível entender os objetivos propostos neste texto.

PROGRESSÃO TEMÁTICA E SUA CONSTITUIÇÃO

No percurso do empreendimento textual, é de grande relevância o olhar para a identificação das sequências textuais que constituem a progressão temática. Essas sequências reunidas convergem para a compreensão global do tema, de modo que o seu desenvolvimento seja visualizado a partir de mecanismos temáticos e remáticos, os quais são indispensáveis à coerência. Sabe-se, portanto, que a construção de sentidos do texto é essencial para o sucesso na compreensão textual, pois, para isso, tudo no texto precisa estar encadeado, articulado.

Segundo Koch e Elias (2011), a progressão temática constitui-se de dois blocos comunicativos organizados e hierarquizados: tema e rema. Entendendo-se como tema o tópico discursivo e como rema o comentário a respeito do tema. Assim,

considera-se **tema** do enunciado aquilo que se toma como base da comunicação, aquilo de que se fala; e **rema**, o cerne da contribuição, aquilo que se diz a respeito do tema. O **tema** é, em geral, informação dada, já conhecida do interlocutor ou facilmente inferível por ele a partir do co(n)texto, ao passo que o **rema** carrega a informação nova, aquela que é introduzida no texto pela primeira vez (KOCH; ELIAS, 2011, p. 161, grifos das autoras).

Koch e Elias (2011) esclarecem que tema e rema não se confundem com sujeito e predicado respectivamente, na medida em que o tema pode ser ou não o sujeito da oração. Assim sendo, o rema pode, inclusive, incluir o sujeito da oração. “Eles coincidem quando o enunciado encontra-se em ordem direta” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 178). Com isso, interessa saber que o tema é estático, enquanto o rema é dinâmico.

Segundo Koch e Elias (2011, 2017) com base no estudo de Danes (1970), a progressão temática classifica-se em: progressão temática linear, progressão temática com tema constante, progressão com temas derivados, progressão com subdivisão do rema, progressão com salto temático.

A *progressão temática linear* constitui uma sequenciação na relação rema-tema, ou seja, ocorre quando o rema do primeiro enunciado torna-se o tema do segundo enunciado; o rema do segundo enunciado passa a ser o tema do terceiro enunciado e assim por diante.

A *progressão temática com tema constante* ocorre quando a um tema são acrescentados diversos remas, sendo que estes podem se apresentar em parágrafos, ou nas diferentes semioses se o texto autorizar.

A *progressão com temas derivados* dá-se na derivação de um hipertema em outros temas, os temas parciais.

A *progressão com subdivisão do rema* corresponde à divisão do rema em outros remas, isto é, sustenta-se uma ordenação do rema principal.

A *progressão com salto temático* consiste na ocorrência sucessiva de vários temas em um mesmo texto.

Em relação a essa classificação, convém mencionar que num mesmo texto pode aparecer mais de uma progressão temática. Isso implica pensar nos textos multimodais e multissemióticos em que diferentes semioses também são responsáveis pela construção de sentidos do texto, ou seja, na manutenção ou na continuidade temática.

Segundo Koch (2019), a continuidade temática vincula-se diretamente à progressão temática para garantir a continuidade de sentidos do texto a partir de termos relacionados a um mesmo campo semântico, por meio de itens lexicais, configurando um modelo mental. Assim, “uma das formas de garantir isso é o uso de termos que pertençam a um mesmo campo lexical ou, em termos cognitivos, que façam parte de um mesmo conjunto de conhecimentos de mundo (modelo cognitivo) que temos representado na memória” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 176).

Estudos sobre a progressão temática geralmente privilegiam os enunciados em função de suas estruturas lexical e sintática, em vez dos elementos imagéticos, semióticos, que também mantêm no texto funções discursivas importantes para a garantia da manutenção temática. Diante disso, pode-se pensar na charge ou na tira, por exemplo, e buscar compreender como a relação texto-imagem contribui para a progressão temática, considerando o tema e o rema. Além disso, o que seria tema e o que seria rema numa charge, se consideradas todas as linguagens presentes no gênero textual?

O texto progride à medida que aspectos linguísticos, sociocognitivos, históricos, culturais, engajados se articulam na construção de sentidos. Esses aspectos se somam à natureza multimodal do texto a partir dos fatores de textualidade para atingir a compreensão global.

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: CONTEXTO E COERÊNCIA

Partindo do pressuposto de que os sentidos de um texto são construídos harmonicamente numa relação de agentividade, em que os dizeres de um autor são contextualmente recuperados pelo leitor a partir de um texto, faz-se pertinente que essa recuperação ocorra consoante negociações, orientações, entre esses agentes, de modo que os propósitos comunicativos sejam alcançados. De fato, construir sentidos requer do leitor esforços de natureza linguística, enciclopédica e interacional. “Por

isso, a construção de sentidos é configurada sempre como uma operação social, uma vez que o sujeito constrói os sentidos sempre para alguém (mesmo que este alguém seja ele próprio)” (CAVALCANTE et al, 2017, p. 92). Tudo isso mediado por aspectos cognitivos e sociocognitivos da linguagem. Isso também implica dizer que mobilizações são necessárias no empreendimento textual.

Nessa perspectiva, corrobora-se com Koch (2009, p. 45) ao dizer que “o processamento textual é estratégico, ou seja, realiza-se através do uso de estratégias de ordem sociocognitiva”, pressupondo, portanto, “os vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória”. Na esteira dessa discussão, é relevante destacar o termo “estratégias”, como “uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação” (KOCH, 2009, p. 50), em que o leitor, valendo-se de seus conhecimentos, busca interpretar partes do texto ou o texto inteiro coerentemente. Assim, para analisar um texto estrategicamente deve-se necessariamente recorrer às estratégias cognitivas, que são constituídas pelos usos de vários e diferentes conhecimentos, de modo a garantir a rede de conexões semânticas, partindo de determinados contextos.

Entender o texto sob o viés sociocognitivo da compreensão é considerar as situações e os episódios em que o texto foi produzido e será recebido. Daí a importância da concepção interacional da língua, já que “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa da produção de sentido” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 11). Durante esse curso, o leitor deve reconhecer a importância de todo o cenário constitutivo do texto, como: as ações e as motivações dessas ações, o tempo e o espaço, pessoas ou personagens, dentre outros aspectos, os quais estão associados a outros episódios da memória do leitor, a partir de suas experiências.

Proceder com excelência à leitura de um texto, além das estratégias mobilizadas no percurso da atividade leitora, implica obviamente a automatização da decodificação de suas palavras, o reconhecimento visual de imagens e outros elementos semióticos, assim como o sucesso na compreensão. E para a obtenção do sucesso na construção de sentidos, dois aspectos – sabe-se que há vários – merecem atenção neste texto: o contexto e a coerência textual.

Van Dijk (2017), numa abordagem sociocognitiva, instala a teoria sobre a noção de contexto, associada ao discurso, reconhecendo, portanto, o texto como “ponto focal” para se compreender ou analisar um discurso. Entende-se por contexto “os elementos de uma situação comunicativa que são sistematicamente relevantes para a fala e o texto” (VAN DIJK, 2017,

p. 10-11). Nesse sentido, torna-se relevante compreender quais são esses elementos que vão constituir o contexto, partindo do princípio de que os contextos não são objetivos, ou seja, um mesmo texto pode apresentar interpretações diferentes, segundo a ótica de cada leitor. Isso não quer dizer que o texto autorize compreensão ilegítimas, destoantes do seu propósito comunicativo, das intenções do autor.

Para a noção de contexto, merece relevo o modo como os leitores visualizam-no e o entendem num dado cenário social, como as condições inferenciais, por exemplo, interferem na elaboração de um mapa mental da situação cognitiva associada a uma representação linguística, concorrendo para uma representação semântica de todo o texto. Isso também implica refletir que “se os contextos fossem condições ou restrições sociais objetivas, todas as pessoas que estão na mesma situação social falariam do mesmo modo” (VAN DIJK, 2017, p. 11). Na verdade, continua Van Dijk (2017, p. 11), contextos “são antes construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos e comunidades”.

Sendo, pois, construções individuais, a partir de eventos comunicativos, os contextos apresentam-se sempre dinâmicos, assim como “outras experiências humanas” (VAN DIJK, 2017, p. 13). Para que o leitor apreenda com sucesso o contexto ou os contextos durante a leitura de um texto, ele precisa ter conhecimentos sobre aquilo que lê; do contrário, o contexto não o ajudará a construir os sentidos do texto, uma vez que eles “controlam o modo como os participantes produzem e interpretam o discurso; habilitam os participantes a adaptar o discurso ou suas interpretações à situação comunicativa de acordo com a relevância para eles a cada momento de interação ou comunicação [...]” (VAN DIJK, 2017, p. 12).

Um outro aspecto imprescindível à compreensão leitora ou à construção de sentidos de um texto é a coerência textual, um dos fatores de textualidade, que, segundo Fávero (2009), está ligada ao processamento cognitivo do texto, ou seja, “está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 21). Ainda segundo estes últimos autores, a coerência, devido a sua importância na construção de sentidos do texto, resulta de uma série de fatores: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais. Tais fatores são determinantes para a compreensão do texto, mas não são os únicos a significar o texto, visto outros fatores de ordem textual, como a coesão, a situacionalidade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a intertextualidade e a informatividade. Cada um desses também apresenta seus fatores particulares.

Na esteira dessa discussão, um texto é coerente quando apresenta, em seu plano global, relações de sentido entre suas partes, sejam elas micro ou macrotextuais. Segundo Van Dijk e Kintsch (1983) citados por Koch e Travaglia (2009), a coerência pode se apresentar como: coerência semântica, coerência sintática, coerência estilística, coerência pragmática. Com isso, entende-se que a coerência semântica “se refere à relação entre significados dos elementos das frases em sequência em um texto (local) ou entre os elementos do texto como um todo” (2009, p. 42). Já a coerência sintática se refere aos usos dos elementos sintáticos, como os pronomes, os conectivos, os sintagmas nominais definidos e indefinidos, que possibilitam a coerência semântica. Koch e Travaglia (2009, p. 44) definem coerência sintática como “um aspecto da coesão que pode auxiliar no estabelecimento da coerência”.

A coerência estilística está mais ligada ao usuário e ao modo como este utiliza os elementos linguísticos no texto para expressar o sentido do texto. Para que um texto esteja coerente estilisticamente, é necessário haver no texto um registro linguístico plausível do uso da língua (KOCH; TRAVAGLIA, 2009). A depender dos elementos empregados pelo usuário o texto pode ser incoerente do ponto de vista do estilo, mas não do ponto de vista semântico. Um outro tipo de coerência é a pragmática, que está relacionado aos atos de fala de uma sequência, de modo que “para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem devem satisfazer as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 45-46, grifos dos autores).

Vale lembrar que a coerência é a soma ou o resultado da ação conjunta desses tipos de coerência, considerando que esse fator da textualidade é um princípio de interpretabilidade do texto. Além disso, observa-se também a relação entre coerência e contexto, ambos necessários à construção de sentidos. Antunes (2005) admite que a coerência além de linguística, é também contextual, extralinguística e pragmática. Ou seja, são necessários elementos linguísticos, mas também elementos externos, fatores outros que implicam na construção de sentidos, concorrendo para a compreensão do texto lido.

Neste texto, entendemos por coerência toda a relação de elementos internos e externos à língua, que confluem para a construção de sentidos.

A CHARGE

A charge é, por excelência, um dos textos que constituem o domínio jornalístico e pode ser publicada em suportes como revistas e jornais, sejam eles impressos ou *on-line*. Cumpre como função conscientizar o leitor sobre o tema tratado pelo chargista, com doses de ironia e humor; além de tons

críticos e satíricos. Nesse sentido, convém destacar as palavras de Mouco e Gregório (2007, p. 5), quando admitem que

é importante destacar que a charge, além do seu caráter humorístico, e, embora pareça ser um texto ingênuo e desprezioso, constitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e critica, constitui-se um recurso discursivo e ideológico.

Segundo Costa (2009), a charge é um termo de origem francesa e tem como propósito comunicativo satirizar e criticar acontecimentos do cotidiano, abordando em suas temáticas o contexto político-social. “Geralmente é um texto de opinião, expresso em dimensão verbal e não verbal” (2009, p. 60). Corroborar-se com autor quando ele enfatiza que os desenhos tornam dinâmicos o enunciado linguístico e os espaços, facilitando o significado ou a compreensão da charge, de modo global.

Nesse sentido, Romualdo (2000) esclarece que para se compreender uma charge, o leitor precisa possuir informações, isto é, conhecimentos necessários para interpretá-la, uma vez que para compreender o fato ou o acontecimento proposto, é preciso estar ciente da limitação temporal e do tema posto em evidência.

Durante a leitura da charge, o leitor é levado a fazer associações entre o que está posto no texto e as informações de que já dispõe para construir os sentidos e manter coerente a relação entre as duas formas de linguagem: verbal e não verbal, que juntas convergem para o sentido global, para a identificação e a progressão do tema. Nessa perspectiva,

a charge devido a sua característica sincrética, requer um leitor melhor qualificado, e que esteja ‘antenado’ com os acontecimentos políticos, sociais e econômicos que são veiculados nos diferentes meios de comunicação. Partindo desse pressuposto, há necessidade de utilizá-la como recurso pedagógico, visto a presença avassaladora de imagens e informações no cotidiano em que estamos inseridos (MOUCO; GREGÓRIO, 2007, p. 2).

Vista a importância de um leitor qualificado, é relevante destacar também o caráter efêmero das charges, uma vez que elas são de circulação diária nos suportes jornalísticos e contemplam temas diversos, o que faz com que o efeito duradouro desse gênero perdure por pouco tempo. Da mesma forma, salienta-se que o entendimento de uma charge depende do movimento espaciotemporal de sua publicação e dos conhecimentos do leitor. É possível que uma charge publicada hoje não seja compreendida pelo leitor, porque este não dispõe de conhecimentos satisfatórios para compreendê-la. Por outro lado, o leitor pode compreender uma charge publicada há mais de um ou dois anos, por exemplo.

Por se constituir de duas linguagens – verbal e não verbal –, a charge é de natureza multimodal, pois

se as ações sociais são fenômenos multimodais, conseqüentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, **palavras e imagens**, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animação etc. (DIONISIO, 2011, p. 139, grifos nossos).

Na dimensão da multimodalidade, o grifo **palavras e imagens** consiste na representação do objeto de estudo deste texto, isto é, durante as análises das charges a relação entre palavras e imagens é condição necessária para se verificar a progressão temática e a construção de sentido das charges.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa enquadra-se na linha de estudos qualitativos, uma vez que este texto focaliza a interpretação dos dados, considerando a flexibilidade e a dinâmica dos textos analisados (MOREIRA, 2002).

A composição do *corpus* da pesquisa constitui-se de três charges publicadas em jornais *on-line* de diferentes cidades brasileiras, ausentando o caráter homogêneo de charges publicadas em um mesmo veículo de comunicação, que tende a obedecer a um estilo padronizado. Essas charges inserem-se em três grandes campos: social, político e econômico e tematizam assuntos diferentes entre elas. Durante as análises, optou-se inicialmente por apresentar um panorama global do texto e, posteriormente, proceder com as análises, conforme a teoria apresentada.

No que se refere às análises, buscou-se verificar a relação funcional entre progressão temática e a construção de sentido no gênero charge, que agrega por natureza as linguagens verbal e não verbal, levando o leitor a refletir sempre sobre questões sociais vigentes. Para isso, recorre à relação tema-rema para embasar e direcionar o estudo em tela.

AS ANÁLISES

Tecidas as considerações teóricas acerca do tema por ora discutido, acrescem-se a este texto as análises de três charges, com temáticas diferentes e não complementares.

Charge 1

CHUVAS NO PAÍS DO FUTEBOL



Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/charge/charge-10012022-3160275e.html>.
Acesso em: 10 jan. 2022

Em linhas gerais, a charge retrata o contexto social causado pelas fortes chuvas em alguns estados brasileiros, assim como a luta pela sobrevivência em decorrência das enchentes, principalmente nos estados da Bahia (Sul desse estado) e de Minas Gerais, estendendo-se para São Paulo. Tais considerações são possíveis porque o leitor, com base em seus conhecimentos, constrói os sentidos do texto mediante as dimensões verbal e não verbal da charge, que são responsáveis pela progressão temática do gênero em evidência. Nesse caso, não é apenas considerada relevante para a progressão do tema e para a construção de sentidos a parte verbal, mas a não verbal, por revelar muito mais informações sobre o tema, do que o próprio enunciado “Chuvas no país do futebol”.

Ocorre que o termo escrito, apesar de trazer os elementos constituintes da temática: tema e rema, por si só, não é suficiente para a compreensão global, já que a ausência de informações escritas mais específicas torna o texto incompleto em termos de progressão temática. É a imagem que autoriza essa progressão, promovendo no leitor a associação dos elementos visuais com os seus conhecimentos adquiridos. Nesse sentido, verifica-se que a coerência textual entre as duas dimensões da linguagem é fundamental para o entendimento do texto, pois ao construir os sentidos os

elementos água, casas, homem e bola de futebol confluem para um mesmo sentido: as fortes chuvas que vitimaram famílias brasileiras.

No que se refere à relação tema-rema, o enunciado verbal da charge contempla satisfatoriamente esses dois elementos, sendo que o tema é “Chuvas”, pois é sobre ele que se vai dizer algo; e o rema “no país do futebol”. Todavia, como o rema é “aquilo que se diz a respeito do tema” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 178), é importante reiterar que o enunciado não possibilita uma maior compreensão da natureza do texto em si, mas a partir do desenvolvimento do rema, ou seja, a imagem representa os contextos brasileiros atingidos pelas chuvas e a consequência disso na vida dessas pessoas. Percebe-se que não há elementos imagéticos que indiquem a chuva, mas o grande volume de água causado por elas, formando um grande rio, o que se justifica pelas casas praticamente cobertas pelas águas e pelo homem fugindo com uma bola de futebol. Ao segurar a bola com as duas mãos, o homem supostamente traz consigo aquilo que lhe é mais valioso, aquilo de que ele não quer se desprender, aquilo que, de fato, pretende salvar. Esse gesto de patriotismo simboliza, no texto, o rema “no país do futebol”.

Do ponto de vista da coerência, os sentidos do texto são construídos pela sequência lógica das informações verbal e não verbal, conjuntamente com os conhecimentos de mundo do leitor. De modo geral, para se construir os sentidos de um texto são necessários elementos de um mesmo campo lexical, ou seja, que estejam vinculados a um mesmo conjunto de conhecimentos. Assim sendo, os elementos imagéticos relacionam-se com o enunciado textual proporcionando a compreensão global do texto.

De modo geral, o tema “Chuva” contempla outros temas, como: enchente, inundação e abandono do lar, sendo resgatados na materialidade imagética. Por outro lado, o rema “no país do futebol” contempla também outros temas, como o sofrimento e a tristeza expressos na fisionomia do homem, representando a população brasileira atingida. Nesse movimento circular tema-rema se constroem os sentidos do texto, de forma coerente e a progressão temática se estabelece efetivamente.

Charge 2



Disponível em: <https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/charges/charge-do-amarildo-retrospectiva-3>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Nesta charge, Amarildo faz uma retrospectiva sobre a eleição no Congresso, ocorrida em 2021. Na ocasião, o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, tinha como predileção o candidato Arthur Lira para a Câmara dos Deputados, vindo a ser eleito em primeiro turno, na noite de 1 de fevereiro de 2021, o que já justifica a imagem do presidente na charge. Esta imagem apresenta a obviedade do cenário político brasileiro, do desrespeito à sociedade nacional, da briga pelo poder, dos interesses de poucos (políticos) em detrimento de muitos (população), como expresso no enunciado “velha política”.

O foco temático incide na eleição, de fato. É sobre isso que a charge visa promover enquanto discussão, de modo a alertar e sensibilizar a sociedade brasileira para as eleições neste ano (2022) para diferentes cargos políticos, dentre eles: presidência da República e Câmara dos Deputados. Na relação tema-remata do enunciado “eleição no Congresso”, o tema é “eleição” – sobre o qual se diz algo – e o remata, “no Congresso” – aquilo que é dito sobre o tema, agregando a este outras informações. No que se refere ao enunciado verbal “eleição no Congresso”, outros temas são apresentados ao leitor não pela linguagem verbal desse enunciado somente, mas mediante a linguagem não verbal, o elemento principal para a construção de sentidos da charge, coadunando-se ao aspecto verbal para atribuir coerência ao texto.

O conteúdo remático “no Congresso” é detalhado pela imagem e, do ponto de vista da progressão temática deste texto, implica outros temas, tais como: política, corrupção, favorecimento de cargos, imposição de poder (cargos e verbas). A imagem do presidente indica autoridade em relação à obediência dos “caninos partidários”, bem como o controle sobre eles, oferecendo-lhes bife apetitoso, metáfora para o dinheiro gasto para “comprar” os deputados de diferentes partidos a fim de ter apoio para a eleição que naquele momento se instalava.

O modo como o chargista retrata os políticos também merece atenção, uma vez que a relação de obediência construída pelos conhecimentos de mundo do leitor dá-se em conformidade com uma outra informação “cão que ladra não morde”, dando a coerência necessária para esse entendimento. Nesse caso, para a progressão temática manter-se contínua no texto, é fundamental pôr em relevo que as siglas dos partidos em cada um dos animais representam os deputados favoráveis ao presidente, os que estão mais à frente e o que já está comendo no balde, sinal de que a promessa será cumprida, e os deputados contrários ao presidente, porém interessados e tentados a aceitar a proposta e ter seu “bife”.

A coerência estabelecida entre o sorriso (satisfação) do presidente e a alegria dos “caninos partidários” leva a construir os sentidos de aceitação, de conquista, de vitória. De modo geral, a coerência entre o enunciado verbal e a imagem integra a logicidade entre “eleição” e os “bastidores” para que o candidato apoiado pelo presidente fosse eleito.

A relação tema-rema na charge oportunizou compreender como a progressão temática pode estar vinculada a imagem, e não apenas ao texto verbal. Observou-se que os recursos imagéticos trouxeram mais informações para as construções de sentidos do texto do que o próprio enunciado verbal, que não permite o entendimento global da charge. Viu-se também que o rema foi crucial para o desenvolvimento de outros temas mantendo a temática em progresso.

Leitor, o foco da análise dessa charge considerou o contexto da eleição no Congresso em 2021, considerando ainda o termo “retrospectiva”, como se observa no link de disponibilidade do texto, mas não descarta uma análise atendo-se às eleições de 2022, pois como se sabe pelas experiências de cada brasileiro, a corrupção, a compra de votos e outros constituem a velha, já que não convém falar em nova, política.

Charge 3

CABALAU
14/12/2021 às 18h59



Disponível em: <https://imirante.com/sao-luis/noticias/2021/12/14/charge-do-dia-14-12.shtml>.
Acesso em: 10 jan. 2022.

Há alguns meses, os excessivos aumentos da gasolina nos postos de combustíveis estão entre os assuntos mais discutidos entre os brasileiros atualmente. Na charge, isso está ilustrado por três elementos fundamentais para o leitor compreender o texto em sua íntegra: a imagem do Papai Noel, do homem (consumidor) e do galão de gasolina com um laço de fita. A compreensão desse texto, assim como das duas charges analisadas anteriormente, pressupõe conhecimento da situação, associando a temática ao seu contexto de produção. Com isso, pode-se pensar na relação entre natal-presente-gasolina, como os termos responsáveis pela progressão temática desse texto.

Ao considerar a relação tema-rema, infere-se um possível enunciado temático “Presente de natal”, cujo tema é “presente/gasolina”, e o rema figura-se em “de natal”. Especificamente, é sobre o presente que se pretende falar (tema), contudo buscando detalhes no termo “de natal” (rema), que vai direcionar o leitor a progredir no desenvolvimento da temática. Esse conteúdo remático insere o leitor no contexto de produção da charge, de modo que lhe revela o porquê do pedido, isto é, do presente natalino ao “Bom velhinho”.

Para construir sentidos, atentar-se à confluência lógica das informações é fator determinante, sem os quais a compreensão não se efetiva. A coerência entre pedido-presente-Papai-Noel só é possível porque o leitor já tem conhecimento preestabelecido de que no Natal as pessoas

ganham presentes. A figura do Papai-Noel, como realizador de sonhos, é comum nesse período, o que justifica o pedido do homem na charge. Por se tratar de um presente caro, recorreu-se ao “Bom velhinho” para a realização do pedido.

Percebe-se ainda o distanciamento entre os personagens, pressupondo um outro tema: a covid-19, intuída a partir das máscaras nos rostos dos homens. Um outro distanciamento seria a implicação da não realização do pedido do homem ao Papai-Noel, considerando ser esse um presente excêntrico e inalcançável naquele momento, visto que não é comum presentes desse tipo no período natalino ou em qualquer outra época do ano, até porque se espera outros tipos de presente.

A construção dos elementos que constituem visualmente a charge somente é validada, na leitura, se o leitor conhecer o funcionamento de cada um deles e a estes agregar conhecimentos, experiências e contextos.

De modo geral, essas análises evidenciaram ser possível investigar a progressão temática em elementos não verbais, os quais direcionam o leitor a construir os sentidos textuais, com base nos aspectos interacionais e sociocognitivos, subsidiados pela coerência textual. Foi visto também que a relação tema-rema se mantém ativa no texto, assegurando a manutenção temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar o texto como objeto de análise na perspectiva da Linguística Textual, precisa-se investir nele como entidade multifacetada, que demanda processos sociointeracionais e sociocognitivos da dimensão linguageira para compreendê-lo, o que pressupõe uma série de estratégias e conhecimentos. Uma dessas estratégias é a progressão temática de um texto. Assim, visualizá-la no plano linguístico não parece ser tarefa complexa quando se dispõe de conhecimentos necessários à compreensão. Todavia, identificar no texto os componentes básicos da progressão temática (tema e rema) é fundamental para o sucesso nessa estratégia.

Observou-se neste texto que a relação entre progressão temática e construção de sentidos em charges é possível devido à rede de conhecimentos adquiridos a partir das experiências do leitor, sem os quais o entendimento das charges fica comprometido. Foram os elementos imagéticos os responsáveis pela progressão temática e consequentemente pela construção de sentido, assim se evidenciou a relação de coerência entre esses dois mecanismos, durante o processo de análise, considerando que os sentidos foram construídos com base na interação entre autor-texto-leitor, de forma compartilhada.

Nesse sentido, sobre o questionamento inicial – “em que medida a linguagem não verbal no gênero charge contribui para a progressão temática e como conflui para a construção de sentidos?” – as análises indicaram ser possível verificar a progressão temática nos elementos não verbais, inclusive extraindo deles outros temas, além de possibilitarem a construção de sentido, uma vez estabelecida pela coerência entre o dito no enunciado verbal e o verificado nos enunciados imagéticos.

Diante do exposto, este estudo permite a ampliação dessa mesma temática, quer seja em charges, quer sejam em outro texto que apresente linguagem mista, com vistas aos interesses dos pesquisadores. Sem dúvida, a aplicação desse estudo em sala de aula é um excelente recurso para o professor trabalhar a progressão temática no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. M. et al. Coerência e referenciação. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria. (Orgs.). **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. et al. **Linguística Textual e Argumentação**. Campinas: Pontes, 2020.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 137-152.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 11.ed. São Paulo: Ática, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

MOUCO, Maria Aparecida Tavares; GREGÓRIO, Maria Regina. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica**. Paraná, 2007. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fwww.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br%2Farquivos%2Ffile%2Fproducoes_pde%2Fartigo_maria_aparecida_tavares.pdf&clen=118052&chunk=true. Acesso em: 15 jan. 2022.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2017.



PRÁTICAS DISCURSIVAS E DISPUTAS DE SENTIDO: AS CENAS DE ENUNCIÇÃO EM SESSÕES DE MEDIÇÃO DE CONFLITOS FAMILIARES

Patrícia Rodrigues Tomaz
João Benvindo de Moura

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No momento atual, fala-se muito no instituto da mediação de conflitos, enquanto fenômeno no universo jurídico, sobretudo nos operadores de direito, que buscam o acesso à tão propalada justiça para seus clientes. Sendo assim, além da jurisdição, existem outros métodos de solução de conflitos que não sejam exclusivamente oriundos da decisão proferida pelo Estado, por meio de um magistrado. São chamados de equivalentes jurisdicionais, pois prescindem da atuação de um juiz. A mediação de conflitos é um deles.

No Brasil, temos documentos que esclarecem e asseguram a mediação: a Lei 13.105/2015, do Novo Código de Processo Civil, na busca pela redução da quantidade de processos que se arrastam na Justiça, de modo que assegure o acesso à Justiça, como direito fundamental dos jurisdicionados. Temos ainda a Lei 13.140/2015, que dispõe sobre a mediação entre particulares como meio de solução de controvérsias e sobre a autocomposição de conflitos no âmbito da administração pública.

Quando se fala de mediação, tem-se logo uma ideia generalizante, pois o vocábulo “mediação”, assim como o verbo correspondente “mediar”, são facilmente identificados com práticas do senso comum” (MUSKAT, 2008, p. 12). Nesse sentido, é consenso que o ato de mediar ocorre nas mais diversas situações do cotidiano, uma vez que um conflito qualquer, em que um indivíduo se agrega como terceiro elemento para fins de pacificação, este indivíduo opera como um mediador. Tratando a questão dessa forma seria minimizar um trabalho delicado de persuasão que não interfira na opinião alheia, no entanto, situação semelhante ocorre ao se mediar um conflito em âmbito jurídico, com a observância de que o ambiente, o espaço e o mediador têm influência moral nos sujeitos.

É importante esclarecer que o Novo Código de Processo Civil estabelece a conciliação, que é imposta a um terceiro imparcial a missão de tentar aproximar os interesses de ambas as partes em conflito,

orientando-as na constituição de um acordo. A mediação, por sua vez, é um procedimento que oferece àqueles que estão vivenciando um conflito, geralmente decorrente de alguma relação continuada, a oportunidade e o ambiente adequados para encontrarem, juntos, uma solução para o problema. O mediador, entretanto, não pode sugerir soluções para o conflito. A sessão de mediação é um espaço para compreensão de discursos.

Dessa forma, o mediador não apresenta soluções, mas estimula as partes a criá-las, conduzindo a sessão com técnicas adequadas e respeitando a lei, fazendo com que elas pensem em algo novo e não fiquem presas às perspectivas antigas, que não deram resultado. Elas devem aprender a buscar opções sozinhas, já que a mediação tem um papel educativo e, em novas situações conflituosas, elas tenderão a buscar suas próprias soluções. O mediador não pode sugerir soluções para o conflito, mas é essencial que possa garantir uma boa comunicação entre ele e as partes e entre os envolvidos na querela.

Ante as possibilidades sugeridas, o mediador irá normalizar o conflito e fazer com que as partes percebam que o problema pode levá-las à construção de uma melhora em sua relação. Diante de uma série de manifestações de sentimentos e emoções (*pathos*), é possível perceber, no discurso (*logos*) das partes, a construção de uma imagem delas mesmas (*ethos*) como vítimas que tiveram seus direitos violados, pois esses sentidos emergem com maior frequência no diálogo durante a mediação, contribuindo ou não para a resolução dos conflitos.

Assim sendo, o estudo da Análise do Discurso de linha francesa, precisamente no campo da Semiologia, nos possibilita a análise de elementos discursivos em sessões de mediação de conflitos e permite a assimilação de elementos implícitos ou não, sendo essencial a identificação de interesses reais. Isso acontece porque, quando as pessoas se expressam em uma sessão de mediação de conflitos, estão colocando as suas posições ou interesses aparentes (verdade aparente) e, por trás destes, há os interesses reais (verdade real), em que o sujeito enunciatário quer fazer crer na verdade do seu discurso.

AS CENAS DE ENUNCIÇÃO NA MEDIAÇÃO

Na prática da Mediação, é importante ressaltar que há regras que determinam aos sujeitos papéis estabelecidos e, ao enunciarem, submetem-se às regras que são constitutivas desse instituto jurídico. Ao se apropriar das questões referentes aos conflitos, o mediador deve estar instruído do que pode ser dito e de como o seu discurso vai dizer. Ele deve conduzir às partes a uma decisão consensual, utilizando os elementos essenciais do

discurso que norteiam o procedimento, sem romper com os parâmetros legais caracterizados conforme a lei, para que as partes aceitem e acreditem no que está sendo acordado, devido a esta prática social estar inserida num lugar creditado para dizer o que diz e

Suponho que em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p. 8-9).

Com base nesse pensamento, o discurso é legitimado porque o seu exercício pressupõe um lugar de enunciação e ao enunciar o mediador deve facilitar a comunicação e o diálogo entre os mediandos, para que estes desenvolvam sua visão a respeito do conflito, a fim de que cheguem a um consenso. Ao enunciar, o discurso do mediador submete-se às regras que são constitutivas dessa instituição jurídica e, certamente, haverá momentos em que o mediador deverá intervir para contribuir com o bom desenvolvimento do procedimento, aumentando as possibilidades de se alcançar um acordo. Quando enuncia, este ato de linguagem faz sentido justamente por falar desse lugar que, como um jogo, possui regras que o identificam.

Segundo Maingueneau (2015) nasce dessa percepção o termo cena enunciativa, nos permitindo compreender atividades simultâneas, ou seja, apresenta ainda a vantagem de poder identificar ao mesmo tempo um quadro e um processo de comunicação. Assim, ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço, cabendo ao enunciador decidir a melhor maneira de enunciar, encenando da forma mais adequada (MAINGUENEAU, 2015).

Ademais, Maingueneau (1997), na formação do discurso, considera a cena enunciativa e recorre à Pragmática, apenas para explicar que todo ato de fala pressupõe uma instituição, pois ao prometer, ao afirmar, ao interrogar, a linguagem está agindo de acordo com determinadas condições próprias a ela, sendo a linguagem considerada uma forma de ação. A fim de enunciar, o enunciador constrói uma cena como se estivesse num palco de teatro, em que cada sujeito assume um papel. A AD, aliou-se à Pragmática, imaginando a linguagem como uma forma de ação atuante em espaços institucionais. Apoiou-se ainda numa metáfora teatral, considerando a sociedade como se fosse um teatro no qual são atribuídos papéis a cada sujeito (FERREIRA, 2008).

As teorias da enunciação, próximas à Pragmática, foram estudadas e desenvolvidas na França nas décadas de 1950-1960 por Émile Benveniste e aprofundadas a partir dos anos 1970 por Antoine Culioli (DORTIER, 2010). Nosso foco de atenção está na situação de enunciação, na atividade discursiva e no ato de enunciação. De acordo com Oliveira (2011), a cena de enunciação foi primeiramente apresentada por Dominique Maingueneau como dêixis enunciativa, em sua obra *Gênese dos discursos*, acrescida das concepções sobre situação de comunicação propostas por Benveniste e, posteriormente, o termo foi atualizado para cenas de enunciação, ampliando não somente a sua nomenclatura, mas no desdobramento de outras cenas, dependendo do ponto de vista que se assume.

Para Maingueneau (2008), as cenas de enunciação devem ser organizadas em três dimensões, denominando-as de cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante representa o tipo de discurso a que pertence determinado enunciado e está relacionado ao tempo e ao espaço, surgindo da necessidade de cada grupo. Está presente na sociedade em virtude da sua finalidade e para o que foi organizado, ao domínio de saber em que se insere determinada enunciação, situando as atividades discursivas nas quais os sujeitos estão condicionados. Esse mecanismo nos possibilita identificar se um folheto pertence ao discurso religioso, político ou publicitário e o discurso jurídico, por exemplo (MAINGUENEAU, 2013).

Na mediação de conflitos, por ser um gênero do discurso jurídico, o enunciador explora os recursos expressivos da AD, da língua e da lei, a fim de provocar efeitos de sentido nos sujeitos em conflito. Na cena englobante, cada gênero de discurso define seus próprios papéis. Maingueneau (2013) dá um tratamento pragmático e traz alguns exemplos, como num panfleto de propaganda política em que o candidato se dirige aos seus eleitores; a cena englobante é política; num poema, a cena englobante é a literária; de uma oração, é a religiosa. Ainda que a cena englobante situe atividades discursivas, sua caracterização é incompleta para especificar as atividades verbais, que estão relacionadas à cena genérica, em suma: “Essas duas ‘cenas’ definem conjuntamente o que poderia ser chamado **quadro cênico** do texto. É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero do discurso” (MAINGUENEAU, 2013, p. 97, grifo do autor).

A cena genérica é estabelecida pelo gênero discursivo escolhido, determinando, também, a forma composicional e o estilo do enunciado. No caso da mediação, temos um gênero que exige uma forma composicional longa, cuja execução dure em média de uma a duas horas, podendo acontecer em uma ou mais sessões, se necessário, que seja organizada em

etapas, como: início da sessão com o acolhimento das pessoas envolvidas e uma declaração de abertura; reunião das informações acerca do conflito; identificação e resolução das questões, interesses e sentimentos entrelaçados; esclarecimento das controvérsias, disputas e registro das possíveis soluções, revisando questões e interesses envolvidos, sem forçar um acordo (CNJ, 2016, p. 150-151).

A cena genérica também determina os papéis e as funções dos sujeitos envolvidos na comunicação. No caso da mediação, um enunciador assume o papel de mediador, falando para os mediados e esclarecendo com respeito às regras, para que estejam conscientes do funcionamento de uma sessão e não percam tempo tentando repetir modelos já conhecidos de técnicas adversárias de resolução de conflitos. A apresentação é breve, mas deve ser feita de maneira clara, a fim de que todos conheçam e estejam conscientes, podendo ainda realizar reuniões individuais, entre o mediador e cada um dos mediados. Estes, ao ouvirem, esperam um enunciado jurídico, mas com palavras que lhe provoquem uma reflexão, um estímulo ou simplesmente um momento de diálogo.

O estilo da mediação, ou seja, o trabalho que o enunciador realiza para relacionar a lei e o conflito, deve ser original, respeitando a particularidade de cada caso, de acordo com a questão, já que se trata de um gênero jurídico. O estilo também é determinado pelo gênero jurídico da mediação, que pode ser em âmbito judicial ou extrajudicial, mas sempre será jurídica. É um procedimento e, como tal, se estabelece de uma sequência de atos em direção a um consenso. Embora não seja um procedimento inflexível, segue determinado ritual, em que várias etapas precisam ser cumpridas.

Se a cena genérica define um estilo, ela orienta o *ethos* do enunciador. Em uma aula, por exemplo, predomina o *ethos* didático; em uma piada, o humorístico. Interessante é notar que em uma cena genérica como aula, o enunciador pode ainda assumir outros *ethos*, como o intolerante, o compreensivo, o humorístico, o disciplinador, etc.; em uma piada, podemos encontrar o *ethos* preconceituoso, machista ou inoportuno. Ao *ethos* definido pela cena genérica, nós chamaremos ‘inerente’; àquele por que o enunciador pode optar, ‘assumido’ (CARETTA, 2009, p. 103).

Do mesmo modo, na mediação, o enunciador deve apresentar um *ethos* simpático, cordial, principalmente imparcial, para validar sua enunciação frente aos coenunciadores. Como a cena englobante da mediação é a jurídica, a discricção e a confidencialidade são imprescindíveis, o que permite construir uma imagem de seriedade do mediador e de alguém que possui o controle da enunciação, suscitando deste público a atenção, o entendimento e a adesão ao que é proposto, criando um ambiente propício,

para que os envolvidos falem à vontade e apresentem suas dificuldades. Diante disso, analisar as cenas de enunciação, comparando o discurso ao escolher as marcas linguísticas, os constitutivos deste dizer, estimular com perguntas que não possam ser respondidas com monossílabas, levando em consideração os sujeitos da cena de enunciação, responsáveis pelo dizer.

Ainda com relação às cenas de enunciação, compreendemos que as cenas genéricas não são suficientes para dar conta da singularidade de um texto, por exemplo. Se considerarmos o texto como um palco, em que os atores se apresentam, no qual está o cenário, o figurino, o jogo de luzes e todos os elementos necessários para construção desse espetáculo. Esse processo de enlaçamento possibilita a construção de uma cenografia discursiva, sendo, ao mesmo tempo, fonte do discurso e aquilo que ele produz, pois, enunciar não é apenas acionar as normas de uma instituição de fala prévia, mas construir sobre essa base uma forma singular de enunciação (MAINGUENEAU, 2015), sendo o discurso jurídico um palco excelente para defesa de teses.

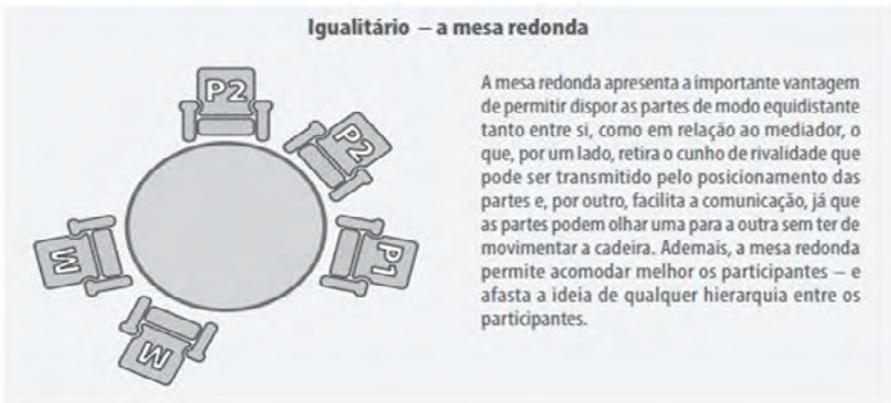
Como se percebe, no discurso jurídico, os lugares enunciativos vão se reproduzindo com a introdução de novas cenas e, conseqüentemente, de novos enunciados e enunciações que procuram se legitimar pelos argumentos de cada enunciador. “A cenografia legitima a situação de enunciação e estabelece as relações de tempo e espaço, além das condições necessárias para a constituição da imagem do enunciador” (OLIVEIRA, 2011, p. 36). Os lugares enunciativos de onde os sujeitos do discurso falam e fazem com que uma sequência discursiva se apresente de maneiras diversas, mas na sessão de mediação, isso não ocorre, já que os discursos vão sendo produzidos no momento oportuno, de cada parte envolvida no procedimento, respeitando o tempo de fala de cada um, seguindo um ritual. Além disso,

É importante ressaltar que o ritual determina ao sujeito que fala papéis sociais preestabelecidos. Demarca, também, o papel social daquele a quem o sujeito se dirige. No ritual, entra em jogo a questão dos enunciados verbovisuais ou sincréticos, isto é, o discurso se manifesta não apenas por meio de signos da linguagem verbal, mas também da linguagem não verbal, que engloba desde as expressões gestuais e faciais até a indumentária, a proxêmica, o habitus e o ethos (PIRIS; CERQUEIRA, 2013, p. 62).

Nesse sentido, esses rituais definem os gestos, comportamentos e as circunstâncias que constroem a cena de enunciação de um discurso, considerando o espaço de interação e interpelação dos sujeitos, em que cada um apresenta seu ponto de vista, privilegiando a relação intersubjetiva. A

Mediação de Conflitos, como instituto jurídico, construiu regras flexíveis, mas definidas e estabelecidas em lei, orientadas pelo Manual de Conciliação Judicial (no procedimento extrajudicial, inclusive), do Conselho Nacional de Justiça. A cenografia da mediação, de acordo com as regras que permeiam a sessão, busca uma aproximação dos sujeitos, ainda que subordinados a uma determinada ordem do discurso. Para uma melhor visualização da aplicação prática de como melhor organizar a posição das partes durante a mediação e como é composta a cena, temos o seguinte exemplo:

1. A mesa redonda



Fonte: (Manual de Mediação Judicial, CNJ, 2016).

Conforme demonstra a figura acima, numa sessão de mediação, é recomendável que o posicionamento das partes seja realizado de modo que todos consigam ver e ouvir uns aos outros, como também participar dos debates. Uma segunda observação diz respeito à necessidade de se afastar qualquer aspecto que possa transparecer alguma hostilidade entre as partes. Em virtude disso, de preferência, as partes devem se sentar em posições não antagônicas (opostas). O quadro enunciativo, proposto neste trecho, estabelece as posições físicas e enunciativas, as partes permanecem lado a lado e o mediador se posiciona de frente para facilitar a comunicação entre elas.

Um dos objetivos da mediação é tentar evitar um sentimento de rivalidade ou polarização, o que, no caso da disposição das mesas, é melhor conseguido ao não colocar as partes de frente uma para a outra, mas, sim, lado a lado, no caso de mesa circular. Além disso, frisamos que as pessoas que representam uma parte, ou se estiverem acompanhadas de advogados, devem conseguir se sentar juntamente com ela, caso desejarem (CNJ, 2016).

Assim, percebemos, também, que as situações de mediação de conflitos aqui estudadas são medidas que antecedem ou evitam um processo judicial, mas que tem suas características jurídicas. Ainda em termos conceituais e práticos, o mediador deve ser uma pessoa escolhida ou aceita pelas partes. Por essa razão, a imparcialidade deve predominar como característica necessariamente primária para abrir caminho a uma mediação proveitosa.

O PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo é um recorte da pesquisa desenvolvida no mestrado e nasceu da nossa inquietação diante das inúmeras vezes que atravessam o fenômeno da mediação de conflitos, avaliando que a linguagem desempenha um papel fundamental no acesso à justiça e na consolidação do direito. Analisamos o uso da linguagem não só no seu aspecto estrutural, mas demonstrando as estratégias que as partes envolvidas no conflito utilizam na elaboração dos seus argumentos para que o seu discurso seja compreendido e até mesmo convincente, uma vez que a linguagem é o instrumento pelo qual o direito opera no meio social, gerindo normas ou resolvendo conflitos.

O material bibliográfico que constitui o *corpus* deste trabalho é o relato de um caso, envolvendo conflitos familiares, publicado no livro “Mediare: um guia prático para mediadores”, de Lília Maia de Moraes Sales, já na sua terceira edição, que relata casos analisados pela autora, sob a perspectiva da Mediação de Conflitos como instituto jurídico. A obra, numa linguagem clara e objetiva orienta a formação de mediadores extrajudiciais, divulgando e capacitando pessoas, levando-as à assimilação dos discursos e experiências vivenciadas no cotidiano de mediadora, nas Casas de Mediação Comunitária, em Fortaleza.

A abordagem desta pesquisa é natureza qualitativa, haja vista a interpretação e análise direta do fenômeno e exploratória, visando uma maior familiaridade do pesquisador com o tema pesquisado. Foram utilizados exemplos reais para explicar o fenômeno, em um cenário onde pudemos demonstrar a aplicação prática do instituto jurídico da mediação de conflitos como forma de melhorar a prestação jurisdicional.

Em suma, a nossa pesquisa de mestrado está vinculada ao PPGEL-UFPI e integra e apresenta uma proposta interdisciplinar, envolvendo a Linguística e o Direito e desenvolveu um estudo focando na Mediação de Conflitos e nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, de vertente Semiolinguística dos sujeitos envolvidos no embate. Dessa forma, podemos asseverar que o direito depende da linguagem

para se fixar como fenômeno social e “toda atividade jurídica envolve invariavelmente atos de linguagem” (BITTAR; ALMEIDA, 2008, p. 50).

ACERCA DA ANÁLISE DISCURSIVA

Por se tratar de uma narrativa que descreve uma sessão de mediação, a autora recupera uma história já ocorrida, presenciada e marcada na sua memória. Esse lugar de fala do enunciador demarca toda cena enunciativa, num mesmo ambiente, mudando os integrantes, levado por uma possibilidade de interpretação e análise. O que valida esta cena enunciativa está registrada nesse relato, documentado num livro, que recupera e estuda a ação dos personagens, permite avaliar o posicionamento dos coenunciadores. Temos um quadro cênico responsável pela legitimidade do dizer, pois se trata de ambiente jurídico, cuja cenografia busca a adesão das partes a crerem no que está sendo firmado. Eis o primeiro momento discursivo:

Depois de muita conversa (mais de duas horas) e muita emoção, percebeu-se que Maria ainda gostava muito de João e que estava disposta a continuar o casamento desde que ele mudasse suas atitudes. João, por sua vez, admitiu que não queria perder Maria, que gostava muito dela e que iria mudar seu comportamento. Naquele momento, Maria estava disposta a perdoar o que se passou, e ele prometeu deixar de beber e procurar acompanhamento profissional (SALES, 2010, p. 102).

De acordo com o que foi exposto pela narrativa, podemos realizar uma leitura interpretativa. Nesse recorte, da determinação do tempo pela marca temporal mais de duas horas, podemos inferir pelos trechos de fala do enunciadore o desejo de preservarem as relações familiares, acrescentando novas razões que fortalecem os argumentos de ambos. Notamos a presença do discurso familiar em “Maria ainda gostava muito de João e que estava disposta a continuar o casamento desde que ele mudasse suas atitudes” e “Maria estava disposta a perdoar”. Em relação ao discurso social, percebemos “ele prometeu deixar de beber e procurar acompanhamento profissional”, mobilizando papéis sociodiscursivos, cujos temas provocam a reflexão por meio de suas marcas subjetivas produzidas pela linguagem, mobilizando efeitos de sentidos. Vejamos, a seguir, o segundo momento:

O mediador deve estar atento para as contradições e para fazer com que as pessoas falem e percebam o que é realmente verdade, com base no que já foi vivido entre elas. A confiança no mediador é muito importante, tanto que o constrangimento de conversar sobre a vida do casal desapareceu, e muito foi falado, inclusive sobre questões sexuais que os preocupavam e que nunca haviam sido faladas antes. Ou seja, 17

anos de casados e questões relacionadas à vida íntima do casal somente foram conversadas com o auxílio de um terceiro. Percebe-se como as pessoas passam a confiar no mediador. Essa confiança depende da forma como o mediador conduz a sessão (SALES, 2010, p. 103).

Aqui, a cena enunciativa é construída no intuito de declarar que o Centro de Mediação é uma instituição que agrega as pessoas, que aceita as diferenças e é um local em que há espaço para o diálogo no âmbito dessa diversidade de conflitos. Embora a linguagem jurídica se caracterize pelas particularidades, no que tange ao aspecto lexical e às escolhas das marcas linguísticas, o mediador deve fazer uso de expressões pertencentes a qualquer falante da língua portuguesa, ainda que nesse contexto jurídico ganhe traços específicos. Na Mediação, podemos verificar que o procedimento é essencialmente argumentativo, em que as partes devem ser convincentes, já que as provas são retóricas. A argumentação aqui é vista como um fio condutor em busca da verdade e em busca do acordo, sugere um consenso, um ideal comum. Temos, a seguir, o terceiro momento:

Observe-se que, no início da conversa, ela diz que o marido não tem consideração por ninguém, e depois afirma que ele é uma pessoa boa, que possui muitos amigos. Da mesma maneira, João afirma que Maria o odeia pelo fato de ela ter levado o caso ao Centro de Mediação. Ao longo da conversa, ele diz inúmeras vezes que ela sempre cuidou dele, sempre lhe deu muito carinho (SALES, 2010, p. 103).

A cena narrada foi construída buscando evidenciar o posicionamento dos enunciadores e traz um recorte com trechos que demonstram conflitos, como “no início da conversa, ela diz que o marido não tem consideração por ninguém, e depois afirma que ele é uma pessoa boa”, demonstrando posições contrárias. Ao observar o fragmento “ele diz inúmeras vezes que ela sempre cuidou dele”, como o discurso funciona e como são mobilizados os recursos linguísticos e extralinguísticos, para que assim, os sentidos sejam produzidos e captados de maneira eficiente, pois é através da linguagem que se torna possível observar como são construídas as relações humanas. Nesse sentido, é possível notar que é na cenografia que ocorre a interação entre os interlocutores e, por meio do próprio discurso, é construída a discursivização dos fatos que, produzindo sentidos e acaba revelando os posicionamentos ideológicos dos enunciadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento da Lei de Mediação foi uma grande conquista para os jurisdicionados, uma vez que ela disponibiliza ferramentas adequadas e humanizadas de resolução de conflitos. A mediação de conflitos surge para

tentar prevenir e solucionar conflitos que ocorram nas interações sociais. Trata-se de uma ferramenta que pode levar a uma solução construtiva do conflito, em um cenário onde possa ser demonstrada a aplicação prática do instituto jurídico da mediação de conflitos como forma de melhorar a prestação jurisdicional, pois os mediandos podem fazer valer seus pontos de vista para com o Estado falarem.

Com tantas diferenças na sociedade, é natural que surjam divergências das mais variadas espécies. Nesse caso, é fundamental a boa administração de conflitos que venham a surgir, para que sejam mantidos o respeito e a harmonia no ambiente familiar, laboral, escolar, dentre outros, para que não haja interferência no processo de interação social, sendo desnecessário construir uma imagem positiva de si (*ethos*) e construindo uma imagem negativa (*anti-ethos*) do outro.

Diante de todas essas afirmativas, concluímos que uma boa mediação pode efetivamente conduzir um discurso conjunto a um consenso, influenciando indiretamente os representantes de uma causa, beneficiando todas as partes, ao mesmo tempo que legitima o bom desempenho do mediador, respeitando a necessidade de cada mediando, para que um não se beneficie à custa do outro. No tocante à cena enunciativa, consideramos que a cena englobante é o tipo de discurso a que pertence determinado enunciado que, no presente caso, é jurídico. Consideramos a sessão de mediação como cena englobante, o relato de sessões de mediação de conflitos familiares como cena genérica, num processo de enlaçamento que possibilita a construção de uma cenografia que é construída de acordo com aquilo que o discurso diz ou pretende dizer.

REFERÊNCIAS

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Curso de filosofia do direito**. [S.l.: s.n.], 2008.

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Azevedo, André Gomma de (Org.). **Manual de Mediação Judicial**. 6 ed. Brasília/DF: CNJ, 2016.

BRASIL, Lei n° 13.105, de 16 de março de 2015. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13105.htm. Acesso em: 07 set 2019.

BRASIL, Lei n° 13.140, de 26 de junho de 2015. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13140.htm. Acesso em: 07 set 2019.

CARETTA, Álvaro Antônio. Relações entre gênero e éthos na canção popular brasileira. **Estudos Semióticos**. [on-line] Disponível em: <http://>

www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es i. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 1, São Paulo, junho de 2009, p. 52–62. Acesso em 16 mar. 2020.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Cristiane da Silva. **Ethos discursivo e cenas de enunciação em letras de música raiz**. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo-SP.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed. Campinas: Pontes Editora Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-32.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. ampl. Tradução Cecília P. de Souza e Délcio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo. Parábola editorial, 2015.

MUSKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos em famílias e organizações**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida de. **Cenas de enunciação e ethos discursivo no discurso literário escrito por Moacyr Scliar em Língua Portuguesa**. 2011. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo- SP.

PIRIS, Eduardo Lopes; CERQUEIRA, Ingrid Bonfim. Cenas enunciativas, interdiscursividade e argumentação: análise de uma sentença judicial. **Revista Contraponto**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 2013. p. 57-69.

SALES, Lília Maia de Moraes. **Mediare**: um guia prático para mediadores. Rio de Janeiro: GZ, 2010.



REFERENCIAÇÃO E GESTUALIDADE EM FALA DE PROFESSORES

Thaís Ludmila da Silva Ranieri

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Hoje o número de trabalhos que buscam se ocupar dos estudos da referenciação sob uma perspectiva multimodal é numeroso, entretanto percebemos que ainda são bastante restritas as pesquisas que se voltam para o texto oral, seus processos referenciais e para as semioses associadas a ele, tais como a gestualidade. Ainda predominam as pesquisas com os textos escritos e de semioses vinculadas à escrita. Quando se ocupam do texto oral, as pesquisas existentes que se preocupam com o processo referencial tratam de aspectos bem particulares. Muitas abordam a associação da gestualidade com a referenciação, entretanto se detêm, particularmente, nos gestos de apontar e em suas funções dêiticas espaciais. E, em menor número, descrevem os tipos de gestos e sua ocorrência com algum tipo de expressão anafórica que se preocupa em descrever a ocorrência de tipos anafóricos associados a determinados tipos de gestos. Tais trabalhos ainda pouco se detêm na gesticulação como um elemento intrínseco ao processo de construção da referência, como Mondada (2005) vem buscando.

Diante dessas considerações, apresentamos o presente capítulo que tem por objetivo discutir referenciação e gestualidade em contexto didático. Para isso, dividimos o capítulo em seções. Em *Sobre referenciação e gestualidade*, fazemos uma discussão sobre os dois conceitos norteadores deste trabalho. Seguimos com a seção *Aspectos Metodológicos* em que apresentamos o norte de nossa coleta de dados. Passamos para a seção *Análise das Interações* em que apontamos a referenciação como uma atividade multimodal com enfoque na gestualidade. Por fim, temos as *Considerações Finais*, seguidas das *Referências*.

SOBRE REFERENCIAÇÃO E GESTUALIDADE

Ramos (2012) vem mostrando que a referenciação não é uma atividade apenas pautada no verbal. Ao estudar as tirinhas cômicas, o autor mostra que “no tocante à referenciação, os objetos de discurso são instaurados por meio dos desenhos criados pelo autor da tira e recuperados pelo leitor na interação sociocognitiva” (RAMOS, 2012, p. 753). Segundo o autor, as tiras

que não apresentam nenhum elemento verbal apresentam estratégias de progressão textual que ocorrem também em textos verbais, como: a introdução de referente, a retomada e a recategorização. O leitor desse tipo de texto aciona elementos cognitivos, culturais, linguísticos para garantir a construção de sentidos e, por conseguinte, a progressão textual.

Ainda dentro do escopo da condição multimodal da referência, Morato (2005) afirma que a construção da referência prevê uma arbitragem de fatores que pressupõem o linguístico, mas, ao mesmo tempo, transcendem-no. Podemos colocar entre esses fatores aqueles que tratam dos componentes pragmáticos, afetivos e, até, ideológicos. Sua visão permite-nos ver a associação de elementos do cotexto e do contexto como essencial para a estabilização da referência. Em sua colocação, podemos perceber a necessidade de se ter o plano linguístico, mas também de associá-lo a outros elementos, bem como a outras organizações semióticas, ressaltando, assim, uma concatenação entre elementos verbais e não-verbais na construção da referência. Morato aponta, dessa forma, como outros autores (MONDADA, 2005; BENTES, RIOS, 2005; CUSTÓDIO FILHO, 2011; RAMOS, 2012, RANIERI, 2015), para uma nova perspectiva nos estudos da referência.

Outro trabalho que tem por objetivo tratar da construção da referência numa perspectiva multimodal é o de Bentes e Rios (2005). Tomando por base os pressupostos da perspectiva sociocognitiva e o trabalho de Mondada (2005), as autoras investigam a construção da referência em circunstâncias de atuação em conjunto dos sujeitos e frente a uma possibilidade de articulação entre elementos verbais e não verbais. Para elas, a maneira pela qual os referentes são mostrados/introduzidos (por meio da linguagem audiovisual da narrativa selecionada) pode ser considerada uma âncora para os sujeitos, a partir da qual “os locutores tornam publicamente manifestos seus processos interpretativos para os fins práticos da atividade em curso” (BENTES, RIOS, 2005, p. 267). Diante dessas condições, o trabalho tem por objetivo mostrar como as práticas referenciais dos sujeitos em um contexto de entrevista semimonitorada encontram-se intimamente relacionadas ao contexto mais imediato [...], à maneira pela qual os referentes são mostrados/introduzidos (por meio da linguagem audiovisual da narrativa selecionada) e a certos recurso não-verbais mobilizados pelos sujeitos durante as atividades de recontar a estória e de fazer comentários sobre a narrativa assistida (BENTES; RIOS, 2005, p. 267).

No primeiro exemplo apresentado pelas autoras, os sujeitos da pesquisa recontam a história do episódio O crime imperfeito do Programa Brava Gente. A narrativa é composta pelas personagens Santinho (Marco Ricca), Gigi (Regiane Alves) e Oriboncina (Marilu Bueno). Divididos em dois

grupos, um com quatro integrantes e outro com três, os sujeitos assistem ao episódio juntos e depois participam de uma entrevista semimonitorada gravada em áudio e vídeo. Dividida em sete exemplos, as análises feitas pelas pesquisadoras mostram a atuação em conjunto dos sujeitos no processo de referenciação e a articulação entre o verbal e o não verbal. À medida que vão recontando a história, os sujeitos vão recategorizando os objetos de discurso do episódio. É interessante notar o fato de que, nesse processo de recategorização, serão reconstruídos não só os elementos verbais, bem como os não verbais. Em uma das mostras selecionadas por Bentes e Rios (2005), chama-nos a atenção a referenciação do objeto de discurso música. O objeto de discurso apresentado pelos sujeitos participantes da pesquisa não é parte da interação como um elemento verbal, mas é parte do cenário discursivo como um elemento que compõe a trilha sonora do episódio, ou seja, trata-se de um dos modos de comunicação presentes na interação. Mesmo assim, ao recontarem a história os sujeitos da pesquisa o recategorizam, usando expressões referenciais.

Mondada (2005) postula a existência de abordagens plurais nas práticas referenciais. A pesquisadora faz uma descrição do uso da expressão *you see*, com utilização ou não de um SN (sintagma nominal), em procedimentos cirúrgicos. O *you see* é uma expressão que evoca a visão e é utilizada com ou sem um SN, sendo tratada como um procedimento para efetivar a visibilidade dos objetos apontados ou mencionados. Segundo ela, os fenômenos estudados “possibilitam uma reflexão sobre a referência a propriedades visuais no discurso e na língua em interação” (MONDANDA, 2005, p. 13). Logo, seu trabalho tem por intenção “revisitar uma problemática recorrente na literatura sobre a referência ou sobre a topicalidade: o lugar das propriedades de visibilidade do referente na escolha das estratégias referenciais” (idem).

Ao longo de sua análise, Mondada chama a atenção para a gestualidade, para os movimentos no espaço, para a orientação do olhar em associação às práticas languageiras. De acordo com a pesquisadora, o processo referencial é uma atividade tanto discursiva, quanto gestual. Esta acontece em co-ocorrência com aquela. Vemos que há uma articulação entre uma prática referencial verbal e uma prática constituída por elementos de semioses diversas, em especial o gestual.

A expressão “*you see*”, ao longo do procedimento cirúrgico, é associada às outras semioses na construção da referência. Mondada (2005, p.15) salienta que essas situações não são marginais na cultura e nas sociedades nas quais vivemos: pelo contrário, concernem a domínios muito diversos da vida profissional, em que o trabalho sobre as visualizações desempenha papel central. Em suas considerações finais, a pesquisadora

afirma que as suas observações convidam para um deslocamento teórico que conduz a problemática da referência de um quadro estático abstrato para uma abordagem que não dispensa a organização da fala, bem como do espaço e do contexto no qual ela se enuncia.

É interessante salientar que o trabalho da autora estuda essas questões na modalidade oral da língua. Ao escolher essa modalidade, podemos pensar na associação entre diversos modos de comunicação característicos dessa modalidade, como o gestual, o olhar, a proxêmica, a entonação da voz, conforme Mondada nos chama a atenção.

No dizer de Mondada (2005, p. 25), pode-se dizer que a descrição da anatomia é realizada por meio da mobilização de uma série de recursos linguísticos (as expressões referenciais classicamente descritas na literatura, - que, todavia, não esgotam por si mesmas o processo referencial). Este tem lugar no curso de uma atividade que é tanto discursiva quanto gestual; é no interior de sua organização temporal e sequencial que os recursos linguísticos são utilizados e explorados pelos locutores. O apelo à visão (manifesto, sobretudo, por “you see”) torna-se nesse contexto um dispositivo complexo de produção referencial, em que a fala, o gesto, o instrumento cirúrgico, a disposição do espaço anatômico por meio de pinças e da dissecação contribuem conjuntamente para a realização da referência. Essas questões podem ser observadas também no contexto didático em sala de aula em que os professores associam diversas semioses aos objetos presentes na elaboração de seu discurso para os alunos.

Vimos que nenhuma das definições buscadas para apresentar o fenômeno da referenciação pôs de lado a sua condição linguística. A referenciação é, portanto, também dotada de um aparato linguístico que a rege. Entretanto, ainda que os aspectos verbais estejam em foco, sabemos que há outros elementos semióticos que estão embutidos no processo de referenciação. Acreditamos que a construção referencial na modalidade oral da língua faz uso de diversos recursos, tais como o olhar, a proxêmica, a entonação e da gestualidade. Quanto à gestualidade, a sua função não se restringe ao ato de apontar, situação em que se recorre ao uso dos gestos dêiticos usados na localização espacial (McNEILL, 1992, 2000). Sua função referencial é bem mais abrangente.

Autores, como McNeill (2000), afirmam que os gestos são adquiridos em concomitância com a linguagem verbal e estão integrados a ela. Assim, a gesticulação está diretamente ligada ao fluxo conversacional e não acontece sem a presença da linguagem verbal. Quanto a sua convencionalidade, tais gestos só apresentam sentido dentro de um contexto de produção, uma vez que cada elaboração gestual está em associação com a produção do verbal. Não existe uma normatização prévia dos gestos que podem ser elaborados,

tendo em vista esse ou aquele tipo de construção linguística. A gesticulação, portanto, se mostra dependente da produção de linguagem verbal. É importante observar que a linguagem verbal acontece independente dos gestos, mas o contrário nós não temos: uma produção de gesticulação independente da produção verbal.

Percebemos também que os gestos não são elementos auxiliares na referenciação, mas se efetivam com a linguagem verbal em prol do processo referencial. Os gestos são elementos de extrema importância na elaboração da referenciação e que seu aparecimento não se restringe aos gestos dêiticos espaço-temporais, tal como algumas pesquisas vêm se dedicando. Os gestos são elementos protagonistas na introdução de referentes, bem como na progressão textual e no uso de expressões dêiticas, através de suas funções discursivas e de memória, sendo primordiais no processo referencial em interações orais.

A discussão, como pode ser vista, mostrou que a linguagem é uma prática multimodal e que as atividades referenciais também são regidas por uma articulação multimodal em que os diversos modos de comunicação se engrenam em prol da construção de sentidos. Há uma integração mútua entre os diversos modos que não pode ser desconsiderada, se entendermos que os sentidos são construídos ao ultrapassarem a barreira do verbal (NORRIS, 2001; MONDADA, 2005; BENTES e RIOS, 2005; CUSTÓDIO FILHO, 2011; RAMOS, 2012; RANIERI, 2015).

A referenciação, por sua vez, vem sendo repensada dentro desse novo paradigma, mostrando-nos que não se trata apenas de uma atividade restrita aos aspectos linguísticos. Com as análises que propomos, podemos anunciar que a referenciação clama por outros modos de comunicação em sua construção para dar suporte ao material linguístico representado pelas expressões referenciais. Ao optarmos por investigar a modalidade oral da língua, ilustrada no discurso do professor para a sala de aula, não passou despercebido aos nossos olhos o uso dos gestos como recurso semiótico na construção dos referentes. Veremos que é bastante evidente a associação entre o verbal e o gestual nos processos referenciais.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Uma das primeiras considerações a ser feita diz respeito à natureza dos dados. Coerente com as teorias abraçadas, assumiu-se uma coleta de característica qualitativa, por se pretender descrever e analisar os dados obtidos e por não ser objetivo da pesquisa um levantamento quantitativo do processo. Outro ponto que justifica o posicionamento assumido refere-se à visão de língua adotada que norteia todo o trabalho. Aqui prezamos

por seus aspectos funcionais e discursivos. Como bem enfatiza Marcuschi (2001), é somente na relação com uma concepção de língua que se dá a explicitação da análise de fatos linguísticos. Assim, optamos por coletar os dados em situações interacionais autênticas, que foram provocados pelo pesquisador, mas não controlados por ele. No dizer de Mondada (2005), optamos por trabalhar em um terreno fecundo, ou seja, com as interações face a face. Após essa definição de posição quanto ao tipo de pesquisa realizada, trazemos os principais pontos que nortearam ou estavam presentes na coleta dos dados: os sujeitos da pesquisa -os professores de matemática- e o processo de coleta de dados – a entrevista.

OS SUJEITOS DA PESQUISA: OS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Os professores que participaram da entrevista foram selecionados a partir de alguns critérios mínimos, tendo em vista o propósito das investigações. Sendo assim, o grupo é composto por professores licenciados em Matemática. Foram descartados não apenas professores que ensinavam a disciplina, mas tinham outra formação acadêmica, como também aqueles que, embora graduados em Matemática não tinham licenciatura. Além disso, os professores deveriam ter atuado nos últimos cinco anos ou estar atuando em turmas do Ensino Fundamental 2. Os professores selecionados trabalham na mesma escola e no mesmo turno, ou seja, participam e compartilham experiências próximas em relação à escola e aos alunos. Eram professores concursados e contratados da Rede Municipal de Ensino do Cabo de Santo Agostinho. De modo geral, podemos traçar o perfil de cada um dos professores, como está exposto no quadro a seguir.

Quadro 1: Perfil dos sujeitos da pesquisa

Professor	Tempo de Atuação	Formação Acadêmica	Comportamento durante a entrevista
P1	Há mais de 5 anos em sala de aula	Especialização	Bastante participativo. Apresenta um bom domínio do conteúdo e trabalha geometria em sala de aula
P2	Há mais de 5 anos em sala de aula	Mestrando em Educação	Pouco participativo. Particularmente não gosta de trabalhar com geometria.

Professor	Tempo de Atuação	Formação Acadêmica	Comportamento durante a entrevista
P3	Há mais de 5 anos em sala de aula	Especialização	Participativo. Apresenta um bom domínio do conteúdo e trabalha geometria em sala de aula

Durante a pesquisa, os professores responderam a um questionário que tinha por objetivo obter informações sobre a formação, o tempo de trabalho em sala de aula, se eles liam ou já tinham lido os PCN's e o Guia do Livro Didático e se participavam de formação específica da área. Quanto à leitura desses documentos, alguns afirmaram que não o fizeram por inteiro, mas tinham conhecimento deles e dos tópicos abordados. No caso das formações, embora a Rede Municipal ofereça semanalmente um encontro de formação, nem todos participavam ativamente. No entanto, alguns afirmaram que se mantinham atualizados, lendo revistas especializadas da área.

A ENTREVISTA SEMIMONITORADA

Em ciências sociais, a entrevista já se constituiu como um dos principais métodos para a coleta de dados, não sendo diferente nas ciências da linguagem. Ela é, como escreveu Robert Farr apud Gaskell (2002, p. 64) essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista. A entrevista se caracteriza também por buscar dados autênticos sobre o que está sendo pesquisado. Entendemos que, embora haja a participação direta do pesquisador, os dados não são comprometidos, visto que a entrevista não é simplesmente um instrumento neutro de pesquisa ou um método, entre outros, de coleta de dados, uma caixa preta cujo funcionamento seria óbvio e fora de questão (MARCUSCHI, 2001).

As entrevistas realizadas tiveram por intenção permitir uma maior participação dos professores-entrevistados e uma menor participação do entrevistador, contudo o pesquisador-entrevistador participou, quando necessário na discussão no grupo. Vale salientar que a participação do pesquisador tinha por objetivo direcionar a entrevista, conduzindo-a ao objetivo da pesquisa. Por essa razão, as perguntas-guias foram elaboradas tendo por objetivo permitir as reflexões dos professores sobre os conceitos apresentados pelo livro. Assim, foram construídas de forma a suscitar uma diversidade de respostas e não uma única. As perguntas formuladas serviram

de estímulo para o início e para o andamento da interação, no entanto, no decorrer do processo, foram feitas outras perguntas motivadas pelo momento e necessárias para o desenrolar da interação. Além das perguntas, foram levadas cópias de materiais didáticos para estimular a participação dos professores, bem como folhas de papel e canetas. Não houve um tempo pré-estabelecido para a duração das entrevistas. As entrevistas aconteceram na sala dos professores e foram audiogravadas ou videogravadas. As interações eram encerradas, levando-se, em conta, a dinâmica do processo.

Após a realização das entrevistas, foram feitas as transcrições, seguindo as orientações do Projeto NURC. No caso das entrevistas filmadas, o áudio foi transcrito dentro das propostas do projeto, e os elementos não-verbais foram transcritos, à medida que eram vistos como fenômenos interessantes para a pesquisa.

ANÁLISE DAS INTERAÇÕES

O processo de construção conjunta da referência em contexto didático parece repousar em uma atividade colaborativa na qual os interlocutores conjuntamente vão construindo e reconstruindo os objetos de discurso ao longo de suas enunciações. Nessa ação conjunta, além dos elementos verbais que são acionados para compor a cena e, conseqüentemente, construir e reconstruir esses objetos, os interlocutores fazem uso de outras semioses nesse processo. Nessa perspectiva, os interlocutores, à medida que vão recategorizando os objetos de discurso da geometria vão acionando os elementos verbais e não-verbais simultaneamente, mostrando-nos, tal como aponta Mondada (2005), que a atividade referencial não é uma atividade estritamente linguística. Nesse fazer, os professores recorrem ao gestual e aos objetos dispostos ao seu redor para trabalhar com os objetos do discurso da geometria. Nessa etapa das análises, temos duas entrevistas.

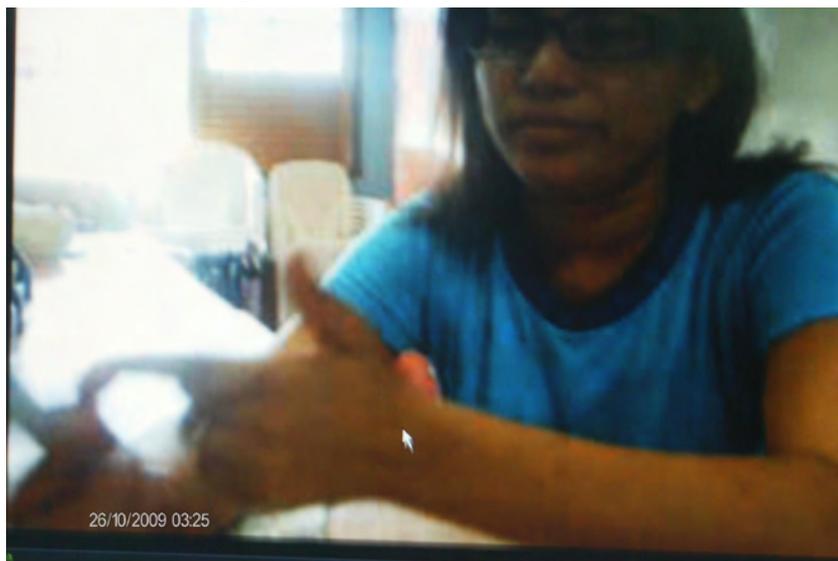
ENTREVISTA 1

Durante a entrevista, a professora foi instigada por meio de perguntas que questionavam a construção dos conceitos apresentados pelo livro didático. Buscamos também saber como esses mesmos conceitos eram recategorizados pelo professor para serem trabalhados em sala. Para essa entrevista, foi selecionado o conteúdo Sólidos Geométricos. Nesse conteúdo, são trabalhadas as figuras geométricas em uma perspectiva tridimensional (comprimento, largura e altura) que se dividem em poliedros e corpos redondos. A diferença entre eles se dá pelo primeiro tipo apresentar partes planas e, por isso, não rolar e o segundo, por ter partes arredondadas, permitindo os objetos rolar. A partir de então, acompanharemos a entrevista.

Para iniciar a entrevista, é feita uma contextualização pela entrevistadora do assunto a partir da apresentação do livro. À medida que vai sendo exposto o tópico da entrevista, os professores vão começando a fazer suas intervenções. Essa estratégia é usada como uma espécie de convite para que os professores se sintam à vontade para fazer suas intervenções, uma vez que a intenção da entrevista é deixá-los em uma situação interacional que permita a construção conjunta da referência.

No exemplo 1, percebido na imagem 1, a fala de P1 acontece para complementar a fala da entrevistadora. Nessa complementação, P1 para referenciar corpos redondos que é introduzido pela entrevistadora diz eles rolam, ao mesmo tempo ela gesticula com as mãos, mostrando um movimento que lembra o ato de rolar (observe na imagem a posição dos dedos dela, construindo a ideia de rolar). As duas ações são feitas concomitantemente. Nessa construção da referência, os gestos se mostram tão importantes quanto a palavra. O sentido é construído através da articulação das ações inseridas em um contexto específico. No caso da entrevista, é interessante ressaltar que, por mais que não estejam em sala de aula, os professores estão simulando o ensino do conteúdo e, dessa forma, as suas referências são motivadas por essa intenção. As suas intenções didáticas conduzem o processo referencial. Observemos.

Imagem 1: Gesticulação do ato de rolar



Fonte: autor

Em outro trecho da entrevista, podemos observar a recorrência às outras semioses na referenciação. Observe a outra ocorrência.

Imagem 2: A professora segura o lápis para mostrar



os corpos redondos a gente diz assim o são aqueles objetos que você por no chão ele vai rolar o lápis (mostra o lápis que está nas mãos)

Fonte: autor

Imagem 3: A professora põe o lápis para rolar



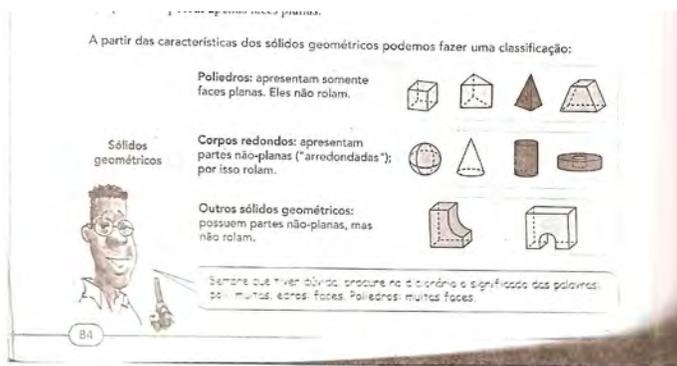
ele toca ele vai (põe o lápis pra rolar) a bola você põe no chão tocou ele também vai agora tem corpos redondos que ele tem partes planas aí mesmo assim ele tem (coloca o lápis pra rolar) o corpo redondo aí tem que mencionar trazer a imaginação o que dificulta a aprendizagem

Fonte: autor

Neste segundo exemplo, temos outro modelo de construção multimodal de referência. Agora, ao invés de só usar as mãos para gesticular, P1 vai fazer uso de um objeto para construir a referência. Mondada (2005) mostra a importância da manipulação de objetos imbricados na construção da referência. Aqui, a discussão ainda gira em torno dos corpos redondos. Dessa vez, para mostrar que são figuras que possuem partes não-planas e que podem rolar, a professora faz uso agora do lápis. Nesse processo de

referenciação, P1 reconstrói os conceitos apresentados pelo livro com o auxílio de outros recursos que permitirão o interlocutor reconstruir através de gestos e de recursos visuais o objeto de discurso corpos redondos. Comparando as suas ações com o livro, vemos que a construção do conceito do objeto é feita também pela articulação dos elementos verbais com as imagens. Observe a seguir.

Imagem 4: Apresentação do conteúdo do livro



Fonte: Coleção Tudo é matemática

Essa articulação apresentada é considerada como uma atividade multimodal, entretanto, em sua reconstrução P1 faz uso tanto do objeto como também do movimento do objeto para referenciá-lo, indo além dos recursos encontrados no material didático. Essa manipulação conduz o interlocutor a acompanhá-la em um processo referencial.

Quando P1 diz são aqueles objetos que você colocar no chão ele vai rolar, ela mostra o lápis e, em seguida, põe-no para rolar. Nessas ações conjuntas, o objeto de discurso, corpos redondos, vai sendo referenciado tanto pelo próprio lápis que está em suas mãos como também pelo objeto do discurso lápis que está sendo usado para referenciar corpos redondos. Ao mesmo tempo, o objeto do discurso corpos redondos vai sendo recategorizado, mostrando que são atividades que acontecem em conjunto, conforme veremos detalhadamente mais adiante em outra parte da análise. As mesmas ações são repetidas com o lápis, quando P1 usa a palavra bola para referenciar e recategorizar corpos redondos (linha 72). Depois ela volta a usar o lápis para mostrar que os corpos redondos também podem ter parte planas, mas podem rolar e, assim, coloca o objeto novamente para rolar (linha 73,74). Nesse momento, ela usa o pronome ele para referenciar o objeto.

A manipulação do lápis, ao longo de seu discurso, é constante, mesmo quando P1 usa a palavra bola para referenciar corpos redondos. Fica evidente, aqui, que a intenção da professora não é estabelecer uma relação

entre objeto do mundo (lápiz) e a palavra (bola) como propõem as teorias clássicas sobre referência. Entretanto, a ação dela nos mostra que o objeto de discurso é construído dentro de uma situação interacional atrelado a um contexto situacional. Essa situação é determinada por intenções e propósitos definidos, nesse caso, por propósitos didáticos. Desse modo, a relação especular é posta em xeque. Pode-se perceber, portanto, que a língua não espelha o mundo, mas age sobre ele.

Nessa sequência, pode-se observar que a recorrência ao movimento do objeto é de extrema importância para se fazer a referenciação, uma vez que esses movimentos são essenciais na construção do objeto corpo redondo. Ao compararmos o enunciado do livro com as ações da professora, percebemos que os corpos redondos são referenciados no livro por um discurso multimodal e, no caso de P1, o discurso também é multimodal, mas como o seu discurso é construído na modalidade oral, a referência é construída em parceria com outras semioses que não se fazem presentes na modalidade escrita, tais como os gestos e o movimento dos objetos. Nesses trechos da entrevista, portanto, percebe-se a importância da integração das palavras-em-interação com os gestos e movimentos feitos pela professora. O ato de apontar o objeto que está próximo, de mostrá-lo ou gesticular constitui ações que complementam o discurso. Assim, percebemos que o apelo à visão, ao movimento do objeto torna-se nesse contexto um dispositivo complexo de produção referencial, contribuindo conjuntamente para a realização da referência (MONDADA, 2005).

Voltando às orientações para o ensino de geometria propostas pelo PCN, em que se sugere que o professor articule as figuras geométricas com os elementos do cotidiano, percebe-se que o professor vai além da imagem da figura. Em um contexto didático, embora estejam por trás orientações de diversos tipos, a construção da referência também será feita atrelada a uma situação interacional em particular, e os objetos da própria sala podem ser manipulados, como aconteceu com o lápis da professora, para construir a referência. Os exemplos que se seguem vão nos mostrar de que forma o espaço da sala de aula e os elementos encontrados nela irão entrar na composição da referência.

ENTREVISTA 2

Seguiremos com a análise da segunda entrevista. Nesta foi abordado o conteúdo Figuras planas. Para a realização dela, contou-se com a participação dos professores P2 e P3. Nessa entrevista, também foi utilizada a ficha de exercícios como instrumento motivador da interação. Acompanhemos.

P4: a estrela no céu a gente pode identificar como um ponto.

E: ponto

P4: toda estrela no céu é como se fosse um ponto no plano (usa as mãos para dar ideia de imensidão)

P3: a superfície de uma parede é um plano

P4: um campo

P3: o campo de futebol é um plano

P4: o pingo de uma chuva o campo de futebol também seria um plano

P3: uma linha do horizonte seria [uma reta

P4: [uma reta

Imagens 6, 7 e 8: Etapa da construção da referência pelo professor

Imagem 6



Fonte: autor

Imagem 7



Fonte: autor

Imagem 8



Fonte: autor

Imagem 9: Exercício da 3ª Ficha

2. A que idéia se refere cada item?

<input type="checkbox"/> A Linha de costura	<input type="checkbox"/> I Ponto
<input type="checkbox"/> B Estrela no céu	<input type="checkbox"/> II Reta
<input type="checkbox"/> C Superfície de uma parede	<input type="checkbox"/> III Plano
<input type="checkbox"/> D Um pingo de chuva	
<input type="checkbox"/> E Campo de futebol	
<input type="checkbox"/> F Linha do horizonte	

2. A - II, B - I, C - III, D - I, E - III, F - II

Fonte: autor

A atividade exigia que os alunos estabelecessem uma associação entre a primeira e a segunda coluna. Na primeira coluna, encontram-se sintagmas nominais que correspondem a imagens de figuras do cotidiano e, na segunda, estão dispostos os conceitos ponto, reta e plano. A atividade difere das outras propostas pelas coleções, pois pede uma associação entre as colunas, mas não traz a imagem dos elementos, disponibilizando apenas uma representação verbal, em forma de sintagma nominal, do referente. O aluno, ao responder à questão, é que deveria pensar na forma da imagem, para, então, relacioná-la a um dos conceitos trabalhados. Trata-se de uma atividade com um nível de exigência muito maior do que as outras, visto que a recorrência à imagem era necessária, embora não fosse proposta pelo livro. A atividade, portanto, exige do aluno um determinado conhecimento de mundo para respondê-la e, por conseguinte, estabelecer a referência entre elas.

Na ficha, essa é a terceira atividade. Assim, após uma discussão em torno das duas primeiras, os professores passam a analisar o terceiro exercício. Para isso, o pesquisador vai conduzindo a interação por meio de perguntas que chamem a atenção dos entrevistados. O momento exposto acima é iniciado após uma discussão feita por P3 e P4 sobre o conceito de reta e de sua correspondência com o elemento linha de costura, que trata da primeira associação. Em seguida, o pesquisador conduz a entrevista ao perguntar sobre o elemento estrela no céu.

Uma das coisas que chama a atenção nesse trecho trata-se da simultaneidade de acontecimentos. Nas outras entrevistas, a recorrência aos gestos na construção da referência ou a construção em conjunto do objeto de discurso apareceram em momentos distintos da interação. Nesse trecho, é interessante ressaltar a construção e atuação conjunta dos professores. Para isso, analisaremos a sequência dessa interação.

Após a indagação do pesquisador, P4 inicia um turno para explicar a associação da figura estrela no céu com o conceito de ponto. Ao ser interrompido pelo pesquisador, ele retoma o turno parafraseando sua fala anterior, agora, no entanto, constrói uma cena em que as múltiplas semioses se complementam e atuam juntas na construção da referência. Na sequência de imagens no trecho acima, pode-se observar essa construção. Os braços de P4 são utilizados para dar uma ideia de superfície plana, de imensidão em que uma estrela poderia ser encontrada. Na primeira imagem, pode se verificar os braços com as mãos juntas e, nas imagens seguintes, a abertura dos braços. O objeto de discurso estrela no céu não é referenciado somente com os elementos linguísticos em que ele usa para recategorizar o ponto, mas também com a ideia desse objeto se localizar em uma superfície plana. Em seguida, P3 segue com a construção iniciada por P4 e categoriza a ideia de plano como a superfície de uma parede. E a construção dos referentes vai sendo feita numa atuação conjunta dos professores. Há uma troca de turnos entre eles que permite a recategorização dos objetos propostos pela atividade do livro. A culminância dessa ação conjunta acontece, com a resposta dada ao mesmo tempo pelos professores em que P4 afirma ser uma linha do horizonte uma reta. Esse sintagma uma reta é falado ao mesmo tempo pelos dois professores, mostrando-nos que a construção da referência deve ser vista como uma atividade colaborativa. Há, ainda nesse caso, o fato de ambos partilharem as mesmas informações e conhecimentos de uma área da ciência. Provavelmente, essa atividade conjunta não aconteceria, se ambos não compartilhassem as mesmas intenções, nesse caso, as intenções pertinentes ao espaço didático, isto é, trabalhar o conteúdo, pensando em uma sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresenta possibilidades não somente para se trabalhar com o discurso didático, como também de ampliar o leque de estudos que investigam a construção do texto oral. No que tange ao processo de referenciação, ficou evidente a imbricação entre os elementos verbais e os não-verbais. A articulação se mostrou fundamental e recorrente, uma vez que não podia se separar um elemento do outro, visto que havia uma atuação em conjunto. Predominou, ao longo da análise do corpus, o aparecimento de uma referência pautada em uma construção intersemiótica. Os resultados dessa articulação mostraram que os professores, ao se referirem aos objetos de discurso da geometria, enfatizavam o formato do objeto, os movimentos gerados por ele e construíam a referência, levando em consideração tais características. Notamos que o espaço físico de realização das entrevistas e os objetos que estavam dispostos também eram usados na construção da referência. Verificamos que a recorrência a gestos e a manipulação de objetos eram fundamentais durante o processo de recategorização. De certa forma, em nome da construção da referência, criou-se uma amálgama em que se recorria a diversas semioses presentes. Os elementos verbais sempre apareciam em volta aos não-verbais. A referenciação, portanto, nessas condições assumiu uma postura multimodal numa articulação com a gestualidade.

REFERÊNCIAS

BENTES Anna Christina; RIOS, Vivian Cristina. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 265- 294.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações:** esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2011.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa, qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002, 5ª ed.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Um corpus lingüístico para análise de processos na relação fala e escrita**. Simpósio Corpus Lingüístico, 2001, mimeo.

McNEILL, David. **Hand and mind: what gestures reveal about thought**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

McNEILL, David. Introduction. In: McNEILL, David (org.). **Language and gesture**. Cambridge University Press, 2000.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (orgs.). **Referência e Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 11-32.

MORATO, Edwiges. Metalinguagem e referência: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (orgs.). **Referência e Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 11-32.

NORRIS, Sigrid. **Analyzing Multimodal Interaction: A methodological framework**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2001.

RAMOS, Paulo Eduardo. **Estratégias de referência em textos multimodais**: uma aplicação em tiras cômicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Santa Catarina, v. 12, n. 3, p. 743- 763, set./dez. 2012.

RANIERI, Thais Ludmila da Silva. **Estratégias de construção da referência em práticas pedagógicas**. Recife: O Autor, 2015. 220 p.: il., tab.



DISCURSO E POESIA SURDA, NEGRA E PERIFÉRICA: DOS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS

Heron Ferreira da Silva
Maraisa Lopes

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ler um texto de literatura é mergulhar em um mundo diferente e intrigante. Quando nos remetemos mais precisamente à Literatura Surda, retomamos, em nosso imaginário social, a posição-sujeito surdo historicamente negada. Nessa construção ideológica, a posição de escritor e produtor da sua própria literatura muitas vezes não é vista como possível dentro da normatização social. No entanto, a Literatura Surda está cada vez mais aparecendo no cenário literário e discursivo em formas de registro de produções textuais ou sinalizadas¹.

A Literatura Surda, ao longo dos anos, vem construindo diversas discussões e disputas no interior dos espaços culturais e acadêmicos. Esse campo de produção também ocupado por sujeitos surdos, principais representantes da Literatura Surda, vêm lutando historicamente pelo reconhecimento e visibilidade em meio a uma sociedade normatizadora e ouvinte.

Desse modo, o povo surdo², pelos diferentes meios de divulgação artística, trabalha para ampliar as produções sobre Literatura Surda, sobretudo com o intuito de difundir e romper com o imaginário que legitima o que pode e o que deve ser considerado como um texto literário. Desse modo, a materialidade significativa poesia surda se coloca no espaço de produção discursiva, gerando efeitos e possibilidades de sentidos.

O presente trabalho se justifica pela necessidade e importância de se estudar e analisar, pelo viés da Análise de Discurso Materialista (doravante ADM) de perspectiva pecheuxtiana, textos³ da esfera literária, em específico

1 - Conforme Karnopp (2008), as línguas de sinais produzem significados e estes são percebidos a partir de outra modalidade linguística, diferente das línguas orais. O termo 'sinalizadas' para os estudos de Literatura Surda remete às produções constituídas em uma modalidade Visual - Espacial.

2 - Entende-se por povo surdo os sujeitos surdos que, embora não habitem o mesmo local, ligam-se por uma origem, por um código ético de formação visual, tais como a língua de sinais, a cultura surda e outros laços (STROBEL, 2009).

3 - Como afirma Orlandi (2017, p.19), a Análise de Discurso "tem como unidade o texto. O texto não visto como na análise de conteúdo, em que se o atravessa para encontrar atrás dele um sentido, mas discursivamente, enquanto o texto constitui discurso, sua materialidade [...] o texto se constitui em discurso e como este pode ser compreendido em função das formações discursivas que se constituem em função da formação ideológica que as determina".

a poesia em língua de sinais. Sob tal justificativa, a contribuição desse tipo de pesquisa está relacionada diretamente ao reconhecimento cultural e linguístico do povo surdo e de sua língua. Portanto, é de grande valia que textos literários produzidos por surdos sejam analisados, já que há uma escassez de trabalhos realizados tomando essa materialidade como objeto e assumindo o prisma teórico em que nos inscrevemos.

Pensando nosso material, indagamo-nos sobre quais efeitos de sentido são produzidos sobre Libras, surdez, literatura, arte e negritude nos vídeos autorais de Edvaldo Santos. Desse modo, propomo-nos a compreender, a partir de nossa inscrição teórico-metodológica, os efeitos de sentido produzidos em materiais de Literatura Surda, em específico, poesias autorais sinalizadas em gravações pessoais do artista surdo Edvaldo Santos, conhecido popularmente como Edinho Poesia, negro e morador da periferia de São Paulo – SP.

SOBRE LÍNGUA DE SINAIS, LITERATURA E POESIA SURDA

Trabalhos artísticos e literários atualmente são cada vez mais comuns, tanto pela estrutura das línguas orais, como em línguas de sinais, principalmente em uma sociedade globalizada como a que estamos inseridos. Nessa conjuntura atual, temos acesso cada vez mais rápido e fácil às produções culturais devido aos avanços das formas de tecnologia para registrar, compartilhar e popularizar tais produções. Dessa maneira, fazer literatura nesses novos tempos é movimentar as diferentes possibilidades de sentidos materializadas da língua e inserir-se em uma nova forma textual de produção linguística.

Sobre esse pensamento, Sutton-Spence (2021) explica que muitas pessoas acreditam na

literatura como uma arte estética da linguagem escrita que se centra no texto escrito, com foco nas atividades de ler e escrever. Essa definição, todavia, é muito limitada e exclui já muitos exemplos de uso da língua estética, mesmo em português, porque estão na forma falada. A literatura dos surdos criada em Libras é raramente escrita, mas é uma forma de literatura (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 25).

A autora, sobretudo, coloca em destaque a Literatura Surda como possibilidade artística e cultural, não seguindo os padrões de uma literatura ligada à textualidade. Essa literatura é a literatura visual, uma literatura que trabalha e se constitui pela arte como artefato cultural do povo surdo. Dessa maneira, a linguagem literária em sinais, mais precisamente no tocante ao povo surdo, é além de tudo, um processo de construção, um gesto artístico simbólico.

Sobre esse mesmo olhar, a literatura pode ser qualquer forma de manifestação que produza sentidos em diversas condições específicas dentro das relações socioideológicas que o discurso possibilita. São corpos em produção que importam para uma determinada cultura e são aceitos por ela como formas de representação.

Esses sentidos são atravessados por elementos poéticos inerentes ao corpo do sinalizante surdo, uma vez que são suas manifestações produzidas no espaço de sinalização que constituem e produzem sentidos. Diante disso, a poesia surda é apresentada pelo sinalizante a partir de um plano visual espacial, diferindo das línguas orais, uma vez que se utiliza das mãos e do corpo para produzir sentidos e demanda a visão para percebê-los. Essa produção extrapola os padrões formais/estruturais da linguística das línguas de sinais. Os surdos em suas produções poéticas, de acordo com Morgado (2011), apresentam recursos específicos, características literárias específicas em seus poemas, pois em sua composição existe

modificação de sinais, variação de sinais, utilização de componentes não-manuais (expressão corporal e facial), uso de classificadores, recorrência a metáforas, interiorização de personagens com suas características, mudança de papéis para representar diferentes personagens ou situações (MORGADO, 2011, p. 62).

Essa particularidade específica das línguas de sinais, mais precisamente nas produções poéticas sinalizadas pelos surdos, abre possibilidade para um novo modo de fazer arte. Além de potencializar⁴ sua expressão literária e criativa, pode também ampliar a concepção de Literatura, não pensada apenas em sua possibilidade de produção por meio de uma língua oral. Esse novo modo de materializar sentidos pela/por meio da Literatura Surda gera diversas maneiras de navegar em uma outra forma cultural. Observar e compreender esses fenômenos é dar visibilidade a esses sujeitos que historicamente não eram vistos e aceitos nesse espaço de arte e literatura.

É interessante discutirmos o papel que os estudos literários surdos têm tido na compreensão dos estudos sobre a poesia surda, uma discursividade apresentada por sua produção, circulação e ampliadas social e academicamente. Os poemas em Libras “expressam e refletem a identidade surda da comunidade. Estudos da poesia em Libras mostram que essa é uma forma de arte com regras e padrões próprios que está crescendo e mudando rapidamente” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 78).

4 - Seguindo o pensamento de Karnopp e Bosse (2018, p. 126), “[...] produzir e fazer circular poemas em língua de sinais, marcadamente em um gênero poético, é um ato de empoderamento em si para as pessoas surdas, enquanto membros de uma minoria linguística”.

O processo de produção da poesia em Libras na/pela história passou por muitas modificações. As formas de registros dos surdos antes do advento tecnológico não as tornavam tão acessíveis quanto o são hoje. Na conjuntura das décadas de 80 e 90, no Brasil, os surdos, para poderem produzir e registrar seus poemas, utilizavam-se da língua portuguesa em sua modalidade escrita. Com a prática e o avanço tecnológico, lentamente a situação foi mudando: “alguns surdos começaram a apresentar poemas em Libras, através de traduções de poemas escritos. Posteriormente começaram a produzir poesias em Libras, o que era inédito para nós, surdos brasileiros” (SILVEIRA; KARNOPP, 2013, p. 5). Os poemas passaram a ser registrados por meio de equipamentos de gravações⁵, celulares e filmadoras, gerando uma grande ruptura no processo de construção da Literatura Surda em território nacional.

Nesse meandro, Quadros (2019) aponta que as produções sinalizadas pelos surdos se constituem tanto como celebrações culturais, como também forma de resistência às diferentes maneiras de opressão e tentativas de normalização impostas a eles. É justamente pensando nessas produções que podemos afirmar que as experiências bilíngues dos surdos em muitos casos são proporcionadas pela esfera literária.

Pensando nas produções literárias surdas, tomando por empréstimo as formulações próprias aos Estudos Surdos, a poesia sinalizada se apresenta por meio de sinais que extrapolam os limites da língua, os autores surdos ultrapassam as formas possíveis dadas pela língua de sinais. As poesias em Libras, como diz Quadros (2019, p. 125), se desenvolvem como

produções dotadas de sofisticação e refinamento de elementos que podem aproximá-la da arte performática. Os poetas surdos elaboram os poemas combinando ideias com formas de sinais inovadoras. A comunidade valoriza produções altamente sofisticadas que apresentam as melhores formas da língua. A poesia em sinais se constitui no intuito de causar impacto por meio dos sentidos de forma altamente visual.

Como dito anteriormente, há vários anos, as poesias surdas se perdiam no tempo e espaço por falta de recursos tecnológicos para registrá-las, as formas de registro digital e impresso contribuíram grandemente para a criação de acervos poéticos. Sabemos que os recursos tecnológicos apresentam uma grande contribuição cultural e linguística para a Literatura Surda. Dessa forma, a poesia em sinais ganhou espaço e circulação com o advento desses meios, sobretudo no espaço das redes

5 - No Brasil, os primeiros poemas foram produzidos pelo ator surdo Nelson Pimenta, com registro em DVD em língua de sinais, assim como apresentações de poemas nos eventos, como os da poeta paranaense Rosani Suzin, no final da década 90 (SILVEIRA; KARNOPP, 2013).

e mídias sociais, pois essas permitiram publicações gratuitas e abertas de vídeos em Libras, potencializando alguns poetas e dando a eles maior visibilidade pelo grande número de visualizações e curtidas nesse espaço de produção. Dessa maneira, o resultado do poema “provoca sensações da audiência por meio de composição altamente complexa, ao mesmo tempo, bela” (QUADROS, 2019, p. 126). De acordo com Morgado (2011), os textos em poesia sinalizada são uma fonte rica de textos artísticos, visibilizando uma forma cultural.

A ANÁLISE DE DISCURSO MATERIALISTA

Os estudos em Análise de Discurso foram iniciados pelo filósofo francês Michel Pêcheux, na segunda metade do século passado, e foram desenvolvidos e ampliados no início dos anos 80 no cenário nacional pela professora e pesquisadora Eni Orlandi. A Análise de Discurso tem como pressuposto uma abordagem histórica, social, filosófica e linguística dos acontecimentos. Para Orlandi (2003), é preciso estudar os fatos considerando a exterioridade da linguagem. Nesse domínio disciplinar, as relações exteriores, tais como as marcas ideológicas e simbólicas materializadas na língua, tornam possíveis o funcionamento do discurso.

Sobre isso, Orlandi (2019, p. 41) destaca que “uma teoria que se constrói no entremeio é sujeita a formulações e reformulações contínuas [...] liga a linguagem a ideologia, colocando a questão da constituição do sujeito e da produção dos sentidos”. Seu princípio era colocar dentro dessas regiões do conhecimento questões delas para elas mesmas, além de repensar como a ideologia é materializada na/pela língua, afetando os sentidos e o sujeito descentrado, sem controle sobre o modo como essas questões o afetam. Nessa esteira, Orlandi (2003, p. 17) destaca que “não há discurso sem sujeito, não há sujeito sem ideologia”. Em vista disso, não há como não interpretar, a ideologia se materializa, toma forma pela língua e pelas condições que a constituem. Logo, esse campo investiga como os sentidos são produzidos pela língua por/para os sujeitos. Desta maneira, por meio da explicação de Orlandi (2003) podemos afirmar que a ideologia produz

evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência [...] é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer [...] não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido [...] pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade (ORLANDI, 2003, p. 46).

Em virtude disso, a ADM tem em sua base o conceito de ideologia desenvolvido por Althusser: a linguagem sendo materializada pelas formações ideológicas⁶, a ideologia vista como prática de linguagem, não como ocultação. Assim, a ideologia é a relação necessária entre linguagem e mundo, que se materializa na/pela língua, nas palavras dos sujeitos, cabendo à materialidade discursiva possibilitar, pela historicidade, esse espaço de constituição, formulação, ruptura e deslocamento. Orlandi afirma, em sua obra *Análise de discurso: princípios de procedimentos*, com primeira edição publicada em 2001, que o sujeito de linguagem é descentrado, clivado e assujeitado⁷ pelos processos ideológicos que o constituem, não tendo acesso ao que diz, enquanto posição sócio-histórica existente. Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Para Pêcheux (2015), só é possível compreender o funcionamento ideológico em termos de contradição e no funcionamento da língua na luta ideológica, uma vez que a produção discursiva pela linguagem na perspectiva da AD é entendida como um resultado do trabalho ideológico e não consciente. Por isso, a AD inclui o processo ideológico em suas análises, como a materialidade do discurso. Em vista disso, Pêcheux (2015) critica a superficialidade analítica da Linguística e das Ciências Sociais e se preocupa com os efeitos interpretativos que o dispositivo discursivo pode proporcionar, especificamente, quanto à possibilidade de compreensão dos sentidos produzidos pelos discursos, uma vez que

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (lexicosintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (PÊCHEUX, 1995, p. 53).

Nessa conjuntura, a linguística enquanto disciplina da linguagem, na sua constituição, abriu um caminho teórico diverso e marcou um novo terreno de investigação, colocando as Ciências da Linguagem dentro do campo científico. Contudo, a teoria discursiva se desloca da noção de estrutura, sistema fechado, a convenção social linguística extrínseca ao

6 - De acordo de Orlandi (2005), formações ideológicas são um conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais, que se relacionam às posições de classes em conflito umas com as outras.

7 - Michel Pêcheux (1995/2015) formula a noção de assujeitamento, tratando do sujeito descentrado e não origem de sentido, mas sim atravessado por diversas formações discursivas, filiadas a diferentes formações ideológicas. Um sujeito se sujeita à língua para ser sujeito dela.

sujeito postulada pelo Estruturalismo de Saussure e questiona o modo como o texto pode ser algo incompleto e construído por falhas (ORLANDI, 2005).

Na perspectiva da AD, o sujeito é incluído no jogo de sentidos, o sujeito que ocupa posições no espaço discursivo, interpelado pela ideologia a partir de conjunturas sócio-históricas diversas para produzir seus dizeres. Para Orlandi (2005, p. 20), o sujeito em AD passa a ser visto como sujeito da/pela linguagem, “descentrado e afetado pelo real da língua, e pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam”.

É justamente pela língua que os processos de significações ideológicas se tornam possíveis, isto é, a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência (FERREIRA, 2010). Segundo o fundador da área, Pêcheux (1995, p. 82), para esse domínio disciplinar “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”, é prática de linguagem, objeto histórico-ideológico, o qual só pode ser compreendido a partir da análise dos processos de produção. Pelo viés da ADM, os discursos não se originam nos dizeres dos sujeitos, só são retomados por eles. Nesse meandro, Pêcheux (1999) denominava a Memória Discursiva como

aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem estabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que a leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

Assim sendo, a memória discursiva retoma significados já produzidos e constituídos na língua e no discurso muito antes dos sujeitos os reproduzirem. Quando pensamos a significação da memória pelo discurso, Orlandi (2003, p. 31) acrescenta a essa discussão o ponto de que “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. Sendo assim, o sujeito na Análise de Discurso é inconsciente, múltiplo e determinado por posições. Orlandi (2003) nos diz que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer, o sujeito é aquele que ocupa um lugar, é “posição” entre outras para produzir seu dizer, posição essa que não lhe é acessível e que ele não tem acesso à sua exterioridade.

Nessa trama, a ideologia é parte da constituição do sujeito, ela dá condição para a produção do discurso, em outras palavras, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 17). Portanto, a proposta da AD é possibilitar o deslocamento da noção de

homem - indivíduo para o sujeito do discurso afetado pelo real da língua e o real da história, não tendo controle sobre o que os afetam.

Com base nesse movimento teórico apresentado, nos colocamos em posição de compreender, pelo viés da ADM, as possibilidades de leitura sobre o corpo, a língua e as condições sócio-históricas e ideológicas que atravessam o discurso literário surdo. O discurso em textos literários possibilita explorar os sentidos constituídos na língua e na história, não pensada como cronologia, mas sim em sua historicidade, nos fatos significados pela exterioridade.

DO PROCESSO METODOLÓGICO AO NOSSO ARQUIVO DE ANÁLISE

Na perspectiva que trabalhamos, o analista de discurso precisa saber que o opaco próprio à linguagem pode ser descrito e interpretado a partir de um dispositivo teórico-analítico. A abordagem de nosso trabalho é de caráter qualitativo-interpretativista, considerando que não há aplicação, cada análise é uma análise, cada material demanda a constituição de um dispositivo analítico diferenciado. Dito isso, a ADM não trabalha sob um viés quantitativo de dados e tão pouco uma leitura horizontal, automática e objetiva do arquivo.

Nesse prisma, um mesmo analista mobilizando conceitos diferentes, com relação a um mesmo material, pode proceder a diferentes compreensões por meio do dispositivo analítico. Na Análise de Discurso, “a linguagem não é transparente, e interpretar não é atribuir sentidos, mas expor-se à opacidade do texto, ou seja, é explicitar como um objeto simbólico produz sentidos” (ORLANDI, 2017, p. 28).

Desse modo, compreendemos que o processo metodológico da AD não se encontra pronto ou acabado, está sempre em processo de desenvolvimento. Em nossa área, há um movimento peculiar do objeto com a teoria. Na ADM, o dispositivo metodológico “está em constante reconfiguração, construindo e reconstruindo o seu dispositivo experimental” (PETRI, 2013, p. 41), não se limita apenas ao que está posto, dado na superfície material.

Uma das noções primordiais discutidas no domínio do processo metodológico da ADM é a noção de arquivo. Nessa perspectiva, ler um arquivo é ir além de uma simples análise textual, é trabalhar com sua constante mudança e construção, possibilitando diversas maneiras de significar. Trabalhar com a noção de arquivo é sair da evidência da transparência da linguagem. Dias (2015, p. 973), em *Análise do discurso*

digital, destaca que a materialidade do arquivo, portanto, “é aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro, que faz com que ao se deparar com ele, o sujeito o recorte de maneira x e não y. Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade”.

Diante disso, selecionamos, como material de análise, 2 (duas) poesias em Libras gravadas e postadas na mídia pessoal do poeta Edvaldo Carmo dos Santos. As poesias selecionadas foram: *Você pode eu não posso?* E *Muita originalidade com suas tranças*. Com 35 anos e mais conhecido pela esfera artística e literária como *Edinho Poesia*, esse sujeito produz vídeos em suas redes sociais (YouTube, Instagram) visando difundir sua cultura e identidade própria, por meio de versos contemplando sua capacidade expressiva corporal e visual em Libras.

O perfil intitulado como *@edinhopoesia* possui registro da primeira publicação em 17 de setembro de 2018 e atualmente tem 248 vídeos e imagens em seu *feed*⁸. O grande número de seguidores (aproximadamente 12.600 pessoas que acompanham o trabalho do artista surdo) corrobora nosso interesse em analisar discursivamente suas produções. É fundamental dizermos que a escolha desse sujeito para a realização da pesquisa se deu pelo fato deste se constituir como uma figura importante e ativa na comunidade surda⁹.

COMPREENSÕES SOBRE NOSSO ARQUIVO DISCURSIVO

Como diz Orlandi (2003), as condições de produção são fatos importantes para a determinação dos funcionamentos simbólicos no discurso. Correspondendo, sobretudo, aos sujeitos e à situação (em) que são inscritos. As condições de produção, segundo a autora, podem ser pensadas a partir do nível estrito, conhecidas como circunstâncias da enunciação, isto é, o contexto imediato; e as do sentido amplo, as condições sócio-históricas e ideológicas que estão em funcionamento no discurso produzido. Diante desse movimento teórico, podemos inicialmente apresentar as condições de produção de nosso material.

As temáticas trabalhadas por Edinho nos vídeos selecionados para as análises são sobre surdez, língua de sinais, cultura surda e principalmente sobre arte e resistência como mecanismo de luta e ocupação. Edinho é

8 - O *feed* do Instagram “é o lugar em que você compartilha e se conecta com as pessoas e mostra aos seus seguidores o que é importante para você [...] é uma das primeiras coisas que um visitante vê quando entra no seu perfil”. Disponível em <<https://www.mafiadomarketing.com.br/blog/feed-do-instagram/>>. Acesso em 01.ago.2021.

9 - Assumimos como comunidade surda, o conjunto de pessoas surdas, seus familiares, tradutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais e demais pessoas que trabalham ou socializam com pessoas surdas, inseridas num grupo que compartilha linguística e culturalmente a Libras.

um militante e divulgador da Literatura Surda. Além de ter trabalhos produzidos que vêm circulando há anos, traz conteúdos que versam sobre sua identidade surda, negra e periférica, como também sobre o ensino da língua de sinais como meio de comunicação e expressão.

É interessante salientar que o trabalho de Edinho repercute nacionalmente como sendo a produção de um sujeito que rompeu com o imaginário de não-possibilidade de arte produzida por um sujeito negro e surdo. Esse sujeito participou de programa nacional e eventos de poesia surda em várias regiões do Brasil, além de que ocupou e ocupa um lugar de destaque dentro dos estudos surdos e literários. Isto posto, em nosso movimento de análise, remontamos ao vídeo intitulado *Você pode eu não posso?*, produzido e publicado em 2 de maio de 2020 no Instagram do autor Edvaldo Santos.

Nesse meio de divulgação, em formato de poesia falada¹⁰ pertencente ao estilo de produção *Slam*¹¹, o vídeo possui atualmente 8.347 visualizações. As imagens do vídeo foram registradas pelo público que assistia à apresentação do poeta surdo em um evento cultural desenvolvido em São Paulo pelo grupo de poesia ZAP! Slam. Inspirado em movimentos artísticos norte-americanos, o ZAP (Zona Autônoma da Palavra), criado no Brasil em 2008 pela artista Roberta Estrela D'Alva¹², tem como objetivo proporcionar aos poetas um movimento de criação de literatura e ocupar os grandes centros periféricos da Cidade de São Paulo. Esse grupo cultural desenvolve um espaço de produção cultural e de competição literária que oportuniza a dança, gestos, palavra e sentidos construírem a liberdade pela poesia periférica.

10 - O termo *poesia falada* se refere à produção oral, podendo ser realizada por meio do canal oral auditivo ou gestual visual, tanto em português como em língua de sinais.

11 - De acordo com Barbosa (2019, p. 1), "O *Slam* pode ser compreendido como um fenômeno social, cultural e artístico que reúne juventude, poesia autoral e performance em competições ou "batalhas" poéticas que têm se propagado pelo Brasil nos últimos onze anos. As rodas de poesia são frequentadas por um público jovem e protagonizadas por *slammers* (como são denominados os poetas do Slam) que ocupam ruas, praças e pontos de cultura para apresentar poesias que versam sobre temas de seu cotidiano e da atualidade".

12 - Além de atriz, poetisa, música e apresentadora do programa *Manos* e Minas, na Tv Cultura, Estrela D'Alva também divide seu tempo como mestre de cerimônias e organizadora do ZAP! Slam, a primeira batalha de poesias do Brasil. Roberta conheceu a modalidade através de vídeos, mas foi durante uma viagem aos Estados Unidos, há quase dez anos, que ela se aprofundou no tema. Ao voltar, sentindo a falta de um movimento como o que acabara de conhecer, decidiu criar o ZAP! Slam. Disponível em <<https://ponte.org/zap-slam-a-primeira-batalha-de-poesia-do-brasil/>>. Acesso em 21.nov.2021.

Figura 1: estrutura visual do poema *Você pode eu não posso?*



Fonte: https://www.instagram.com/p/B_tKb6YpYGN4I4E-Ifk1R8TqVPRes6ySe5GhmU0/

Sob tais condições de produção, a poesia sinalizada pelo autor se constitui a partir do plano que o estilo poético se apresenta, um estilo que determina um movimento de ritmo pela naturalidade, explorando a linguagem criativa. Esse sujeito diverso (LOPES, 2016) retoma a partir de suas produções memórias discursivas, questões periféricas e raciais. O espaço de construção e produção de arte e literatura que lhe fora historicamente negado passa a ser ocupado por novos sentidos, por sentidos que gritam por um novo lugar de significação para a literatura. Todas essas circunstâncias afetam o modo como o autor discursiviza para o público sua origem e todas as tentativas de taxaço e depreciação sofrida ao longo dos tempos. Com isso, o sujeito ocupa uma nova posição, não mais aquela que aceita e reproduz o discurso de normalização, mas sim uma que produz novos sentidos acerca da surdez e da língua de sinais. Assim, é por meio da poesia, como materialidade que significa pelo discurso, que o sujeito surdo produz e reproduz um novo olhar sobre sua língua e sua literatura.

O autor Edvaldo Santos, a partir de suas produções, constrói a imagem de um sujeito surdo que rompe com os padrões impostos pelas formações imaginárias e ideológicas que constituem a sociedade majoritariamente ouvinte. É justamente na busca de ruptura dessas significações que o poeta ocupa e apresenta a poesia surda. É pela memória discursiva que podemos acessar os efeitos de sentidos construídos nesse espaço de produção. Podemos compreender tais sentidos não só pela textualidade produzida em Libras, mas também pela projeção visual, espacial e do corpo do sujeito autor, que retomam a memória de um lugar de não ocupação, negado historicamente, que, a partir de tais produções, passa a se constituir também pela entrada do surdo, da Libras, de um novo modo de (se) significar.

Recorte 1: Poema “Você pode eu não posso?”

“Não pode, não pode, não pode...
Eu sou uma pessoa diferente, por que eu sou surdo?
E vocês são ouvintes que de tudo participam em qualquer lugar a
qualquer momento, tudo podem!
E eu não posso? Vocês acham que surdo não pode?
Vou lhes dizer: Me convida para dançar, eu danço!
Me convida para beber, eu bebo!
Me convida para ouvir música em uma festa, mas não posso ouvir!
Meu corpo sente a vibração e sinto o som, e eu danço... [...]
Vocês acham que o surdo não pode? Não pode! Não pode! Não pode!
Tem curiosidade? Vem lutar comigo. Eu sou surdo e humano assim
como você. Obrigado, esqueçam do não pode”. (EDINHO, 2020).

Nesse recorte, observamos um jogo simbólico com a linguagem. Pensando a formulação “não pode”, vemos funcionar o olhar externo, do ouvinte, significando o sujeito surdo como um ser da ordem do anormal, da não possibilidade de realização de atividades básicas e cotidianas de seres humanos. É o lugar da falta, da ausência, sendo significado pelo não uso da modalidade oral auditiva. Ao final do recorte, o trecho “Eu sou surdo e humano assim como você” toca os sentidos de que o sujeito surdo, ainda que participante de uma outra comunidade linguística, é tão humano quanto o ouvinte, buscando o rompimento de imaginários que circulam socialmente e que significam o surdo, desde os primórdios, como alguém que deveria estar alijado de todos os processos sociais já que a ausência da língua oral afetaria sua existência como um todo.

Trazendo à baila o segundo vídeo selecionado, *Muita originalidade com suas tranças*, publicado em agosto de 2018, devemos apontar que o contexto do processo de pré-eleições presidenciais para a República Brasileira lhe é constitutivo. Nesse momento, muitas discussões sobre racismo, misoginia e pessoas com deficiências passaram a compor as

injunções sócio-histórico-ideológicas, sendo significadas a partir de polos bastante polarizados.

Recorte 2: Poema “Muita originalidade com suas tranças”

“Tranças, tranças, tranças muita força.
Muita originalidade e força em todos as pessoas com tranças, muita
força!
Para todas as pessoas que valorizam a força da raça negra, vivam aqui
a negritude.
A minha negritude surda, resistência.” (EDINHO, 2018).

Importa apontar, ainda, uma diferença constitutiva entre os vídeos selecionados para essa análise: o vídeo 1 é produzido no espaço de competição em *slam* nas batalhas de poesia, em condições regradas pelos ditames da disputa, enquanto o vídeo 2 não se inscreve nas mesmas condições.

No Recorte 2, questões de força e resistência do povo negro são retomadas. O sujeito que enuncia a partir de condições de produção que polarizam sujeitos brancos e negros se inscreve em uma formação discursiva que retoma a questão da força e resistência simbolizada pelas tranças em *black power*, *tranças nagô*, *box braids*, *dreadlocks* e outros penteados que fazem referência às diversas formas de tradição e cultura africana.

O corpo negro, significado a partir de formulações próprias a formações discursivas normatizadoras, homogêneas e pautadas em princípios etnocêntricos que marcam a branquitude como única significação possível, produz sentidos que depreciam e marginalizam o corpo, o sujeito negro em sociedade. Num movimento de oposição, vemos funcionar, no recorte acima, sentidos que (re)afirmam a cultura e a identidade negra. As noções de “força” e “resistência” atribuídas aos sujeitos negros, por Edinho, retomam todo o vigor do povo negro na relação com as opressões, aos castigos e as marginalizações sofridas ao longo das eras ao redor do mundo.

Esse sujeito negro e surdo, enunciando a partir dessa posição, materializa, por meio de sua poesia, significações possíveis para surdez e negritude. Como diz Orlandi (2003), os sentidos das palavras não estão nelas mesmas, mas sim nas relações que elas estabelecem no mundo em que se inscrevem. O que há nesse processo de construção de sentidos é a repetição, sobretudo a que ressoa para novas possibilidades de leitura e interpretação. Esse sujeito se torna sujeito pela língua e os dizeres são retomados, (re)atualizados pelo discurso, apontando para a possibilidade de sentidos que toquem a presença do povo negro em sociedade, sua força (para a luta nos mais diversos fronts), seu lugar de beleza negra, da valorização de suas características biopsíquicas e das tradições, dos já-ditos sobre um povo.

Figura 2: estrutura visual do poema *Muita originalidade com suas tranças*



Fonte: https://www.instagram.com/p/Bog5Np_na9Nu-qqUAKLeDq4_pVZne1SftjJYmQ0/?utm_medium=copy_link

Nesse vídeo autoral, o autor surdo, além de produzir efeitos de sentido sobre a negritude e a resistência, marca no fio discursivo a questão da língua de sinais e da surdez. Ao finalizar com “A minha negritude surda, resistência...”, o autor acresce às noções de força e resistência negras a questão da surdez, um outro polo de significação que traz consigo um turbilhão de efeitos de sentido que agregam força e resistência face às agruras sofridas pelos surdos em sociedade.

Conforme Orlandi (2003, p. 67), “as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis”. Nesse recorte, o sujeito diverso desloca-se de dizeres pré-construídos para afirmar seu espaço, sua cultura e sua língua. Por meio de sua poesia, no real da história, se coloca em posição de falar sobre negritude e, ao mesmo tempo, de uma identidade que além de negra é surda, marcando a entrada dos corpos negros e surdos como algo da ordem do possível na literatura; um corpo negro surdo, em sua posição discursiva, ocupando o simbólico, produzindo sentidos sobre a valorização da sua diversidade étnica e linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura e a Análise de Discurso são áreas que dialogam no que diz respeito ao estudo da linguagem e ao uso dela para significar e produzir sentidos. Estudar a literatura é estar mergulhado em um vasto campo de significados, em que a língua e a história possibilitam a constituição, a manutenção e o deslocamento de discursos. É justamente a circulação desses textos literários em meios sociais que faz reproduzir marcas de um determinado ambiente, uma determinada época, determinadas posições-sujeito, determinados imaginários, trazendo em si os processos discursivos instaurados em uma sociedade.

Constituído nosso material de análise, nos colocamos em posição de escuta quanto às produções de sentido pelo surdo e sobre o surdo em sua literatura. Pensando no primeiro recorte, observamos que o sujeito surdo ocupa um novo lugar na divisão social de leitura, não mais o lugar que aceita e reproduz o discurso de normalização, mas sim um que produz novos sentidos acerca da surdez e da língua de sinais. No segundo movimento analítico, compreendemos que o autor enuncia a partir da conjunção das posições de negro e surdo, valorizando a diversidade étnica e linguística, que há muito vem sendo significada num lugar outro que não o de reconhecimento e enaltecimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Liége. Movimento Slam no Brasil e no RS: origens, características e dinâmicas das batalhas poéticas de juventude. In: **Anais do VIIIº Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / Vº Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**. Canoas: PPGEDU, 2019. Disponível em: <https://www.2019.sbece.com.br/site/anais2?AREA=13>. Acesso em: 27 dez. 2020.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set.-dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudoslinguisticos/article/viewFile/1030/611>. Acesso em: 13/10/2021.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**: Rio Grande do Sul, v.24, nº 48, Jan-Jun 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker; BOSSE, Renata Heinzemann. Mãos que dançam e traduzem: poemas em língua brasileira de sinais. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 54, p. 123-141, maio/ago.2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000200123&lang=py Acesso em: 8 jun. 2021.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Licenciatura em Letras Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2008.

LOPES, Maraisa. O sujeito surdo e a Literatura Surda: Sentidos possíveis. In: COSTA, Greciely Cristina da; CHIARETTI, Paula (orgs). **Arte e Diversidade**. v.3. Campinas-SP: Pontes Editores, 2016.

MORGADO, Marta. **Literatura das Línguas Gestuais**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Prefácio da edição francesa. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. Tradução: Eni Puccinelli. Orlandi e Greciely Costa.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P; LAGAZZI RODRIGUES, Susy (org.) **Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade**. Pontes Editores, 2017: Campinas, SP. 3ª Edição.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Entrevista com Eni Orlandi. In: OLIVEIRA, G. A. de; NOGUEIRA, L. (Orgs.). **Encontros na análise de discurso: efeitos de sentidos entre continentes**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi et al. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O papel da memória**. Trad. José Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: **Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. (org.) Verli Petri e Cristiane Dias – Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. (p. 25-48).

QUADROS, Ronice Müller. de. **Linguística para o ensino superior**. Editores Científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr, - 1 ed.- São Paulo: Parábola, 2019.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda: Análise introdutória de poemas em Libras. **Nonada: Letras em Revista [Online]**. 2013, 2 (21), Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451671013> Acesso em: 1 de jul. 2021.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Tradução de Gustavo Gusmão. Edição. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

QUESTÕES CONTEXTUAIS NA ANÁLISE DE GÊNEROS: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E ANALÍTICA¹

John Hélio Porangaba de Oliveira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se fala e se escreve sobre ‘gêneros acadêmicos’ a construção de sentido está baseada no contexto em que os processos e as produções de gêneros acontecem. No(s) contexto(s) acadêmico(s), essas produções se realizam sob a compreensão de regras e normas, valores e ideologias tanto gerais quanto específicas, desenvolvendo o jogo de linguagem da ciência e domínio científico (WITTGENSTEIN, 1968; HOFFNAGEL, 2010; BEZERRA, 2012).

Os estudos de gêneros desse âmbito contextual observam as práticas culturais e sociais na dependência de compreensão dos contextos gerais e específicos (SWALES, 2004; STREET, 2010; 2011; MCGRATH; KAUFHOLD, 2016; OLIVEIRA, 2017). Um conjunto de práticas sociais em uma determinada cultura auxilia e ajuda, ou pode interferir, na produção dos gêneros acadêmicos, integrando a natureza das interações dos participantes e seus processos de interpretação sobre leitura e escrita nas práticas comunicativas em domínios de ideologias guiadas.

A ênfase na significação do contexto, na análise de gêneros e para ela, representa uma questão de necessidades de aprendizagem e comunicação, aqui especificamente vinculada com a abordagem de estudos do *English for Specific Purposes* – ESP. Esta referência consiste na atenção para o modo como as coisas são feitas, por que são feitas, o que significam para um determinado momento e por que não produzem o mesmo significado para outro momento quando um gênero específico é objeto de discussão. O gênero resumo, em Oliveira (2017; 2019; 2020), por exemplo, desenvolve ações gerais e específicas de resumir. Na relação com cada momento do contexto de produção, o resumo pode ser observado com uma variação terminológica. Neste trabalho, temos o objetivo de apresentar a questão

1 - Este trabalho consiste em uma reflexão acerca da experiência com a pesquisa de doutorado, ainda em processo de finalização, sobre resumos e contexto de circulação. Além disso, é resultado de discussões apresentadas em sala de aula, do primeiro curso intitulado “Metodologia Sociorretórica para Análise de Gêneros” da UNICAP, respondendo ao convite para diálogo e relato de pesquisa do professor Dr. Benedito Gomes Bezerra, no segundo semestre de 2021. Responde, ainda, ao convite de participação do conjunto de trabalhos que este livro apresenta.

do contexto na análise de resumo, considerando observações nos gêneros orientacionais de produção nos eventos acadêmicos ABRALIN, SIMELP e SIGET realizados no ano de 2019.

A metodologia empregada neste trabalho consiste no estudo textográfico em que olhamos para dimensões contextuais situando: comunidade discursiva acadêmica – CDA; área disciplinar de linguística e literatura; e três eventos acadêmicos realizados na mesma área. No procedimento de análise, observamos os gêneros orientacionais da produção de resumos. Especificamente, olhamos para informações que auxiliam na compreensão da realidade do resumo de eventos acadêmicos enquanto reflexos sistemáticos da linguagem do ambiente externo e interno da produção.

Para realização deste trabalho, organizamos, além destas considerações iniciais, três tópicos centrais. No primeiro tópico, dividido em três momentos, apresentamos um panorama da contextualização do discurso, nos estudos de gêneros de abordagem do ESP, uma metodologia textográfica como método de pesquisa e conceituação teórica do termo contexto. No segundo tópico, apresentamos uma análise textográfica, olhando para as relações de três contextos em que uma variedade de resumo foi produzida. E, por fim, no terceiro tópico, dividido em discussões e considerações finais, apresentamos uma reflexão acerca dos resultados da análise textográfica em relação com as questões contextuais na análise de gêneros.

COMUNIDADE DISCURSIVA E CONTEXTO

O processo de desenvolvimento da ciência linguística partiu das iniciais compreensões microlinguísticas centradas no signo, no significado e significante da palavra, da frase e do texto. Em sequência, se expandiu com a inserção de uma compreensão macrolinguística centrada no entorno e relações contextuais das produções de sentido dos textos e dos discursos (MUSSALIM; BENTES, 2001; WEEDWOOD, 2002; FIORIN, 2003; 2013).

A partir de 1919 e principalmente após a segunda guerra mundial, houve uma espécie de empoderamento da língua inglesa em relação ao mundo científico, ao mundo das tecnologias e ao mundo do comércio. Desenvolveu-se, então, uma abordagem de estudo denominada ESP (*English for Specific Purposes*) com foco nas necessidades de aprendizagem e comunicação das pessoas para atender as necessidades contextuais. O escopo dessa abordagem é o *Specific Purposes* em que se observa a identidade do contexto, como ele funciona, como as pessoas trabalham, o que fazem ou precisam fazer e qual o significado de suas produções nos ambientes específicos (HUTCHINSON; WATERS, 1987).

A partir do escopo do ESP surge o *English for Academic Purposes* – EAP, indicando um olhar específico para o propósito do contexto ou *Academic Purposes*. Nesse sentido, Swales (1987; 1988; 1990) observa a necessidade de compreensão e identificação desse contexto, separando noções gerais relacionadas aos aspectos antropológicos da etnografia e sociolinguísticos da fala e do discurso que circulavam na autoria de Gumperz, Hymes e Labov, dentre outros. Swales (1988) relatou que essas noções são distintas, compreendendo, ainda, que uma noção pode levar a outra, mas que elas não são correspondentes uma da outra. Desse modo, Swales justificou que:

a construção sociolinguística tem muito de “comunidade” ou “comunhão” e não é suficiente de “discurso” para o meu objetivo atual. De alguma maneira obscura, mas poderosa, em uma comunidade de fala, a comunidade cria o discurso, enquanto em uma comunidade de discurso, o discurso cria a comunidade (SWALES, 1988, p. 211-212).

Swales (1990) retoma o panorama de distinção entre comunidade de fala – CF e CDA. Ele destaca o entendimento de que a primeira abrange apenas os estudos da composição da fala, de modo temporal em uma unidade da grande variedade de línguas (idiomas, nação, região, estado ou cidade ou outras delimitações), além de restrita como um grupo homogêneo de pessoas que compartilham aspectos sociolinguísticos de necessidades de socialização e cultura. Sobre CDA, Swales (1990) destaca o entendimento de que esta é atemporal, pois as pessoas são separadas por grupos sociorretóricos, grupos ocupacionais ou de interesse específico. Esses grupos são compreendidos como heterogêneos e amplos, tendo como base de estudo a composição dos discursos escritos e posteriores relações entre fala e escrita nesse contexto.

Especificamente, enquanto a CF consiste na identificação de aspectos temporais e locais em que a socialização ocorre por meio da fala, a CDA consiste na identificação de aspectos atemporais em que os grupos se comunicam sociorretoricamente de lugares distintos por meio da escrita. De acordo com Swales (1990), a CDA tem um viés funcional, ocupacional e recreativo em que as pessoas ou membros podem ter diferentes idiomas e religiões, pertencendo a diversas etnias e grupos sociais.

Nesse sentido, Swales (1990) sugeriu e desenvolveu seis critérios de identificação da CDA: 1) objetivos comuns; 2) mecanismos participativos; 3) troca de informações; 4) gêneros específicos da comunidade; 5) terminologia altamente especializada; e 6) distintos membros com um alto nível geral de especialização. A partir de 1990, esses critérios ou aspectos da

CDA vão tornar mais clara a compreensão da análise de gêneros, que surge nos anos 1970 e 1980 (KANOKSILAPATHAM, 2007).

Muitos estudos, como os de Pimenta (2007), Vieira (2018), Araújo, Sousa e Cavalcanti (2020), por exemplo, realizam identificações contextuais a partir desses seis critérios de CDA. No entanto, Swales ampliou o número de critérios de identificação da CDA, inicialmente com seis (SWALES, 1987; 1988; 1990; 2009 [1992]) para atuais oito critérios (SWALES, 1998; 2016).

Essa ampliação de seis para oito critérios surge, por Swales, a partir da criação e desenvolvimento de uma metodologia particular, conforme apresentada a seguir.

INTRODUÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA METODOLOGIA TEXTOGRÁFICA

Para o entendimento do contexto acadêmico, enquanto CDA que o discurso cria a comunidade, Swales desenvolveu o método textográfico, apropriado para essa finalidade de compreensão. No entanto, no contexto brasileiro, temos poucos conhecimentos acerca dessa metodologia, em um levantamento da literatura sobre o assunto, por meio da entrada terminológica ‘metodologia textográfica’ no google acadêmico, encontramos, no título, apenas um documento fazendo referência para esse método de estudo em Souza (2011). Outros estudos em referência para esse método são escritos em língua inglesa.

Essa metodologia é apresentada como um projeto de pesquisa piloto, inicialmente em Swales e Luebs (1995). Os autores apresentam: 1) a justificativa do trabalho; 2) a escolha do contexto local de pesquisa; 3) relatos de resultados e discussões preliminares acerca dos aspectos contextuais; e 4) uma revisão do neologismo ‘textografia’ focando na análise dos textos em si. Eles desenvolvem a seguinte compreensão.

O Projeto oferece, portanto, um estudo local de três associações de comunidades de texto. Chamamos isso de “textografia” para indicar, por um lado, que é algo mais do que um discurso tradicional ou análise retórica, enquanto, por outro, que é algo menos que uma etnografia completa e rigorosa, como pode ser representado por, digamos, Knorr-Cetina (1981), Heath (1983) ou Traweek (1988). Em Gunnarson (1994) também é um estudo do local, mas aí a ênfase está nas redes sociais que evoluem na produção de documentos dentro de um departamento administrativo, enquanto aqui a ênfase é colocada mais na evolução sócio histórica de gêneros e tipos de documentos em unidades diferentes. Vemos os dois modos de investigação como altamente complementares e nada antagônicos (SWALES; LUEBS, 1995, p. 12).

Além disso, os autores desenvolvem a sugestão metodológica explicando que “a textografia, como a imaginamos, incentiva uma dobradura de contextos sócio históricos, institucionais e individuais, portanto, pode fornecer uma base mais situada para escolhas de linguagens compreensíveis” (SWALES; LUEBS, 1995, p. 27). Em *Other floors, other voices: a textography of a small university Building*, de Swales (1998), o método textográfico é significado como um tipo de estudo que se situa entre análise de gêneros e pesquisa etnográfica, maior que a primeira e menor que a segunda.

Em uma síntese a partir de Swales e Luebs (1995) e Swales (1998), na metodologia textográfica se observam valores globais e valores locais da produção de textos, tarefas e atividades (gêneros específicos). Se observa os grupos sociorretóricos nas diferenças em que se destaca as relações silenciais e expectativas de produção de gêneros. Nesse sentido, o pesquisador olha para: 1) o texto; 2) o contexto; 3) noções contextuais de modo global; 4) noções contextuais de modo local; 5) variação disciplinar; e 6) diferenças ocupacionais. Swales e Luebs (1995) observam que os textos explorados podem ter muita interpretação deles como “textografos”, revelando uma estratégia complexa em que a realidade desses textos é apenas parcial e não um reflexo objetivo.

O procedimento da metodologia textográfica, inter-relacionado com a análise de gêneros, ocorre nas seguintes perspectivas de centralidade: 1) nas formas textuais (linguísticas e retóricas [meta-discursivas e meta-textuais]) e nos sistemas de textos como formas de vida da cultura acadêmica de cada área disciplinar; 2) nas entrevista e na descrição de: a) aspectos individuais de tarefas e experiências das pessoas dos grupos sociorretóricos do contexto local, bem como o espaço de produção textual, socialmente situando as particularidades referenciais da história e da estrutura situacional e física; b) aspectos discursivos de semelhanças e diferenças contextuais de convenção de produção entre CDA local e global, por um lado, e semelhanças e diferenças contextuais, localmente situadas, de cada área disciplinar acerca do que cada área permite, restringe ou especifica acerca da produção de gêneros.

O desenvolvimento e aplicação, que Swales (1998) realizou, com essa metodologia textográfica, enquanto uma análise de gêneros com atenção para o contexto, ampliou a compreensão acerca dos critérios de CDA. Essa ampliação na identificação da CDA é observada em Swales (1998) como uma abrangência e superação do significado dos critérios existentes, já em Swales (2016) ele eleva o conhecimento existente acerca de seis critérios para oito critérios, conforme apresentado a seguir.

REPENSANDO OS CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO DA CDA A PARTIR DA “TEXTOGRAFIA”

Swales (1998), interessado nos estudos do discurso e retórica acadêmica e profissional (contextual), explorou a importância e os problemas da construção conceitual. Essa construção conceitual, relacionada aos conhecimentos e experiências prévias, envolve a organização de uma comunidade discursiva a partir dos discursos que a criam como tal. Swales revisou os critérios que constituem a CDA a partir do problema da variedade terminológica de múltipla significação: 1) comunidade disciplinar; 2) comunidade comunicativa; 3) comunidade retórica; e 5) comunidade de prática.

Ao perceber a necessidade de revisar o conceito sobre CDA, Swales (1998) aplicou o método textográfico, observando a dobradura de contextos em relação com a variável terminológica. Ele encontrou uma compreensão específica que denominou como CDA local, separando do seu conceito geral sobre CDA em que descreveu sob a denominação de CDA global. Ele, então, destacou o seguinte entendimento:

As comunidades discursivas locais são grupos de leitores e escritores que costumam trabalhar juntos em empresas, faculdades, departamentos, bairros, agências governamentais ou outros grupos definidos por características demográficas específicas.

As comunidades discursivas globais, em contraste, são grupos de escritores e leitores definidos exclusivamente por um compromisso com determinados tipos de ação e discurso, independentemente de onde e com quem trabalhem (SWALES, 1998, p. 201).

Nesse momento, Swales apenas apresentou discussões sobre a aplicação dos seis critérios de identificação da CDA, observando e comparando ações de três grupos socioretóricos, suas práticas, formas comunicativas, tarefas textuais e particularidade disciplinar, com base na metodologia textográfica. Ele, então, desenvolveu a compreensão, citada anteriormente, de que esses três grupos constituem uma CDA local em relação com a CDA global. Além disso, observou que cada grupo possui relações silenciais e expectativas de produção. Mas, somente em Swales (2016) é que temos diretamente uma revisão descritiva com oito critérios de identificação da CDA, separando esses dois aspectos – antes diluídos nos seis critérios. Nesse novo momento, Swales situa a CDA como folocal, juntando características focais de produção/práticas de gêneros e locais de organização retórica da CDA, conforme sintetizamos a seguir, constituída por:

1) Um conjunto de objetivos comuns potencialmente detectáveis, consensuais ou separados em que se reconhece que a CDA não é

necessariamente utópica em sua essência e que pode florescer independente de fixação de valores ou grupos de pressão;

2) Mecanismos participativos que com o advento das tecnologias digitais da informação e comunicação permitem diferentes formas de intercomunicação;

3) Troca de informações adicionando-se gerenciamento para iniciar ações dos membros;

4) Uma seleção em evolução de gêneros úteis de maneiras diferentes, particulares à CDA;

5) Uma terminologia específica em contínuo refinamento de abreviações e atalhos reconhecidos por seus membros, além de vários tipos de códigos;

6) Um alto nível de membros com especialização hierárquica explícita ou implícita no gerenciamento dos processos de entrada e avanço dos membros;

7) Um senso de relações silenciais sobre coisas que não precisam ser ditas ou explicadas;

8) Horizontes de expectativa, ritmos definidos de atividade, um senso de sua história e sistemas de valores para o que é bom e menos bom.

Esses oito critérios qualificam o *status* de CDA e são úteis como configuração, e descrição do que podemos pensar sobre as relações entre escritor, público de recepção e gêneros específicos (SWALES, 2016). Embora esses oito critérios de identificação da CDA desenvolvam uma noção acerca do contexto de estudo, produção e análise de gêneros na abordagem do ESP, eles não significam um conceito teórico para o que é contexto. Os contextos são muitos e tanto a CDA global quanto a CDA local são representações contextuais gerais para registrar um entendimento acerca da situação de circulação, produção e uso de determinados gêneros que organizam a CDA. No entanto, podemos encontrar o conceito teórico para esse termo em Van Dijk (2012), a partir do quadro teórico-metodológico de abordagem sociocognitiva, apresentado a seguir.

A SIGNIFICAÇÃO DO CONTEXTO ENQUANTO TEORIA DE BASE SOCIOCOGNITIVA

Em Bawarshi e Reiff (2013, p. 64) a abordagem do ESP “define contexto “de modo mais específico (que Swales inicialmente chamou de “comunidade discursiva”), nos quais os propósitos comunicativos dos gêneros são específicos e atribuíveis”. Bawarshi e Reiff realizam esse entendimento a partir de uma comparação do sentido do contexto

específico no ESP com o sentido do contexto geral para a abordagem dos estudos de gêneros da Linguística Sistêmico-Funcional. Mas as noções de sentido do contexto não descrevem um conceito em si, apenas sinalizam diferentes perspectivas de estudo em que cada abordagem desenvolve sua própria concepção em relação com sua realidade contextual (geral ou específica) e objeto de estudo.

A partir das ideais da linguística, da sociolinguística e da psicologia cognitiva, Van Dijk (2012) concebeu o termo contexto, de modo teórico, como modelos mentais. Esse pressuposto de modelos mentais representa o modo como os sujeitos e participantes do contexto, socialmente situados, compreendem “o que é contexto e como ele se relaciona com o discurso” (VAN DIJK, 2012, p. 11). Além disso, Van Dijk (2012, p. 159) apresenta que a função do contexto consiste em um espaço de permissão e condicionamento da “produção e compreensão dos textos e da fala”.

Essa descrição do autor significa o entendimento de que existem gêneros orientacionais que servem como indicadores de como falar e escrever (agir social e linguisticamente de modo situado). Os sujeitos socialmente situados realizam suas produções textuais, tarefas e atividades sob regras e normas contextuais, seja por apreensão ou por orientação. Embora todos os gêneros sejam contextuais por se situarem em um ambiente de circulação, produção e uso, Van Dijk (2012) constrói a significação de uma estrutura do conhecimento e formas de organização do saber. Compreendemos isso na relação que Van Dijk (2012, p. 208-209) apresenta como “gêneros contextuais” e “gêneros discursivos”. De modo explicativo, podemos categorizar que temos:

1) nos gêneros contextuais as seguintes divisões de compreensão que situam a temporalidade centrada nos:

a) gêneros orientacionais indicando como os discursos precisam ser adequados e organizados na produção de gêneros específicos;

b) gêneros orientacionais apresentando e informando sobre o que é o determinado contexto, quais seus objetivos, história, o que faz ou precisa fazer, etc.;

c) gêneros específicos, produzidos exclusivamente para o determinado contexto, oferecendo uma particular construção de sentido em uma organização linguística, retórica e sociocognitiva temporalmente situados.

2) nos gêneros discursivos se compreende os discursos na atemporalidade, sem formas estruturais e determinações em modos

específicos de falar e escrever um discurso. Esses gêneros discursivos são referências de significação de algo sem restrição contextual.

Essa categorização do conhecimento tenta explicar o que Van Dijk (2012) está dizendo quando fala sobre a relação do contexto com o discurso, o local socialmente situado de onde os membros de uma comunidade discursiva está escrevendo ou falando. Nesse entendimento, a concepção teórica do contexto, enquanto modelos mentais de significação e sua compreensão na relação com o discurso, tem uma relevância centrada no gênero específico como unidade, como fragmento de uma interação e suas representações sociais. Esses aspectos de relevância caracterizam a construção de sentido para a denominação microlinguística e macrolinguística, situando a significação do que é o gênero muito maior que restrições textuais, discursivas e contextuais. Na unidade de representação para um protótipo de um gênero, específico e socialmente situado, podemos encontrar as marcas etnográficas, sociocognitivas, sociocríticas e linguístico/textuais (BHATIA, 2004). Essas marcas são deixadas pelas características dos modelos formais e modelos mentais que refletem as experiências, ideologias, crenças e valores dos sujeitos da produção socialmente situados em relação com o contexto.

Para os fins de uma compreensão acerca da realidade dos gêneros e sua relação com os contextos, apresentamos, a seguir, os resultados da aplicação da metodologia textográfica. Observamos, portanto, a variedade de contextos e de nomeações dos resumos, indicando relações sistemáticas da linguagem que se especificam momento a momento.

RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO MÉTODO TEXTOGRAFICO NOS EVENTOS ACADÊMICOS

Na análise dos gêneros orientacionais da produção de resumos e identificação de cada contexto de eventos acadêmicos, obtivemos uma compreensão de dimensões macrocontextuais e microcontextuais. Cada uma dessas dimensões pode ser dividida em duas categorias. A dimensão macrocontextual consiste na compreensão da CDA e da área disciplinar, ambas descritas, em geral, a partir de experiências do pesquisador. A dimensão microcontextual consiste na compreensão dos eventos acadêmicos e os simpósios temáticos, ambos situados e descritos, especificamente, a partir de variados gêneros orientacionais. Na Tabela 1, a seguir, podemos observar uma descrição desses contextos, sua identificação terminológica e perspectiva de regulamentação da produção dos resumos.

Tabela 1: Descrição explicativa das categorias contextuais

Dimensão	Contexto	Compreensão terminológica para o processo de produção
MACROCONTEXTO	CDA	Representa as instituições de ensino superior enquanto uma prática comunicativa da ciência. Seus materiais normativos da produção de resumos são a NBR 6028: 2021.
	Área disciplinar	Representa a área de linguística e literatura em que as orientações de produção variam de professor para professor. A variação pode estar relacionada com particulares conhecimentos de produção, caráter descritivo/informativo da função do resumo e características próprias do documento a que se resume.
MICROCONTEXTO	Evento acadêmico	ABRALIN, SIMELP e SIGET realizados no ano de 2019. Constituem uma variação contextual em que cada um apresenta suas próprias e adequadas normas, regras, valores e ideologias. Apresentam objetivos de socialização do conhecimento atual e descobertas de pesquisas prévias, atuais ou em desenvolvimento. São contextos estabelecidos historicamente e categorizados enquanto congresso internacional, simpósio mundial e simpósio internacional, respectivamente.
	Simpósio temático	Representa centralidade em determinados pontos de conhecimento e práticas ocupacionais com valores discursivos, retóricos e comunicativos específicos. As ocupações dos seus coordenadores e avaliadores dos resumos realizam particulares métodos de aceitação dos resumos. As aceitações podem estar relacionadas com o acolhimento de produções específicas e centradas no objetivo do simpósio temático ou em produções mais gerais centradas na abrangência do ponto de conhecimento.

Fonte: Elaboração do autor.

Ao analisar os gêneros orientacionais da produção dos resumos dos eventos acadêmicos, observamos que há uma variedade de resumos, com nomeações específicas, centrada na tarefa comunicativa. Vejamos na Tabela 2, a seguir, uma descrição explicativa dessa variedade de resumos e seus nomes, quem está autorizado para a produção deles e quais resumos são explicitamente orientados.

Tabela 2: Informações acerca da variedade de resumos de eventos acadêmicos

RESUMOS	Participantes autorizados para produção	Orientados explicitamente pelos contextos
Resumo de minicurso	Professores e pesquisadores doutores e pós-doutores	Apenas para ABRALIN
Resumo de oficina	Professores e pesquisadores doutores e pós-doutores	Apenas para ABRALIN
Resumo de mesa-redonda	Professores e pesquisadores doutores e pós-doutores	Não
Resumo de conferência	Professores e pesquisadores doutores e pós-doutores	Não
Resumo de Talks (palestras)	Professores e pesquisadores doutores e pós-doutores	Não
Resumo de Simpósio Temático (ST)	Professores e pesquisadores doutores e pós-doutores	Apenas para ABRALIN e SIGET
Resumo de comunicação oral	Professores de IES, pesquisadores, alunos de pós-graduação	Apenas ABRALIN e SIMELP
Resumo de comunicação em pôster	Professores de IES; pesquisadores; alunos de pós-graduação (lato sensu ou stricto sensu); alunos de graduação e professores de educação básica; professores e pesquisadores doutores e pós-doutores	Apenas ABRALIN e SIMELP
Resumo trabalho completo	Participantes nas diferentes modalidades de comunicação	Apenas ABRALIN e SIMELP

Fonte: Elaboração do autor.

Além dessas informações acerca da variedade de resumos, produtores e quais são orientados para sua produção, observamos que cada contexto específico (ABRALIN, SIMELP e SIGET) apresenta orientações próprias. Cada contexto adequa as orientações de produção conferindo um olhar local e um olhar global. Os eventos acadêmicos ABRALIN e SIMELP, enquanto congresso internacional e simpósio mundial, respectivamente, foram realizados no território brasileiro, apresentando suas próprias normas (locais de cultura linguística e normativa) de produção dos resumos. Já o evento acadêmico SIGET, enquanto simpósio internacional, realizado em território estrangeiro apresentou uma compreensão normativa global, especificando que cada contexto de cultura linguística deveria produzir os resumos a partir de seu sistema de norma nacional.

Na Tabela 3, a seguir, a descrição está voltada para as orientações de produção dos resumos, na variedade do resumo de comunicação oral e do resumo de trabalho completo, a partir dos gêneros orientacionais de cada evento acadêmico. Além disso, podemos observar a descrição do número de palavras do resumo e quantidade de palavras-chave que orientam para uma percepção acerca da variação normativa de cada evento acadêmico, para cada resumo específico. Ainda se observa a variação no modo de descrever o número de palavras, enquanto léxico ou terminologia específica.

Tabela 3: Orientação de produção de resumos em cada evento acadêmico

EVENTO ACADÊMICO ABRALIN			
Resumo	Estrutura tópica	Nº de palavras	Palavras-chave
Resumo de comunicação oral	Sem indicação	máximo 4000 caracteres	mínimo 3
Resumo de trabalho completo	Objetivo(s) da pesquisa, metodologia utilizada e principais resultados encontrados	150 a 250	entre 3 e 5
EVENTO ACADÊMICO SIMELP			
Resumo	Estrutura tópica	Nº de palavras	Palavras-chave
Resumo de comunicação oral	Objetivos, fundamentação, metodologia e discussão dos resultados parciais ou finais	200 a 300	mínimo 3
Resumo de trabalho completo	Sem indicação	150 a 250	entre 3 e 5

EVENTO ACADÊMICO SIGET			
Resumo	Estrutura tópica	Nº de palavras	Palavras-chave
Resumo de comunicação oral	Sem indicação Los trabajos deberán seguir la norma ABNT para el caso de los brasileños y para los demás casos, seguir APA	entre 300 e 400	entre 3 e 5
Resumo de trabalho completo	Sem indicação Los trabajos deberán seguir la norma ABNT para el caso de los brasileños y para los demás casos, seguir APA	150 a 250	además de 4 (cuatro) palabras-clave

Fonte: Elaboração nossa.

A descrição explicativa desses contextos e como eles orientam a produção de variados resumos, especificamente nos eventos acadêmicos, representa valores e comportamentos sociorretóricos acerca da natureza dos gêneros na relação com cada situação. A variedade de contextos e sua descrição de variados resumos permite observar a realidade dos discursos acadêmicos de modo amplo e nada convencional. No tópico a seguir, apresentaremos o significado desses achados nos gêneros orientacionais, que informam sobre a produção dos resumos de eventos acadêmicos.

O SIGNIFICADO DOS RESULTADOS ENQUANTO QUESTÕES CONTEXTUAIS NA ANÁLISE DE GÊNEROS

A análise dos gêneros orientacionais, tanto os que identificam o contexto, suas atividades e objetivos quanto os que orientam a organização composicional dos resumos, situam variados contextos e variados resumos, que de algum modo se inter-relacionam. Especificamente olhando para os eventos acadêmicos, a relação entre o contexto e o resumo é amplamente significativa para compreensão da natureza sistemática da linguagem. Mas parece que não há uma margem de entendimento para o fato de que cada resumo, nomeado especificamente, é único. Nos eventos acadêmicos ABRALIN e SIMELP, em relação com a Tabela 3, temos uma distinção em que se entende na restrição o número de palavras e palavras-chave dos resumos. No entanto, no SIGET isso é deixado para as experiências de produção do produtor do resumo em relação com as normas da cultura acadêmica. Especificamente no SIGET, podemos observar a dobradura de contextos da CDA local e CDA global.

É interessante notar que há diferenças e variação nos contextos em cada dimensão, conforme descrito na Tabela 1. Essas diferenças e variações constituem questões contextuais que alteram o significado da análise de gêneros se tomarmos valores genéricos centrados na relação com as categorias de CDA, área disciplinar e evento acadêmico. Dentro de cada categoria contextual, a exemplo da variação de eventos acadêmicos – nas tabelas 1, 2 e 3, a orientação de produção de resumo está relacionada com os simpósios temáticos específicos e instruções de como realizar a organização composicional, nos gêneros orientacionais.

A questão do contexto na análise de gêneros nos permite notar que os gêneros orientacionais se dividem naqueles especificamente informando sobre a organização, quantidade de palavras e quem pode produzir um determinado resumo, tornando perceptível as hierarquias dos membros e participantes da CDA. E naqueles mais gerais que relatam a história, objetivos, regulamentos de entrada dos participantes e submissão do resumo, programação do evento acadêmicos e suas atividades constituintes de cada contexto. Além dessa variedade de gêneros orientacionais podemos dá atenção para a variedade de resumos. O significado dessa variação, tanto do resumo quanto das orientações, ilustra a relação do contexto com o gênero específico (resumo) e a necessidade de aprendizagem e comunicação das formas organizacionais que são ajustadas a cada variação de evento acadêmico.

Como descrito na Tabela 2, uma análise do contexto, por meio de gêneros orientacionais, é possível mapear os resumos que variam em um mesmo ambiente e situá-los enquanto uma específica colônia de gêneros resumo (OLIVEIRA, 2017; 2020). Muitas são as nuances na construção de sentido do resumo que podem gerar conflitos na significação destes gêneros se não levadas em conta suas causas, condições e efeitos de produção no contexto específico.

Conforme verificamos nos resultados da análise textográfica, relatadas no tópico 2, os discursos naqueles gêneros orientacionais e nos resumos específicos identificam os contextos de evento acadêmico. Mas são os discursos científicos da CDA, acerca do comportamento linguístico e literário, que criam sua área disciplinar e, por sua vez, as necessidades de compartilhamento de pontos de conhecimento e pesquisas (que gera grupos de trabalho (comunicativos) ou simpósios temáticos), de pessoas de lugares distintos do Brasil e do mundo, que criam os eventos acadêmicos. Desse modo, as regras e normas, os valores e ideologias da CDA global se ajustam na realidade local enquanto área disciplinar e eventos acadêmicos.

Em observação para as análises e os resultados, cada macrocontexto e microcontexto, descrito na Tabela 1, situa objetivos comuns, mecanismos participativos, troca de informações, gêneros específicos, terminologia adequadas, profissionais com diferentes níveis de especialização, senso de relações silenciais e horizontes de expectativa. A identificação desses aspectos constitui a identidade da CDA ampliando ou delimitando as questões contextuais que interessam e são pertinentes na análise de gêneros. Com isso, interpretamos que os gêneros (textos/discursos) criam cada contexto com uma identidade única, muitas vezes, apenas, uma variação, no entanto, nada iguais, apenas semelhantes.

Essa interpretação abre espaço para novas investigações a fim de se buscar compreender: quais são os objetivos comuns de cada contexto, de sua variação ou dobradura de contextos? Quais são os mecanismos de participação (entrada e saída dos sujeitos enquanto produtores de gêneros específicos)? Quais são as informações que se troca nos ambientes contextuais (relações locais)? Quais são os gêneros gerais e específicos (suas variações e diferenças) que participam dos contextos? Quais são as terminologias adequadas ou que se adequam para cada variação e diferença contextual expressa na realização dos gêneros específicos de produção ou mesmo nos gêneros orientacionais ao indicarem aqueles que necessitam ser produzidos? Quais as relações entre os profissionais com diferentes níveis de especialização, suas produções de gêneros específicos, tarefas e atividades? Qual é o senso de relações silenciais, da produção dos gêneros pelos sujeitos nos diferentes níveis de especialização, desenvolvidas em cada situação contextual? E, quais são os horizontes de expectativas para as produções de gêneros, tarefas e atividades socialmente situadas que o contexto determina ou espera?

Esses questionamentos, diante dos aspectos de identificação da CDA, nos orientam para a necessidade de mais análises do contexto e sua relação com os gêneros específicos enquanto objeto de estudo principal. Além disso, podem significar orientações pedagógicas para o ensino de gêneros específicos em relação com as necessidades de aprendizagem e comunicação centrada nos contextos, também específicos. A seguir apresentamos algumas considerações finais acerca deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a apresentação das questões contextuais na análise de gêneros específicos, como o resumo, está pautada em observações acerca das orientações de produção, por um lado, e acerca das orientações de identificação do contexto e suas atividades, por outro lado. Nos eventos

acadêmicos, suas orientações de identificação situacional e de produção dos resumos situam os critérios de reconhecimento da CDA, tanto em nível geral quanto em nível específico de cada contexto.

A metodologia textográfica, conforme situamos e a regulamos para atender ao objetivo de apresentar a questão do contexto na análise de gêneros, considerando observações acerca das orientações de produção de resumo nos eventos acadêmicos, nos ofereceu um olhar para a variação de gêneros e para a variação de contextos. Desse modo, os caminhos de interpretação e significado dos gêneros é resultado de causas, de condições e de efeitos que surgem e se desenvolvem dentro do contexto e a partir dele. Surge, nesse sentido, necessidades de compreender o que são os eventos acadêmicos, pois, aqui, obtivemos apenas uma ideia de sua relação com outros contextos mais amplos, com sua variação e com os gêneros orientacionais e resumos enquanto produções específicas.

Ainda é possível interpretar, de modo conclusivo – neste trabalho, que a(s) questão(ões) do contexto na análise de gêneros abre espaço para reflexões sobre as motivações, percepções, cognições e ações de produção, organização e significação dos resumos. Cada contexto, seja em observações gerais ou específicas, possui múltiplas questões para identificação dele mesmo e das suas influências que condicionam a produção de um resumo específico. Desse modo, a análise de gêneros oriunda da abordagem do ESP, em observação para as questões contextuais, representa uma das características de identidade contextual, de propósitos gerais e específicos que orientam a estrutura cognitiva do conhecimento e percepção das formas de organização do gênero.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do Skoob. São Paulo: LAEL/PUCSP. **Revista Intercâmbio**, v. XLV: 28-51, 2020.
- BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.
- BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros acadêmicos em cursos de especialização: conjunto ou colônia de gêneros? Belo Horizonte, Revista Brasileira de **Linguística Aplicada – RBLA**, v.12, n.3, pp. 443-461, 2012.
- BHATIA, Vijay K. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London: Continuum, 2004.
- FIORIN, José Luiz (Org.) **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. Volume 1 e 2, 2003. Disponível em: <https://biblioteca.isced.ac.mz/bitstream/123456789/879/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20a%20linguistica.pdf>, acesso em 10/07/2020.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **Temas em antropologia e linguística**. PPG, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2010.

HUTCHINSON, Tom; WATERS, Alan. **English for specific purposes**. Cambridge university press, 1987.

KANOKSILAPATHAM, Budsaba. Introduction to move analysis. In: BIBER, Douglas, CONNOR, Ulla; UPTON, Thomas A. **Discourse on the move: Using corpus analysis to describe discourse structure**, pp. 23-41, 2007.

MCCARTY, Ryan; SWALES, John M. Technological change and generic effects in a university Herbarium: A textography revisited. **Discourse Studies**, v. 19, n. 5, p. 561-580, 2017.

MCGRATH, Lisa; KAUFHOLD, Kathrin. English for Specific Purposes and Academic Literacies: eclecticism in academic writing pedagogy. **Teaching in higher education**, v.21, n.8, pp. 933-947, 2016.

MUSSALIM, Fernanda.; e BENTES, Ana Cristina (org.) **Introdução à linguística 1**, domínios e fronteiras. São Paulo: Corte, 2001.

OLIVEIRA, John Hélio Porangaba de. **Análise de gêneros em contextos específicos**: Organização retórica e construção de sentidos no resumo de comunicação para eventos acadêmicos. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife – PE, 2017.

OLIVEIRA, John Hélio Porangaba de. Colônia de gêneros resumo em evento acadêmico: inter-relação e análise contextual. **Anais do COGITE-Colóquio sobre Gêneros & Textos**, pp. 1-15, 2020.

OLIVEIRA, John Hélio Porangaba. O gênero resumo de comunicação e suas inter-relações contextuais. In: SÁ, Edmilson José de (org.). **Anais do I Encontro Regional de Linguística e Ensino de Língua portuguesa: Variação linguística: leituras, tendências e avanços**. AESA – CESA: Arcoverde, pp. 132-144, 2019.

PALTRIDGE, Brian. Beyond the text: A textography of Chinese College English writing. **University of Sydney Papers in TESOL**, v.2, n.2, pp. 149-165, 2007.

PALTRIDGE, Brian; STARFIELD, Sue (Ed.). **The handbook of English for specific purposes**. Wiley-Blackwell, John Wiley & Sons, Ltd., publication, 2013.

PALTRIDGE, Brian; STEVENSON, Marie. Textography as a strategy for investigation: writing in higher education and in the professions. **Oslo Studies in Language**, v.9, n.3, pp. 45-58, 2017.

PIMENTA, Viviane Raposo. Gêneros textuais próprios da comunidade discursiva forense. **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS**, v. 4, p. 2028-2040, 2007.

SOUZA, Valeska Virgínea Soares. **Dinamicidade e adaptabilidade em Comunidades virtuais de aprendizagem**: Uma textografia à luz do paradigma da Complexidade. 2011. 256 f. Tese (Doutorado em estudos linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2011.

STREET, Brian V. Literacy inequalities in theory and practice: The power to name and define. **International Journal of Educational Development**, v.31, n.6, pp. 580-586, 2011.

STREET, Brian. 'Academic literacies approaches to genre'? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.10, n.2, pp. 347-361, 2010.

SWALES, John M. Approaching the concept of discourse community. In: **Annual Meeting of the Conference on College Composition and Communication (CCCC) (38th, Atlanta, GA)**. p. 13, 1987.

SWALES, John M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Nova York: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, John M. **Other Floors, Other Voices**: A Textography of a Small University Building. Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum. 1998.

SWALES, John M. Reflections on the concept of discourse community. **ASp. Iarevedu GERAS**, n.69, p. 7-19, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316551707_Reflections_on_the_concept_of_discourse_community_Le_concept_de_communaute_de_discours_quelques_reflexions, acesso em 11/09/2019.

SWALES, John M. Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs.). **Gêneros e seqüências textuais**. Recife – PE: Edupe, 2009.

SWALES, John M. **Research Genres**: Exploration and Applications. Cambridge: University Press, 2004.

SWALES, John M.; LUEBS, Margaret. Towards textography. In Britt-Louise Gunnarsson and Ingegerd Backlund (eds.), **Writing in Academic Contexts**. Uppsala: FUMS, 12-29. 1995.

SWALES, John. Discourse communities, genres and English as an international language. **World Englishes**, v.7, n.2, pp. 211-220, 1988.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VIEIRA, Wesley Linhares. **A comunidade discursiva dos booktubers**: percursos de análise de comunidades virtuais. 2018. 108 f. Dissertação

(Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE, 2018.

WEEDWOOD Barbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução e apresentação de José Arthur Giannotti. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1ª série – Filosofia, v.10, 1968.



O FUNCIONAMENTO DO POSICIONAMENTO DE ASSENTIMENTO EM COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS AO DISCURSO DE ACUSAÇÃO NO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

Eduardo Pantaleão de Morais
Samuel Barbosa Silva

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta produção, propomos uma discussão sobre a produção de sentidos de assentimento em comentários publicados por internautas em resposta ao discurso de acusação proferido pela advogada Janaina Paschoal, os quais circularam na plataforma do YouTube por ocasião do julgamento do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Nosso objeto de análise é o modo de funcionamento discursivo desse posicionamento de assentimento. Para isso, a discussão teórica e analítica é fundamentada na Análise de Discurso de linha pecheutiana. Para tanto, fundamentamo-nos em Courtine (2009), Orlandi (2001), Pêcheux (1975, 1993), entre outros.

Ao teorizar acerca da Análise de Discurso e ao apreciar os comentários que formam o *corpus*, buscamos responder à seguinte pergunta de análise: De que maneira se deu o funcionamento das recorrências discursivas que produziram os efeitos de assentimento como validação do discurso de acusação de Janaina Paschoal no julgamento do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, no conjunto dos comentários em circulação na plataforma do YouTube¹?

Para consolidar a teoria, de maneira geral, alicerçados nessa proposta de análise, objetivamos investigar o processo discursivo que produziu, no funcionamento desses discursos, um posicionamento de assentimento, nos conjuntos de comentários. De modo específico, buscamos delinear as condições de produção em que os sentidos foram retomados pelos sujeitos, visto que já existem sentidos em circulação quanto ao assunto, por ocasião da formulação do discurso de acusação no processo de *impeachment*.

Por fim, tentamos compreender, de maneira analítica, os principais modos de funcionamento desse posicionamento de assentimento nos comentários que constituem o *corpus*, tendo por validação os

1 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P5FQH9f5ads>. Acesso em: 03 de out. 2016.

conceitos teórico-metodológicos relativos à Análise de Discurso. Em um batimento entre a teoria e os fatos analisados, como exige a Análise de Discurso, identificamos os principais funcionamentos e concluímos que os internautas que se posicionaram em assentimento ao discurso da acusação fizeram-no a partir de filiações interdiscursivas. Assim, esse posicionamento ao discurso acusatório é interpretado como manifestação subjetiva de formações discursivo-ideológicas desses sujeitos.

ESTABELECENDO UM DIÁLOGO COM A TEORIA

Tendo por base a proposta estabelecida na introdução deste trabalho, apresentamos alguns conceitos que dialogam e servem de subsídios à discussão relativa à teoria em Análise de Discurso no que diz respeito principalmente a sua concepção de discurso, já que mostraremos que ela o compreende como “efeitos de sentidos entre interlocutores”, os quais, no caso específico sob análise, interagem na *internet*, por meio dos comentários postados pelos internautas quanto à sessão de julgamento do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Por ser a Análise de Discurso uma disciplina de ordem semântica que ganhou um lugar próprio, diríamos de entremeio crítico, entre a linguística e as ciências das formações sociais, ela nos dá a possibilidade de entender, neste estudo, como se dão os processos sócio-históricos de produção dos sentidos fundados nas determinações por que são produzidos, significados e ressignificados nos discursos presentes nos comentários que manifestaram uma posição de assentimento. Essa abordagem revela a historicidade, as condições de produção, a posição desses sujeitos produtores de comentários, estabelecendo uma possível aceitação sobre o que se diz.

A noção de discurso aqui desenvolvida é aquela postulada por Pêcheux (1993) em sua Análise Automática do Discurso, a qual o considera um “efeito de sentido entre locutores”. A AD tem, portanto, como nos aponta Ferreira (2001, p. 13) um “objeto histórico ideológico, que se produz socialmente através da materialidade específica da língua”.

O discurso não só aponta para dentro (referimo-nos às leis internas que constituem o objeto da Linguística) como também para fora, para o exterior da linguagem, ou seja, para as determinações sócio-históricas que constituem os processos de significação, que relacionam a língua à ideologia.

Sentido e sujeito se constituem mutuamente em AD, assim o indivíduo que é interpelado por uma dada ideologia passa a produzir um discurso, ou seja, se constitui em sujeito de um dado discurso, porque foi interpelado por essa ideologia. Essa lhe produziu um tal efeito de evidência que o indivíduo

passa a reproduzir saberes pertencentes a uma determinada formação discursiva que esteja relacionada à ideologia, porque realmente esses saberes lhe fazem sentido, lhe parecem verdadeiros, críveis, corretos etc. Esse sujeito, portanto, não é a origem desse sentido. Em AD, costumamos dizer que as palavras já chegam até nós “carregadas de sentido”, ou seja, elas já circularam antes em outros lugares, independentemente de nós, e têm, portanto, o que chamamos de “memória discursiva”.

Acerca da formação discursiva, Orlandi (2012, p. 55) diz: “A formação discursiva é a projeção da ideologia no dizer”. Isso implica em reconhecer que o sentido de uma palavra sempre poderá deslizar para outro lugar a depender de onde se inscreva.

Essa abordagem de sentidos em circulação nas formações discursivas anteriores irá apontar para uma forma de interdiscurso, como mostra Pêcheux (1975, p. 49), “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe em si mesmo”, e pode mudar, ainda que a base linguística seja a mesma, porque ele depende das posições sustentadas por aqueles que a empregam, as quais, por sua vez podem ser regidas por diferentes ideologias.

Referindo-nos ao tipo de discurso que é objeto de nossa análise, o discurso político, percebemos que ele, na sociedade midiaticizada atual, circula em formatos diferenciados dos textos tradicionais, pois o verbal e o não verbal, além de complementarem-se, podem funcionar em relações de composição, expandindo-se rapidamente em decorrência dos meios de divulgação nas diversas mídias, dialogando com outros sentidos em circulação que se complementam à medida que, em contato com os efeitos de memória, são resgatados e atualizados sempre que estão postos em evidência. Dessa forma,

A transmissão da informação política, atualmente dominada pelas mídias, se apresenta como um fenômeno total de comunicação, representação extremamente complexa na qual os discursos estão imbricados em práticas não verbais em que o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, em que a expressão pela linguagem se conjuga com a expressão do rosto, em que o texto torna-se indecifrável fora do seu contexto (COURTINE, 2006, p. 57).

Partindo dessa concepção, numa abordagem discursiva, o discurso político tem muito a contribuir na produção de um imaginário do sujeito político referenciado, levando em consideração a materialidade em que o discurso se faz presente, alicerçado nas relações verbais e não verbais.

Outro conceito importante em nossa análise é o de formação discursiva, que sintetizamos com base em Courtine (2009), dizendo que

ela abrange um conjunto de enunciados dispersos, mas que formam uma espécie de matriz de sentidos, que regula, no caso dos comentários, o que os internautas podem e devem dizer, mas também, aquilo que não pode e não deve dizer sobre um dado referente. Nesse sentido, a partir das formações discursivas, os comentários que servirão de base analítica do discurso mostram como esses sujeitos são regidos por aquilo que, numa ordem de coerência, pode ou não pode, deve ou não deve dizer.

Observando que os comentários dos internautas, os quais aparecem posteriormente, a respeito do discurso de acusação, não surgiram do nada, todos perpassam por sentidos anteriores (dispersos no interdiscurso) que serviram de base para a tomada de posição de assentimento reproduzido por esses sujeitos no momento em que se manifestam na internet.

No que diz respeito ao termo assentimento, que associamos à teoria de Análise de Discurso, ele aponta para uma tomada de posição de aceite e/ou aprovação, produzida, a partir de um já-dito, revelador de uma dada filiação interdiscursiva que o sustenta.

Além do vídeo com base no qual os comentários foram produzidos, pode haver interação dos internautas com outros discursos que, pela memória discursiva, são recuperados na própria interlocução entre os internautas. Esses discursos assumem novos sentidos a partir das condições de produção, no momento em que os comentários são produzidos pelos sujeitos.

Desse modo, por intermédio dessas condições de produção são identificadas as posições que esses sujeitos assumem, isto é, eles mostram a filiação a determinada formação discursiva sustentando uma posição de assentimento daquilo que foi dito pela acusação, tornando possível, então, identificar os efeitos de sentidos decorrentes desse posicionamento de assentimento, manifesto nos comentários.

Cabe esclarecer que o sujeito do discurso não tem controle sobre os efeitos de sentidos de seu dizer, em razão de estes sofrerem interferência de elementos e circunstância que são exteriores ao sujeito:

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrem os efeitos do simbólico, ou seja, se não se submetem à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2005, p. 50).

Sendo assim, os sujeitos que comentaram o vídeo do julgamento de acusação, deixam as marcas da historicidade que os constituíram, enquanto sujeitos do discurso, e mostram efeitos de sentidos que revelam

suas identidades e possibilitaram vir à tona (no nível da formulação) sentidos não planejados no momento de se expressarem de forma reativa às postagens ou ao vídeo. Esse efeito de movimento de assentimento produzido tem por base também a historicidade das informações que circularam nos meios de comunicação e que, de algum modo, são assimilados pelos sujeitos que estão em contato com outros dizeres.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em Análise de Discurso, o analista ao mesmo tempo que lança mão dos elementos do dispositivo da teoria já vai construindo o seu dispositivo metodológico para a análise. Não se tem uma receita pronta para aplicar. A partir de um objeto discursivo de análise posto por um dado arquivo (um conjunto de textos sobre uma dada questão ou tema), o analista se põe um problema para investigar e, com fundamento nele, traça as maneiras de adentrar ao seu material para encontrar determinado funcionamento discursivo que possa lhe ajudar a responder suas perguntas.

Nesse sentido, nosso percurso apontou a necessidade primeira da construção da discussão, da leitura do arquivo² e da compreensão da teoria. Em segundo lugar, pela observação do material de análise, percebemos que tanto os conceitos estudados como também a entrada no material sustentariam a construção do *corpus*, a fim de que se verificassem as recorrências nos comentários.

Os dados que formam o arquivo e posteriormente o *corpus*, compreendido como uma construção em processo e não como um produto, têm a finalidade de encontrar aquilo que, do ponto de vista discursivo, é mais relevante e que condiz com as categorias que servem de entrada no material, tendo em vista que os comentários formulados pelos sujeitos internautas apresentam muitas possibilidades de análise, a partir da escolha das entradas no material.

Nosso arquivo foi composto por comentários publicados por sujeitos que, a princípio, conteudisticamente, aprovam o posicionamento da advogada Janaina Paschoal com relação ao Julgamento do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Inicialmente, no dia 03/10/2016³, selecionamos esse material apoiados na escolha de uma página na plataforma do YouTube sobre o julgamento do *impeachment*, na qual foram identificados 123 comentários em resposta ao discurso de acusação da advogada Janaina Paschoal no julgamento do

2 - Não temos a intenção de explorar a noção de arquivo na perspectiva discursiva.

3 - É importante identificar a data de acesso ao site, pois, por se tratar de uma página que sofre alterações pela interação entre os sujeitos, pode haver alterações na ordem dos comentários.

referido processo. Na sequência, identificamos os comentários presentes no arquivo para compor o *corpus* de análise a partir de um recorte nesse material, tendo, de início, desconsiderado os comentários que, em termos de conteúdo, não eram de assentimento, isto é, aqueles que não estabeleciam uma aceitação sobre o discurso proferido pela acusação.

Em seguida, realizado o segundo recorte, observamos os comentários restantes para identificar os modos de funcionamento de tais efeitos de assentimento: a) valorização do discurso da Janaina Paschoal versus ridicularização do PT; b) Janaina enquanto representação popular; c) elogios à acusação; d) ódio ao PT; e) comentários de assentimentos a partir de enunciados anteriores. Depois, selecionamos os comentários mais recorrentes, considerando os principais funcionamentos identificados pela recorrência⁴.

Por fim, o *corpus* foi composto pelos 49 (quarenta e nove) primeiros comentários de assentimento mais recorrentes, escolhido dentre um total de 123 comentários que compuseram o arquivo da pesquisa, isto é, aqueles comentários que, pela ordem sequencial (de assentimento), inseriram-se nos cinco tipos de funcionamentos⁵ indicados anteriormente, por serem os mais recorrentes. Por uma questão metodológica, optamos por identificar os comentários por meio das iniciais dos nomes dos internautas por questões de privacidade.

A escolha do material se justifica pela possibilidade de investigar os posicionamentos dos sujeitos que defendem, de maneira aparentemente espontânea, o discurso proferido pela referida advogada de acusação, contemplando as especificidades dos efeitos de sentidos.

De início, para melhor contextualizar o trabalho, delineamos o contexto histórico, social e político em que os sentidos foram retomados pelos sujeitos, havendo muitas possibilidades de sentidos dada a profusão de discursos acerca do assunto tratado por ocasião da formulação do discurso de acusação.

Em seguida, identificamos as recorrências de marcas linguísticas de validação presentes nesse discurso, por meio das quais foi possível encontrar as entradas no material de análise, tais como: as repetições que mais chamaram a atenção nos comentários, enunciados interrogativos, palavras depreciativas em relação ao PT, dentre outras entradas, observando as regularidades que se justificam pelos funcionamentos e pelos modos de circulação de sentidos.

4 - Critérios adotados por nós para analisar comentários.

5 - Chamamos de funcionamento as diferentes formas encontradas pelos internautas para se filiarem às ideologias que sustentam seu posicionamento de assentimento nos comentários, como os cinco verificados em nossa pesquisa.

O detalhamento do *corpus* obedeceu à escolha dos primeiros 49 (quarenta e nove) comentários apresentados em sequência e que constituíram, por assim dizer, o assentimento em relação à temática indicada no tema, na pergunta de análise e nos objetivos. Porém, por se tratar de um processo de análise, levamos em consideração que esse *corpus* poderia ser alterado caso houvesse necessidades metodológicas de ampliá-lo.

Os números percentuais indicam um total de comentários analisados equivalentes a 40%, correspondendo a 49 comentários identificados dentre o total de 123 que constituem o arquivo desta pesquisa. Ou seja, dos 123 comentários, analisamos todos aqueles que se inseriam no tipo de assentimento, isto é, os 49 comentários de assentimento, pois os demais eram de desassentimento.

A CONSTRUÇÃO DO CORPUS E OS RESULTADOS DAS ANÁLISES

A interpretação dos comentários teve por entrada no material as principais filiações interdiscursivas que sustentavam os assentimentos nos comentários dos internautas, o que nos propiciou identificar filiações religiosas, de heroísmo, de luta, de políticas de representação popular e de ódio, pelo processo interativo da *internet*, com a memória de arquivo.

Em um primeiro modo de funcionamento regular de assentimento, produziram-se efeitos de sentido de valorização do discurso da Janaina Paschoal *versus* ridicularização do PT. A entrada no material se deu, inicialmente, pelos termos que apontaram uma filiação à formação discursiva religiosa, cuja recorrência mostrou um sentido de assentimento com caracterizações de um discurso de uma mulher usada por Deus e que, por ter realizado um bem à pátria brasileira, mereceria ser abençoada.

Esses efeitos de sentidos podem ser encontrados nos seguintes comentários⁶:

N. S. Dra. Janaína estamos com você, Deus está com você! Nos ajude a curar esse Brasil do câncer chamado PT!!!

R. Brillhante, uma dicção totalmente admirável, fora a prospecção de defender nossa pátria desmentido a falsa tática a qual tentava tornar verídico a hipótese de existência de conluios contra a nossa ex Presidente. Graças a Deus e aos trabalhos de brilhantes pessoas como Janaína Paschoal consigo acreditar em um país melhor.

L. N. C. Agradeço a Deus por levantar não apenas profissionais comprometidos com a justiça, como os advogados e as testemunhas idôneas da acusação, mas principalmente por serem pessoas que primam pela justiça. Por causa da exposição da Verdade todos eles foram blindados e não foram afetadas pelas lamas jogadas pelos petistas!

6 - Na seção, os termos em itálico pertencem ao *corpus*.

M. Só não entende quem não quer, e pra não querer, só se for tão corrupto e ganancioso como esse partido que quebrou nosso amado país. Muito triste! ... e que Deus abençoe enormemente essa Janaína Paschoal. Os brasileiros deveriam santificá-la!

C. L. C. Por isso ela vai ser vitoriosa, deu a glória de Deus. Foi Deus que trouxe tudo à tona, levando mulheres e homens honrados, que com coragem lutaram pelo Brasil e por cada um dos brasileiros.

Sendo a interpretação um gesto de leitura que se manifesta ao passo que os enunciados são produzidos, é possível entender que os termos graças a Deus, Deus abençoe e santificá-la remetem aos sentidos que não estão presos em si próprios, visto que representam valores que vão aos poucos significando à medida que esses termos ganham novas configurações por meio dos comentários dos internautas. Acerca do discurso religioso, lembramos que:

[...] o discurso religioso é caracterizado por ser um discurso assimétrico e por criar a ilusão de reversibilidade, pois em nenhum momento os interlocutores trocam papéis comunicativos. Além disso, o orador é apenas um porta-voz de um discurso de autoridade (o divino) contido e/ou embasado em textos bíblicos. Outras características aparecem no discurso religioso como o uso do imperativo e do vocativo, pois se trata de um discurso autoritário; o uso de argumentos para fazer com que o auditório seja persuadido, entre outras especificidades que caracterizam esse tipo de discurso (ROCHA, 2020, p. 52).

Notamos ainda que o assentimento religioso é produzido com suporte nessa formação discursiva e ganha mais força em meio às condições de produção em um contexto sócio-histórico e ideológico com o processo de julgamento do *impeachment*, a acusação de golpe, a repercussão desse evento político, as denúncias de corrupção, dentre outras.

Essa perspectiva de trazer para o discurso aquilo que é sagrado aparece como algo que é contrário à postura da presidente como fora apresentada pela acusação, denotando que essa acusação deve ser abençoada por estar fazendo justiça e, conseqüentemente, lutando contra o que é errado.

A seguir, há uma mesma posição-sujeito em funcionamento, identificada anteriormente pela religião, sob a forma de elogios ou defesa à acusação:

A. C. A glória de Deus. Foi Deus que trouxe tudo, Deus lhe proteja, Deus só existe para pessoas comprometidas e Deus se mostrou.

D. M. T. P Deus lhe proteja!

M. A. S. Deus só existe para pessoas comprometidas com o que é certo, seja em qualquer lugar ou em qualquer profissão. Até que enfim Deus se mostrou ser Brasileiro de verdade.

A filiação a uma formação discursiva religiosa produziu um gesto interpretativo de alguém que foi escolhida por Deus para ser a vitoriosa, protegida por Deus, por haver a presença de Deus nas pessoas boas, quando ele se mostra brasileiro, sendo essas características atribuídas à advogada Janaina Paschoal nos comentários dos internautas. Essa ponderação é possível a partir das condições de produção desses discursos que historicamente são validados pelos sentidos existentes acerca do que se entende por pessoas, comprometidas, protegidas, escolhidas por Deus.

Além da religião, o patriotismo também é utilizado para forjar a identidade do “cidadão de bem”, então, todas as pessoas que se posicionam contra o fundamentalismo religioso e o falso nacionalismo são lidas como inimigos da fé e da pátria, portanto, devem ser eliminadas (simbolicamente ou não). Com isso, a extrema-direita forja a identidade do brasileiro “anti-corrupto” como: cristão fundamentalista (incluindo o modelo de família monogâmica e heterossexual) e patriota.

O segundo modo de funcionamento dos assentimentos ao discurso se deu por filiação à memória discursiva de valores heroicos, identificada na materialidade linguística por meio da formulação de termos como luta, heroína, bravura, raçuda. Pêcheux (2015, p. 50) nos diz que esta memória tem a ver com a memória social inscrita nas práticas dos sujeitos e é um espaço “de deslocamentos e retomadas, de conflitos de regularização...um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos”.

L. J. Dar-lhe Jana, lutando contra a banda podre do senado!

G. M. A. Essa mulher Doutora Janaina Paschoal se tornou a mais nova e competente heroína de nossos dias, e o que ela com a sua bravura vai ser sempre lembrada no decorrer dos anos. todo nosso viver, mas principalmente daqueles que estão sendo formados agora. Ela nos deu uma verdadeira aula de EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA. Parabéns Doutora Janaina Paschoal. Que essa sua bravura seja espelhada por todos nós.

Nesses comentários que constituíram essa sequência discursiva, o sentido de assentimento está representado pela imagem de lutadora, de heroína, de bravura interpretada pelos sujeitos que comentaram. Podemos dizer que esses sentidos foram motivados pelas formações discursivas por meio das quais se evidenciou um efeito de assentimento ideológico que provoca uma interpretação enquanto gesto de força, heroico, lutador, ao mostrar a imagem de força interpretada pelos sujeitos a partir do discurso da acusação.

Esses dizeres são possíveis de serem produzidos, porque já há, no imaginário desses sujeitos, uma memória a respeito do que é ser um herói

nacionalista e pátrio, um lutador, um bravo, bem como os seus contrários. Essa memória resgata ainda os ideais religiosos e políticos presentes no imaginário da sociedade como algo ideal a ser seguido. Ademais, é preciso lembrar que o sujeito do discurso está atravessado pelos esquecimentos (PÊCHEUX, 2015) e, ao discursivizar, esquece que o dito está atravessado por uma memória discursiva em que o já-dito (interdiscurso) é convocado. É um esquecimento necessário no processo de interpelação do sujeito para que haja a produção de outros sentidos possíveis em interlocução com determinados sentidos “que já foram possíveis, mas foram estancados em um processo histórico-político silenciador. São sentidos que são evitados, de-significados” (ORLANDI, 2015, p. 56).

Na sequência, esse modo de funcionamento do efeito de assentimento se deu em função da filiação dos internautas à memória discursiva de luta com valorização da coragem, representada pelos termos: coragem, gigante, lutando, patriota, valente, e guerreira.

L. C e homens honrados, que com coragem lutaram pelo Brasil e por cada um dos brasileiros.

M. M brasileira gigante parabéns Dra. Janáina

D. mulher linda parabéns lutando por um país melhor...

M. T. P. Parabéns, Doutora Janáina Paschoal, a senhora sim, é uma mulher valente e muito patriota

P. M. Vixi, ninguém segura essa guerreira!!!

Nesse gesto de interpretação, o sentido de assentimento é produzido por meio da valorização e do enaltecimento da imagem de corajosa, de lutadora, de valente, de patriota e de guerreira presente nos comentários. Esses sentidos, como tantos outros, já existem em funcionamento no interdiscurso e, nesse momento em que os internautas se posicionaram, vieram à tona, sendo ressignificados. Essas sequências discursivas (SD) se destacam por trazer uma ideia de valorização e de representatividade da imagem de Janaina Paschoal.

Nesse sentido, é possível dizermos que o referido efeito de assentimento somente foi possível quando, no discurso, houve uma interação entre os sujeitos e os seus dizeres, fundamentada nas condições de produção pelas quais esses discursos foram produzidos, pelas formações discursivas, entre outras formas de justificar os sentidos interpretados no batimento entre a teoria e os dados.

No terceiro funcionamento discursivo, o enunciado de Janaina, enquanto representação popular, produz uma memória discursiva político-jurídica que se dá em razão do caráter de representação que veem nela.

Assim duas formas de recorrência se destacam, as de representante popular e de mulher forte, que se formula por intermédio dos termos: representa, advogada do povo, presentes em comentários como o exemplificado abaixo:

G. L. *ela nos representa...jenaina luta pelo povo.*

W. B. *Grato! E isso que eu queria ouvir. bjus*

I. B. *Obrigado por me representar como Brasileiro!*

J. L. *DRA JANAÍNA, NÓS BRASILEIROS POR TUDO QUE FEZ PELO BRASIL! PRECISAMOS DE MAIS PESSOAS COMO A SENHORA NA POLÍTICA, NO JUDICIÁRIO, NAS ESCOLAS! PARABÉNS! ENTRE NO SENADO NO LUGAR DA*

D. R. *Janaina a advogada do povo, muito pedagógica explica para mentes não hipnotizadas Janaina advogada do povo Brasileiro!!!!, é nossa mestre em limpa política e responsabilidade na liderança, só assim, problemas sociais serão minimizamos... Fico tocada com a capacidade imensa desta mulher ... Fantástica!!!*

Ao interpretar esses comentários, tendo por base as recorrências dos referidos termos, é possível entendermos que os sentidos em funcionamento demonstram, dentre outros gestos de interpretação, os de que esses sujeitos se sentem gratos pela representatividade transmitida pela imagem de mulher que luta pelos direitos do povo, contra a corrupção e que deveria servir de espelho para os demais representantes na política, no judiciário, nas escolas. Com base nesses sentidos, aparece, portanto, a imagem de um sujeito salvador da pátria que atenderia as necessidades do povo brasileiro.

O sentido de assentimento aqui apresentado é configurado a partir do gesto interpretativo justificado pela má gestão dos governantes anteriores, júris e pelo mau ensino nas escolas, isto é, pelos sentidos em circulação a esse respeito, o que constitui uma noção de ideias pré-construídas ao passo que esse termo sugere a base dessa adesão de sentido ao discurso, sendo de algum modo aquilo que já está estabilizado na sociedade pelo reconhecimento do sujeito. A exemplo da imagem presidencial de uma mulher forte ou representativa do povo.

Essas tomadas de posição apontam para uma memória discursiva pela atualização dos dizeres no momento das enunciações dos internautas, visto que os comentários são atualizados a cada novo enunciado proferido pelos sujeitos. Mostram ainda como se dá a historicidade desse evento político na história e se inscreve discursivamente na sociedade.

Notamos ainda que, na formação discursiva presente nesses comentários, há uma regulação acerca daquilo que pode ou não deve ser dito sobre a representatividade e a força desse sujeito acusador que é um representante popular. Essa tomada de posição indica, ainda, uma

coerência discursiva, pois os enunciados estão ligados, complementando o sentido de assentimento que é produzido por esses discursos.

No quarto funcionamento, Ódio ao PT, tomamos por entrada as palavras depreciativas quanto ao PT ou mesmo referentes à Dilma Rousseff, segundo neologismos. Os comentários aparecem nas seguintes passagens:

M. R. *A maioria é vira-casaca, esses bandidos PeTralhas vão mudar de partido para continuar na política. Para evitar isso teriam de ser inelegíveis por 30 anos.*

P. R. B. ENQUANTO ISSO O ADVOGADO DA BANDILMA, SÓ OLHAVA POR BAIXO DOS OLHOS DE TANTAS VERDADES NA CARA DESSE O BOBO DA CORTE.....PARA VERDADE E MAIS PROVA NÃO TEM ARGUMENTOS.....FORA

BANDILMA.....ACEITA QUE DÓI MENOS.....KKKKKKKKKKKI.

D. L. *Cadê? O lixo do PT não batia no peito pra se orgulhar das mulheres, apoiar o movimento feminista, e falar que foi uma vergonha pra nação e machismo retirarem as mulheres ministras? Porque não se orgulham desta Dra. que é uma verdadeira heroína nacional, que apesar de não ser ministra, está ajudando a lavar a corrupção do Senado Federal. Essa eles não querem que seja notícia né? Só as incompetentes barraqueiras feito a Narizinho e a Maracujá de gaveta? PT, o partideco oficial da Contradição!*

Os termos Petralhas, Bandilma e partideco apresentam um sentido de assentimento ao discurso de Janaina Paschoal por apresentarem o sentido de aversão ao PT, ridicularizando-o a partir dos neologismos apresentados. O efeito de sentido de assentimento demonstra a desaprovação desses sujeitos em relação ao partido cujo efeito parece ser de bandidagem. Com isso, os sujeitos estão trazendo à memória as acusações apresentadas no momento de fala da acusação.

A segunda entrada nessa sequência discursiva se deu pela presença do termo ódio nos comentários: E. C. Não existia nada que eu odiava nesta vida. Eu ODEIO o PT. A. P. S. O. Eu odeio o PT. Coisa horrorosa de gente burra e ignorante!

O sentido de assentimento à acusação é enfatizado assente na palavra de ódio que se sustenta nos dois comentários, demonstrando a total desaprovação do partido. Na mesma sequência discursiva aparecem interrogações que põem em questão a boa conduta do PT, como aparece nos comentários a seguir e tiveram por entrada essas sucessivas interrogações:

L. K. *Me expliquem, como alguém pode estar satisfeito com o governo do PT se ele nos levou a esse caos econômico e moral? Como alguém pode duvidar dessa gritante realidade, expressa em taxas, índices, no dia a dia nosso e das pessoas que convivem conosco. Me expliquem como a hipocrisia absurda do Partido do Povo e dos Trabalhadores,*

que chegou a 12 milhões de desempregados e a ser o partido que mais roubou do povo na História do país, pode ainda ser benevolente apenas com ideologias sem nenhuma prática? Quem assim encara algo político, coadunando com a hipocrisia, a mentira, a falácia, o roubo, só pode ter as mesmas ideologias com relação a qualquer outra coisa, é questão de caráter.

A repetição dos comentários interrogativos produz o sentido de assentimento ao discurso apresentado por Janaina Paschoal a partir dos questionamentos feitos, mostrando o sentido de insatisfação e desvalorização em relação ao PT, e acentuando o sentido de hipocrisia enfatizado no comentário.

Entendemos que esses efeitos de sentidos foram motivados pelo fato de as memórias discursivas produzirem um efeito de assentimento ideológico, motivando um gesto de interpretação que ganha forma baseado na repetição das interrogações, mostrando a imagem depreciativa interpretada pelos sujeitos que comentaram a partir dessas memórias discursivas apresentadas nos comentários. Com isso, esses dizeres são possíveis de serem interpretados por que já há no imaginário de cada um deles uma memória sobre o que é ser hipócrita. Essa memória resgata ainda aquilo que deve ser ignorado quando pensamos naquele sujeito político que esperamos.

O efeito de sentido de assentimento ao discurso ainda é enfatizado pela memória discursiva em relação ao movimento feminista defendido por Dilma Rousseff quando é colocado em jogo o propósito a que esse movimento se prestou ao ser defendido no início da carreira da presidente afastada, como aparece em: Cadê? O lixo do PT não batia no peito pra se orgulhar das mulheres, apoiar o movimento feminista, e falar que foi uma vergonha pra nação e machismo retirarem as mulheres ministras?

No quinto e último modo de funcionamento, temos aqueles que se produziram a partir de enunciados anteriores, optamos pela entrada no material tendo por base a memória de arquivo apresentada nos próprios comentários de outros internautas, ou na mídia em geral, como aparecem na sequência:

C. C. E outra coisa, o que é 45 mil diante da roubalheira do PT e de todos os políticos. J. C. Ela cobrou barato. Uma pessoa como ela que estudou se empenhou e esta em um caso desse por apenas 45 mil. Agora faça voce o mesmo que ela fez para estar ali naquele momento e faça de graça. O mal do brasileiro só opnião em vez de cuidar da propria vida e melhorar apenas. Só melhorar a sua vida e deixar as dos outros em paz.

R. S. Janaina assumiu ser de esquerda. Olavo tem Razão. Esquerda está limpando a esquerda pra ficar mais forte.

Nos comentários, o sentido de assentimento é produzido por meio da informação acerca da quantia em dinheiro que possivelmente a advogada recebeu. Essa informação indica a presença de uma memória de arquivo certamente veiculada na mídia.

Com base na análise realizada, é possível compreendermos que o efeito de assentimento somente foi assim interpretado pelo fato de ter havido uma identidade interacional entre o discurso de acusação, e as ideologias defendidas pelos internautas serem favoráveis à posição de enfrentamento da advogada Janaina Paschoal frente o julgamento de *impeachment* de 2016, tendo por base o momento em que, no discurso, existiu a interação entre os sujeitos e os seus dizeres, revelando, portanto, as condições de produção em que esses discursos foram construídos e os efeitos de memória, justificando os sentidos interpretados no batimento entre a teoria e os dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do modo de funcionamento do posicionamento de assentimento em comentários de internautas em resposta ao discurso de acusação no julgamento do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, à luz da Análise de Discurso em Pêcheux possibilitou um olhar analítico na tentativa de compreender as razões ou possibilidades de sua produção. Nesse sentido, buscávamos compreender por meio de quais funcionamentos ele se realizava, por meio de quais recorrências essas sequências discursivas poderiam ser identificadas e analisadas, estabelecendo um contato entre a teoria e o material. Para isso, em resposta à questão de pesquisa apresentada inicialmente, tem-se as recorrências nas sequências discursivas que produziram, no conjunto dos comentários em circulação, os efeitos de sentido possíveis a cada modo de assentimento na validação do discurso de acusação.

De maneira geral, os principais conceitos desenvolvidos na teoria e que serviram de base para estabelecer as entradas na análise foram os de Formação Discursiva e de Memória Discursiva, já que o próprio processo de interpelação constrói o sujeito e os sentidos possíveis para um dado discurso, como mostramos.

Como todo discurso, o dos comentários também sofre uma série de determinações, visto que as formas por que ele se manifesta submetem-se a inúmeros fatores discursivos tais como: onde, quando e como o discurso é circulado, a posição-sujeito, as ideologias, as condições de produção, os efeitos de memória, as formações discursivas, entre outras. Buscamos compreender, pela análise, os principais modos de funcionamento dos discursos para a produção dos sentidos de assentimento nos comentários que constituem o *corpus*.

Concluímos, então, que os internautas que se posicionaram em assentimento ao discurso da acusação o fizeram a partir de filiações interdiscursivas como a religiosa, a político-jurídica, a heroica e até mesmo à própria memória de arquivo da *internet* e da mídia tradicional, o que nos levou a deduzir que o posicionamento de assentimento ao discurso acusatório interpelou (fez sentido para) internautas subjetivados por essas formações discursivo-ideológicas.

A análise permitiu também compreender o processo de circulação dos comentários, na *internet*, com sua maior possibilidade de ampliação do posicionamento de assentimento, mostrando em que terreno ideológico o discurso de Janaina Paschoal produziu efeitos de adesão, e, por conseguinte, os tipos de sujeitos interpelados por formações ideológicas específicas que possibilitaram uma identificação com o discurso dela.

No senso comum, costumamos perguntar como um indivíduo pode concordar ou discordar de determinados discursos (do posicionamento nele manifesto), e nossa análise permitiu mostrar que, para compreender os assentimentos, que, em geral, levam à reprodução dos discursos, faz-se necessário compreender a posição-sujeito dos interlocutores intérpretes e sua filiação ideológica, já que o mesmo discurso pode não fazer sentido algum para outras posições-sujeito.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução: Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução: Christina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso**. Projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001). Orientadora: Maria Cristina Leandro Ferreira; Bolsista de Iniciação Científica Ana Boff de Godoy ... [et al.]. Porto alegre: UFRGS/Instituto de Letras, 2001.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. Campinas: Edunicamp, 1975.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2 ed. Campinas: Edunicamp, 1993, p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In.: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

ROCHA, Max Silva da. **As práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano**. 2020. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.



A REPETIÇÃO COMO MECANISMO TEXTUAL EM UMA ENTREVISTA ORAL TELEVISIVA

Daniela Carla Silva Costa
Max Silva da Rocha
Sandra Araújo Lima Cavalcante

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo versa sobre o fenômeno da repetição e como ele atua no texto conversacional, mais especificamente, na tessitura do gênero entrevista oral televisiva da esfera jornalística. Trata-se de um trabalho empírico que se insere na teoria da Análise da Conversação, que é uma área dos estudos linguísticos modernos, a qual se debruça sobre as nuances da oralidade. Entre as muitas categorias existentes dos estudos conversacionais, destacamos, nesta investigação, o fenômeno da repetição, por ele ser um dispositivo imprescindível à oralidade, por ser considerado um dos principais responsáveis por formular a progressão textual e por contribuir no processo argumentativo.

Partindo desse entendimento, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise sobre o modo como a repetição contribui com a textualidade no gênero entrevista oral televisiva da esfera jornalística e como ela se apresenta durante as trocas comunicativas entre entrevistador e entrevistado. Por entrevista, entendemos um gênero de texto no qual um sujeito que apresenta conhecimento sobre determinado assunto é convidado para falar sobre ele. Não se trata de uma conversa comum, mas algo organizado formalmente em que o principal objetivo é adquirir informações sobre o tópico discursivo que está sendo abordado.

O interesse em estudar a entrevista oral televisiva acontece porque se trata de um gênero textual importante para a sociedade. Por meio dele, os interactantes conseguem, de maneira dinâmica, negociada e interacional, construir pontos de vista que, de alguma maneira, influenciam as tomadas de decisões do público-alvo. A entrevista oral televisiva enquanto gênero textual tem o poder de, interacionalmente, guiar as opiniões e persuadir seus ouvintes para crerem e agirem de acordo com comandos estabelecidos durante as trocas comunicativas entre entrevistador e entrevistado.

Este trabalho procurou responder ao seguinte questionamento: de que maneira a categoria da repetição contribui com a progressão textual e

favorece a argumentação no gênero entrevista oral televisiva? A resposta a essa pergunta é o grande desafio para a realização dessa investigação. Almejamos compreender como a repetição atua de maneira colaborativa no gênero destacado, uma vez que pesquisar a oralidade é uma tarefa que requer um olhar atento aos detalhes presentes nas interações, o que justifica o interesse pela área de estudos da Análise da Conversação, atentando-se para amplitude de possibilidades investigativas que a oralidade proporciona e dada a importância que seu estudo traz para a sociedade.

Metodologicamente, seguimos a pesquisa de abordagem qualitativa, com ênfase na descrição e interpretação das informações adquiridas durante o processo investigativo (ANDRÉ, 2005). Tivemos como *corpus* uma entrevista oral realizada durante o Jornal Nacional da Rede Globo no ano de 2018. O referido jornal televisivo promoveu uma série de entrevistas com candidatos presidenciais, entre eles, estava Ciro Gomes. De posse do vídeo, procedemos à transcrição do material e selecionamos trechos para as análises. É importante acrescentar que o *corpus* foi adquirido por meio da plataforma virtual do GloboPlay¹. Alguns conteúdos dessa plataforma, assim como este, são de acesso livre e público e qualquer pessoa pode consultar o material na íntegra. Não analisamos toda a entrevista, mas apenas três fragmentos retirados do início, do meio e do fim da entrevista em tela.

Além das considerações iniciais e finais, este trabalho está dividido em quatro seções. A primeira apresenta as principais características que compõem a Análise da Conversação, bem como seu surgimento e seu principal objeto de estudo, ou seja, a oralidade. A segunda versa sobre o fenômeno da repetição, que é o objeto investigativo desta pesquisa. A terceira faz uma descrição e caracterização pormenorizada acerca do gênero entrevista oral televisiva, definindo e caracterizando sua principal função, público destinatário entre outras características. A quarta mostra as análises a partir de três momentos interativos retirados da entrevista oral selecionada.

A realização desta pesquisa visa contribuir não somente no tocante aos aspectos estruturais e/ou formais do próprio gênero entrevista oral televisiva, mas também ao seu aparato psicossocial, que é o responsável direto por influenciar o público-ouvinte.

1 - Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6977229/>. Acesso em 10 de janeiro de 2021.

OS ESTUDOS CONVERSACIONAIS

A conversação, objeto investigativo dos estudos conversacionais, constitui-se como uma atividade social, que é desempenhada por nós (seres humanos) desde que nascemos, pois estamos a todo momento usando a linguagem para nos comunicar de alguma forma, sendo utilizada, no nosso cotidiano, de maneira espontânea. Nas palavras de Marcuschi (1998, p. 5), um dos principais precursores dessa área no Brasil, a conversação é “a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano” e assumimos que ela é parte integrante das relações humanas e sociais, uma vez que as interações acontecem por meio da linguagem.

A Análise da Conversação (doravante AC), surgiu em meados da década de 1960, a partir dos Estudos Etnometodológicos e da Antropologia Cognitiva. Esses estudos pioneiros procuravam investigar “como nós conversamos?”, analisando, inicialmente, aspectos estruturantes das conversas e a organização existente no processo interativo, guiando-se, primeiramente, sobre questões particularidades da interação que poderiam ser definidas a partir de termos convencionais e institucionais, como explica Marcuschi (1998).

De acordo com Silva, Andrade e Ostermann (2009), foi o sociólogo Harvey Sacks quem enxergou as possibilidades analíticas deste evento tão rotineiro do cotidiano do ser humano: a conversação. A AC, desse modo, passou a se interessar por outras características linguísticas presentes na conversa, atentando para os conhecimentos linguísticos, bem como socioculturais e discursivos. À medida que os estudos foram evoluindo, procurou-se observar que a conversa não é uma ação caótica e desorganizada, mas sim que “as pessoas se organizam socialmente através da fala” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN 2009, p. 3).

Nesse sentido, ultrapassa-se a análise apenas estrutural da língua, passando aos procedimentos cooperativos existentes na conversação. Dito de outra maneira, observamos que a perspectiva da AC transcende a organização e situa-se na interpretação, sendo este o âmbito adotado para os estudos da fala em interação. “Em outras palavras, a AC se volta para a investigação de situações que ocorrem no dia-a-dia e da maneira como elas aconteceriam, mesmo se não houvesse pesquisa sendo realizada” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 4). Em AC, as informações são consideradas dados naturalísticos, isto é, sem manipulação ou algum tipo de roteiro prévio.

A AC passou por diversos estudos e pesquisas e foi possível descobrir aspectos presentes nas conversas cotidianas, os quais devem ser cada vez mais investigados à luz de abordagens profícuas. Outrossim, uma questão

importante que surge atualmente acerca da conversação encontra-se no questionamento de qual seria seu status tipológico, ou seja, se ela pode ser considerada um gênero textual ou um tipo de texto. É preciso observar que a conversação não é o mesmo que gênero oral, pois este engloba vários outros, com características diferentes da conversação, como é o caso das conferências, aulas expositivas, seminários etc., portanto, o termo “conversação” não pode ser considerado como sinônimo de “gênero oral” (TRAVAGLIA; NEGREIROS, 2019).

Como podemos observar, Travaglia e Negreiros (2019) apontam que a conversação não pode ser definida como um tipo de texto ou um gênero oral em específico, baseado em algumas evidências que a direcionam para a ideia de que é constituída por gêneros orais, mas que não é um em específico, pois ela é, na verdade, realizada por meio de variados gêneros (debate, notícia, sermão) e tipologias (argumentação, descrição, narração), entre outros gêneros e tipos específicos. Assim, com base nas postulações de Travaglia e Negreiros (2019), defendemos neste trabalho a ideia de que a conversação é uma atividade linguageira calcada em vários gêneros da oralidade, os quais se caracterizam de diferentes maneiras tipológicas.

No que diz respeito à coleta de dados, a AC não opera com dados previamente planejados, pois se assim o fosse, teríamos dados artificiais. A aquisição de informações se dá, portanto, de maneira natural, no momento exato em que a conversa está acontecendo, pois precisam ser dados espontâneos, como mencionamos. A principal forma de se obter dados naturalísticos é “gravar as conversas dos participantes em áudio e/ou em vídeo. Não queremos aqui afirmar que os dados gerados através do método forjado pela AC são ‘puros’ ou que não sofreram nenhum tipo de influência durante sua coleta” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 5). Às vezes, é preciso descartar as primeiras gravações, pois os informantes precisam, primeiramente, se acostumar com a presença dos microfones, câmeras ou gravadores. Só assim passarão a agir naturalmente, uma vez que estarão acostumados com esses equipamentos.

Conforme apresenta Marcuschi (1998), a AC atua baseada na reprodução de materiais de conversações reais e por esse fato considera aspectos minuciosos que são usados na organização da conversa. Esses aspectos não são apenas verbais, mas também entonacionais, gestuais, ruídos, entre outros. Nesse sentido, a transcrição deve ser fiel a esses detalhes para preservar os aspectos naturais do material em estudo, não existindo uma transcrição melhor do que outra, visto que a recomendação é que ela seja compreensível e possa ser investigada à luz dos estudos conversacionais. Mesmo assim, não se pode transcrever as informações orais de qualquer modo. Ao menos na AC existem procedimentos

específicos, os quais podem ser adaptados às circunstâncias de pesquisa, como vemos em Marcuschi (1998).

Além disso, não se trata de apenas transcrever do oral para o escrito, visto que a transcrição em AC, de maneira mais específica, obedece a algumas convenções, pois como apontam Silva, Andrade e Ostermann (2009, p. 5), “ela obedece uma série de convenções que sinalizam os diferentes aspectos que permeiam uma determinada conversa (ou trecho de conversa) naquela hora e naquele local”. Dentre esses aspectos, podemos citar alguns: as pausas, hesitações, sobreposição de vozes, entonação, truncamentos, assalto ao turno, silêncio, falas coladas, entre outros. As marcações desses aspectos se caracterizam como algo muito importante ao processo descritivo e interpretativo do material em estudo, pois revelam de que maneira os interlocutores agem na interação.

É importante lembrar que o material transcrito dessas conversações serve como suporte ao analista, mas de maneira alguma poderá substituir o material gravado, pois ele se constitui como a fonte primária de qualquer estudo advindo da AC. Há, ainda, a abertura para a utilização de um mesmo *corpus* (como é chamado o material a ser analisado) para diferentes análises de aspectos pertinentes aos estudos conversacionais, o que possibilita que haja um compartilhamento do material com outros analistas, os quais podem ampliar ou até mesmo refutar outros trabalhos realizados como base no mesmo material analisado.

Um mesmo *corpus* em AC pode ser investigado à luz de diferentes perspectivas (repetição, turno, marcadores, interação, negociação etc.), haja vista a multiplicidade de abordagens conversacionais (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009). Passaremos a discutir acerca de algumas características organizacionais da conversação, com foco em aspectos como: a troca de falantes, fala um por vez, respeito ao turno, negociação, interação, entre outros mecanismos imprescindíveis à efetivação da conversa.

CARACTERÍSTICAS ORGANIZACIONAIS DA CONVERSAÇÃO

Em relação à organização da conversação, é importante ratificar que ela é a forma de linguagem que utilizamos desde sempre e pode ser considerada a forma mais natural de linguagem dos sujeitos. Marcuschi (1998, p. 14) afirma que a conversação é “a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. Ela está tão presente em nossa vida, assim como as outras atividades cotidianas, atuando, inclusive, como exercício de poder, já que, por meio da palavra falada, interpelamos os nossos pares acerca de proposições apresentadas à adesão.

Em Marcuschi (1998), encontramos algumas características básicas que constituem o processo conversacional, são elas: a) a interação entre pelo menos dois falantes; b) a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; c) a presença de uma sequência de ações coordenadas; d) a execução numa identidade temporal; e e) o envolvimento numa interação “centrada”. Com isso, é possível percebermos que a conversação é centrada e progride à medida que dois ou mais falantes focalizam as suas atenções, não só cognitivas, mas também visuais, no momento interativo da troca linguageira. Ainda segundo essa organização e interação face a face, Marcuschi (1998, p. 15) nos mostra que “a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação, como no caso das conversas telefônicas. Mas a interação centrada é condição necessária, pois o simples acompanhamento linguístico de ações físicas não caracteriza uma conversação”, é preciso o engajamento dos parceiros.

Outro aspecto imprescindível à sustentação da conversa interativa é que os participantes disponham de conhecimentos comuns para que ocorra a troca, na qual exige dos interlocutores habilidades mais complexas que o simples ato de dominar a linguagem enquanto falantes. Dionísio (2001, p. 72) indica que as contribuições dos participantes devem se relacionar com o que está sendo posto na conversa, pois “a conversação é uma atividade semântica”, de construção de sentidos que são negociados. Em vista disso, “para que haja entendimento entre os interlocutores, é preciso que eles sejam coerentes no que dizem e, principalmente, saibam sobre o que dizem (tópico discursivo)” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 34).

Outro fato importante dentro dessa organização é a regra básica “fala um de cada vez”, em que se tem a alternância de turno como uma unidade organizacional chave para a conversação. Dito de outra forma, esse aspecto é responsável pela ordenação da interação, disciplinando os interlocutores e impedindo que todos falem de uma só vez. O turno é visto na AC como “aquilo que um falante faz ou diz, enquanto tem a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio” (MARCUSCHI, 1998, p. 18). O turno conversacional é uma categoria crucial, pois é ela que organiza as falas de cada participante no jogo linguageiro conversacional.

De acordo com Marcuschi (1998), alguns dados colaboram para que ocorra a tomada de turno por parte dos interlocutores. São princípios básicos que colocamos em prática nas conversações de maneira natural e que são usados em diversas línguas. Podemos citar alguns deles aqui: há a troca de falantes; a ordem dos turnos não é fixa, mas variável; a distribuição dos turnos não é fixa. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2003, p. 35, grifo dos autores), é possível caracterizar “a conversação como uma sucessão de

turnos, entendendo-se por turno qualquer intervenção dos participantes (tanto as intervenções de caráter informativo, quanto breves sinais de monitoramento, como *ahn ahn*; *sei*; certo durante a interação”.

ORGANIZAÇÃO DE SEQUÊNCIA NA CONVERSAÇÃO

Nos turnos conversacionais aparecem uma organização composta por sequências em movimentos cooperados e coordenados. As perguntas (P) e respostas (R) são sequências conversacionais mais comuns e estão inseridas em uma unidade sequencial chamada *par adjacente*. Essa categoria “concorre para organizar localmente a conversação, controlando o encadeamento de ações e, inclusive, podendo constituir-se em elemento introdutor do tópico discursivo” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 49-50). Existem outros tipos de sequências pertencentes ao *par adjacente*, mas iremos nos atentar à sequência P-R.

As P podem ser interrogativas diretas ou indiretas; as R podem aparecer na forma interrogativa, como no exemplo: (L1) Já tomou banho? (L2) o que acha? (mostrando os cabelos molhados). Existem dois tipos de perguntas: P abertas (sobre algo) e P fechadas (com resposta sim/não). As perguntas fechadas supõem respostas diretas, mas nada impede que haja uma resposta mais bem explicada. Por outro lado, as perguntas abertas contêm marcadores conversacionais do tipo: quem? onde? quando? e espera-se que as respostas sejam pertinentes ao que se questiona por meio de um desses marcadores. A importância de se estudar a categoria do *par adjacente* (pergunta-resposta, convite-aceitação, ou recusa, pedido-concordância ou recusa, saudação-saudação) “deve-se ao fato de ser elemento básico da interação. Na verdade, é difícil encontrar uma conversação sem nenhum tipo de *par*, de tal modo que se pode indicar ser o *par* dialógico uma das unidades para estudo do texto conversacional” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 49). Em nossas análises, essa categoria será considerada, já que a repetição se constrói por meio das perguntas e das respostas.

Os marcadores conversacionais operam como recursos organizacionais das unidades constitutivas (UC) dos turnos durante o texto conversacional. Para Marcuschi (1998, p. 61), “os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas”, ou seja, são traços específicos da fala, os quais são utilizados pelos interlocutores nas conversas como meio de organização. Desse modo, os marcadores conversacionais (MCs), podem ser subdivididos em três tipos específicos: verbais, não-verbais e suprasegmentais.

Os MCs podem aparecer em qualquer momento da interação, como no início, na troca de falantes, em momentos de falha na construção, na mudança de tópico etc.; além disso, funcionam como iniciadores ou finalizadores de um turno ou unidade comunicativa. Assim, os MCs podem, ainda, operar, se compararmos aos fatores gramaticais, como marcadores sintáticos, na medida em que as unidades comunicativas serão marcadas por pausas, entonações e elementos lexicais (MARCUSCHI, 1998). É possível assumir que os MCs propiciam a condução e manutenção do tópico discursivo, buscando instaurar a solidariedade conversacional entre os interlocutores. Isso ocorre porque os MCs propiciam dinamismo e continuidade ao processo interacional e porque são “elementos que definem as atividades linguísticas dominantes e secundárias, assegurando a unidade tópica e, no desenvolvimento, marcando os tipos de articulação” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 49).

Os MCs verbais são compostos por palavras, sintagmas ou expressões estereotipadas e não contribuem exatamente com novas informações para o tópico discursivo e algumas delas são: “*anhã*”, “*hum*”, “*anw*”, “*unhum*”, entre outros. Já os MCs não-verbais, também conhecidos como paralinguísticos, podem ser: maneios de cabeça, olhar, gesticulação, risos etc., possuem papéis importantíssimos na interação face a face, pois ajudam na comunicação. Por fim, os marcadores suprasegmentais, os quais apresentam natureza linguística; os principais são o tom de voz e as pausas, que podem ser curtas ou longas (MARCUSCHI, 1998).

Assim sendo, dentre as muitas categorias existentes no escopo da AC, atender-nos-emos, com maior ênfase, à *repetição*, cuja função é imprescindível na conversação. Mesmo assim, afirmamos que, em certos momentos, outras categorias conversacionais serão evocadas em alguns gestos analíticos, a fim de compreender o texto oral destacado.

O FENÔMENO DA REPETIÇÃO

A oralidade, sendo uma das principais modalidades da língua, possui organização e características próprias que a sustentam, como vimos anteriormente. Ao ser analisada, de maneira mais específica, deparamo-nos com o texto falado, entendido como o resultado oral de conversas e interações. “Assim sendo, o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz dela que deve ser descrito e avaliado” (KOCH, 2014, p. 81).

Segundo as postulações de Fiorin (2008), para se ter um texto falado são necessários alguns atributos básicos, os quais serão próprios na

conversação e na interação entre os interlocutores, tais como: a) constituir-se em uma interação face a face; b) não ser algo planejado previamente; c) o texto precisa surgir no meio da interação e não há espaços para rascunhos, edições, visto que, planejamento e verbalização ocorrem de maneira simultânea.

Dentro desse processo de formulação/execução do texto falado, ocorrem interrupções, reformulações, correções, paráfrases e repetições, que são eventos pertinentes a esse modelo de texto, justamente pela espontaneidade com que acontece, que é concernente à natureza conversacional. Essa manifestação nos indica que, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 39), “sob a aparente desordem do oral espontâneo, escondem-se, de fato, regularidades que são de natureza diversa das que se observam na escrita, porque as condições de produção/recepção do discurso são elas mesmas de outra natureza”, mas que podem ser estudadas de modo eficaz.

Assim sendo, somos encaminhados para um dos principais aspectos de organização e reformulação do texto falado, o fenômeno da repetição. Devido ao seu caráter altamente maleável e flexível, ela atua como um instrumento de criação de segmentos mais compreensíveis, assumindo, na fala, um papel de planejamento, o que permite ao falante utilizá-la para reorganizar suas tomadas de posições e torná-las mais legíveis aos seus interlocutores. Koch e Elias (2017) ressaltam que a repetição é avaliada, tradicionalmente, de forma negativa. No entanto, essa categoria “é uma estratégia básica de estruturação textual: os textos que produzimos apresentam uma grande quantidade de construções paralelas, repetições literais e enfáticas, pares de sinônimos ou quase sinônimos, repetições da fala do outro e assim por diante” (KOCH; ELIAS, 2017, p. 100).

Além disso, a repetição caracteriza-se como um dispositivo que visa estabelecer a coesão textual, favorecendo a coerência e auxiliando as atividades interativas da fala, razão por que a torna, nas palavras de Marcuschi (2006, p. 219), “essencial nos processos de textualização na língua”. O mesmo autor aponta, ainda, que a repetição presente no texto oral, diferentemente da escrita, que permite editoração e revisão, acontece simultaneamente, uma vez que o texto se concretiza ao mesmo tempo em que ele é elaborado. Assim, a repetição coopera para que seja dada continuidade ao tópico discursivo, fazendo-se as devidas correções de maneira que o sentido do texto seja negociado e mantido entre os interlocutores. Por essa razão, a repetição, no texto falado, ocorre frequentemente e, em muitos momentos, chega a conduzir um segmento inteiro, ocasionado por fatores de estrutura interativa, cognitiva, textual ou sintática.

Para uma definição mais consistente sobre a repetição, precisamos entender que, na fala, ela desempenha um papel significativo de natureza distinta do simples ato de repetir algo de maneira aleatória, pois ela apresenta argumentatividade. Assim, a repetição contribui na medida em que o interlocutor irá comunicar algo novo, podendo acrescentar ao texto falado uma ênfase, uma correção, entre outros aspectos. Conforme Antunes (2005, p. 70), “a repetição, como o próprio nome indica, corresponde à ação de voltar ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer uma unidade que já ocorreu previamente. Essa unidade pode ser uma palavra, uma sequência de palavras ou até uma frase inteira”. Logo, as expressões como “repetindo”, “como já disse”, “quer dizer”, sugerem que haverá uma repetição, mas não quer dizer que será dito a mesma coisa, dado que há uma distinção entre repetir um componente linguístico e exprimir o mesmo conteúdo de maneira ressignificada. Vejamos o exemplo:

Renata: mais o quê que é pôr na caixinha’?

Ciro: é cada um pra sua tarefa... quando cê tá falando pro povo... cê fala com a palavra simples... eu..

Renata: mas o presidente da república tem esse poder.... pra pôr na caixinha?

Ciro: têm esse poder... têm esse poder... (**Fonte:** Fragmento do corpus desta pesquisa.)

Aqui houve repetição de algumas expressões (pôr na caixinha, tem esse poder), porém encaminhou-se uma nova informação, razão por que fez o texto progredir. Foi utilizada a retomada para dar continuidade tópica. Assim, a repetição contribui para a funcionalidade comunicativa, por ser uma atividade de formulação na oralidade, “podendo assumir um variado conjunto de funções. Dentre elas, podemos destacar a sua contribuição para a organização do discurso e a manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de sequências mais compreensíveis” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 61).

Segundo Marcuschi (2006), nos segmentos discursivos, dispomos de uma matriz (M), que é de onde se originará a repetição (R), na qual (M) pode ocasionar a presença de (R) em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e pragmáticos. As repetições decorrem ainda por meio de segmentos que podem ser classificados em auto-repetição, provocadas pelo próprio locutor dentro do seu turno de fala; e heterorrepetições, que ocorrem quando o interlocutor repete algo da fala do locutor. Os segmentos repetidos, podem ainda, aparecer com variações e acréscimos de elementos linguísticos, de modo que, quanto maior for o segmento discursivo repetido, mais variações sofrerá.

Marcuschi (2006) mostra que as repetições de itens lexicais adjacentes são as mais possíveis de aparecerem no texto, enquanto as repetições distantes, isto é, as que ocorrem em tópicos discursivos diferentes, são menos frequentes e de difícil caracterização, pois em alguns casos, fica difícil afirmar se é uma repetição de fato ou uma retomada do próprio tópico, com o objetivo de fazer o texto progredir. Em vista disso, verificamos que há uma certa preferência por parte de determinados falantes, em utilizar as repetições dentro do mesmo turno ou até mesmo dentro do mesmo segmento frasal. Durante nossas análises será possível verificar de que maneira o fenômeno da repetição foi utilizado pelos interlocutores com o objetivo de negociar sentidos diversos durante a troca linguageira inscrita no gênero entrevista.

ASPECTOS FUNCIONAIS DA REPETIÇÃO

A partir das contribuições de Marcuschi (2006), no que concerne aos aspectos funcionais da repetição, dispomos da coesividade, que atua no âmbito da textualização sob funções básicas organizacionais, ao passo que, no plano discursivo, a repetição desfruta de funções mais relevantes. Essas funções discursivas da repetição contribuem de modo que proporcione a compreensão, continuidade tópica argumentatividade e a interatividade. Sobre isso, Koch (2017, p.110) advoga que a repetição “contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas”.

Acerca da repetição enquanto função argumentativa, temos em mente que essa condição exerce o importante papel de gerar a argumentação dentro do tópico discursivo, conforme apresenta Marcuschi (2006). Dessa maneira, a repetição serve como estratégia para reafirmar, contrastar ou contestar argumentos adversários. O próprio campo da argumentação, conforme Rocha (2020), fundamenta-se em levar o outro a aceitar propostas apresentadas ao assentimento. Para isso, a repetição dispõe de elementos plausíveis, a exemplo da recategorização. Para a reafirmação, ela atua com o objetivo de confirmar argumentos; já para o contraste de argumentos, ela atua como meio de modulação, de modo que a entonação da repetição de algum item lexical demonstre a negação ou indagação de algo, sem que haja a presença de termos negativos explicitamente; para a contestação, ocorre da repetição construções oracionais demonstrando discordância de uma proposta (MARCUSCHI, 2006).

No tocante à interatividade, é possível concebê-la, na esteira de Marcuschi (2008), como uma categoria própria da repetição, pois está

presente em todas as funções que a repetição exerce, já que atua como função naturalmente interativa. Assim, a interatividade desempenha um papel importante na formulação do texto falado, pois encarrega-se especialmente de promover a interação, para que a condução da conversa possa ocorrer de maneira cooperativa, em que os participantes opinem, concordem, discordem, interajam durante o processo linguageiro. Nesse sentido, pontuamos que as principais características funcionais da interatividade são: expressar opinião pessoal, monitorar a tomada de turno, ratificar o papel do ouvinte, incorporar ou endossar asserções dos parceiros, mostrar polidez, entre outras funções. Com base nisso, compreendemos que os mais variados papéis assumidos pela repetição no processo conversacional surgem com a finalidade de propiciar o engajamento dos parceiros comunicativos desse ato de linguagem (MARCUSCHI, 2006).

Assim sendo, podemos perceber que a repetição atua em diversos momentos dos diálogos conversacionais e desempenha variadas funções, as quais se constituem de modo imprescindível para o funcionamento do texto oral. Entendemos, desse modo, que ela não se apresenta de modo simplesmente aleatório, mas com função específica. “Mas, a repetição não é apenas uma regularidade textual. É um recurso de grande funcionalidade, pois pode desempenhar diferentes funções, todas elas, de alguma forma, coesivas” (ANTUNES, 2005, p. 71). Realizadas essas ponderações sobre a importância do fenômeno da repetição no texto oral, passaremos a discorrer sobre o gênero textual entrevista, o qual foi selecionado para nosso trabalho à luz dos estudos conversacionais.

GÊNERO ENTREVISTA: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Em sentido amplo, um gênero de texto deve ser concebido como um evento comunicativo em que sujeitos produzem atos de linguagem. Assim, existe um sujeito enunciativo que se dirige a um sujeito destinatário por meio de um gênero oral ou escrito. Dentre os muitos gêneros textuais existentes, destacamos, neste trabalho, o gênero entrevista, de natureza jornalística. Segundo Hoffnagel (2005, p. 182), “a entrevista é um gênero primordialmente oral. Nas várias listas de gêneros de entrevista, a maioria refere a interações orais [...] e mesmo com respeito à entrevista jornalística, pensamos primeiro nas entrevistas ao vivo dos programas de televisão e rádio”.

Nesse sentido, observamos que até mesmo as entrevistas publicadas em formato escrito, foram realizadas primeiramente de forma oral e somente depois disso foram transcritas em formato de diálogos, em que gêneros diversos se fundem e formam a entrevista. Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 73), “a entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição,

que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado)”. Desse modo, no gênero entrevista, temos um sujeito que apresenta conhecimento sobre determinado assunto e é convidado para falar sobre ele. Não se trata de uma conversa comum, mas algo organizado formalmente em que o principal objetivo é adquirir informações sobre o assunto em discussão.

O gênero entrevista é considerado por Schneuwly e Dolz (2004) como uma prática de linguagem que possui uma organização própria e uma ordenação específica para cada público-alvo. Normalmente, exige-se uma preparação prévia para que cada etapa seja cumprida. Diferentemente de conversas cotidianas, é possível dizer que, na entrevista, temos uma linguagem altamente padronizada. As perguntas e o tema são preparados com antecedência, além de presumir o público idealizado. Para que a entrevista aconteça, são necessários pelo menos dois participantes, entrevistador e entrevistado, em que cada um desempenhará papéis comunicativos. “Geralmente, os dois interlocutores ocupam papéis públicos institucionalizados; a natureza da relação social e interpessoal condiciona fortemente a relação que se instaura entre os dois” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73).

No tocante aos papéis de cada sujeito, cabe ao entrevistador conduzir a entrevista, incentivando o entrevistado a participar por meio do par dialógico pergunta-resposta. “O entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73). No que concerne ao entrevistado, após aceitar a situação de comunicação, ele é “obrigado a responder e fornecer as informações pedidas” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 73). Em nosso corpus, os jornalistas são os responsáveis por conduzir a entrevista e o entrevistado ocupa a função de apenas responder aos questionamentos levantados durante as interações orais durante esse jogo de linguagem.

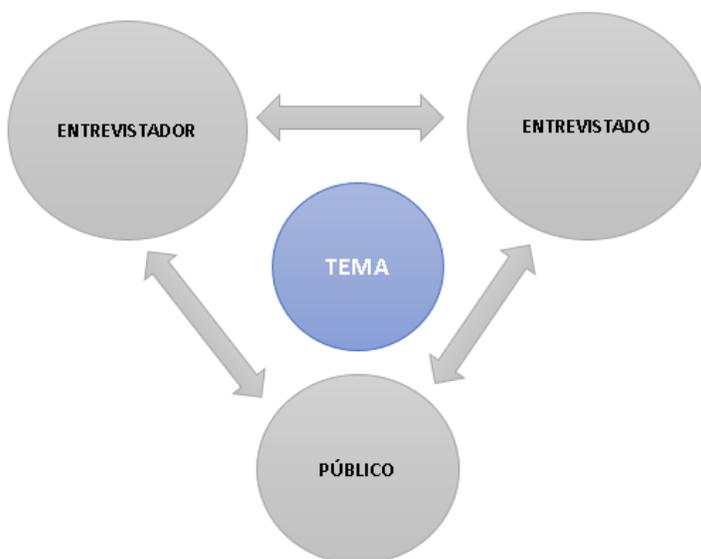
De acordo com Melo Junior (2016), o gênero entrevista oral do domínio discursivo jornalístico segue a linha tipológica expositiva de abordagem informativa, dado que, ao mesmo tempo em que ela informa os espectadores sobre determinado assunto, também expõe fatos, opiniões, crenças e visões de mundo, podendo contribuir para a formação da opinião das pessoas que têm acesso à entrevista. Melo Junior (2016) ainda apresenta que a entrevista se constitui como um gênero pertencente ao universo jornalístico e por meio dela entrevistador e entrevistado interagem e negociam sentidos, mas o entrevistador deverá se utilizar de técnicas

e estratégias eficazes, a fim de envolver o entrevistado e o público-alvo. Uma dessas técnicas é justamente o controle do turno conversacional para conduzir a conversa.

Conforme Baltar (2012) preconiza, existem vários tipos de entrevistas, a exemplo da temática, biográfica, enquête, ritual, dialogal, interpretativa, entre outras. Neste estudo, utilizamos a entrevista temática, a qual “pode ser conceitual quando o entrevistador busca um conteúdo informativo; com espírito aberto, ele expõe sua curiosidade a serviço de determinados conceitos que o entrevistado conhece/detém. O foco pode ser um tema específico, ou mais de um tema” (BALTAR, 2012, p. 100). Durante a entrevista que selecionamos para este trabalho, é possível observar que os entrevistadores questionam o entrevistado acerca de temas específicos do domínio discursivo político, o que atesta ser uma entrevista temática.

Mesmo sendo uma entrevista classificada como temática, assumimos que isso não impossibilita que também apareçam momentos interacionais em que outras tipologias de entrevista possam aparecer, como é o caso da entrevista pingue-pongue, a qual aparece no momento quando “são feitas perguntas (simples ou complexas), com troca direta de turnos entre os interlocutores” (BALTAR, 2012, p. 100). Isso ocorre porque os gêneros textuais, a exemplo da entrevista, não são estanques, prontos e acabados. Marcuschi (2008) é enfático quando postula a assertiva de que os gêneros textuais são dinâmicos, plásticos, maleáveis, mutáveis, heterogêneos, o que imprime um caráter de flexibilidade e instabilidade dos gêneros.

É importante destacarmos que a entrevista televisiva se difere da radiofônica, no sentido de apresentar a imagem além da voz, o que pode ser decisivo para interpelar o público-destinatário. Além disso, ambas as entrevistas (televisiva e radiofônica) podem tratar de notícias ou discutir temas que sejam de interesse do público-alvo. Assim, defendemos que existem mais aproximações do que distanciamentos entre as referidas tipologias de entrevista, pois o que muda é o suporte textual de veiculação. Para Baltar (2012), a entrevista está associada ao universo midiático e se configura como “um dos gêneros textuais genuínos do jornalismo [...]. Pode-se afirmar também que entrevista midiática é uma técnica de interação social, que visa o entrosamento entre o entrevistador (repórter), o tema, o entrevistado (especialista) e o público ouvinte” (BALTAR, 2012, p. 95). O referido autor propõe o seguinte esquema:



Fonte: Esquema da entrevista. Adaptado de Baltar (2012, p. 95).

A partir desse esquema postulado por Baltar (2012), vemos que existem elementos essenciais que organizam o funcionamento do gênero textual entrevista. Entrevistador, entrevistado, tema e público constituem aspectos que efetivam esse gênero como uma prática linguageira entre sujeitos. Advogamos a necessidade de perscrutar essas categorias para que seja possível emprendermos uma análise consistente de nosso objeto de pesquisa. De nossa parte, definimos o gênero entrevista como uma prática sociodiscursiva em que dois sujeitos (enunciador e destinatário) dialogam entre si acerca de um determinado tópico discursivo, almejando agir sobre o outro (terceiro), principalmente, sobre o público que julga as conversações durante as trocas interacionais de turno entre os parceiros do jogo comunicativo.

Nesse sentido, além da obtenção de informações sobre o tema discutido, defendemos que, no gênero entrevista de vertente midiática, existe a intenção de convencer e persuadir o terceiro, isto é, o público que assiste ao diálogo conversacional entre entrevistador e entrevistado. Logo, temos um gênero de texto que pode, em determinadas circunstâncias enunciativas, fazer parte da tipologia argumentativa e não só expositiva como defendem alguns autores. Em síntese, a entrevista é um gênero multifacetado e permeado por outros gêneros (relato, exposição), tipologias (argumentativa, descritiva) e suportes textuais (rádio, televisão), os quais estabelecem o exercício comunicativo entre os sujeitos, sobretudo, quando se trata de influenciar o outro pela linguagem.

A REPETIÇÃO NO GÊNERO ENTREVISTA ORAL TELEVISIVA MOMENTO INTERATIVO 1

Este primeiro momento interativo faz parte da entrevista que o candidato *Ciro Gomes* concedeu aos entrevistadores *William Bonner* e *Renata Vasconcelos*, durante edição do *Jornal Nacional das Organizações Globo*, em agosto de 2018. Neste fragmento em específico, os interactantes trataram acerca das operações realizadas pela força-tarefa da operação *lava jato*, sobretudo acerca de algumas declarações incisivas proferidas por *Ciro Gomes* contra a referida operação investigativa. Eis o momento interacional a seguir:

Renata: Olá boa noite novamente candidato...

Ciro: Boa noite...

Renata: O tema de agora é o combate a corrupção *lava jato*...eh...o senhor disse em entrevistas recentes que dá apoio total a operação *lava jato*... que vem combatendo a corrupção no Brasil nos últimos 4 anos... mas disse também... que a *lava jato* é de-se-qui-librada...e que cometeu abusos...e que receberia a turma do juiz *Sérgio Moro* à *BALA*...caso ele mandasse prender... se o senhor se considerasse inocente... à bala....

Ciro: Hum... (dá um leve riso)

Renata: Como convencer o eleitor... de que o senhor realmente apoia a *lava jato* com uma declaração dessas...?

Ciro: Me permita antes de responder... cumprimentar ah ah as organizações globo por essa oportunidade....dá boa noite a você *Renata*... boa noite ao *Bonner*... boa noite a todos brasileiros... especialmente aqueles qu::e... não me conhecendo... eu peço uma oportunidade hoje para me apresentar... as coisas são:o muitas vezes ditas num ambiente...num contexto e essas coisas são muitas vezes tiradas do contexto...eu apoio a *lava jato* porque ela é um::a vira... ela é uma virada de página... na crônica de impunidade que sempre foi o prêmio pra corrupção dos grandões no Brasil...como eu tenho a ficha limpa...tenho 38 anos de vida pública NUNca fui envolvido em qualquer tipo de escândalo...eu tenho um...um ... portanto levo vantagem na disputa se eu....o filtro da população for votar em gente séria...entretanto a *lava jato* só prestará bom serviço ao Brasil...se ela for vista pela maioria...ou pela... conjunto da sociedade... como uma coisa equilibrada... e o lado do *PSDB* não tem nen-hum na cadeia...claro que ela é muito importante... tá gente do *PMDB*...tá gente do *PT* na cadeia... mas não há um ÚNICO quadro apesar de *MIL* demonstrações de corrupção do *PSDB* e nenhum deles foi preso por exemplo.... (Fragmento 1 – corpus desta pesquisa).

De início, vemos que realmente se trata do gênero entrevista oral, pois apresenta os elementos interacionais, os quais já mencionamos na primeira

parte deste trabalho. Observamos o início do turno conversacional ser efetivado por meio do par adjacente cumprimento/cumprimento, em que a entrevistadora, de modo cortês, diz “boa noite” e o entrevistado repete a mesma expressão de cortesia “boa noite”, atestando, assim, o caráter dialógico dessa entrevista oral televisiva. Além disso, observamos o respeito ao turno conversacional, ratificando a ideia postulada de que se fala um por vez, a fim de que o evento comunicativo da entrevista possa ser realizado de maneira negociada e interativa entre os atores sociais representados nas figuras dos entrevistadores e do entrevistado.

Na primeira pergunta formulada pela entrevistadora Renata, é possível observamos que o tópico discursivo tratado versa sobre o tema força-tarefa da operação lava jato com sede em Curitiba, no Paraná, na qual foram descobertos muitos crimes de corrupção, a exemplo de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, propinas, entre outros, praticados por políticos, empresários e outros envolvidos nesses esquemas criminosos. No questionamento da entrevistadora, visualizamos algumas repetições que promulgam efeitos argumentativos nesse texto conversacional. A expressão lexical “operação lava jato” é categorizada e recategorizada por outras expressões ao longo do texto, a exemplo de “combatendo a corrupção no Brasil”, “lava jato é de-se-quili-brada”, “cometeu abusos”, “turma do juiz Sérgio Moro”. Ou seja, de modo indireto, temos a repetição desses elementos, com o objetivo de interpelar o entrevistado Ciro Gomes para que ele explique o motivo, provavelmente, de ser contra a referida operação anticorrupção, que suscitou muitas opiniões polêmicas na sociedade brasileira.

Após essa primeira arguição, o entrevistado apenas ri e a entrevistadora lança mais uma questão, ao perguntar de que modo seria o apoio de Ciro Gomes a essa operação, já que se falou, inclusive, em receber a turma da lava jato à “BALA”. A pergunta apresenta marcas propriamente da conversação como pausas, entonação enfática, silabação, entre outros mecanismos conversacionais, sobretudo, a própria repetição enquanto categoria argumentativa. O entrevistado Ciro Gomes inicia sua resposta a partir da cortesia, do cumprimento às Organizações Globo, aos entrevistadores e a todos os brasileiros. Por meio da repetição, ele afirma: “boa noite a você Renata”, “boa noite ao Bonner”, “boa noite a todos os brasileiros”. Verificamos que o entrevistado se utiliza das mesmas estruturas sintáticas e semânticas para interagir durante o início de sua resposta, criando uma imagem de alguém educado.

Em seguida, Ciro Gomes responde à pergunta feita pela entrevistadora Renata. O entrevistado responde se é contra ou a favor a operação lava jato. A partir do uso expressivo da subjetividade (eu), o político afirma que suas

falas, em certas ocasiões, são retiradas do contexto e isso provoca equívocos em relação às opiniões emitidas. Adiante, ele é enfático: “eu apoio a lava jato porque ela é um::a vira... ela é uma virada de página... na crônica de impunidade que sempre foi o prêmio pra corrupção dos grandões no Brasil..”. Ao se posicionar a favor da lava jato, Ciro Gomes ressalta que ela conseguiu punir a corrupção “dos grandões do Brasil”, razão por que se infere que isso não ocorria antes dessa operação investigativa e certamente havia impunidade para os poderosos economicamente que cometiam crimes.

O entrevistado, por meio de marcas subjetivas e construções oracionais “eu tenho...”, “tenho...”, suscita uma imagem de homem virtuoso, sério, honesto, ao dizer: “como eu tenho a ficha limpa...tenho 38 anos de vida pública NUNca me envolvi em qualquer tipo de escândalo... eu tenho um...um ... portanto levo vantagem na disputa se eu...”. Observamos o uso de elementos como “eu tenho a ficha limpa”, “NUNca me envolvi”, ou seja, expressões que denotam a integridade da construção da imagem de Ciro Gomes. As expressões deveras repetidas funcionam para enfatizar a possível idoneidade do entrevistado quanto às questões voltadas à corrupção, uma vez que ele mesmo possui “38 anos de vida pública”, sem nenhum crime, o que ratifica ainda mais a ideia de um político raro, pois nunca cometeu nenhum crime, mesmo participando ativamente da esfera política como prefeito, deputado federal, ministro.

No final de sua resposta, o entrevistado indica que a opinião pública é decisiva para aprovar ou não a operação lava jato. Segundo ele, essa operação precisa ser aprovada “pela maioria...ou pelo conjunto da sociedade”. Assim, de acordo com o entrevistado, fica a cargo da opinião pública avaliar se a lava jato é ou não “uma coisa equilibrada”, séria. Certamente, a desconfiança de Ciro Gomes paira sobre o fato de que no “lado do PSDB não tem nen-hum na cadeia...” e isso é contraditório, tendo em vista as “mi::l demonstrações de corrupção do PSDB”. Vemos a exaustiva repetição da sigla PSDB, com o objetivo de enfatizar que nenhum político filiado a esse partido foi preso durante as investigações, mesmo havendo demonstrações, evidências de corrupção, nenhum político desse partido foi encerrado na prisão durante a operação lava jato e isso imprime uma ideia de partidarismo.

Nesse sentido, contrariamente, segundo Ciro Gomes, existem pessoas ligadas ao PMDB e ao PT que estão na cadeia em virtude da referida operação. Logo, o entrevistado tece uma crítica arrojada ao modo como a operação lava jato vem lidando com algumas condenações e deixando de realizar outras, transmitindo uma ideia de parcialidade, partidarismos de procuradores da força-tarefa da operação lava jato. Ciro Gomes

ora defende a operação policial, ora condena, pela razão de não haver ninguém do PSDB preso. Os elementos conversacionais, sobremaneira a repetição, apresentam o modo como o entrevistado age discursivamente, forjando diferentes efeitos de sentido que, de algum modo, influenciam as crenças e as tomadas de decisão das pessoas que têm acesso ao conteúdo dessa entrevista. A categoria da repetição é um mecanismo decisivo para interpelar o público-alvo.

MOMENTO INTERATIVO 2

Neste segundo momento interativo, verificamos que a entrevistadora Renata indaga o entrevistado Ciro Gomes sobre sua relação com o Partido dos Trabalhadores (PT) e com o ex-presidente Lula. A jornalista questiona, de modo enfático, o fato de Ciro Gomes anteriormente elogiar Lula e o PT e depois passar a fazer várias críticas, mostrando uma possível contradição do entrevistado. É o que podemos ver no seguinte momento:

Renata: Mas até pouco tempo... o senhor elogiava o PT e o ex-presidente Lula...e só passou a fazer críticas ácidas ao ex-presidente e ao partido dele depois que a sua tentativa de aliança falhou... é:: COMO é que esse seu comportamento combinaria justamente com seu discurso anticorrupção?...

Ciro: Eu não tenho que explicar contradição da nossa brava imprensa...eh... eu nun::ca imaginei...e nem ninguém colherá nenhuma declaração minha de que o PT deixasse de ter candidato próprio pra me apoiar... portanto essa história de que eu esperava apoio do PT...jamais teve fun/.. teve fundamento na minha vida...

Renata: Não pretendia unir as esquerdas?

Ciro: Não...gostaria muito de fazer ...mas acredito que será no segundo turno... deixa só eu explicar entretanto... pra MIM... o Lula não é um satanás como certos setores da imprensa... da opinião brasileira pensam... e também não é um deus... um anjo... como certos setores metidos a religiosos do PT pensa... eu conheço o Lula há 30 anos ele foi um presidente que eu tive a honra de servir como... como ministro... e foi um presidente que fez muita coisa bo::a pra muita gente do Brasil.. e em respeito a essas pessoas eu tenho... sempre que perguntado como estou fazendo hoje... desejando falar das minhas propostas... eu faço essa menção a ele... o Lula foi um bom presidente pro Brasil e o povo brasileiro sabe disso... todo mundo tá nos testemunhando por mais raiva que tenha dele...sabe que 5..6...7 anos atrás o Brasil tava com o poder de compra maior... o Brasil tava com condições de credito muito maior...o Brasil tava com a taxa de desemprego muito menor... e a população mais pobre que é por quem eu trabalho mais devotadamente... né?... sentiu na PELE... as consequências de um

bom governo... da Dilma pra cá ...tudo isso foi perdido... mas isso não quer dizer... né?...que a gente deva... rasgar a história nem comemorar o fato de ter o maior líder popular do país PREso...na minha opinião pelo menos... (Fragmento 2 – corpus desta pesquisa).

Neste momento conversacional, a entrevistadora inicia o turno conversacional fazendo uma pergunta a Ciro Gomes acerca de seu posicionamento com relação ao ex-presidente Lula e ao PT, apontando uma possível contradição do entrevistado. Segundo a jornalista, Ciro Gomes elogiava Lula e depois passou a tecer duras críticas ao ex-presidente por causa de uma possível falta de apoio político para a candidatura desse cearense à presidência do Brasil. Vemos que a entrevistadora se utiliza de repetições dos referentes Lula e PT, a fim de destacar uma provável contenda entre os citados políticos que já foram aliados, do mesmo governo. No primeiro mandato do ex-presidente Lula entre os anos de 2003-2006, Ciro Gomes ocupou o cargo de ministro da integração nacional. Talvez seja por isso que ambos os políticos tenham certa aproximação e discordâncias, ao mesmo tempo, e venham gerando muitas polêmicas no cenário político desde as eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

Como resposta à pergunta feita anteriormente, o entrevistado nega que em algum momento buscou apoio do PT e transfere essa notícia à imprensa: “Eu não tenho que explicar contradição da nossa brava imprensa”. Ciro Gomes é enfático ao dizer que nunca almejou que o PT não entrasse com candidato e lhe apoiasse: “nenhuma declaração minha” e “jamais teve fund/... teve fundamento em minha vida”. A entrevistadora, ao perceber que o entrevistado negou completamente a premissa lançada, recorre ao assalto ao turno, sobrepõe a voz e acrescenta mais uma pergunta, estabelecendo o par adjacente pergunta-resposta, característico do gênero entrevista, ao questionar: “Não pretendia unir as esquerdas?” Essa outra pergunta serve justamente para que o entrevistado esclareça o assunto, uma vez que, na pergunta anterior, ocorreu uma negação e uma transferência de responsabilidade sobre o que foi dito.

Em resposta à pergunta feita, o entrevistado procura contextualizar a sua fala e o seu posicionamento. Ele confirma que gostaria muito de unir as esquerdas brasileiras, mas que deixaria isso para um provável segundo turno nas eleições (como sabemos, ele não chegou ao segundo turno). Em seguida, Ciro Gomes continua com o turno expondo a sua opinião pessoal sobre Lula, que foi presidente do Brasil, mas no momento da entrevista encontrava-se preso no departamento da Polícia Federal de Curitiba, no Paraná, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro e, conseqüentemente, sendo considerado ora preso político, ora político preso.

Notamos que o entrevistado busca defender o ex-presidente Lula por meio de expressões que detonam uma boa imagem de Lula, mesmo com algumas críticas ferrenhas. Ciro Gomes lança: “Lula não é um satanás como certos setores da imprensa... da opinião brasileira pensam...”. Verificamos aqui que o entrevistado, primeiramente, cria uma imagem positiva de Lula ao desmistificar, por meio de um discurso de linha religiosa – satanás significa adversário no discurso judaico-cristão – que o ex-metalúrgico seja alguém do mal, que só pensa em destruir, mas também “não é um deus... um anjo... como certos setores metidos a religiosos do PT pensa...”. Logo, por meio de expressões repetidas (não é um) na visão de Ciro Gomes, Lula nem é satanás, nem é anjo, mas alguém que foi um bom presidente para o Brasil.

Mais à frente, o entrevistado afirma realmente qual é o seu pensamento sobre o ex-presidente: “eu conheço o Lula há 30 anos ele foi um presidente que eu tive a honra de servir como...como ministro... e foi um presidente que trouxe muita coisa bo::a pra muita gente do Brasil...”. Neste trecho, percebemos que Ciro Gomes utiliza o referente Lula e depois o recategoriza de presidente. Apresenta, ainda, sua honra em ter servido como ministro durante o governo do PT e enaltece as conquistas realizadas por Lula para o povo brasileiro, engendrando uma imagem positiva do ex-presidente do Brasil.

Logo em seguida, o entrevistado começa a sequenciar os benefícios vividos pelo país no período do governo do ex-presidente Lula: “eu faço menção a ele... o Lula foi um bom presidente pro Brasil e o povo brasileiro sabe disso”. Nesse momento, Ciro Gomes evidencia a importância do governo Lula e credita ao povo brasileiro a chancela dessa afirmativa. Por meio de repetições, o entrevistado continua enaltecendo o ex-presidente: “o Brasil tava com o poder de compra maior”, “o Brasil tava com condições de crédito muito maior”, “o Brasil tava com a taxa de desemprego muito menor”. Os usos dessas sequências enfatizam os benefícios do governo Lula para a população brasileira e a repetição contribui nesse processo com força argumentativa, visando persuadir os telespectadores sobre as benesses realizadas por Lula.

O entrevistado finaliza sua resposta dizendo que o governo da ex-presidente Dilma foi o responsável por fazer o país regredir: “da Dilma pra cá ...tudo isso foi perdido... mas isso não quer dizer...né? ...que a gente deva... rasgar a história nem comemorar o fato de ter o maior líder popular do país PREso...na minha opinião pelo menos...”. Inicialmente, verificamos que Ciro, em sua fala, se utiliza do marcador conversacional de organização e preenchimento de espaços dentro do turno “né”, que

serve para reorganizar as ideias dentro da conversa; depois, indica que, no governo de Dilma Rousseff, todo o avanço alcançado por Lula acabou se perdendo, mas que não se pode esquecer as conquistas realizadas por Lula e nem comemorar por ter “o maior líder popular do país PREso”. Mais uma vez, temos uso da repetição do mesmo referente (Lula), mas de maneira recategorizada (maior líder popular). As repetições utilizadas durante a fala do entrevistado atestam o caráter argumentativo do fenômeno da repetição no texto oral.

MOMENTO INTERATIVO 3

Neste terceiro momento interativo, percebemos que o entrevistado Ciro Gomes e o entrevistador William Bonner dialogam sobre a temática do endividamento dos brasileiros. O entrevistado tem como promessa de campanha retirar os nomes de brasileiros dos bancos de dados de devedores. Há uma tensão acerca do uso verbal (retirar ou ajudar), razão por que causou uma controvérsia durante a entrevista. É possível notarmos isso no excerto a seguir:

Ciro: Bonner eu fui o governador mais popular do Brasil...o prefeito de capital mais popular do Brasil...ministro da fazenda... entrava dentro dos restaurantes no Rio de Janeiro debaixo de palma...não é porque fiz milagre não...é porque eu honro a minha palavra... e as coisas são simples...a palavra que eu digo não é essa...eu vou repetir aqui...eu vou ajudar tirar seu nome do SPC... por quê?... porque eu estudei o assunto...faz um ano...com especialistas...a dívida média é de 4 mil pessoas/ 4 mil reais... com desconto que no leilão do Serasa já tá acontecendo...essa dívida cai pra 1.200 reais...se eu faço um refinanciamento tirando juro de 500% que eles hoje são humilhados... para 10... 12% o banco ganha dinheiro e eu refinancio isso em 36 vezes...a prestação cai de 40 reais por mês...eu vou tirar o nome do povo brasileiro do SPC... MESmo...

Bonner: O senhor disse agora a pouco que vai ajuDAR a tirar...

Ciro: É:: mais.. eu vo::u.. é... é claro que eu não vou se a pessoa não quiser... eu não posso fazer...mas aqueles que quiserem...podem contar eu vou ajudar a tirar o nome do SPC de todo mundo...

Bonner: Okay...

Ciro: Sabe por quê?... não é porque eu sou bonzinho não...é porque tenho um projeto nacional de desenvolvimento...que pro/propõe respostas práticas de como reativar a economia e gerar emprego...o primeiro grande motor na tradição brasileira... não é o melhor...mas o primeiro grande motor na ativação da economia... (Fragmento 3 – corpus desta pesquisa).

Neste último momento interativo, o entrevistado inicia a fala criando uma imagem positiva de si, quando afirma: “Bonner eu fui o governador mais popular do Brasil... o prefeito de capital mais popular do Brasil”, “ministro da fazenda...entrava dentro dos restaurantes no Rio de Janeiro debaixo de palma...”. Assim, por meio dessas repetições de ordem sintática e semântica, vemos que ele se autoqualifica como um político sério, virtuoso, de prestígio e de competência, transmitindo uma imagem positiva de si, buscando convencer e persuadir o público que assistia à entrevista ao vivo durante o maior jornal do país. Essas possíveis qualidades do entrevistado, segundo ele próprio, lhe são atribuídas porque “eu honro a minha palavra”. A todo momento, Ciro faz uso expressivo da subjetividade (eu) para argumentar.

Mais adiante, Ciro Gomes continua esclarecendo que suas palavras possuem fundamento porque buscou compreender o processo de retirada do nome de cidadãos inadimplentes do SPC e afirma conhecer sobre o assunto: “a palavra que eu digo não é essa...eu vou repetir aqui...eu vou ajudar tirar seu nome do SPC... por quê?... porque eu estudei o assunto... faz um ano...com especialistas...”. Por meio da repetição (eu vou), o entrevistado enfatiza sua ideia e seu plano governamental para retirar os nomes dos brasileiros do SPC. No entanto, isso só seria feito caso ele vencesse o pleito eleitoral, o que não aconteceu em 2018.

Ciro Gomes ainda recorre a um argumento de autoridade para fundamentar a sua tese, ao dizer: “porque eu estudei o assunto...faz um ano...com especialistas...”. Vemos que, além de o entrevistado conhecer sobre o assunto (Ciro Gomes é formado em Direito), ele ainda recorreu ao estudo com especialistas, razão por que engendra um efeito persuasivo de credibilidade, evidenciando que o processo de retirada dos nomes do SPC não será feito de qualquer maneira, mas com conhecimento de causa, com pessoas capacitadas.

Em seguida, o entrevistado começa a explicar de que maneira faria o processo e assegura que vai retirar o nome das pessoas do SPC e do Serasa. Dessa vez, por meio do argumento de quantidade, Ciro Gomes lança: “a dívida média é de 4 mil pessoas/ 4 mil reais... com desconto que no leilão do Serasa já tá acontecendo... essa dívida cai pra 1.200 reais... se eu faço um refinanciamento tirando juro de 500% que eles hoje são humilhados... para 10... 12% o banco ganha dinheiro e eu refinancio isso em 36 vezes...a prestação cai de 40 reais por mês...”. O uso de dados numéricos possui força persuasiva, pois apresenta as possibilidades de as dívidas dos brasileiros serem sanadas junto aos órgãos de proteção de crédito. O entrevistado mostra uma proposta instigante, que certamente desperta uma euforia nas

peessoas que não têm uma leitura mais crítica da realidade. Como arremate final dessa fala, novamente temos a repetição: “eu vou tirar o nome do povo brasileiro do SPC...MEsmo...”.

O entrevistador Bonner, no entanto, contraria a fala do entrevistado, repetindo o que ele havia dito no início sobre a possibilidade de ajudar a tirar e não a tirar por si próprio o nome dos brasileiros do cadastro de devedores. Por meio da correção, Ciro Gomes afirma: “É:: mais... eu vo::u... é... é claro que eu não vou se a pessoa não quiser... eu não posso fazer... mas aqueles que quiserem... podem contar eu vou ajudar a tirar o nome do SPC de todo mundo...”. Constatamos aqui que o entrevistado retifica sua assertiva e fala apenas em “ajudar” a retirar os nomes. Vemos as repetições subjetivas (eu vou), enfatizando a imagem de político competente que irá ajudar as pessoas e que governará de forma exitosa.

O entrevistador Bonner concorda com a nova resposta do entrevistado ao dizer “Okay” e, em seguida, o próprio entrevistado faz uma pergunta e ele mesmo a responde: “Sabe por quê?... não é porque eu sou bonzinho não... é porque tenho um projeto nacional de desenvolvimento... que pro/propõe respostas práticas de como reativar a economia e gerar emprego... o primeiro grande motor na tradição brasileira... não é o melhor... mas o primeiro grande motor na ativação da economia...”. Ciro afirma que conseguirá tais feitos por meio de seu projeto nacional de desenvolvimento, que será capaz de melhorar a economia e gerar emprego. Ele diz: “o primeiro grande motor na tradição brasileira... não é o melhor... mas o primeiro grande motor na ativação da economia”. Observamos a repetição enfática em “o primeiro grande motor”, transmitindo uma ideia de originalidade, ineditismo. Essas asserções certamente causam efeitos persuasivos nos interlocutores que acompanharam a entrevista. Mais uma vez, a categoria da repetição é peça-chave para o projeto de fala do entrevistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos estabelecer uma fundamentação teórica sobre os estudos conversacionais por entendermos que esses estudos se mostram de grande utilidade para análises consistentes de diferentes gêneros textuais da oralidade. Tomando a Análise da Conversação como uma disciplina que possui um eficaz instrumental teórico e metodológico, procedemos a um estudo fundamentado nos princípios conversacionais, considerando a oralidade e a escrita como duas modalidades complementares e não dicotômicas, opostas.

A Análise da Conversação é responsável por investigar as conversações cotidianas, desde as mais simples do dia a dia às mais formais, como é o caso da entrevista oral televisiva de vertente jornalística. De maneira fundamentada, pudemos compreender como se organizam e se caracterizam as mais variadas categorias presentes na citada teoria, atribuindo ênfase maior na repetição. Além disso, trouxemos pontos e características relevantes acerca do gênero entrevista oral televisiva, por se tratar de um gênero pertencente à oralidade. Apresentamos uma possível contribuição para a realização de outros estudos acerca do gênero destacado.

Ademais, a entrevista em tela se enquadra no esquema pergunta-resposta, que corresponde a um *par adjacente* e constitui-se, portanto, como elemento básico e interativo durante uma conversa. Outrossim, ao passo que a entrevista informa, ela também contribui para a formação de opinião, o que demonstra sua relevância e finalidade sociocomunicativa. Como vimos durante este trabalho, a todo momento os entrevistadores e o entrevistado discutiam assuntos polêmicos e pertinentes ao cenário político brasileiro de 2018. Além de apresentarem informações, eles lançavam opiniões, a fim de que os telespectadores pudessem acreditar nas ideias que estavam sendo apresentadas ao público-destinatário.

Por isso, compreendemos que uma das finalidades do gênero entrevista oral televisiva de linha jornalística é interpelar o público-alvo, com o objetivo de que este possa concordar e agir de acordo com o querer-fazer dos interactantes. A intencionalidade é passível de ser discutida, pois temos, de um lado, as Organizações Globo, o jornal nacional, os jornalistas da emissora. Do outro lado, temos Ciro Gomes, um candidato presidencial, autointitulado de esquerda, pertencente ao PDT. Nesse sentido, as intencionalidades estão inscritas em uma pluralidade que, de alguma maneira, almejam transmitir informações e opiniões aos telespectadores para que estes acreditem no que está sendo divulgado durante a entrevista. Os jornalistas tentam subtrair todas as informações possíveis sobre o entrevistado acerca do caráter, do costume, de aliados, do plano de governo etc. E o entrevistado tenta criar uma boa imagem de si para angariar os votos dos eleitores que estavam assistindo a entrevista.

Durante as análises, evidenciamos a utilização da repetição como categoria imprescindível ao texto conversacional. Além disso, vimos que ela promove a argumentatividade e a interatividade. As repetições foram empregadas com o objetivo de reafirmar, contrastar argumentos e expressar opinião pessoal, ou seja, a subjetividade. Percebemos, explicitamente, que a repetição nos fragmentos analisados desempenhou alguns papéis sobremaneira importantes: conferiu coesão e coerência ao texto conversacional, garantiu a interatividade natural da própria da

oralidade, apresentou a intencionalidade dos interlocutores. Sendo assim, a repetição foi peça-chave para o projeto de fala tanto dos entrevistadores quanto do entrevistado.

O desenvolvimento do presente estudo objetivou investigar o papel desempenhado pelo fenômeno da repetição em uma entrevista oral televisiva com o político Ciro Gomes. Durante as análises, mostramos a importância da referida categoria para o ato de argumentar dos entrevistadores e do entrevistado. Com a repetição, esses interlocutores criaram imagens de si e de terceiros. As imagens suscitadas foram positivas e negativas. As primeiras foram engradadas quando Ciro Gomes falou sobre si mesmo; as segundas foram despertadas quando o entrevistado falou sobre Lula, Bolsonaro e outros adversários políticos, a exemplo de Sérgio Moro e da operação lava jato. A repetição é mesmo uma categoria que não é possível abdicar no texto oral. A sua funcionalidade extrapola o nível meramente textual, indo, de forma exofórica, para outras circunstâncias, a exemplo do próprio contexto enunciativo.

Certamente, este trabalho logrou êxito na medida em que analisou um texto da oralidade e de cunho político, à luz da Análise da Conversação. Atualmente, vemos a crise política que o Brasil vive, sobretudo por um negacionismo científico, o qual reverbera querelas de nuances polêmicas e até mesmo ditatoriais. Ciro Gomes, Lula, Bolsonaro são, neste momento, os principais candidatos à Presidência da República Federativa do Brasil. Neste trabalho, em virtude da dimensão e do recorte deste estudo, analisamos apenas trechos de uma entrevista com Ciro Gomes. É preciso ir além e realizar outras investigações com os demais candidatos, a fim de analisar de que modo a categoria da repetição, aliada a outras categorias, está presente nas falas desses e outros políticos, engendrando possíveis sentidos e não outros.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas/SP: Papirus Editora, 2005.

BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar**: uma experiência de letramento midiático. São Paulo: Cortez, 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORIN, Rosalia Perrucci. Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade. **Eutomia**. v. 1, n. 2, dez. 2008.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 180-193, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore. **Introdução à linguística textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Repetição**. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore. (Org.). Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219-254.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de. **Aspectos textuais e conversacionais na entrevista oral no radiojornalismo alagoano**. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

ROCHA, Max Silva da. **As práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano**. 2020. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Daniela Negraes P.; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da Conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, v. 7, n. 13, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, p. 61-78, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; NEGREIROS, Gil Roberto Costa. Qual é o status tipológico da conversação? **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, 2019.

UM ESTUDO SEMIOLINGUÍSTICO ACERCA DOS DISCURSOS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Adriana Rodrigues de Sousa
João Benvindo de Moura

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os trabalhos relacionados ao estudo do *ethos* feminino vêm sendo demonstrados, debatidos e evidenciados há algum tempo no âmbito da Análise do Discurso Francesa. No entanto, embora estas pesquisas sejam, relativamente, oportunas, percebemos que a situação de vulnerabilidade social, na qual muitas mulheres se encontram atualmente, criam novas perspectivas de interpretação. Assim sendo, cabe ao analista do discurso, compreender e analisar os novos questionamentos e visões de mundo que circundam essa realidade social, culminando na defesa de pautas referentes à mulher nessa condição de vulnerável.

Esta pesquisa, ancorada na Análise do Discurso Semiociolinguística, visou analisar o *ethos* e os imaginários sociodiscursivos, em entrevistas etnográficas realizadas com cinco mulheres dependentes químicas, em recuperação, internas da Casa das Samaritanas, uma entidade de acolhimento feminino, na cidade de Parnaíba-PI. As entrevistas constituíram-se em narrativas de vida que traçaram perfis de sujeitos do discurso que se desdobraram em diferentes vozes sociais, destacando também suas peculiaridades.

Percebemos que, historicamente, no Brasil, os discursos sobre o papel da mulher na sociedade permeiam o imaginário sociodiscursivo da população. As temáticas sobre a sexualidade, o aborto, os papéis sociais, a inserção no mercado de trabalho, a participação na política, atravessaram os séculos ocupando lugar de destaque nas trocas linguageiras. Embora se reconheça as muitas conquistas femininas ao longo do tempo, o atual estado de crise pelo qual atravessa o país, fez com que os discursos misóginos ressurgissem com uma força avassaladora. Se por um lado, muitas mulheres ocupam posições de destaque, outras continuam em situação de vulnerabilidade social.

No Brasil, a figura da mulher nesta última situação, relaciona-se, majoritariamente, com a pobreza. Apesar da diminuição da desigualdade de gênero na década de 1990, as mulheres ainda realizam uma série de

atividades não remuneradas como “donas de casa”. Por isso mesmo, há uma relação clara de desigualdade acerca da divisão do trabalho entre homens e mulheres (GOMES; PEREIRA, 2005). Consideramos que toda essa problemática social se instaura através da linguagem e que esta é concebida como a forma material do discurso, que, por sua vez, consiste na forma material da ideologia. Em virtude dessas constatações, pretendemos investigar, a partir do ponto de vista linguístico-retórico-discursivo, como essas mulheres enxergam a si mesmas e como veem o mundo que as cerca.

Deste modo, uma proposta que busca analisar e compreender as imagens e representações da mulher, na esfera dos estudos da linguagem, requer, ainda que breve, um estudo cultural e social, uma vez que essas representações perpassam diversos espaços sociais que se manifestam através do discurso: literário, midiático, religioso, institucional, dentre outros. Portanto, temas sociais como a violência e a dependência química se constituem como material concreto e real nesta pesquisa em que os sentidos emergem das relações estabelecidas entre a vida das internas antes de morarem na Casa e a narrativa construída por elas, através das entrevistas, durante o processo de tratamento da adicção, termo relacionado à dependência química, utilizado pela entidade, no processo terapêutico de recuperação das acolhidas.

O discurso feminino, de uma forma geral, tem sido objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento. Em Nogueira (2006), encontramos um importante ensaio sobre o discurso de mulheres em posições de poder, estabelecendo uma articulação da psicologia com as teorias feministas e com perspectivas de cidadania. Rocha-Coutinho (2006), por sua vez, apresenta um estudo mais amplo, relacionando os estudos de gênero, a narrativa oral e a análise do discurso.

Nos ancoramos na Teoria Semi linguística (CHARAUDEAU, 2016; 2018), utilizando como categorias de análise, além do *ethos* e dos imaginários sociodiscursivos, o modo de organização do discurso narrativo. Lançamos mão, ainda, das contribuições teóricas de Machado (2018), Amossy (2016), dentre outros. Tomando como base esse dispositivo, identificamos, através de entrevistas etnográficas, levando em conta as circunstâncias dos discursos que fundamentaram os imaginários sociodiscursivos construídos acerca da mulher e os elementos narrativos que contribuíram para a construção do *ethos* discursivo.

A ANÁLISE DO DISCURSO SEMIOLINGUÍSTICA

A Análise do Discurso Semilinguística (doravante ADS) é uma vertente da Análise do Discurso Francesa, desenvolvida pelo linguista

francês, Patrick Charaudeau, a partir de sua tese de doutorado, na década de 1980. Dentre as diversas correntes da AD, a teoria charaudiana se distingue por concepções teóricas e metodológicas através das quais, entendem que o discurso depende das condições da enunciação e dos interlocutores para quem é dirigido esse discurso. Charaudeau (2016) evidencia o papel do sujeito como a base de todo ato de linguagem. A significação do mundo é dada pelo material linguageiro da comunicação o qual representa a realidade parcialmente ou em sua totalidade.

Charaudeau (2016) apresenta o campo semiolinguístico integrando duas antinomias que explicam que “o ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que falam o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão” (CHARAUDEAU, 2016, p. 20). Nessa perspectiva, considera-se uma relação de convergência entre a Semiótica e a Linguística elucidando que uma análise semiolinguística é Semiótica porque seu objeto de estudo se organiza em uma intertextualidade e é Linguística visto que o instrumento utilizado para análise de seu objeto se constitui a partir de uma conceituação de fatos que permeiam o universo da linguagem. A referida teoria deu origem ao que hoje poderíamos chamar de Análise do Discurso Semiolinguística (ADS), na perspectiva de Machado (2016).

Conforme Moura (2012), a linguagem produz sentidos variados, visto que, exerce a função de corresponder a intenções determinadas, decorrentes das interações entre os sujeitos. Segundo Machado (2016), a maneira de se analisar o discurso na ADS, se incorpora em uma concepção pragmática vinculada a uma dimensão psicossocial, conciliando nessa combinação, os elementos que compõem a citada teoria e a torna interdisciplinar.

Charaudeau (2016), em seu livro “Linguagem e discurso: modos de organização”, no capítulo “Problemas de abordagem na análise do discurso”, define a semiolinguística como um campo que integra duas antinomias: “do que nos fala a linguagem” e “como nos fala a linguagem” (p. 20, grifos do autor). Estabelecendo uma relação com nosso objetivo de pesquisa, que busca analisar, dentro dos aspectos linguísticos, as estratégias do discurso e como estas condicionam à construção dos imaginários sociodiscursivos e *ethos*, faz-se necessário dizer que, nessa linha, o analista, ao se deter sobre o discurso (do que nos fala a linguagem), tem como finalidade, identificar as intenções e as estratégias discursivas adotadas por quem as produz (como nos fala a linguagem), levando em conta os componentes da situação comunicativa. Essa esfera situacional, articulada entre os aspectos linguísticos e discursivos é que proporciona uma significação efetiva do estudo da língua e a constituem como fator social. Para Charaudeau:

[...] uma análise semiolinguística do discurso é Semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só constitui em uma intertextualidade. Esta última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair dela possíveis significantes. Diremos também que uma análise semiolinguística do discurso é Linguística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguageiros. (2016, p. 21)

A partir dessa afirmação, entendemos que a semiótica e a linguística se completam, ou seja, se integram e se fundamentam, por isso são necessárias aos estudos do campo semiolinguístico. Segundo Procópio (2008), a Análise do Discurso Semiolinguística leva em consideração alguns fatores que restringem e caracterizam as estratégias utilizadas no estudo dos gêneros discursivos: situação de comunicação, a identidade e os papéis dos parceiros, a finalidade do ato comunicativo, as expectativas da interação, a tematização, e as características estruturais do texto. Dentre os principais postulados da ADS estão o ato de linguagem, as circunstâncias de discurso, o processo de semiotização do mundo, as estratégias discursivas, o contrato de comunicação, a situação de comunicação, os sujeitos da linguagem e os imaginários sociodiscursivos. Faz-se necessário destacar que, somente alguns postulados foram incluídos neste estudo, e, é sobre eles que discorreremos a seguir.

OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO E AS NARRATIVAS DE VIDA

Segundo o que é preconizado pela Teoria Semiolinguística, o discurso é analisado, a partir de três dimensões: a situacional, a discursiva e a linguística. Desse modo, o sujeito falante organiza as categorias linguísticas, conforme as finalidades discursivas da encenação comunicativa. No que tange à dimensão discursiva, Charaudeau (2016) apresenta os modos de organização do discurso, estabelecendo quatro modos de organização: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Cada um deles apresenta uma função de base que se trata da finalidade do falante de narrar, descrever e/ou argumentar e um princípio que organiza a encenação e os demais, definindo a maneira com a qual o sujeito se posiciona: o modo enunciativo.

Considerando-se a natureza do nosso *corpus*, constituído por memoriais que se configuram como narrativas de vida, daremos ênfase ao modo narrativo proposto por Charaudeau, entendendo que as narrativas apresentadas possuem traços de outros modos. No entanto, a predominância dos componentes e procedimentos deste modo, justifica nossa escolha.

O MOD narrativo, de acordo com a proposta de Charaudeau (2016), concebe a realidade com base no desenrolar de ações sucessivas que exercem influência direta, umas sobre as outras. Para que uma narrativa se constitua, é necessário um narrador, que pode assumir o posto de contador, escritor ou testemunha. Esse narrador deve estar investido de uma intencionalidade diante de seu destinatário. O sujeito que narra assume um papel de testemunha com aquilo que é vivido, podendo encenar narrativas reais ou fictícios, definidas por meio de uma lógica que apresente princípio e fim. Esse modo caracteriza-se por uma dupla articulação: a organização lógica narrativa, na qual Charaudeau (2016) destaca os componentes da lógica narrativa; e, a organização da encenação narrativa, focada nos componentes do dispositivo da encenação narrativa, articulando um espaço externo (extratextual) e interno (intratextual) considerando os seres de identidade social e discursiva, respectivamente.

Machado (2018) propõe uma interface entre a Análise do Discurso Semilinguística e os estudos de Narrativas de Vida. Segundo a autora, a maneira como os pensamentos, crenças e ideias se disseminam, divergem de sujeito para sujeito, já que cada um adota um estilo peculiar de fala ou escrita, dadas as circunstâncias que a vida os impõe. A atividade narrativa possibilita reflexões e transformações, colocando esses sujeitos como personagens de uma história real, ratificando ou retificando ações ocorridas ao longo da vida.

AS NARRATIVAS DESVELANDO OS IMAGINÁRIOS

O critério mais relevante para a delimitação desta pesquisa foi a situação de vulnerabilidade e a dependência química das mulheres entrevistadas. O vocábulo “vulnerabilidade” leva em consideração as distintas situações vivenciadas pelos sujeitos para caracterizar esta condição em três dimensões, conforme preconiza o Ministério da Saúde (2004): a social, relacionada aos enfoques sociais do sujeito; a programática, que se refere ao entendimento acerca das dificuldades de prevenção e de acesso a serviços e, por fim, a vulnerabilidade individual relativa ao âmbito das crenças, comportamentos e práticas subjetivas. Segundo Charaudeau (2016), as representações sociais interferem na questão identitária do sujeito configurando, dessa forma, os imaginários sociodiscursivos que circulam em determinados grupos sociais.

É através da atividade da linguagem que cada grupo social estabelece e classifica seus objetos de conhecimento, conferindo-lhe valores, a partir de experiências vivenciadas. Os imaginários se constroem relacionando dados racionais e afetivos, a partir dos conhecimentos que temos do

mundo, porém, não há total liberdade para o sujeito tematizar seu discurso. A situação de comunicação na qual está inserido o sujeito, impõe a ele e seu interlocutor, um certo propósito de acordo, na construção e intenção do discurso. Os imaginários sociodiscursivos não têm intenção de estabelecer verdade, mas, propor uma visão de mundo e analisar em qual situação comunicativa eles se inscrevem de acordo com seus testemunhos, conforme propõe Charaudeau (2015, p. 207):

Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais.

Nesse sentido, o homem constrói seu saber, ao sentir a realidade que a ele se apresenta, através de um sistema de pensamento apreendido por ele no grupo social do qual faz parte. Partindo da noção de representação social, a qual arquiteta os sistemas de saber e fundamenta a noção e classificação dos imaginários sociodiscursivos, Procópio (2008) explica que esse conceito se constrói através de diversos saberes que estão presentes na sociedade. São eles que nos dão base para compreender os discursos circulantes no meio social e servem como argumentos para a criação desses imaginários. Há vários estudos, em diversas áreas, acerca do conceito de “representação social” como na Sociologia, Psicologia, Antropologia e na Análise do Discurso, sendo esta última, nossa área de maior interesse nesta pesquisa.

Conforme Amossy (2006), as representações são produzidas historicamente e têm como finalidade, produzir uma consciência e um mundo compartilhado internamente pela maioria dos indivíduos desse grupo social, fazendo com que o sujeito seja habitado por elas, de forma coletiva, condicionando-o a produzir uma significação desse mundo e de si mesmo.

A posição do sujeito e as condições de produção que permeiam a realidade por ele interpretada são os elementos que fabricam essa percepção do contexto no qual estão inseridos. As crenças, de acordo com o ponto de vista dos teóricos marxistas da ideologia, se materializam na linguagem e são construídas através desses modelos que exercem um papel de camuflar o real, impondo ao sujeito a percepção de uma realidade única. Um ponto de vista mais subjetivista que relaciona a objeção a mudanças e a contrariedade ao que é novo, a uma ideologia que executa uma função de orientação do comportamento de grupos sociais condicionando-os a essa resistência (CHARAUDEAU, 2015).

Segundo Spradley, a cultura é “o conhecimento adquirido previamente que as pessoas usam para interpretar experiências e gerar comportamentos” (1979, p. 5). É necessário se compreender que essa pesquisa deve se configurar como um mecanismo de análise dos discursos sociais que precisam de um contexto definido possibilitando, dessa forma, uma compreensão do universo feminino e de suas reais necessidades, através dos saberes de conhecimento e de crença, dando a esses processos discursivos, uma interação com o mundo, enquanto realidade, e da linguagem como fator e produto social.

Os saberes sociais, constituídos a partir das representações se estruturam dentro do discurso, já que não existem fora dele, atuando como um meio simplificado de crenças e conhecimentos com o intuito de conduzir, de forma prática, a orientação e atuação dos indivíduos no mundo que o cerca. Conforme Charaudeau (2015), os saberes são maneiras de dizer configuradas pela linguagem e dependentes dela cooperando para a construção de um sistema de pensamentos. Ao discutir sobre saberes, enquanto representações sociais, o autor situa a noção de imaginários dentro do arcabouço da análise do discurso, em especial, na Teoria Semiolinguística. É através de uma racionalização discursiva que se constrói o real como um universo significado. São denominados de “imaginários discursivos”, no entanto, pelo fato de circularem no interior de um grupo social, são intitulados de “imaginários sociodiscursivos”.

De acordo com Charaudeau (2015), a construção dos imaginários sociodiscursivos se agrupa em dois tipos de saberes: os saberes de conhecimento e os saberes de crença, definidos pelo autor como:

Os saberes de conhecimento visam a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Eles são oferecidos como existindo além da subjetividade do sujeito, pois o que funda essa verdade é algo exterior ao homem. Esses saberes dizem respeito aos fatos do mundo e à explicação que se pode dar sobre o porquê ou o como desses fenômenos. [...] Os saberes de crença visam a sustentar um julgamento sobre o mundo. Referem-se, portanto, aos valores que lhe atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo, que é um modo de explicação centrado na realidade e que, supostamente, não depende de julgamento humano [...] (p. 197-198, grifos do autor).

De acordo com Procópio (2008), princípios relacionados à racionalidade e afetividade na simbolização do mundo e das relações que o permeiam corroboram os imaginários sociodiscursivos. Estes são criados e apreçados pelos discursos circulantes no meio social. Assim, os saberes de conhecimento e os saberes de crença fundamentam as estruturas sociais, demarcando ideias e valores, construindo o real como universo de significação.

O modelo de relação determinante entre o sujeito e o mundo é o que diferencia, essencialmente, os saberes de conhecimento e os saberes de crença. No primeiro, o mundo se sobrepõe ao homem, a partir da verificação comprovada, relacionando os modos de ver e de dizer das ciências, por meio de teorias e procedimentos metodológicos (saberes científicos), fundamentando e legitimando um argumento; ou, experimentada e universalmente compartilhada sem compromisso com a comprovação acerca dos esclarecimentos e explicações do mundo. No segundo, o homem é que se sobrepõe ao mundo trazendo uma explicação deste, a partir do ponto de vista do sujeito, não sendo, portanto, verificável. Conforme Charaudeau (2015), a utilização desses saberes se dá por adesão dos indivíduos através de uma dimensão associada à *revelação*, num ambiente de explicações fundamentadas e reconhecidas fora do sujeito, sem comprovação, encaradas como verdadeiras pelo indivíduo e, associada à *opinião*, numa esfera em que um determinado sujeito se impõe ao mundo por meio de um engajamento, tomando partido para expressar um julgamento sobre os fatos do mundo.

De acordo com Charaudeau (2017), para haver uma justificação para uma adesão ao saber de revelação, é necessário que existam textos que confirmem e testemunhem essa verdade, de certa forma, “transcendental”, apresentando um atributo sagrado e absoluto. São as doutrinas (religiosas ou profanas) que desempenham esse papel de referência aos valores aderidos pelos sujeitos: “as doutrinas são um saber de opinião maquiado como saber de conhecimento e são usadas como modelo de pensamento e de comportamento para os indivíduos que vivem em sociedade” (SILVA, 2017, p. 30). Segundo Charaudeau (2011), elas apresentam características em comum com as ideologias, já que, segundo o autor, essas últimas fundam um “conjunto de representações sociais” que se reúnem numa sistematização de convicções partilhadas.

Os saberes científicos ou de experiência não são completamente fechados, pois, podem ser colocados à prova e contestados a partir de uma nova teoria ou método que refute sua validade, ao contrário do saber de revelação, o qual é plenamente fechado acerca de uma evidência sustentada por enunciados de valor, aderidos pelo sujeito, através de uma verdade revelada. Nesse sentido, podemos inferir que a ideologia é um sistema de pensamento heterogêneo, pois se constrói por saberes de conhecimento, como também, por saberes de crença.

No que tange os saberes de opinião, entendemos que sua construção se dá por motivações variadas e distintas, resultando de um movimento de apropriação de um sujeito acerca de um saber dentre aqueles que circulam em meio aos grupos sociais. A base de sustentação dos argumentos está em

lógicas afetivo-rationais: necessidade, probabilidade, verossimilhança. Esse saber é, ao mesmo tempo, pessoal e social. Embora se trate de um julgamento de um sujeito específico, este faz uso dos saberes circulantes. Acerca desse saber “quando aparece sob uma enunciação generalizante, como no caso dos provérbios, máximas e ditados, o sujeito sabe que esse saber é discutível, comprovam o fato de que a todo provérbio responde um contrapróverbio” (CHARAUDEAU, 2017, p. 584-585).

A CONCEPÇÃO DE ETHOS

O termo *ethos* se origina do grego “personagem”, designando a construção de uma imagem de si. O filósofo Aristóteles, em seus estudos sobre retórica, foi um dos precursores do uso do vocábulo, entendendo o *ethos* como uma imagem que o orador projeta de si com o intuito de influenciar seu auditório. O significado de *ethos*, em um sentido amplo, corresponde à noção de comportamento do locutor que o constrói baseando-se num conjunto de regras éticas que constituem e sistematizam a conduta do indivíduo em sua vida social.

Conforme Aristóteles (2005), o estudo do *ethos* na perspectiva aristotélica faz parte de uma trilogia de provas técnicas que compõem a arte retórica através do discurso. São três meios pelos quais se estabelece a arte da persuasão: *ethos*, que representa os fatores provenientes da moral do orador; *pathos*, prova que visa movimentar o auditório e aguçar suas paixões definindo como os oradores se apresentam aos ouvintes e, por fim, o *logos*, prova que consiste numa instância intelectual, a qual verifica o funcionamento dos argumentos lógicos em um discurso, ou seja, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar. Para Moura, Batista Júnior e Lopes (2015), na perspectiva da Análise do Discurso, é através dos aspectos linguísticos e discursivos que as análises evidenciam os modos de dizer do sujeito enunciativo na construção do seu *ethos*. Faz-se necessário destacar que, dentre as categorias de provas apresentadas, somente o *ethos* será inserido nos estudos que envolvem esta pesquisa.

Segundo Maingueneau (2015), o termo *ethos* ficou obsoleto por algum tempo nas ciências sociais, no entanto, teve seus estudos retomados com grande repercussão, a partir dos anos 1980, incorporado aos trabalhos deste autor e de Oswald Ducrot, linguista e criador da teoria polifônica da enunciação, integrando o conceito de *ethos* ao próprio ato de enunciação, o qual viabiliza as informações sem relacioná-las ao sujeito previamente. Conforme Maingueneau, o que o surpreendeu e o fez constatar que o interesse pelo retorno desse conceito está em sintonia com o domínio das mídias audiovisuais, visto que, a partir da década de 1980:

O foco de interesse dos analistas da comunicação se deslocou, das doutrinas e dos aparelhos aos quais relacionavam uma ‘apresentação de si’, para o ‘look’. E essa evolução seguiu *pari passu* seguiu o enraizamento de todo processo de persuasão numa certa determinação do corpo em movimento; o que fica especialmente claro no domínio da publicidade, em que passamos o mundo da ‘propaganda’ ao da ‘publicidade’: a propaganda desenvolvia argumentos para valorizar o produto, a publicidade põe em primeiro plano o corpo imaginário da marca que supostamente está na origem do enunciado publicitário. (2015, p. 11)

As problemáticas referentes ao discurso e o interesse mencionado anteriormente, deram ao *ethos*, uma posição de primeiro plano em termos pragmáticos e discursivos. Diversos estudiosos justificam o interesse pelo *ethos* a partir da evolução da palavra como veículo de comunicação nas mídias, que obriga o uso de dispositivos diversificados quanto ao uso desta, nos enunciados que têm como finalidade construir uma imagem de si no discurso, adaptando-a às especificidades e condições da enunciação. De acordo com Procópio (2008), algumas concepções teóricas têm retomado esse conceito, baseando-se em Aristóteles, porém, trazendo novas abordagens com uma diversidade de usos para as ciências da linguagem como: a pragmática, a argumentação e o discurso.

Para Maingueneau (2015), estabeleceram-se algumas adversidades ligadas à noção de *ethos*, pois, embora haja um entendimento, a partir de Aristóteles, de que o *ethos* esteja vinculado ao ato de enunciação, entendemos que, o auditório pode construir imagens representativas do enunciador. Essa acepção vai ao encontro de outras vertentes filosóficas, como a dos romanos que consideravam o *ethos*, um dado preexistente ao discurso. Ampliando os estudos ligados à noção de *ethos*, o autor justifica seu interesse em estudá-la, elencando duas razões para tal: “seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica” (MAINGUENEAU, 2008b, p.70) No tocante às terminologias relacionadas a esta noção, apresentou-se uma distinção entre o *ethos* prévio (a imagem preexistente do locutor) e o *ethos* discursivo (a imagem que ele constrói em seu discurso). Há, para alguns, problemas de compreensão acerca da variedade de usos do termo e uma certa dificuldade em definir se o *ethos* pode assumir essa característica de “prévio” e “discursivo”, pois se tratam de elementos que se mesclam no processo de construção da imagem. Analisando esses dois níveis de *ethos*, Procópio (2008, p.34) compreende que “para que as imagens projetadas pelo locutor sejam legitimadas pelo auditório, é preciso que haja uma adequação, isto é, que elas sejam partilhadas pelos interlocutores e sejam admitidas como representações ancoradas socialmente”. Nessa perspectiva, podemos compreender que

existe uma complementação entre essas noções que contribuem para a definição de um *ethos* não inteiramente espontâneo, dependendo, obviamente, das variedades de circunstâncias, de discursos e de visões de mundo compartilhadas pelo auditório.

Acerca dos debates entre as concepções de *ethos*, nos filiamos à perspectiva de Charaudeau (2015, p.115), para quem tal noção “relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê”. Nesse sentido, os dados que constroem a imagem do sujeito se ancoram ao que se sabe antes a respeito deste sujeito e o que se apresenta no ato de linguagem.

Charaudeau (2015) estabelece duas categorias de *ethos* que classifica como: *ethé de credibilidade*, fundada em um discurso da razão e *ethé de identificação*, fundada em um discurso de afeto. Os *ethé de credibilidade* se constituem como um efeito da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, com o intuito de conduzir o interlocutor a apostar na dignidade desse sujeito. Dessa forma, ao analisarmos, através das entrevistas etnográficas, os discursos das mulheres, pretendemos identificar as imagens que estabelecem em função da razão e do afeto.

Há três condições que possibilitam a verificação para que um indivíduo seja avaliado como digno de crédito: a condição de sinceridade ou de transparência, que corresponde à possibilidade de comprovar que o que é dito coincide com o que ele pensa; a condição de *performance*, em que o sujeito apresenta os mecanismos para realizar a ação que promete e, por fim, a condição de eficácia que confere o efeito entre aquilo que é anunciado e aplicado pelo indivíduo (CHARAUDEAU, 2015). Entendendo que os discursos de mulheres na condição de vulneráveis veiculam sentidos distintos aos da política, produzindo outras imagens de si, nos baseamos numa classificação para elencar os *ethé* identificados nesses discursos, levando em conta, suas peculiaridades. Como é dito pelo próprio autor, “essas condições variam em importância de acordo com o que está em jogo em cada situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 119).

Nessa perspectiva, ao analisar o *corpus* desta pesquisa, ratificando que se trata de discursos de mulheres que se apresentam como dependentes químicas, ainda assim, identificamos um *ethos* de seriedade, dentre outros que serão detalhados na análise, e um discurso de justificação, quando relatam a não intencionalidade do ato, por *ignorância*, *inocência*, *circunstâncias* ou *responsabilidade coletiva*. Corroboramos, assim, a afirmação de Charaudeau sobre essas variações de condições que possibilitam essas construções dos *ethé*.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por considerar aspectos subjetivos por abordar representações sociais, crenças e opiniões relacionadas a um meio social. Ela leva em consideração todos os componentes de uma situação de comunicação em suas interações e influências recíprocas, ou seja, defende uma visão holística dos fenômenos estudados. Por se tratar também de uma pesquisa de campo, que estabelece relações com pessoas, fizemos uso da etnografia.

Para isso, consideramos necessário montar um *corpus* representativo, constituído por entrevistas gravadas com cinco mulheres moradoras da instituição. Para a realização da coleta de dados, seguimos os passos seguintes: observação participante, entrevistas etnográficas, narrativas e registro das atividades diárias realizadas pela Casa, durante dois meses. As entrevistas foram realizadas entre os dias 02 e 10 de março de 2020. Para seleção da amostra, adotamos critérios tais como: idade, grau de escolaridade e o tempo no qual as internas estão na Casa. As entrevistas tiveram um roteiro previamente elaborado contendo os seguintes direcionamentos: falar sobre a condição econômica e familiar antes de entrar numa situação de vulnerabilidade social; acontecimentos que as levaram a essa condição; motivos que as fizeram buscar o acolhimento na Casa das Samaritanas; projeções para um futuro fora da instituição.

O roteiro auxiliou no sentido de conduzir as entrevistadas para que tivessem a possibilidade de se situarem dentro de suas próprias narrativas. Para efeito de anonimização, os nomes foram omitidos, sendo substituídos por nomes de flores: Girassol, Orquídea e Tulipa.

ENTRE A IMPOTÊNCIA E O PODER DE SUPERAÇÃO: IMAGENS ANTAGÔNICAS

Ao analisarmos um *corpus* cujos sujeitos enunciativos estão em situação de vulnerabilidade, seja ela qual for, é comum que nos deparemos com a projeção de imagens que oscilam entre a dor e a esperança. Considerando-se um universo composto por mulheres à margem da sociedade, tais imagens não são diferentes. Elas oscilam numa construção de imagens antagônicas, visto que, demonstram vergonha e impotência, outras vezes transparecendo empoderamento, esperança, superação.

“eu fumava não...antes. Quem me ensinou foi a doida...fumava mais a muié. Eu tava...tu sabe, num sabe?” (referindo-se a uma relação conjugal entre as duas). (Girassol, 21 anos)

“**Antes**, eu estudava... lá em Luís Correia, eu estudava...conheci o pai da minha fia, nós ficou junto morando...depois...chegou outra pessoa lá...essa pessoa... e **me levou** pra casa dela.” (Girassol)

“Foi coisa de juventude, colégio, **amigos... vamos** pra praça, **vamos** gasear aula, **vamo** fumar uma maconhazinha...(Orquídea, 44)

“Quando eu peguei a primeira barrigada eu parei de estudar, aí eu fui pra Esperantina...aí eu fiquei em Esperantina porque era pra mim fazer uns exames, tudo...aí, num voltei mais pro interior não... (Tulipa, 40)

Neste trecho narrativo inicial, percebemos alguns apagamentos no relato das acolhidas sobre acontecimentos pretéritos, visto que, a história se inicia a partir dos momentos iniciais do vício, com exceção de Tulipa que traz a primeira gravidez, com o marcador temporal “quando”, como um fator determinante para o que aconteceria depois: “Quando eu peguei a primeira barrigada...”. Girassol, ao atribuir a outrem a responsabilidade pelo início do vício, transparece um sentimento de vergonha e uma necessidade em justificar sua prática. O uso do advérbio “antes” explica e retoma algumas ações realizadas por ela, antes de se tornar dependente química: estudava na cidade de Luís Correia, lá, conheceu um homem com quem posteriormente teve uma relação conjugal e um filho. No relato inicial, Girassol cita uma mulher com quem se relacionou atribuindo a esta, seu contato com o crack (uma droga ilícita, feita com o subproduto da pasta da cocaína). Dessa forma, apresenta-se como agente não voluntário e impotente, pois não se mostra consciente do que a motivou ao consumo de entorpecentes. Orquídea atribui à juventude, como um período propenso a transgredir normas: “coisas de juventude” dando um tom aparentemente normal a esses acontecimentos da vida. O uso recorrente da forma verbal “vamos” denota impotência diante dos convites recebidos.

No tocante à organização do discurso narrativo, percebemos um sujeito actante que assume um papel passivo, submisso, diante dos acontecimentos que envolveram o uso de drogas ilícitas, agindo de maneira involuntária. Identificamos, com o uso do advérbio “não”, uma negação total ao uso de entorpecentes antes de conhecer sua futura parceira, no caso de Girassol, denotando uma reação de fuga. Podemos constatar isso, através das expressões “**me ensinou**”; “**me levou**”; “**vamos**”, que atribuem ações verbais à parceira de Girassol e amigos de Orquídea. Os processos narrativos que unem esses personagens reais apresentam algumas lacunas sobre tempo cronológico, faltando integração na sequência dos fatos, algo comum em relatos orais. As narrativas se constroem, dando ao sujeito actante (Girassol, Orquídea e Tulipa) o papel de autor-indivíduo que recebe uma motivação intencional por parte do pesquisador que objetiva dar voz a

mulheres que vivem na condição de risco, expressando seus pontos de vista objetivos e subjetivos acerca da realidade que as rodeiam.

A postura das acolhidas diante do uso de entorpecentes revela um ethos de vítima, através de um discurso de justificativa.

*“Ela **comprou**, aí **me chamou** pra fumar mais ela, eu não sabia o que era, aí...eu fumei.” (Girassol,)*

***Eu me afundei mesmo** no crack e **eu** tinha possibilidades porque **eu** andava com traficantes, eu conhecia traficantes, eu conhecia muita gente, então...a possibilidade de ter, a facilidade de ter era maior (Orquídea)*

“Quando eu fumava, eu jogava o resto no mato... engravidei dessa outra e abusei” (Tulipa)

No tocante à situação de Girassol, identificamos uma postura passiva, pelo uso de verbos de ação atribuídos a sua parceira. Ela reforça ainda, que realizou o ato, que sabe que é ilícito, no entanto, não se culpa por ele. Fica nítida essa visão pelo uso do advérbio no final do enunciado: “antes eu fumava **não**”; “eu **não** sabia...”. Identificamos, através desta postura, o ethos de vulnerabilidade na dimensão individual, já que manifesta pontos de vista interno e subjetivo, através do pronome “eu”, um sentimento de passividade, que a impedia de recusar a oferta, por estar envolvida emocionalmente com a parceira. Orquídea constrói um ethos de resignação, ao fazer uso recorrente do pronome “eu” e do advérbio de modo “mesmo”, assumindo a condição de dependente de drogas ilícitas: “eu me afundei mesmo no crack”, “eu tinha...”; “eu conhecia...”. Tulipa, por sua vez, não demonstra, em seu relato, dependência total, já que consumiu por um tempo e “abusou”. Identificamos um ethos de esperança e superação motivados pela gravidez da segunda filha.

Os relatos, por se constituírem em narrativas de vida que, trouxeram à tona lembranças de acontecimentos passados, fizeram com que as entrevistadas se emocionassem em alguns momentos:

*Eu **não caio** mais não, caio não, eu...agora, me dá vontade é de fumar cigarro (referindo-se ao cigarro industrializado), droga, não! Pessoal me chama, me chama pra fumar, **eu disse que caio não**. Quero arrumar uma casa pra mim...pra eu mais o meu filho. Só mais ele, nós morar junto numa casa. (Girassol)*

Me tratei, me cuidei, passei oito anos limpa e depois de oito anos, eu recaí...jamais cairei de novo, eu quero ver meus filhos formados. A Orquídea do futuro vai ser uma mulher mais madura, ela quer uma vida melhor... (Orquídea)

A construção de um *ethos* de empoderamento, esperança e superação, fica nítida na mudança de papel do actante. A postura, antes passiva dá lugar a um sujeito agente que, de forma voluntária, busca tratamento por motivos bem definidos e descritos. O uso das formas verbais no passado, presente e futuro, do modo indicativo, evidenciam essa conduta diferente “Eu **não caio**”; “**quero** arrumar...”; “jamaiz **cairei...**”; “ela **quer...**”.

São vários os fatores que levaram as entrevistadas à condição de vulnerabilidade e as consequências destes são negativas, visto que advêm de um processo de exclusão que envolve desigualdade social, pobreza, falta de vínculos afetivos na família, falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro. Com todas as adversidades, é positivo perceber a construção de um *ethos* de vulnerabilidade que se apresenta inicialmente seguido de um *ethos* de obstinação, uma imagem de si evoluída ou, pelo menos, com esse propósito de evolução. Inferimos que alguns dos fatores mencionados acima e que possibilitam a identificação desses *ethé*, são revelados nas narrativas, de forma inconsciente, como mostram as sequências abaixo:

Há três anos pra cá, o amor que eu tinha por ele se transformou em ódio... (Lótus)

...pegou o controle que ele tava na mão e socou na cara da mãe dele... (Hortência)

Lótus e Hortência são mulheres que apresentam vulnerabilidades distintas, já que a primeira sofria violência doméstica, porém, não fazia e nem faz, uso de entorpecentes. No entanto, inferimos que as situações de violência narradas nesses trechos revelam um ambiente permeado por desestrutura familiar e ausência de afetividade. Lótus viveu sendo agredida durante sete anos, entretanto, como a própria narradora enuncia, somente nos últimos três anos da relação, ela demonstrou exaustão por aguentar tanto sofrimento, ou seja, as agressões verbais e físicas faziam parte da rotina da entrevistada e, de forma inconsciente, ela não se dá conta de todo o sofrimento vivido ao longo da relação. Hortência, por sua vez, faz uso de drogas desde os catorze anos, idade com a qual saiu de casa para, segundo a locutora, não ser violentada por um tio.

Esses acontecimentos que influenciaram o que viria a acontecer posteriormente não são contabilizados como um grande sofrimento, como algo que desencadeou consequências graves e marcantes na vida das entrevistadas. Dito isso, inferimos que as entrevistadas não têm noção da dimensão que essas ações tiveram no processo do vício em entorpecentes, como também com as situações de violência vivenciadas rotineiramente. Os dados colhidos através das narrativas nos levam a depreender como as entrevistadas conhecem e acessam o mundo, evidenciando modos e

práticas de vida de mulheres com histórias distintas, tendo em comum, dores e angústias, mas, também, o desejo de superação e transformação individual e social.

No que tange ao *ethos*, a partir das análises, os resultados apontaram para a construção de imagens antagônicas, tais como: resignação, vergonha, impotência, vitimização, inocência, passividade, empoderamento, esperança e superação, dentre outras. Essas imagens, construídas a partir da ótica das mulheres acolhidas, forneceram elementos para um conhecimento e um reconhecimento delas próprias, fortalecendo suas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou analisar a construção do *ethos*, a partir das visões de mundo que essas mulheres compartilham entre si e com o universo no qual estão inseridas. A partir dos dados obtidos, podemos dizer que foram construídas diversas imagens das entrevistadas e de mulheres que vivem na condição de vulnerabilidade por dependência química. Essas mulheres fundamentam suas crenças nas suas próprias experiências, evidenciando, dessa forma, a insegurança e o sentimento de desamparo, por ser mulher e dependente química numa sociedade tão desigual e preconceituosa. Por outro lado, o fato de ter um lugar de apoio, com a possibilidade de serem vistas com outro olhar, desperta um sentimento de esperança e um *ethos* de empoderamento.

Conhecer e estudar as narrativas de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social é um modo de compreender experiências e visões de mundo peculiares a essa condição, como também, problemáticas inerentes ao gênero feminino, contribuindo para uma discussão necessária acerca do tratamento desigual entres homens e mulheres, tanto na condição de vulneráveis como no meio social, de maneira geral.

Ao utilizarmos os postulados da Análise do Discurso Semiociuística, a partir das categorias de *ethos* propostas por Charaudeau (2015), identificamos que os sujeitos fabricam *ethé* semelhantes, embora venham de circunstâncias distintas. Verificamos a construção de *ethos* de resignação, inocência e impotência que evidenciam a falta de suporte familiar na formação da identidade das acolhidas, como também a carência de afeto, expressando a desestruturação dessas construções familiares. Por outro lado, percebemos a construção de um *ethos* de empoderamento e superação, tanto em relação à profissão que exerceram, quanto à capacidade de serem resilientes diante de tantos infortúnios que se apresentaram em suas vidas, motivando-as a buscarem auxílio e recuperação na entidade.

Dar visibilidade a ações como esta, através de uma pesquisa científica, é uma forma de trazer à baila, discursos reais, de pessoas vitimizadas e oprimidas por uma sociedade tão desigual, preconceituosa e misógina, possibilitando, através da linguagem, grandes transformações sociais e humanas. Há poucas pesquisas, no universo da teoria Semiolinguística, que investigam como se dá a percepção do universo feminino, a partir da ótica das próprias mulheres, e a possibilidade de relacionar a linguagem com sua exterioridade, numa perspectiva funcional é de grande valia, tanto para o universo acadêmico, quanto para o social.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de humanização. Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília, 2004
- CHARAUDEAU, Patrick. “**Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática**”. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, Dezembro 2011. [http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br]
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Conceito, 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. (Coordenação da equipe de tradução de Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado). 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.
- CHARAUDEAU, P. Informação como discurso. In: _____. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2018.
- GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 2, p. 357-363, Apr. 2005 . Available from . access on 19 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000200013>.
- MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente de Análise do Discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. 1. ed. Coimbra, Portugal: Grácio editor, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.) Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 69-92.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do Jornal Meio Norte, do Estado do Piauí: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação.** 2012. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte-MG.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. **Discurso, memória e inclusão social.** Recife: Pipa Comunicação, 2015.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho. Os discursos das mulheres em posições de poder. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 57-72, 2006. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v9i2p57-72. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25965>. Acesso em: 9 jan. 2021.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento [manuscrito].** 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Minas Gerais. 2008.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 11, n. 1, p. 65-69, Apr. 2006. Available from . access on 19 Aug. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000100008>.

SILVA, Marta Aguiar da. **Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro.** 2017. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017. Disponível em <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/11703> Acesso em 05 de julho de 2020.

SPRADLEY, J. **The ethnographic interview.** Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich College, 1979.



GENÉTICA TEXTUAL: UM ESTUDO SOBRE OS TIPOS E AS FUNÇÕES DAS RASURAS EM MANUSCRITOS DE ALUNOS RECÉM-ALFABETIZADOS

Dayane Rocha de Oliveira
Cristina Felipeto

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho objetiva contribuir com os estudos em gênese textual que (raramente)¹ focalizam crianças de 7 anos de idade que escrevem de forma colaborativa, em diádes, seus primeiros textos.

Apoiado na Genética Textual, apresentaremos e delimitaremos as funções da rasura propostas por Grésillon (1991, 2007), Biasi (1996), Willemart (1993, 1999) e Fabre (1986), bem como os tipos de rasura discutidos nos trabalhos de Felipeto (2019a, 2019b) e Calil (2019). O estudo elege como categorias de análise os tipos e as funções das rasuras e tem por objetivo: a) analisar e classificar as rasuras em textos de alunas do 2º ano do ensino básico no Brasil e em Portugal, cujos dados foram captados através do Sistema Ramos, dispositivo de captura multimodal em tempo e espaço real da sala de aula, de modo ecológico; b) comparar e discutir as nomenclaturas, os tipos e as funções das rasuras existentes, tendo em vista as variações na área; e, c) por fim, verificar quais rasuras mais ocorrem, comparando alunas brasileiras com alunas portuguesas.

Como o protocolo para a coleta de dados nos dois países foi o mesmo, queremos responder quais funções são mais utilizadas e o que os alunos mais rasuram nos dois grupos. Os resultados apontaram que as funções mais utilizadas pelas duplas são a substituição e a supressão. A respeito dos tipos, os mais utilizados foram: ortográficos, gráficos, textual discursivos, de pontuação, de antecipação, sintáticos e de acentuação, visto que estão trabalhando e refletindo sobre o texto produzido.

Assim, este trabalho se organiza do seguinte modo: inicialmente, apresentaremos o campo da Genética Textual (GT), seu nascimento, seus precursores e explicaremos, de forma sucinta, a sua importância; em seguida, nos centraremos sobre um de seus principais conceitos, a rasura, que representa os traços reflexivos presentes em processos de escrita, e a forma como diferentes autores classificam suas funções (Fabre, Grésillon, Biasi e Willemart) e tipos (Felipeto, Calil).

1 - São escassos os estudos que analisam processos (e não o produto) de escrita do qual participam alunos entre 7 e 8 anos, recém-alfabetizados e que escrevem seus primeiros textos. Alguns são propostos por Felipeto (2012, 2019a, 2019b) e Calil (2008, 2011).

Dando seguimento, abordaremos os aspectos metodológicos do protocolo adotado para a coleta e o recorte dos dados. Neste ponto, falaremos acerca da escrita colaborativa, além de apresentarmos quem são os sujeitos da pesquisa e qual o instrumento de investigação científica utilizado na coleta. Na sequência, procederemos à análise dos dados e à discussão dos resultados, esperando mostrar com quais funções de rasura os alunos desta faixa etária estão mais familiarizados e com quais têm mais dificuldades de operar, além de apresentarmos os tipos de rasura mais comuns em manuscritos de alunos do 2º ano do ensino fundamental, quando escrevem colaborativamente.

GENÉTICA TEXTUAL: DA “COISA LITERÁRIA” AOS “UNIVERSAIS DA ESCRITURA”

A Crítica Genética é um novo campo interdisciplinar² que surgiu com a compra de uma importante coleção de Haine, em 1966, feita pela Biblioteca Nacional da França, visando analisá-la e documentá-la. A partir disso, no ano de 1968, o CNRS (*Centre National de La Recherche Scientifique*) criou uma equipe de pesquisadores, fundada e dirigida por Louis Hay, encarregada de classificar, explorar, editar e analisar essa coleção³. A nova corrente recebeu esse nome, conforme Grésillon (1991), após a publicação de uma coletânea publicada por Louis Hay, os *Essais de Critique Génétique* (em 1979, pela Editora Flammarion) e, desde então, tem apresentado um rápido crescimento, de acordo com Kamada (1997, p 67): sua “eficácia interpretativa” tem permitido à Crítica Genética “ampliar seu campo de aplicação. Assim, obras teatrais, filosóficas, até mesmo pictóricas e arquitetônicas figuram entre as reflexões genéticas propostas até então”.

Como decorrência da expansão de seu campo, Doquet (2003) propõe a substituição do nome “Crítica Genética” para “Genética Textual”, uma vez que o termo “Crítica” aparece sempre muito relacionado à “coisa literária” e não abrange o conjunto das pesquisas preocupadas com o processo de produção, seja de uma peça teatral, de uma obra literária ou, como em nosso caso, de processos de escrita produzidos em sala de aula.

Para Grésillon (1991), este novo campo objetiva descrever e explorar os mecanismos de escritura, confronta o que o texto foi com o que poderia ter sido, contribuindo, assim, para relativizar a noção de texto fechado, concluído e para dessacralizar a própria noção de texto (GRÉSILLON, 1991, p.7-8), de modo que é necessário confrontar a obra de todas as maneiras possíveis, levando em consideração o seu processo de escrita (o escrever, o

2 - Em geral, as abordagens em Genética Textual adotam a Linguística da Enunciação (Benveniste, Authier-Revuz), o Dialogismo bakhtiniano e a Psicologia Cognitiva.

3 - Muitos outros manuscritos surgiram posteriormente, inclusive, manuscritos de Saussure e Benveniste. Para maiores informações, indicamos o site do ITEM: <http://www.item.ens.fr>

apagar, o rasurar, o reler, o acrescentar etc.), ou seja, o que antecede e procede a sua escritura. Para a autora, por meio desse novo campo, com a análise do processo da escritura, é possível “adivinhar, desvelar, desconstruir e reconstruir os caminhos da criação” (GRÉSILLON, 2007, p. 17).

Nesta mesma direção vai Fenoglio (2013), quando afirma que “a genética dos textos visa [...] elucidar o trabalho da escritura e interpretar seu processo” (2013, p. 21). Esta pesquisadora ressalta, ainda, que, inicialmente, a disciplina genética foi fundada com base nos manuscritos de escritores, entretanto, houve um avanço em relação ao objeto de análise e hoje essa corrente está diversificada em função dos gêneros e tipos textuais materializados pelos manuscritos literários, científicos, de direito, etc., bem como os manuscritos de alunos recém-alfabetizados, que são o objeto dessa pesquisa.

Para Willemart (1993, p.17), o crítico genético ou geneticista deve estar atento a todos os processos para circunscrever o nascimento da obra, pois, segundo ele, o estudo do manuscrito permite resolver todas as dificuldades, seja as de averiguar a autenticidade do texto, a data de composição de um escrito ou desvendar o que ficou escondido por trás das rasuras, das manchas e também dos rabiscos, e esta é a sua vantagem, ou seja, testemunhar o conjunto genético escrito que está ali conservado para construir hipóteses dos caminhos percorridos durante a criação daquela escrita e elaborar possíveis significações.

De acordo com Grésillon, o manuscrito

porta os traços de um ato, de uma enunciação em marcha, de uma criação que está sendo feita, com seus avanços e seus bloqueios, seus acréscimos e seus riscos, seus impulsos frenéticos e suas retomadas, seus recomeços e suas hesitações, seus excessos e suas faltas, seus gastos e suas perdas (GRÉSILLON, 2007, p. 52).

Assim, o ato de escrever requer necessariamente o uso de rasuras, a tal ponto que Barthes, em um seminário na Rapp Square (1976), pronunciou: “La **litterature** c’est la **ratature**”. A esse propósito, Biasi comenta:

A obra literária escrita no primeiro rascunho sem a menor correção é provavelmente uma ficção, uma fábula que só tem credibilidade a partir do cruzamento entre uma certa ideia histórica de heroísmo intelectual [...] e a existência de textos publicados ou completos cujos rascunhos e arquivos preparatórios desapareceram completamente (BIASI, 1996, p. 01).

Se escrever parece ser indissociável do ato de rasurar, no próximo tópico, abordaremos os tipos e as funções da rasura apresentados pelos autores aqui analisados, os quais serão confrontados e discutidos.

FUNÇÕES DA RASURA

É possível descobrir os mecanismos que envolvem a criação textual através da análise do processo de produção por meio dos tipos e das funções das rasuras feitas pelos escreventes. Acerca da rasura, Grésillon afirma que ela possui um caráter paradoxal, uma vez que é

simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos. É nesse próprio paradoxo que repousa o interesse genético da rasura: seu gesto negativo transforma-se para o geneticista em tesouro de possibilidades, sua função de apagamento dá acesso ao que poderia ter se tornado texto (GRÉSILLON, 2007, p. 97).

Ou seja, à medida que o autor apaga algum termo, ele acrescenta outro que julga mais apropriado para o seu texto. Essa anulação, formada por intermédio da rasura, se transformará em novas possibilidades de escrita.

Conforme aborda a geneticista, a rasura apresenta três funções: a primeira, a que fornece opções para a reescritura é a **substituição**, “as duas outras servem seja para **deslocar**, seja para **suprimir** definitivamente” (GRÉSILLON, 2007, p. 100). Para Grésillon, reescreve-se para conseguir melhor adequação do texto, desloca-se porque se julga que determinada unidade fica melhor acima ou abaixo no texto e “suprime-se para estreitar, renunciar, rejeitar, censurar, etc.” (GRÉSILLON, 2007, p.100).

Biasi (1996) apresenta a rasura como um componente complexo da escrita, e de acordo com sua funcionalidade as rasuras podem ser de **substituição, supressão ou exclusão, uso ou gestão, transferência ou deslocamento e suspensão dilatória ou provisória**, sendo as mais conhecidas as de supressão e as de substituição, esta última a mais complexa.

Biasi (1996, p. 10) define as seguintes funções apresentadas anteriormente:

1. **Substituição:** é um traço marcado na decisão de cancelar um segmento previamente escrito para substituir outro segmento;
2. **Supressão:** eliminação do segmento sem substituição;
3. **Uso ou gestão:** é usada para registrar o fato de que um segmento foi o objeto da exploração ou uma reescritura; ou seja, o escritor faz uma lista de termos e à medida que faz uso de um termo determinado, ele o anula para saber que já foi utilizado.
4. **Transferência ou deslocamento:** é usada para marcar o projeto ou ato de mover um segmento escrito para reinserção em outra área do mesmo contexto escrito;

5. **Suspensão dilatória** ou **provisória**: forma particular de rasura para delimitar o espaço de uma futura rasura, em marcação de um segmento que pode dar lugar a um eventual cancelamento ou correção posterior. Como exemplo, é quando uma palavra fica acima ou abaixo de outra palavra e, posteriormente, o escritor escolhe qual permanecerá em seu texto, provocando assim uma rasura.

Desses cinco mecanismos distintos (substituição, eliminação, transferência, gestão e suspensão), Biasi expressa que os dois primeiros designam gestos de escrita, enquanto os outros três são formas mais raras.

Já no trabalho apresentado por Willemart (1993, p.134) “talvez vejamos desabrochar uma teoria única, mas não irrefutável que permite entender um pouco melhor como nasce um texto ou uma obra de arte”, além de “uma tentativa de criar uma teoria da gênese da escritura” (1993, p.23). De acordo com Willemart (1999, p. 198), conforme observado em seus estudos, existem quatro operações linguísticas comuns encontradas nos rascunhos e que, segundo ele, motivam a rasura, operações essas as quais denominaremos “funções” para uma melhor compreensão e delimitação das nomenclaturas aqui apresentadas, que são “o acréscimo, a supressão, a substituição e o deslocamento”.

Com uma nomenclatura diferente, em vez de rasura, Fabre (1986) traz o termo variante, que, de acordo com Grésillon (2007), significa a diferença entre dois estados de texto, e que, “tanto ‘variante’ quanto ‘rasura’ evocam [...] intervenções pontuais, locais, efetuadas em ordem dispersa, e sugerem gestos completamente atomizados” (GRÉSILLON, 2007, p. 109).

Em relação às operações envolvidas nas variantes, Fabre adota a terminologia proposta por Bellermin-Noel, Grésillon e Lebrave; entretanto, diferente deles, seu trabalho está voltado ao campo da escrita de crianças em idade escolar, enquanto o dos autores citados trata dos manuscritos literários de escritores experientes. De acordo com os pesquisadores expostos por Fabre (1986, p. 69), essas variantes incluem quatro “tipos”:

1. **Adição**: um retorno ao escrito, que pode ser de um elemento gráfico, um acento, uma pontuação, um grafema, uma palavra e uma ou mais frases.
2. **Supressão/Exclusão**: quando não há substituição do elemento excluído e que pode estar relacionado a várias unidades, como a acentuação, o grafema, a sílaba, um sintagma e uma ou mais frases.

3. **Substituição:** quando há uma exclusão seguida de um novo termo. Ela lida com um grafema, uma palavra, uma frase ou em conjuntos maiores.
4. **Deslocamento:** permutação de elementos, o que resulta na modificação de sua ordem na cadeia.

Fabre (1986) não esclarece a distinção entre “tipo” e “função” e faz uma confusão entre os dois termos, segundo a autora, esses “tipos”, aos quais adotaremos como “funções” em nosso trabalho, são claramente distinguíveis na condição de escrita legível, condições essas nem sempre aplicadas por escreventes novatos. É importante esclarecer essa diferença entre tipo e função, visto que trataremos dos dois termos de forma distinta em nossa análise.

Diante das considerações expostas pelos autores citados, acerca das definições das funções de rasura, é possível observar semelhanças e diferenças nos trabalhos. Mesmo alguns apresentando diferentes nomenclaturas, todos os autores falaram das rasuras de supressão, substituição e deslocamento; restando as rasuras de adição, apresentada por Fabre (1986), a função acréscimo, apresentada por Willemart (1999), que seria uma variação da função de adição e as de uso/gestão e as de suspensão apresentadas por Biasi (1996), como se vê na tabela abaixo, em que sintetizamos as funções observadas nos trabalhos aqui analisados:

Tabela 1: Funções da rasura

FUNÇÕES DA RASURA			
GRÉSILLON	BIASI	FABRE	WILLEMART
Substituição	Substituição	Substituição	Substituição
Supressão	Supressão	Supressão/Exclusão	Supressão
Deslocamento	Transferência ou deslocamento	Deslocamento	Deslocamento
	Uso ou gestão	Adição	Acréscimo
	Suspensão dilatória ou provisória		

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

É possível observar, por meio da tabela acima, em todos os trabalhos apresentados, a complexidade presente no movimento causado pela rasura. Ela não é, simplesmente, um erro no percurso, mas um caminho aberto para as novas possibilidades da escrita.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados em análise pertencem ao LAME – Laboratório do Manuscrito Escolar, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL (Brasil) e foram coletados através dos seguintes procedimentos: após diversas leituras de histórias em casa e na escola, sugeridas pelas professoras, os alunos são instruídos a formarem duplas, pois participam de uma situação de escrita colaborativa, em que dois ou mais participantes assumem a tarefa de escreverem, juntos, um único texto; situação privilegiada, segundo Felipeto (2019a), visto que, nela, pode ser observada a gênese da escrita pela oralidade, bem como a oralidade criando a escrita. Para isso, a dupla precisa combinar a história a ser inventada e os alunos se alternam a cada escrita, de modo que, a cada vez, um escreve e o outro dita.

Felipeto (2019a, p. 135) afirma que, do ponto de vista didático-metodológico, “a produção textual colaborativa diática permite que tenhamos acesso ao que os alunos pensam enquanto escrevem”, fato que contribui para a análise dos conhecimentos que estão ou não em curso. Após o momento de combinação, é dada à dupla uma folha com micropontos para a criação da história e uma caneta smartpen, que registra a escrita “se fazendo” em tempo real. Em seguida, ocorre o momento da formulação e, por último, há a releitura do que foi escrito para alterar, caso seja preciso.

No Brasil, as filmagens foram gravadas nos dias 20/04/2012 e 13/06/2012; os diálogos foram produzidos para a criação dos textos “Por que a girafa tem o pescoço longo” e “Por que o sol brilha?”, inventados pelas alunas M e S, que se alternaram na escrita, ambas com 7 anos de idade, na época. Em Portugal, as filmagens foram gravadas nos dias 06/02/2015 e 12/02/15 e os diálogos foram produzidos, respectivamente, para a criação dos textos “A Branca de Neve e os três dinossauros” e “O palhacinho”, inventados pelas alunas B e L, que também se alternaram durante a produção escrita, ambas com 7 anos de idade.

Vale dizer que a coleta nos dois países (Brasil e Portugal) seguiu o mesmo protocolo e, em caso de rasura, os alunos foram orientados a colocar o elemento rasurado entre parênteses ou passarem apenas um traço, com vistas a preservar e observar o que foi “apagado”. Toda a filmagem, áudio e captura dos momentos antes, durante e depois da produção escrita foi realizada por meio do Sistema Ramos, em que

o registro visual é feito através de câmeras de vídeo, capturando o contexto da sala de aula e a interação entre alunos e professor; o registro sonoro é feito através de gravadores digitais e microfones, capturando a fala espontânea dos alunos escreventes e o diálogo

entre os participantes; o registro escrito é feito através de uma caneta inteligente e do programa HandSpy, capturando o traço da tinta na folha de papel (CALIL, 2019, p. 1).

Juntos, esses instrumentos formam um filme sincronizado capaz de capturar em tempo real todos os momentos e movimentos da sala de aula de modo ecológico e didático.

A seguir, apresentaremos a análise dos quatro textos descritos acima, ressaltando quais as funções e os tipos de rasura encontrados nas produções textuais de crianças recém-alfabetizadas aqui analisadas.

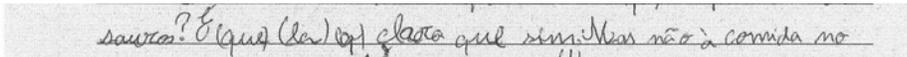
ANÁLISE DE DADOS

Abaixo, apresentaremos alguns exemplos das funções e dos tipos de rasura encontrados nos processos analisados, classificados a partir das propostas apresentadas pelos teóricos aqui discutidos.

RASURA ORTOGRÁFICA

A rasura ortográfica é aquela que, segundo Gak (1976), estuda as regras que determinam o emprego das grafias conforme as circunstâncias e que só é questão de ortografia quando há a possibilidade de escolha entre duas grafias diferentes:

Figura 1 – Fragmento do texto “A Branca de Neve e os três dinossauros”, inventado por B e L em 06/02/2015.



Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (2015).

Diálogo 1 – B e L refletindo sobre o texto “A Branca de Neve e os três dinossauros”

1. L: Não. É claro, claro.
2. B: (Falando e escrevendo) Q... la... ro [que la q].
3. L: (Chamando a atenção de B) Claro!
4. B: 'Claro' é junto?
5. L: Não, é 'claro', 'claro'! É... Claro é 'q', 'l', 'a', 'r'. :: (L mostrando na folha) Parêntese, parêntese. (mostrando a B onde rasurar) :: E aqui também.
6. B: (Rasurando) [É (que) (la) (q)]. É junto?
7. L: (L dando continuidade à conversa) É claro, é, que... Não é com esse 'q'...
8. B: Então é com qual?
9. L: É com... é com 'q' de 'cogumelo', 'claro'.

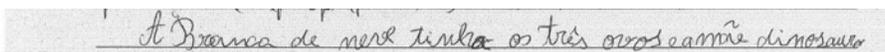
Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (2015).

No exemplo acima, B fala (turno 2) pausadamente e no português europeu a sílaba “cla” da seguinte forma: “Ê q la ro”, hipersegmentando a sílaba “cla”, por causa do som /k/, que, neste caso específico, produz confusão devido à homofonia entre “q” (seguido sempre de “u” no português) e “c”, grafemas que representam o fonema /k/. L, por sua vez, reconhece que há um erro no turno 1 e nos turnos 3 e 5 soletra a B como se escreve “claro”, mas ela própria representa o fonema /k/ através do grafema “q” ao dizer, no turno 5, “É... Claro é ‘q’, ‘l’, ‘a’, ‘r’”.

No entanto, no turno 7, L afirma que “não é com esse ‘q’” e, no turno 9, diz “é com ‘q’ de ‘cogumelo’, ‘claro’”. Neste exemplo, fica claro que ainda existem dúvidas em relação à nomenclatura da letra “C” ou, possivelmente, L tenha apenas esquecido como seria a pronúncia dessa letra, porém percebemos que há um conhecimento linguístico de L sobre a escrita correta da palavra. Neste caso, temos um exemplo de rasura de substituição.

RASURA DE ANTECIPAÇÃO

Figura 2 – Fragmento do texto: “A Branca de Neve e os três dinossauros”, inventado por B e L em 06/02/2015.



Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2015.

Diálogo 2 – B e L refletindo sobre o texto “A Branca de Neve e os três dinossauros”

1. L: Aí a Branca de Neve explicou o que tinha acontecido.
2. B: (B escrevendo e falando) Bran... ca, de ne...ve, ti...nha, tinha, os [A Branca de neve tinha]...
3. L: (L entonando a voz) Tinho, tinho.
4. B: Tinha [tinhoa], tá. Tinha... os [os].
5. L: Os... Ovos.

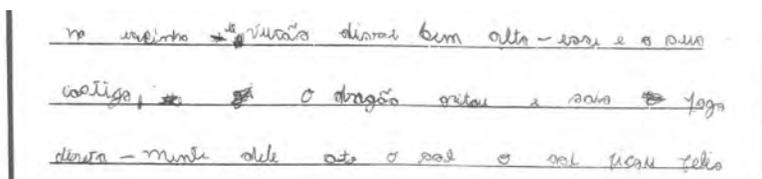
Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2015.

Através da análise do vídeo é possível observar que, no turno 2, B já havia verbalizado “tinha os” enquanto começava a escrever “ti”, de modo que o “o” do artigo “os” é antecipado em “tinho”. No turno 3, L estranha a escrita de “tinho” e chama a atenção de B, que reconhece a antecipação e a rasura. Esse reconhecimento é marcado pela rasura de substituição, que vem corrigir a antecipação através da supressão do “o” e sua substituição pelo “a”, como pode ser visto no traço reforçado do “a”: **tinh~~o~~a**.

Assim, a rasura de substituição é marcada por um duplo movimento: o apagamento de um elemento e a adição de outro. A rasura de antecipação resulta da combinação entre a antecipação e seu reconhecimento através da rasura. Esse exemplo ocorre devido à dessincronização entre processos cognitivos e sua execução motora, o que precisa ser melhor investigado.

RASURA DE PONTUAÇÃO

Figura 3 – Fragmento do texto “Por que o sol brilha?”, inventado por S e M em 13/06/2012.



Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2012.

Diálogo 3– S e M refletindo sobre o texto “Por que o sol brilha?”.

1. M: ...pi...sou no es...pi...nho (Falando e escrevendo [pisou no espinho])::: o vulcão disse. O (Falando e escrevendo [u]. Em seguida, rasura-o por duas vezes [u]) vul...cã...o dis...se bem, bem a...l...to (Falando e escrevendo [u vucão disse alto]) esse é seu castigo! (M muda a voz quando fala “esse é o seu castigo”) e...sse (Falando e escrevendo [esse])...
2. S: Faz um tracinho aqui. (S sugere que M faça um travessão antes da fala do vulcão).
3. M: Aqui? (S balança a cabeça em posição positiva. M faz [-]). Esse é o seu (Falando e escrevendo [e o seu]. Ela muda o tom da voz ao falar “esse é o seu”)...

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2012.

No exemplo acima, M está falando e escrevendo o texto, de modo que entona a voz quando há fala dos personagens: “esse é o seu castigo!” Após escrever o início da frase, o pronome “esse”, reconhecendo a fala de um dos personagens, S, no turno 2, sugere que M faça um “tracinho”, ou seja, um travessão, para indicar essa fala, que era a do vulcão. M, no turno 3, pergunta à S, indicando com a caneta, qual seria o local a ser colocado o “tracinho”, S concorda, assim, o travessão é adicionado ao texto.

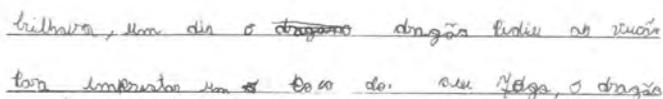
Percebemos, por meio desse exemplo, que mesmo não havendo conhecimento do termo técnico “travessão”, há um reconhecimento linguístico parcial de S em relação à regra para o uso desse sinal de pontuação, no caso, sobre a possibilidade de este ser colocado antes da fala dos personagens.

O exemplo seguinte traz uma rasura de supressão, que foi eliminada devido ao excesso de palavras, considerado, assim, um tipo de rasura sintática.

RASURA SINTÁTICA

A sintaxe diz respeito à organização das palavras dentro das frases ou orações e suas relações entre si, no que se refere à concordância, subordinação e ordem.

Figura 4 – Fragmento do texto “Por que o sol brilha?”, inventado por S e M em 13/06/2012.



Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2012.

Diálogo 4 – S e M refletindo sobre o texto “Por que o sol brilha?”

1. S: Um dia o dragão.
2. M: Um (Falando e escrevendo [um]) um dia o dra...gan...o (Falando e escrevendo [dia o dragano]). Fiz errado. (M rasurando [dragano]) Dragão é com til. Dra...gã... (Falando e escrevendo [dragão]), dragão. Um dia o dragão pediu ao vulcão... pe...di...u a..._o ...vul...cã...cão (Falando e escrevendo [pediu ao vulcão] para emprestar um pouco de fogo. Para (Falando e escrevendo [para]). (Falando com S) Tá me ajudando, né?! Para em...pres...tar (Falando e escrevendo [emprestar]) emprestar. (M nota que S não está prestando atenção na produção e chama atenção da colega). Ei, lembra. Emprestar...
3. S: (Falando simultaneamente à M)... ao vulcão. (Após a fala de M) ... um pouco _ do seu fogo.
4. M: ...um o pou...co do seu fo...go (Falando e escrevendo [um o poco do seu fogo]). (M lê a história para conferir o que já foi produzido). Há muito tempo atrás, o sol não brilhava. Um dia o dragão pediu ao vulcão para emprestar o, um, o pouco, um... (Rasura “o”) ...um pouco do seu fogo.
5. S: (S pega o manuscrito e lê o que já foi escrito). Há muito tempo atrás, o sol não brilhava. Um dia o dragão pediu ao vulcão para emprestar um pouco do::: (S não entende o que Marília escreveu, assim, lança hipótese) ...avejulgo?

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2012.

No turno 4, M relê o que já havia escrito e percebe que há excesso de palavras no trecho “um o poco do seu fogo”, por esse motivo, aos 14’34”,

rasura o artigo definido “o” e deixa o artigo indefinido “um” em seu texto, por se tratar da expressão “um pouco”, no sentido de “parte de algo”.

Textos com problemas sintáticos apresentam períodos truncados, justaposição de palavras, ausência ou excesso de palavras, como é o caso apresentado acima, que foi corrigido após a supressão do artigo “o”, podendo haver ainda a presença de pontuação indevida ou ausência de pontuação, o que interfere na qualidade da estrutura sintática. Mostraremos outro caso de rasura sintática, mas agora através da função de deslocamento, que é considerada uma operação complexa ocorrida devido às alterações na posição de determinado fragmento, como mostra o exemplo abaixo:

Figura 5- Fragmento do texto “Por que a girafa tem o pescoço longo”, produzido por S e M em 20/04/2012.



Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2012.

Diálogo 5: S e M refletindo sobre o texto “Por que a girafa tem o pescoço longo”

1. S: (Escrevendo [dela]) e:: passou por per...to (S escrevendo [passou por perto]).
2. M: ... e:: passou por perto (M lendo):: e disse que ela:: que:: disse que ela ia competir (S escrevendo [e disse que])...
3. S: ... quem ia competir?...
4. M: ...queria competir:: aí:: quem ganhar pode fazer o que quiser:: aí ela não aceitou:: aí pisou nela e engoliu:: (M lendo o manuscrito) que:: e disse que::
5. S: (S rasura [disse que])... botar assim:: e a cobra (S falando e escrevendo [e a cobra])...
6. M: ...gira:: a cobra:: (M lendo “a cobra”, que S está escrevendo) pediu pra...
7. S: ...dis::... se:: que ia (S escrevendo [disse que ia])...

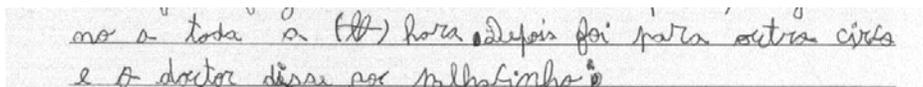
Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar, 2012.

Houve deslocamento do termo “disse que”, que foi colocado mais à frente, mas na mesma linha. O que parece estar em jogo é o sujeito do discurso indireto “disse que”, de modo que no turno 3, S pergunta “quem ia competir?”. A própria aluna S, no turno 5, recupera o referente ao suprimir “disse que”, escrever logo em seguida “a cobra” e readicionar “disse que” na cadeia textual-discursiva. O deslocamento, então, é uma função composta por supressão + adição ou reaparecimento do elemento deslocado em outro lugar.

RASURA GRÁFICA

A rasura de tipo gráfico incide no formato da letra, quando o escrevente tenta melhorar a sua grafia ou tenta deixá-la semelhante às letras que já havia grafado, por exemplo.

Figura 6. Texto: “O palhacinho” inventado por B e L em 06/02/2015.



na a "toda" a (ll) hora depois foi para outra casa
e o doctor disse que palhacinho

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2015.

Diálogo 6: B e L refletindo sobre o texto “O palhacinho”

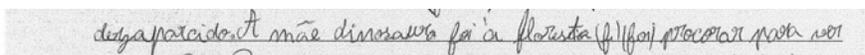
1. B: No...gozavam-no a... [-no].
2. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a ll].
3. B: hora.
4. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do “H” em “hora”, o que parece ser dois eles “L”) Hora. [(ll) hora].
5. B: Hora, com este parece “Lhora” (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra “hora”, que pareceu um “LH”). Lhora...hora...
6. L: E... ponto final! [.]
7. B: E é preciso fazer uma bolinha maior L.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2015.

Considerando que a substituição é formada por uma supressão + adição, no exemplo acima, vemos, no turno 4, a supressão do que pareceu dois “eles” ‘ll’ no lugar da letra “h” e, posteriormente, a reedição da letra “h” de forma correta. Por meio do diálogo e através do vídeo, vê-se que L se atrapalha ao escrever a letra ‘h’ e faz, por duas vezes, a letra l, esquecendo de colocar a “barriguinha” no ‘h’, cometendo, desse modo, um erro gráfico.

RASURA DE ACENTUAÇÃO

Figura 7. Texto: “A Branca de Neve e os três dinossauros” inventado por B e L em 06/02/2015.



disapareceu a mãe dinossauro foi a floresta (ll) foi procurar por ela

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar 2015.

Diálogo 7: B e L refletindo sobre o texto “A Branca de Neve e os três dinossauros”

1. **B:** Pera. A mãe [A mãe]_ (L ditando ao mesmo tempo) di... no... sal-ro [dinossauro]
2. **L:** Dinossauro... Foi à floresta...
3. **B:** Fo-i a [foi a]...
4. **L:** (L entonando a voz e gesticulando com o dedo na carteira) ‘a’, ‘a’.
5. **B:** [à] (B ditando enquanto escreve) flo-res-ta [floresta] floresta.
6. **L:** Ver se a, Branca de Neve....
7. **B:** Não. Foi à casa da. Branca de Neve.
8. **L:** Foi à... floresta.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (2015).

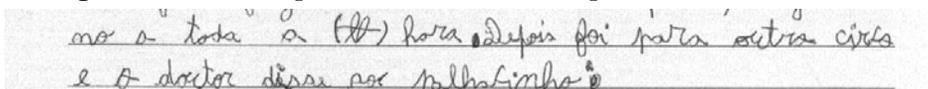
Percebe-se que uma crase foi adicionada ao ‘a’ no turno 5. L constata, no turno 4, que naquele ‘a’ deveria ser colocado uma crase, entretanto L não expõe de modo claro que B deve colocar este acento, talvez por ter esquecido o nome dele, como ocorreu no exemplo representado na figura 3, diálogo 3, acerca do “travessão”, por isso, L gesticula e B logo entende o acento que deve ser acrescentado.

Como se trata de uma rasura de adição, ela é, muitas vezes, imperceptível no produto final, e só é percebida a partir da análise do processo. Neste exemplo, a crase ocorreu porque houve a fusão de duas vogais idênticas, relacionadas ao emprego da preposição “a” com o artigo feminino “a”; no entanto, não há registros de que as alunas saibam essa regra, embora L tenha notado a falta e a necessidade do acento.

RASURA TEXTUAL DISCURSIVA

Felipeto (2019b) evidencia que podem ser considerados exemplos de rasuras textual- discursivas as formulações linguísticas, como o uso de uma forma ao invés de outra, quando se julga que determinada palavra é mais adequada à oralidade do que ao texto escrito, quando uma palavra é escrita com maiúscula ou minúscula, ou para evitar a repetição.

Figura 8. Texto: “O palhacinho” inventado por B e L em 06/02/2015.



na a "toda" a (B) hora. Depois foi para outra casa
e o doctor disse ao palhacinho

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (2015).

Diálogo 8: B e L refletindo sobre o texto “O palhacinho”

1. L: (L falando pausadamente e escrevendo) De...pois, depois, foi... para...[Depoi foi para] Depois foi para..._ outra...outro...outra ilha...[outra]
2. B: Depois foi para outra...
3. L: Outro... outro
4. B: Outra!
5. L: Outro circo...
6. B: Outra!
7. L: Outro circo, e... (transformando o “a” de “outra” em “o” [outro circo]) eee [e]
8. B: Outro... Comeu o açúcar da (S.I.) do palhacinho.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar (2015).

Neste trecho acima, o termo “outra ilha” foi substituído pelo termo “outro circo”, por meio de uma rasura oral⁴, percebida apenas por meio da análise do processo, nesse caso: diálogo + vídeo. Desse modo, a observação do diálogo nos deu acesso ao que a díade pensava e falava sobre o texto em curso naquele instante. Esse momento reflexivo revelou pontos de tensão no diálogo, indicando, desse modo, operações metalinguísticas, nomeadas por Calil (2017) de rasuras orais. Assim, essa rasura oral evidenciou o caminho percorrido pelas alunas no processo da criação de seu texto. Julgamos que a escolha foi positiva, visto que o título da história é “O palhacinho”, portanto, o local escolhido está mais adequado ao contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, conseguimos identificar a existência de seis funções da rasura: a substituição, a supressão, o deslocamento, a adição, a de uso ou gestão e as de suspensão dilatatória ou provisória, todas elas são consideradas operações essenciais da escrita, uma vez que são utilizadas para a melhoria textual. Independente da experiência do escritor, todas essas funções podem ser encontradas nos manuscritos, embora escreventes novatos tenham mais dificuldade de executá-las, como foi comprovado neste trabalho a ausência das funções uso/gestão e as de suspensão, apresentadas por Biasi (1996), visto que investigamos textos escritos por alunas do 2º ano do ensino fundamental.

A partir desse estudo foi possível observar que o que as crianças brasileiras e portuguesas recém-alfabetizadas, e em díades, mais rasuram está relacionado, em maior proporção, às funções de substituição (35 na

4 - Rasura oral é um conceito elaborado por Eduardo Calil (CALIL, 2017) para explicitar os retornos ocorridos oralmente durante o diálogo entre duas pessoas em uma situação de escrita colaborativa.

díade brasileira e 33 na díade portuguesa) e supressão (8 na díade brasileira e 11 na díade portuguesa), confirmando assim o que foi apresentado por Biasi (1996), quando afirma que a substituição e a supressão são gestos de escrita mais comuns, enquanto as demais funções são menos utilizadas.

Também foram encontradas as funções de adição, 12 vezes ao todo, sendo 9 delas no texto português e 3 casos no texto brasileiro. Além desses, foram encontrados 4 exemplos de deslocamento, sendo um em cada texto, completando, dessa maneira, o quadro das funções apresentado por Fabre (1986) e Willemart (1999).

A respeito da ocorrência das rasuras, podemos inferir que o que esses alunos mais rasuram em situações de escrita colaborativa está voltado aos seguintes tipos: ortográficos, gráficos, textual discursivos, de pontuação, de antecipação, sintáticos e de acentuação, visto que estão trabalhando e refletindo sobre o texto que está sendo produzido. Sobre esses tipos de rasura, a ortográfica, a gráfica e a textual-discursiva apareceram mais vezes nos quatro textos, trinta e seis (36), vinte e duas (22) e vinte e uma (21), respectivamente; isso ocorre porque a aquisição do sistema ortográfico leva mais tempo a ser estabilizado, pois esse sistema é dotado de regras, exceções e peculiaridades; por isso, requer um tempo maior para ser assimilado, por ser caracterizado como complexo para alunos de 2º ano.

Sobre os problemas de ordem gráfica, podemos dizer que eles ocorreram, em sua maioria, devido ao ajuste no formato de uma letra, já os de ordem textual-discursivas ocorreram para evitar a repetição de um termo, bem como para escolher o possível uso de uma forma ao invés de outra.

Ademais, encontramos nos quatro processos, oito (8) tipos de rasura de ordem sintática, utilizadas com a finalidade de resolver problemas de concordância, organizar elementos na frase, suprimir por excesso de termos, adicionar expressões em falta e para deslocar termos; seis (6) casos de rasura de pontuação, com a adição de vírgulas, ponto e vírgula e travessão; sete (7) casos de antecipação, de letras, sílabas e pronomes, quatro deles na díade portuguesa e três na díade brasileira, causados por dessincronizações entre processo cognitivo e execução motora e, por fim, dois (2) casos de acentuação, de adições de crase e acento agudo, somente na díade portuguesa.

Com este trabalho, ressaltamos a importância de os professores destacarem as nomenclaturas dos conteúdos para que haja uma concretização desses conhecimentos pelos alunos desde bem pequenos. Além disso, refletimos sobre quais conhecimentos estiveram ou não em curso a partir da ocorrência das rasuras nos textos e da análise do processo; assim, em investigações futuras, professores poderão analisar e observar as

rasuras de seus alunos, visando destacar e revisar assuntos mais difíceis de serem assimilados em suas turmas.

Além dos professores, pesquisadores terão, à sua disposição, um material preciso para desenvolver as mais variadas investigações científicas, como, por exemplo, analisar quais conhecimentos estão em curso em determinada turma, quais conteúdos são mais difíceis de serem assimilados pelos alunos, quais as maiores dificuldades encontradas durante uma produção textual: criar personagens? Iniciar o texto? Finalizar a história? Etc., além de buscar meios para resolver os problemas encontrados.

Entendemos a rasura como um elemento essencial de toda escritura, pois ela indicia uma reflexão que incide sobre diferentes aspectos do texto, como foi detectado neste trabalho. Sua utilização, tanto como ferramenta de escritura, quanto como elemento de análise para professores e pesquisadores em geral ainda precisa ser mais expandida.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. 1976-1977- **l'École des Hautes Études en Sciences Sociales**. Roland Bartes, **OEuvres complètes**, par Éric Marty, Seuil, 1995, tome 3, p. 743.

BIASI, P-M. de. **Qu'est-ce qu'une rature?** In POUGE, B. Ratures et repentirs. Pau: PUP, 1996.

CALIL, Eduardo. **Rasura oral comentada:** Definição, funcionamento e tipos em processos de escritura a dois. In: SILVA, C.; DEL RÉ, A.; CAVALCANTE, M. (orgs.). A criança na/com a linguagem: Saberes em contraponto. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 161-192.

CALIL, Eduardo. **Sistema Ramos:** método para captura multimodal de processos de escritura a dois no tempo e no espaço real da sala de aula. Revista ALFA. volume 63, 2019. 33p.

DOQUET-LACOSTE, Claire. **Etude génétique de l'écriture sur traitement de texte d'élèves de Cours Moyen**, anée 1995-96. Thèse de Doctorat de l'Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle) en Sciences du Langage, 633 p., 2003.

FABRE, C. **Des variantes de brouillon au cours préparatoire**. Etudes de Linguistique Appliquée, 62, p. 59-78, 1986.

FELIPETO, Cristina. **Escrita colaborativa e individual em sala de aula:** uma análise de textos escritos por alunos do ensino fundamental. Alfa, São Paulo. V.63, n. 1, p. 133-152, 2019a.

FELIPETO, Cristina. **Funções de rasura em processos de escrita colaborativa no ensino fundamental**. Manuscrita, n. 38. 2019b.

FENOGLIO, Irène. **Manuscritos de linguistas e genética textual: quais os desafios para as ciências da linguagem? exemplo através dos “papiers” de Benveniste/Irène Fenoglio**; tradução Simone de Mello de Oliveira, Verli Petri da Silveira, Zélia Maria Viana Paim. – Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2013.

GAK, V. G. **L’orthographe du français** – essai de description théorique et pratique. Paris, SELAF, 1976.

GRÉSILLON, A. **Alguns pontos sobre a história da crítica Genética**. Estudos avançados, 1991.

GRÉSILLON, A. **Elementos da Crítica Genética: ler os manuscritos modernos**. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck, Leticia Cobalchine, Simone Nunes Reis, Vicent Leclerq; **supervisão da tradução de Patricia Chittoni Ramos Reuillard; prefácio de Philippe willemart**, Porto Alegre, editora de UFRGS, 2007, 335 p.

KAMADA, Takayuki. **La critique génétique à l’épreuve de la question de l’interprétation**. Universidade de Shinshu. 1997. Disponível em: <https://www.gcoe.lit.nagoya-u.ac.jp/eng/result/pdf/10_KAMADA.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

WILLEMART, Philippe. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 1999.

WILLEMART, Philippe. **Universo da Criação Literária: Crítica Genética, Crítica Pós-Moderna?/ Philippe Willemart**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.



UM ESTUDO DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO EM MEMES NA ESFERA POLÍTICA

Emanuelle Maria da Silva Piancó

Max Silva da Rocha

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho é compreender a multiplicidade dos sentidos na recategorização de memes na esfera política. Os memes são textos humorísticos/satíricos que se espalham rapidamente nas redes sociais (BATISTA; CORTES, 2019). Assim, o estudo possibilita refletir sobre as variadas interpretações dos efeitos de sentido acerca de um mesmo referente, em um determinado discurso verbal e/ou não verbal. Por isso, este trabalho respalda-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, dos Estudos Culturais, da Linguística Textual, numa perspectiva interdisciplinar, que considera o meio virtual e as materialidades digitais como âmbitos discursivos. Por isso, os memes estudados são caracterizados como objetos de discurso, materialidades significativas de sentido no mundo. Para a análise da produção de sentido, recorreu-se às categorias do discurso, do texto, da cultura, pois possibilitam a interpretação do objeto investigado.

Nesse sentido, o discurso pode ser definido, de acordo com Foucault (2008), como qualquer produção linguística que tenha o intuito de comunicar e persuadir o outro no plano das ideias e das emoções. As mensagens produzidas por um sujeito são organizadas a partir dos valores instituídos por dada situação de produção discursiva, a qual orienta e estrutura as expressões verbais e/ou não-verbais garantindo a significação. Para entender o papel do discurso na construção de efeitos de sentido nos memes em tela, seguiram-se os pressupostos de Courtine (2011), Foucault (2008), Orlandi (2005), Pêcheux (1999), e outros, que permitem a exposição acerca do funcionamento discursivo em diferentes instâncias, neste caso, a política.

Este estudo segue a linha teórica dos aspectos culturais, tendo em vista que os fatores ideológicos e históricos exercem influência no desenvolvimento discursivo. Assim, a respeito dos fatores culturais, embasa-se em autores como: Geertz (2001), Laraia (2011), Rocha (2020) e Silva (2017). Sobre a relação histórica que atua na formação discursiva e na interpretação de um fato (já dito), além dos teóricos já mencionados, também contribuem as teorias de White (2001). Assim, o trabalho é desenvolvido por meio da seguinte pergunta norteadora: de que maneira

os aspectos discursivos, histórico-culturais influenciam na recategorização de memes na esfera política? Este questionamento foi discutido ao longo do trabalho e buscou-se respondê-lo à luz dos estudos do discurso, do texto, bem como dos princípios culturais e históricos que contribuem para os efeitos de sentido dos memes em destaque.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DISCURSO

O discurso, neste estudo, é definido como prática ideológica de linguagem. Essa prática não acontece isolada, mas sim em um contexto devidamente situado em que a história, a ideologia e a língua são aspectos indissociáveis para o funcionamento discursivo. Foucault (2008) diz que o discurso não se trata de uma cópia exata da realidade, mas se configura como uma representação culturalmente construída. Para o autor, a situação discursiva interfere no enunciado, tendo em vista que não se observa o que foi dito, já que o mais importante é verificar como foi dito e o motivo do dizer. Assim, Foucault (2008) ressalta que o discurso deve ser analisado por meio do que o antecede, permeia e compõe. As relações de poder interferem e controlam o caráter discursivo, delineando, dessa forma, a exposição dos enunciados que produzem significação e efeitos de sentido. Foucault (2008, p. 54-55) contribui, ainda, com o seguinte pensamento: “[...] o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência”.

Com base no exposto, o discurso se realiza na trama entre as palavras e as coisas. Foucault (2008) o analisa sob a perspectiva do saber e do poder, visto que as expressões discursivas decorrem das atualizações espaciais, temporais e culturais, baseadas em direcionamentos do que é possível dizer em detrimento de um dado campo discursivo. Com isso, a prática discursiva é direcionada pela dispersão do sujeito que se constitui na heterogeneidade dos saberes. Nesse sentido, “[...] a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 8-9).

Embora existam as contribuições de autores de diferentes escolas que se debruçaram sobre os estudos no campo discursivo, tem-se que as considerações acerca do discurso fundamentam-se, neste trabalho, nos estudos em Análise do Discurso de linha francesa inaugurada na década de 1960 por Michel Pêcheux. Não se trata de negar as outras formas de Análise do Discurso, mas sim de delimitar uma área específica para o recorte epistemológico que este estudo exige. Assim, não serão realizadas ponderações sobre a história da Análise do Discurso pelo fato de o foco do trabalho ser outro. Porém, o trabalho utilizará os dispositivos teórico-

analíticos para desvelar efeitos de sentido presentes em memes da mídia virtual. Desse modo, algumas categorias serão utilizadas, tais como: condições de produção, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso, memória discursiva e recategorização¹.

As condições de produção dizem respeito a uma categoria que fundamenta a materialização do discurso na existência humana e sua realização depende de elementos ideológicos, pois o discurso não é neutro. “Podemos considerar as condições de produção em sentido restrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2005, p. 30). A formação discursiva é regida por leis que orientam sujeitos para a organização de atos discursivos. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005, p. 43).

A formação ideológica é um conjunto de expressões da conjuntura ideológica de uma formação discursiva. Como está associada, toda formação ideológica se materializa em uma formação discursiva e vice-versa. Portanto, a formação ideológica é o “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166). O interdiscurso é entendido como o discurso anterior, que sempre fala antes, em outra época, em outro lugar. Silva (2011, p. 53) diz que o interdiscurso é o “complexo de formações discursivas que não existem isoladamente. Elas se relacionam entre si, seja para estabelecer alianças, seja para se opor umas às outras”.

A memória discursiva é, de acordo com Pêcheux (1999), o suporte semântico de um discurso, seu funcionamento se dá através da repetição de enunciados, que forma uma regularidade discursiva. Esta, por sua vez, invoca significados através dos pré-construídos estabelecidos nas séries enunciativas. Com isso, a memória é o lugar do passado, onde estão os já-ditos, prontos a serem convocados pelos sujeitos. A recategorização refere-se a um contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes ao longo de um texto/discurso. As modificações por que passa o objeto referido se revelam em variados índices contextuais. A transformação não se dá pontualmente, mas vai acontecendo à medida que as inúmeras pistas dadas por expressões referenciais, ou não, ajudam o leitor a compor novos sentidos e novas referências (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

1 - Categoria dos Estudos Textuais. Foi trazida para este trabalho pelo fato de contribuir com o estudo por-menorizado dos memes selecionados.

PONTUAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS

Este trabalho segue a linha teórica dos Estudos Culturais, tendo em vista que indica como a categoria cultura promove a construção de múltiplas significações em uma sociedade. Laraia (2001, p. 14) afirma que a cultura é um “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Tudo aquilo que o homem aprende na vida e nas relações sociais pode ser considerado como cultura. São esses e outros aspectos que, de fato, constituem os sujeitos enquanto atores sociais em suas comunidades. Os memes estudados neste trabalho são, também, uma forma de cultura, pois revelam traços marcadamente ideológicos de um povo, neste caso, o povo brasileiro. Laraia (2001) assegura que a cultura é tudo aquilo que está intrínseco ao homem, pois a ele (e só a ele) é delegada a possibilidade de possuir cultura; em virtude disso, o referido autor pontua que o homem é o único ser portador de cultura. Desse modo, a grande qualidade da humanidade foi a de romper com as suas limitações, pois o homem, considerado um animal frágil em força física, “dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura” (LARAIA, 2001, p. 14).

É a cultura que difere o homem dos outros seres, pois as técnicas, os costumes, a língua/linguagem, a religião, as tradições, tudo isso faz com que o homem seja, de fato, um ser cultural, mesmo em tempos considerados pós-modernos. As tecnologias influenciam de forma acentuada a sociedade, mas a cultura ainda continua sendo o motivo fulcral das diferenças e das desigualdades sociais. Desse modo, não interessa o que “desejemos ou encaremos como esclarecimento, a diversidade das culturas persiste e prolifera, mesmo em meio e até em resposta às poderosas forças de vinculação da indústria, das finanças, das viagens e do comércio modernos” (GEERTZ, 2001, p. 217). A cultura é, de fato, uma das únicas formas que o homem possui como preservação e manutenção de sua identidade. Os processos culturais estão imbricados com as relações sociais, que são relações de poder dentro de uma comunidade, haja vista as diferenças entre os grupos sociais. Uns conseguem criar meios para satisfazer as suas necessidades; outros, não. Desse modo, a cultura não é um campo autônomo, homogêneo, nem fixamente determinado, mas é um lugar de dissonâncias, lutas sociais (GEERTZ, 2001).

Ainda de acordo com Geertz (2001, p. 215), a cultura refere-se às “estruturas de sentido em que as pessoas vivem e formam suas convicções,

suas individualidades e seus estilos de solidariedade – como força ordenadora das questões humanas”. Em vista disso, cada grupo social tem a sua própria cultura e, dentro de cada grupo, há a possibilidade de existir uma espécie de subcultura, devido à multiplicidade do conceito de cultura. Seria como caixa dentro de caixas e prateleiras em cima de prateleiras (GEERTZ, 2001). Nesse sentido, os Estudos Culturais contribuem para a observação dessas relações existentes entre cultura e sociedade, pois é nesta que as mudanças e as múltiplas formas culturais influenciam as práticas de um determinado grupo social. Conforme Laraia (2001, p. 24), “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”, a cultura é apreendida pelo homem, não sendo algo inata a ele.

Para Rocha (2020), os estilos de vida, os costumes de um povo, os discursos que envolvem as falas dos partícipes de uma sociedade, tudo isso é uma forma de comunicação, pois revela um processo cultural. A língua/ linguagem humana “é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (LARAIA, 2001, p. 28). Sem dúvida, a oralidade é a forma mais plena de disseminação cultural, já que sem ela a comunicação não aconteceria e os valores identitários de um povo não seriam repassados. A identidade cultural promove uma imagem em que é possível perceber um espaço de diferenças que se chocam em aspectos como a família, a religião, a aldeia, entre outros pontos. Isso ocorre por causa da pluralidade e diversidade culturais. Não há um padrão de cultura, mas sim padrões de cultura, os quais envolvem uma série de fatores multifacetados. Em vista disso, “tudo que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura” (LARAIA, 2001, p. 27).

ASPECTOS HISTÓRICOS NO DISCURSO

O estudo da história tem estreita relação com o discurso, visto que consiste na análise das narrativas que compõem os fatos. Conforme Rocha (2020), os episódios passados concretizam a investigação e consolidação histórica. O discurso proporciona significação aos acontecimentos, o que dá margem ao objeto da história: a interpretação dos fatos. De acordo com White (2001), a pesquisa histórica não objetiva reconstruir o passado, mas interpretá-lo. Desse modo, a partir dos fatos que se constroem, analisam-se os acontecimentos sob o viés reflexivo, levando-se em consideração a natureza e o lugar dos fatos, bem como o pensamento e a lente utilizada pelo historiador, o principal responsável por representar os fatos.

Courtine (2011), revela que a perspectiva histórica permite o resgate do discurso e amplia os espaços de observação, para possíveis explicações dos acontecimentos vivenciados ideologicamente.

Por meio da memória, como fonte de produção do discurso, de acordo com Orlandi (2005), os sujeitos tendem ao retorno dos acontecimentos para efetivar um discurso outro, mas arraigado ao já-dito. Utilizam-se, dessa maneira, da memória discursiva, observando o que se pode dizer diante de dadas circunstâncias. Nessa perspectiva, as variadas formas de realização discursiva são decorrentes dos fatos históricos, passados. Por isso, a memória é definida por Orlandi (2005, p. 31) como um saber discursivo capaz de tornar possível “todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”.

O interdiscurso se materializa na heterogeneidade enunciativa, nos apagamentos e formulações dos aspectos sócio-históricos que caracterizam a intenção do que se quer dizer, em prol do que se precisa convencer. Assim, a materialidade linguística ganha sentido no trajeto histórico e se corporifica na unidade significativa de um discurso, que proporciona as relações de verdade, cuja materialização não pode ser questionada. De acordo com Orlandi (2005), os aspectos históricos têm como base a verossimilhança, que permite considerar o contexto como a principal fonte de compreensão da produção discursiva. Para a autora, o discurso depende da seleção, revisão e adequação, fatores que contribuem com o funcionamento do discurso na sociedade. Nesse sentido, White (2001) demonstra que a história não serve apenas para constituir o discurso, pois, através dela, também é possível analisá-lo. A vertente histórica do discurso permite a liberdade de explanação e até mesmo a arte de manipular.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISES

Metodologicamente, seguiu-se a linha qualitativa, visto que se trata de uma análise descritiva e interpretativista, pois importa a qualidade e não a quantidade das informações apreendidas. De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 269), “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. O intuito deste trabalho é compreender a multiplicidade dos sentidos em memes na esfera política. Com relação ao *corpus*, tem-se que foi adquirido na *internet*. A constituição das materialidades analisadas se caracteriza pela coleta de memes que circularam no espaço virtual. Entre as possíveis instâncias discursivas,

a esfera política foi a escolhida como temática para a seleção dos memes. A escolha se deu pelo fato de ser um recorte teórico pela relevância/influência social que o viés político vem proporcionando no Brasil desde o impedimento da presidenta Dilma Vana Rousseff.

Alguns passos foram seguidos para a concretização deste estudo: a) seleção das materialidades discursivas; b) identificação do fenômeno da recategorização nos memes; c) análise discursiva; e d) apresentação dos resultados. Para a realização das análises foram selecionados três memes referentes à temática política. A análise discursiva foi pautada na observação dos efeitos de sentido, dos elementos histórico-culturais e das recategorizações dos memes. Por meio das observações, foi possível observar o funcionamento discursivo dos memes e como eles produzem múltiplos sentidos que determinam os discursos que são, na maioria das vezes, de uma classe hegemônica na sociedade contemporânea.

ANÁLISE DO MEME 1

O primeiro meme faz parte das amostras que compõem o *corpus* selecionado para as análises deste trabalho. Ele foi publicado em um site de notícias do Estado da Bahia em abril de 2016, no exato momento em que o país vivia fortes turbulências políticas. A seguir, tem-se o meme e, logo em seguida, a análise realizada:



FONTE: <https://bahianoar.com/memes-de-michel-temer-bombam-na-internet-apos-vazamento-de-audio/>

Este meme apresentado na primeira sequência discursiva foi veiculado em abril de 2016, no decorrer do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Na ocasião, Michel Temer era o vice-presidente

da república e com a saída precoce de Dilma ele assumiu a presidência do Brasil. O meme em destaque se constitui de elementos verbais e imagéticos. Os verbais se caracterizam pela expressão “em breve no Brasil a usurpadora”. Os imagéticos são construídos a partir da imagem de Michel Temer e dos adereços que ele utiliza, a exemplo dos brincos e da maquiagem. A formação discursiva cria um efeito de sentido de que Michel Temer teria usurpado o poder presidencialista, ou seja, traído Dilma Rousseff e, ao lado da oposição, promovido o impedimento de sua até então “aliada”. Nesse sentido, imbricada com a formação discursiva, a formação ideológica que se cria é a de que Michel Temer foi um traidor/golpista, por ter apoiado a saída de Dilma Rousseff da presidência.

Em relação às condições de produção, entende-se que estão arraigadas ao caos político instalado no Brasil desde o escândalo da corrupção na Petrobras. Além disso, o Brasil, na época em que o meme foi produzido, vivia em um momento de embates políticos e ideológicos. As condições estritas representam a tomada de poder por parte de Michel Temer e o processo de impedimento; e as condições amplas são caracterizadas por todas as manifestações e tensões na esfera política brasileira. A posição-sujeito do discurso mostra que Michel Temer é alguém que se apodera de um cargo por meios injustos, neste caso, a partir de um possível golpe de Estado. A memória discursiva aponta para a luta de classes, pois a esquerda brasileira queria manter Dilma Rousseff no poder; a direita brasileira, em contrapartida, apoiava o afastamento da presidenta, alegando que ela cometeu crime de responsabilidade fiscal. Assim, verifica-se duas linhas antagônicas que trazem ao debate uma história de luta de classes: os da esquerda e os da direita, trabalhadores e patrões.

O interdiscurso que perpassa o meme dialoga com a novela mexicana “A usurpadora”, que foi transmitida e reprisada várias vezes na televisão brasileira. Culturalmente, o Brasil é um país que produz, compra e transmite muitas novelas e outras formas de entretenimento pelo mundo afora. Sabendo disso, o meme foi construído a partir dessa memória que acompanha a esfera midiática do Brasil. Nesse sentido, no meme em tela cria-se o imaginário de que Michel Temer é semelhante à personagem da citada novela, visto que seria (e foi) beneficiado com a saída de Dilma Rousseff, sendo um usurpador, golpista. Os deslocamentos de sentidos fazem com que a recategorização aconteça no plano do funcionamento do discurso. O referente em destaque é Michel Temer, mas ele está sendo recategorizado com as características da personagem Paola Bracho, interpretada pela atriz Gabriela Spanic, da novela mexicana “A usurpadora”. Naturalmente, para que esse funcionamento discursivo

possa causar efeitos de sentido, os sujeitos-alvo precisam conhecer a novela mexicana e a principal personagem. Caso contrário, os sentidos não poderão ser captados e o discurso não produzirá os efeitos desejados.

Os efeitos de sentido produzidos pelo meme mostram o funcionamento discursivo e uma das ideias centrais é a de que Michel Temer é discursivizado como um golpista e traidor, mas traidor não só da presidenta Dilma Rousseff, mas também de toda esquerda brasileira que confiou nele como vice-presidente. Ao invés de ele ficar ao lado de sua aliada e tentar bloquear o impedimento, Temer preferiu apoiar e se aliar à oposição, neste caso, à direita brasileira e contribuir com a saída de Dilma Rousseff. Portanto, por meio dos dispositivos teórico-analíticos utilizados para o desvelamento da sequência discursiva em estudo, é possível observar como os sentidos estão dispostos neste primeiro meme. Notadamente, os elementos históricos e culturais estão embutidos no discurso, pois revelam as condições de produção, isto é, tudo aquilo que está acontecendo no momento em que ocorre o fenômeno discursivo em questão.

ANÁLISE DO MEME 2

O segundo meme que constitui o *corpus* deste trabalho foi colhido na página de notícias do site UOL. Este meme foi publicado em julho de 2017, época em que se vivenciavam investigações e crises políticas no cenário brasileiro. Assim, destaca-se abaixo a imagem e, logo após, a análise do segundo meme.



FONTE: <https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2017/07/14/moro-o-super-homem-da-liga-da-justica-da-folego-a-lava-jato-atingida-pela-holding-jj/>

Neste meme, o então juiz Sérgio Moro é enaltecido como o herói da nação brasileira, visto que o meme faz alusão a um super-herói fictício, o super-homem dos quadrinhos e desenhos animados. A imagem em tela se constitui por elementos imagéticos, em que apenas o rosto de Sérgio Moro é apresentado no corpo de um herói que utiliza adereços característicos do figurino de um defensor da nação. Algumas ações realizadas na política e área jurídica podem servir de pistas para o caráter heroico atribuído ao referido juiz federal. A formação discursiva permite a compreensão de que, no período de publicação do meme, completavam-se dois anos das investigações acerca do esquema de corrupção da Petrobras. Assim, os embates políticos e ideológicos vivenciados naquele momento davam margens para que o então juiz federal da 13^o vara da justiça de Curitiba, responsável por julgar a operação lava jato (esquema de investigação da polícia federal, que visava investigar os desvios de dinheiro da empresa Petrobras), planejasse ousadas estratégias que viriam a contribuir para a condenação do ex-presidente Lula, que estava sendo acusado de corrupção.

As condições de produção revelam que Sérgio Moro, ao decretar a prisão de Lula, condena o principal candidato da esquerda brasileira. Com isso, impede a candidatura do ex-presidente Lula que almejava concorrer ao cargo de presidente nas eleições de 2018. Dessa forma, a recategorização de super-herói enaltece o então juiz Sérgio Moro, apresentando-o como protagonista e “herói brasileiro” da maior investigação contra corrupção do país. Seria pelo fato de ter tirado Lula do pleito eleitoral? Provavelmente sim, pois as pesquisas realizadas pelos principais sites (G1, DATAFOLHA, UOL) apontavam que Lula venceria as eleições caso pudesse concorrer. O interdiscurso presente no meme dialoga com a proteção do herói para com a nação, a qual estaria vulnerável às ações corruptas e partidárias que envolvem o cenário social do país. Atribui-se, assim, o caráter de maestria ao trabalho executado por Sérgio Moro, que se utiliza dos mecanismos magistras, abusando em certo ponto dos limites legais, para assumir uma postura de salvador da pátria e criar um imaginário de heroísmo. É visualizado, então, como o responsável por “capturar” os “vilões” e “salvar as vítimas” do caos que havia se instalado no Brasil. Assim, faz-se referência à liga da justiça, que possui heróis aptos a fazer justiça utilizando-se dos seus superpoderes que criam planos de ação e buscam sanar os impasses sociais vividos. Quando Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da república, Sérgio Moro assumiu o ministério da justiça, comprovando, mais uma vez, a ideia de herói.

Os fatores ideológicos indicam que Sérgio Moro utilizou os poderes do seu cargo (juiz) profissional para satisfazer as aspirações políticas da

direita brasileira, em detrimento das idealizações da esquerda. Assim, nesta investigação, há evidências do jogo de poder, pois a ação investigativa se apresenta como cenário de disputa e interferência no panorama histórico/político da nação. Dessa maneira, o herói do meme ganha respaldo por uma ação que pode ser fruto de um trabalho construído através de provas legais ou por vaidade e manipulação dos mecanismos que regem a lei, de qualquer forma, com a referência ao imaginário de herói, são dadas garantias de que a população estaria protegida, assegurada contra os possíveis ataques da esquerda brasileira.

Os efeitos de sentido são construídos e discursivizados a partir daquilo que se visualiza no meme e dos conhecimentos sociais, históricos, culturais, políticos, ideológicos que contribuem para a interpretação dos possíveis efeitos de sentido da imagem destacada. Por isso, o caráter irônico do meme torna-se compreensível quando compartilhado com aqueles que conhecem os aspectos ideológicos e conseguem compreender as possíveis intenções comunicativas. Dessa forma, a postura rígida e a musculatura acentuada do herói no meme são traços evidentes de um sujeito forte e protetor, que utiliza seus superpoderes para defender os “indefesos” e atacar de forma vociferada a oposição, caracterizada pela esquerda e, neste caso, o ex-presidente Lula.

ANÁLISE DO MEME 3

O terceiro meme foi publicado em março de 2019 em um site americano (Know Your Meme) que observava as mudanças governamentais instituídas no caótico cenário político brasileiro. Eis, a seguir, o meme e a análise realizada.



FONTE: <https://knowyourmeme.com/photos/1456257-jair-bolsonaro>

No meme exposto, temos o objeto de discurso presidente Jair Bolsonaro sendo recategorizado pelo robô do filme “O Exterminador do Futuro”, visto que é apresentado com o rosto metade humano e outra metade robô. Assim, a recategorização torna-se possível com alguns sentidos que são evocados pelas transformações gerenciadas no Brasil atual (2018-2019-2020). Observa-se, desse modo, que os aspectos ideológicos contribuem para a recategorização do meme, através dos elementos verbais enunciados: “O exterminador de direitos”. Isso enaltece a preocupação do futuro do Brasil, sendo possível inferir, metaforicamente, o seguinte esquema lógico: a) políticos são seres exterminadores; b) Jair Bolsonaro é político; c) logo, Jair Bolsonaro é um ser exterminador. Os deslizamentos de sentidos mostram que a base exterminadora são os políticos e, neste leque, enquadra-se também Jair Bolsonaro. Infere-se que ações políticas provocam alterações no futuro, sejam elas boas ou ruins para a sociedade.

A recategorização do referente presidente Jair Bolsonaro ocorre tanto pelo encadeamento do enunciado “o exterminador de direitos” quanto pela própria imagem que caracteriza o presidente como um exterminador. O possível efeito de sentido produzido no meme atribui um significado pejorativo e desqualificador ao governo Jair Bolsonaro, pois, no filme, a personagem que interpreta o exterminador é enviada ao futuro para proteger a humanidade de coisas terríveis que estavam para acontecer. No meme em análise, é possível observar o contrário do que acontece no filme. O presidente Jair Bolsonaro também tem a missão de alterar o futuro dos brasileiros, mas faz isso de forma desastrosa, pois o político é caracterizado como um exterminador dos direitos do povo, a exemplo dos cortes na educação, da precariedade da saúde, da reforma da previdência, do ataque verbal às mulheres, dos discursos preconceituosos contra negros, indígenas e minorias sociais, entre outros acontecimentos negativos na gestão do atual presidente do Brasil.

O principal objetivo do meme em tela é tecer uma crítica arrojada ao modo como o presidente do Brasil vem atuando em sua gestão. Assim que assumiu o comando da nação, o presidente começou um extermínio total de muitas conquistas do povo brasileiro. O contingenciamento da verba de custeio para as universidades federais, a expulsão dos médicos cubanos, a redução do salário mínimo, o aumento do desmatamento da Amazônia, a liberação de agrotóxicos altamente prejudiciais à saúde humana, o ataque aos meios de imprensa e, atualmente, a incompetência do ministério da saúde contra a pandemia da covid-19, entre outros pontos negativos. O processo de recategorização no meme fornece pistas para que esses possíveis sentidos sejam desvelados. Naturalmente, outros sentidos

deslizam e escapam do olhar do analista, o que torna o jogo discursivo um lugar de muitas vozes. Desse modo, a formação discursiva presente no meme decorre da observação das políticas públicas atuais, as quais colocam em risco a fruição dos direitos dos cidadãos, de classes sociais menos favorecidas, ou seja, como na trama do filme “O exterminador do Futuro” há o extermínio daqueles que viriam para salvar a humanidade, o referente é colocado em uma posição-sujeito de destruidor, aquele que contribuiria para suprimir os feitos democráticos.

As condições de produção denotam as modificações apresentadas pelo setor midiático, acerca dos direitos e do acesso dos brasileiros à saúde, educação, previdência social, concursos públicos e etc., os quais se encontram de forma precária no Brasil. Algumas mudanças impostas no decorrer do início da gestão presidencial revelam o desejo de erradicação/exterminação dos direitos sociais. Observa-se que o discurso foi construído em um momento de caos político no cenário brasileiro. Ademais, o interdiscurso aponta as características mecânicas do meme para com a robotização das ações, visto que se atribui uma imagem negativa ao referente robotizado, o que pressupõe que a sociedade pode ser levada à censura interacional, uma vez que as lacunas para com os projetos educacionais, por exemplo, preocupam a população que tem receio pelo regresso, pela destruição do que se tinha conquistado, já que as conquistas históricas do setor educacional tendem a ser deixadas em segundo plano ou excluídas. Dialogando de forma acentuada com o filme, o meme mostra que o extermínio de direitos é uma realidade no governo bolsonarista, o que faz total assonância com o conteúdo da produção cinematográfica.

Diante disso, os efeitos de sentido evidenciam a repercussão preocupante dos feitos realizados na atual gestão presidencialista no Brasil. Por isso, as perspectivas de futuro da nação brasileira são colocadas em situação de fragilidade, pois não há segurança para o acesso aos direitos outrora conquistados e consolidados. A posição do sujeito, dessa forma, vincula-se à classe dominante que direciona os discursos de poder, os quais privilegiam a classe soberana da sociedade, neste caso, a extrema direita. Portanto, o meme em análise possibilita a visualização dos embates ideológicos e políticos que são colocados em destaque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou estudar e compreender a multiplicidade dos sentidos na recategorização de memes na esfera política. Por meio das análises empreendidas, foi possível perceber que os memes são dotados de elementos culturais, históricos, linguísticos, ideológicos, entre outros, os

quais fazem com que produzam sentido em diferentes espaços sociais. No que respeita às categorias provenientes da Análise do Discurso, verificou-se que aparecem as condições de produção, pois os memes não são criados do nada, ao contrário, estão num espaço social definido e situado; já a formação discursiva mostrou que os memes fazem parte da esfera política, o que está em plena consonância com o espaço-tempo em que foram publicizados pela mídia; a formação ideológica mostrou que os memes fazem uma crítica arrojada aos políticos, especialmente, aqueles que apoiaram o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. O interdiscurso apontou um diálogo dos memes com outros discursos, com outras vozes, a exemplo da novela mexicana “A usurpadora”, do super-homem, do filme exterminador do futuro; a memória discursiva indicou que os mesmos discursos, ou seja, os já-ditos em outras épocas são ressignificados e voltam novamente, pois se verificou nos memes uma analogia à luta entre direita e esquerda, ou seja, as questões ligadas ao capital, às lutas de classe.

A recategorização mostrou como os efeitos de sentido são construídos nos memes em tela. Um mesmo referente foi caracterizado de diferentes maneiras a fim de se obter um propósito comunicativo definido: fazer uma crítica aos políticos de um modo geral, mais especialmente aos considerados da direita brasileira e apoiadores do golpe, isto é, do impedimento de Dilma Rousseff. A contribuição dos Estudos Culturais foi importante pelo fato de mostrar que a cultura é uma categoria que diferencia os sujeitos. Provavelmente, os memes analisados não teriam um efeito persuasivo e ideológico acentuado se fosse apresentado a uma cultura que não conhece esse gênero virtual ou que não fosse adepta da democracia e da liberdade de expressão. Por isso, entende-se que a influência dos acontecimentos culturais e históricos possibilita desvelar os mais diversos sentidos dos discursos que permeiam a sociedade. Portanto, as análises realizadas permitiram a compreensão dos múltiplos sentidos discursivos em memes adquiridos na *internet*. Ademais, a construção de sentidos dos memes segue uma formação discursiva delimitada (a ideologia política), orientando-se não apenas da interpretação dos sujeitos, mas guiando-se pelo lugar de produção e pelos fatores ideológicos que perpassam o intrincado das falas de seus sequazes.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Geisa de Andrade; CORTES; Gerenice Ribeiro de Oliveira. **Os memes políticos na trama discursiva: imaginário, metáfora e efeitos de sentido.** Letras em Revista, Teresina, v. 10, n. 01, jan./jun. 2019, p. 34-45.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referência e ensino.** São Paulo: Cortez Editora, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. **Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário.** In.: SARGENTINI, Vanice [et. al]. Discurso, semiologia e história. São Carlos – SP: Claraluz, 2011. p. 145-162.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. e. d. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 14. e. d. Rio de Janeiro: Jorge “Zahar” Editora, 2001.

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 5. e. d. São Paulo: Atlas, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 5. e. d. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O papel da memória.** Campinas/SP: Pontes, 1999.

ROCHA, Max Silva da. **Aspectos culturais, históricos e linguísticos dos nomes de dois povoados do município de Igaci – Alagoas.** Memento, Três Corações/MG, v. 11, n. 1, p. 1-19, jan./jul. 2020.

SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. **Entre sentidos, ideologia, sujeito e esquecimentos: alguns pressupostos teóricos da análise do discurso.** In. Linguagem, uso e ensino. Arapiraca, AL: EDUNEAL, 2017.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura.** 2 e. d. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.



A NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DA ESCRITA¹

Laysdemberg Tavares Rodrigues

Fabiana Pincho de Oliveira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, os trabalhos inscritos na Linguística Textual vêm desde a década de 80 destacando os complexos processos de constituição do texto, seja oral seja escrito (KOCH, 1997; KOCH & TRAVAGLIA, 1997; CASTILHO, 2002; GUIMARÃES, 1990; MATENCIO, 1994, entre tantos autores). Esses estudos defendem que a escrita seja compreendida numa perspectiva interacional, dialógica e processual. Nesse sentido, é preciso considerar os propósitos comunicativos, os possíveis interlocutores, o veículo de circulação, o gênero textual, o conhecimento sobre o assunto e as etapas de planejamento, escrita, revisão e refacção de texto.

Essa concepção interacionista influenciou fortemente as pesquisas sobre ensino da escrita. Muitos autores, como (GERALDI, 1997; ANTUNES, 2005), considerando que a interação só acontece por meio de textos, afirmaram que o ensino da língua deve ter o texto como seu objeto de ensino e aprendizagem. Na citação a seguir, retirada do livro *O texto na sala de aula*, obra precursora das pesquisas sobre textualidade, podem-se verificar as críticas feitas por Wanderley Geraldi (1997) ao ensino artificial da escrita:

Antes de mais nada, é preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)? (GERALDI, 1997, p. 65).

Os pressupostos teórico-metodológicos interacionistas fundamentaram os documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e mais recentemente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta, por exemplo, recomenda que as práticas de leitura e escrita

1 - Este capítulo apresenta um recorte de pesquisa realizada no contexto do PIBIC, ciclo 2020-2021, justamente no período da pandemia de Covid-19, exigindo que a intervenção acontecesse em ambiente virtual de aprendizagem.

considerem a diversidade de gêneros textuais, as condições de produção dos textos, o domínio dos diferentes tipos de conhecimento, a escrita como processo e os aspectos da multimodalidade da linguagem, como pode ser visto na próxima citação:

Além das habilidades de leitura e produção de textos já consagradas para o impresso, são contempladas habilidades para o trato com o hipertexto e também com ferramentas de edição de textos, áudio e vídeo e produções que podem prever postagem de novos conteúdos locais que possam ser significativos para a escola ou comunidade ou apreciações e réplicas a publicações feitas por outros. Trata-se de promover uma formação que faça frente a fenômenos como o da pós-verdade, o efeito bolha e a proliferação de discursos de ódio, que possa promover uma sensibilidade para com os fatos que afetam drasticamente a vida de pessoas e prever um trato ético com o debate de ideias. (BNCC, 2017, p. 136).

Na contramão do que diz a BNCC, pesquisas realizadas no contexto do ProfLetras (PINTO, 2017; SILVA; OLIVEIRA, 2019) e do PIBIC (SILVA; OLIVEIRA, 2020; LIMA; OLIVEIRA, 2020) mostram a produção do texto, especialmente no contexto da escola pública, como uma atividade pouco frequente, que acontece distante da ideia de escrita como processo (não existem planejamento, revisão e reescrita) e o texto final é marcado por inúmeros problemas, tais como a falta de progressão e continuidade tópica, de progressão e continuidade referencial, problemas na composição das sequências textuais (narração, descrição, argumentação, explicação e injunção), falta de domínio das convenções da escrita, interferência da oralidade na escrita, vocabulário incipiente, entre tantas outras dificuldades que afetam a principal propriedade do texto – a coerência. Consequentemente, ficam prejudicadas a recepção do texto, a adequação aos propósitos comunicativos e ao gênero e a força argumentativa.

Por compreender que existe carência de pesquisas na área da Linguística Textual que mostram aos docentes possibilidades metodológicas na solução das dificuldades de escrita dos alunos da Educação Básica, este estudo apresenta uma proposta de experiência didática que incentiva a produção de textos por meio de uma sequência didática do gênero *narrativa de experiência pessoal*. Espera-se, assim, contribuir para uma prática prazerosa e significativa de escrita, destacando a importância de compreender os aspectos da textualidade envolvidos na construção de textos relevantes, coerentes, consistentes e adequados às diferentes situações comunicativas.

Nas próximas seções deste texto, são descritos o contexto da pesquisa, o perfil dos participantes e a sequência didática utilizada. Baseando-se

no modelo de narrativa de Labov e Waletzky (1967), analisa-se a produção dos colaboradores, destacando as etapas da narrativa, a interação na plataforma virtual de aprendizagem e a intervenção dos professores nos textos dos estudantes.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este estudo se classifica como uma pesquisa-ação porque parte da identificação das dificuldades de escrita dos estudantes colaboradores para, em seguida, propor ação interventiva visando desenvolver uma experiência significativa e prazerosa de produção textual. Ademais pretende conscientizá-los sobre a necessidade de planejamento, revisão e reescrita; sobre os complexos processos de constituição dos textos, como a progressão e a manutenção do tópico e da cadeia referencial e a macroestrutura da narrativa, tudo isso com vista à produção da coerência.

Inseridos no contexto das aulas de Língua Portuguesa no Programa de Apoio aos Estudantes de Escolas Públicas do Estado (PAESPE), foram utilizados diferentes instrumentos para coleta de dados com o intuito de compreender como se dá a prática da escrita. Dessa forma, foi importante escutar os participantes em relação às concepções de escrita, à frequência e à percepção das dificuldades; fazer uma sondagem para avaliar os diferentes aspectos da construção da textualidade, em especial as etapas da narrativa e propor uma ação para remediar os problemas identificados. Nesse sentido, a pesquisa-ação é a metodologia adequada, conforme definida por Fonseca (2002, p. 34-35):

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. [...] O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador. (FONSECA, 2002, p. 34-35).

A experiência didática aconteceu numa modalidade do PAESPE, um programa de extensão da Universidade Federal de Alagoas, criado em 1993 por um grupo de professores do Centro de Tecnologia (CTEC/UFAL). Entre outras ações, oferece curso pré-vestibular gratuito para os alunos do terceiro ano no ensino médio das escolas públicas de Maceió. A modalidade PAESPE Júnior é uma ampliação desse programa de extensão, mas com outro público-alvo: alunos do primeiro e do segundo ano do ensino médio. Tem como finalidade desenvolver habilidades e competências desses estudantes em Matemática e Leitura e Produção de Textos, funcionando como um preparatório para que no ano seguinte ingressem na turma do PAESPE (modalidade pré-vestibular). A experiência didática relatada neste capítulo aconteceu nas aulas da disciplina Leitura e Produção de Textos no PAESPE Júnior.

Continuando com a descrição do contexto da pesquisa, o PAESPE acontece em parceria com o Programa de Educação Tutorial (PET/ Ufal). O PET Letras é responsável por ministrar as disciplinas da área de linguagens; as disciplinas das outras áreas são ministradas por estudantes dos grupos PET Civil, PET Ciência e Tecnologia, PET Engenharia Ambiental, entre outros. Os professores pesquisadores que realizaram a sequência didática, descrita neste capítulo, são graduandos do curso de Letras e integrantes do PET Letras: Laysdemberg Rodrigues e Pedro Leão. Laysdemberg atuou na condição de petiana e colaboradora do PIBIC. Nesse sentido, este estudo exemplifica plenamente a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Para diagnosticar o perfil da turma, foi aplicado um questionário de identificação, por meio de formulário on-line, com as seguintes perguntas: O que você gosta de ler (gibi, mangá, fanfic...)? O que você gosta de escrever?; Qual o livro que você leu recentemente?; Como você descreve sua relação com a leitura e a escrita?; Você tem acesso à internet todos os dias?; Qual a sua disponibilidade para acessar aparelhos com internet?; Você gosta de ler pelo computador/celular? Por quê?

A turma foi composta por 21 alunos na faixa etária de 15 a 18 anos; a maioria possuía a idade de 16 anos. De acordo com as respostas apresentadas no formulário, o contexto social no qual os alunos estavam inseridos tem possibilitado o acesso frequente à internet². No que diz respeito às respostas sobre leitura e escrita, é possível classificá-los em três grupos: os alunos que amam ler e escrever — o maior destaque vai para o gênero fanfics; os alunos que se consideram medianos no quesito gosto pela leitura e escrita;

2 - Ao todo 19 alunos responderam o formulário. Sendo que 18 responderam que têm acesso à internet todos os dias e apenas um respondeu não ter esse acesso diário.

e um grupo menor de alunos que não gosta de ler e escrever. Outro ponto interessante é que a maioria dos alunos lê mais pelo celular/computador, por achar mais prático, mas ainda há os que preferem ler livros físicos. Outro dado relevante foi a resposta de um aluno que informou não possuir nenhum livro impresso.

Para desenvolver uma prática de escrita, numa perspectiva processual, trabalhando os estágios da sequência narrativa e as metarregras de coerência textual, apresenta-se uma proposta de sequência didática. A seguir, as oficinas são descritas, contemplando os temas, objetivos, a metodologia e o cronograma. Também foi produzido um caderno de atividades para ser usado pelos graduandos (futuros professores da disciplina na próxima edição do PAESPE). Esse material didático contém fundamentação teórica sobre as metarregras da coerência e a estrutura da narrativa, uma coletânea de textos, de variados gêneros, organizados predominantemente pela sequência narrativa e várias atividades, envolvendo as práticas da leitura e da escrita.

As oficinas iniciaram-se em abril de 2021, com previsão de término para outubro do mesmo ano. Por causa das dificuldades de contato com as escolas e com os estudantes, a inscrição e seleção para o PAESPE 2021 aconteceram com atraso, prejudicando o cronograma elaborado no projeto desta pesquisa. Além disso, o número de jovens interessados em participar do programa foi bem reduzido. Em anos anteriores, a turma do PAESPE Júnior iniciava com 70 estudantes. Em 2021, no contexto da pandemia de Covid-19 e de aulas remotas, foram inscritos 21 estudantes.

Foi criado um ambiente de aprendizagem na plataforma Google Classroom, onde acontecia a maior parte da interação (avisos, postagem de material de estudo, indicações de leitura, envio de textos produzidos pelos estudantes). No aplicativo Google Meet, foram realizados os encontros síncronos a cada 15 dias. A plataforma Google Classroom mostrou-se ser uma ferramenta produtiva para estabelecer a interação com os alunos e para organização do conteúdo, do material didático e para recepção das produções textuais dos estudantes.

A interação foi muito produtiva no espaço destinado ao envio das atividades no Classroom, que permite atribuição de nota e principalmente intervenção didática sobre os textos produzidos. Na aba, denominada de Mural, a interação foi quase inexistente. Os professores postavam textos, videoaulas, avisos, mas os estudantes responderam apenas 2 vezes. Na aba das atividades, a interação foi frequente e acolhedora, como será mostrada na próxima seção.

Sobre a sequência didática, é importante frisar que, como estratégia metodológica, permite, na prática docente, trazer “para a sala de aula esses múltiplos usos da escrita, a maneira como ela é utilizada na sociedade – ou o mais próximo possível” (MADI, 2013). Segundo Sônia Madi (2013), essa estratégia deve ser realizada através de um conjunto de atividades sistematizadas, com objetivos definidos, ligadas entre si, e grau de complexidade crescente.

A seguir, apresentam-se as oficinas que aconteciam a cada 15 dias, sendo um encontro síncrono e uma atividade assíncrona no ambiente virtual de aprendizagem.

Oficina 1 (17 e 24/4) - Tema: apresentação da proposta de trabalho e identificação do perfil da turma.

Objetivos: criar vínculos com os alunos; elaborar um texto coletivamente para sondar a escrita.

Atividades do encontro síncrono: dinâmica de apresentação e produção coletiva de texto oral.

Atividade assíncrona: retextualização da produção oral.

Oficina 2 (8 e 15/5) - Tema: sequência narrativa

Objetivos: reconhecer as características do gênero narrativas de experiência pessoal; escrever texto narrativo de experiência pessoal; aplicar os elementos das sequências narrativas.

Atividades do encontro síncrono: análise coletiva de textos narrativos; exposição sobre os aspectos das sequências narrativas.

Atividade assíncrona: devolução das produções com comentários individuais.

Oficina 3 (22 e 29/5) - Tema: sequência narrativa

Objetivos: refletir criticamente sobre a produção; reconhecer as particularidades dos textos narrativos; reescrever o texto, adequando-o às sequências narrativas; produzir narrativas com equilíbrio entre progressão e continuidade.

Atividades do encontro síncrono: avaliação do próprio texto como do colega; análise coletiva de textos produzidos.

Atividade assíncrona: produção de uma narrativa de experiência pessoal.

Oficina 4 (5/6) - Tema: sequência narrativa

Objetivos: revisar o conhecimento das estruturas da sequência narrativa; introduzir a noção de coerência.

Atividade do encontro síncrono: reformulação de um final para narrativa.

Atividade assíncrona: reescrita do texto.

Oficina 5 (3 e 10/7) - Tema: coerência

Objetivos: compreender o que é coerência textual; analisar a coerência dos textos produzidos.

Atividade do encontro síncrono: leitura de vários textos, buscando identificar e analisar os efeitos da coerência ou de sua ausência.

Atividade assíncrona: revisão dos textos produzidos buscando analisar o critério da coerência.

Oficina 6 (17 e 24/7) - Tema: metarregras da coerência

Objetivos: compreender as metarregras da coerência; aplicar as metarregras no primeiro texto produzido.

Atividade do encontro síncrono: análise coletiva de textos narrativos.

Atividade assíncrona: produção de um mapa mental.

Oficina 7 (31/7 e 7/8) - Tema: metarregra da progressão

Objetivos: compreender como se estabelece a progressão tópica.

Atividade do encontro síncrono: avaliação do próprio texto; organização de texto incoerente.

Atividade assíncrona: produção de texto narrativo a partir de uma notícia.

Oficina 8 (14 e 21/8) - Tema: metarregra da repetição (referenciação)

Objetivos: compreender as estratégias de referenciação.

Atividade do encontro síncrono: análise da progressão referencial em diferentes textos;

Atividade assíncrona: reescrita de texto com troca de referentes.

Oficina 9 (28/8) - Tema: metarregras da não contradição e relação

Objetivos: analisar o campo semântico e as relações que estabelecem a coerência do texto; reconhecer incoerências textuais.

Atividade do encontro síncrono: discussão dos textos produzidos na atividade anterior; análise das incoerências presentes nos textos; eliminação dessas incoerências.

Oficina 10 (11 e 18/9) - Tema: pontuação

Objetivos: compreender os aspectos estilístico, semântico e sintático de pontuação; compreender a pontuação como um recurso de legibilidade dos textos escritos.

Atividade do encontro síncrono: exposição, por meio de slides, sobre as diferentes possibilidades de pontuação de um mesmo texto, revelando a pontuação como um recurso estilístico e semântico.

Atividade assíncrona: revisão e refacção do 1º texto produzido, aplicando o conhecimento obtido sobre pontuação; resolução de alguns exercícios sobre o emprego da vírgula.

Oficina 11 (25/9 e 2/10) - Tema: paragrafação

Objetivos: produzir parágrafos organizados e articulados; estabelecer a progressão textual.

Atividade do encontro síncrono: exposição sobre a organização dos parágrafos e emprego de articuladores textuais;

Atividade assíncrona: revisão e ajustes finais nos textos produzidos.

Oficina 12 (9/10) - Tema: encerramento das atividades.

Objetivos: relembrar os assuntos trabalhados durante ao curso; compilar todas as produções da turma; mostrar o percurso evolutivo traçado para o aluno.

Atividade do encontro síncrono: análise da evolução da escrita pessoal; leitura dos textos produzidos.

Como é possível perceber, a sequência contemplou não só elementos aliados à produção de estruturas narrativas – pensando no gênero escolhido para trabalhar com a turma: *narrativas de experiência pessoal* –, mas também o desenvolvimento e o estabelecimento da coerência textual com base nas metarregras de Charolles (1978).

De maneira semelhante, foi adotada a visão de escrita como processo, justo pela multiplicidade de ações relacionadas a ela – de natureza linguística, cognitiva e interacional –, o que explica a constante reflexão sobre as próprias produções.

No entanto, o limite de páginas desta publicação exige um recorte na análise das produções. Sendo assim, destaca-se a composição do gênero, no que diz respeito às etapas da narrativa, segundo Labov e Waletzky (1967).

REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ESCRITA

A narrativa da experiência pessoal, de acordo com Labov (1997 apud SANTOS, 2021, p. 49), “é uma reprodução de uma sequência de eventos que entraram na biografia do falante realizada numa sequência de frases que corresponde à ordem dos eventos originais”.

Assim, a escolha pela narrativa de experiência pessoal se deu por permitir ao estudante ressignificar sua história, suas memórias, por ser um gênero básico da atividade discursiva (SILVEIRA, 2006). Roland Barthes (1968 apud SILVEIRA, 2006, p. 4) diz que a “narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades”.

Para ensinar esse gênero, foi utilizado o modelo de narrativa de Labov e Waletzky (1967), proposta para descrição de narrativas orais. William Labov, enquanto realizava sua pesquisa do Black English, reparou

certa regularidade nas narrativas orais (de experiência pessoal). É possível dizer que algumas estruturas são naturais às narrativas: resumo (síntese); orientação (contextualização); complicação da ação (clímax); resolução (desenlace); coda (término) e avaliação que, para Labov, é de extrema importância porque revela a significância do episódio narrado. Justo por isso, nota-se uma semelhança entre as narrativas de experiência pessoal orais – apesar de espontâneas e instantâneas, segundo Silveira (2006), – e escritas, que são planejadas e atendem a particularidades da língua escrita. Nesse sentido, há uma familiaridade dos alunos com esse tipo de produção, visto que é natural de todo ser humano fazê-la oralmente.

Para início, apresenta-se a primeira atividade de escrita. Trata-se da retextualização de um texto oral, focado em escrita criativa, produzido coletivamente no encontro síncrono do dia 10 de abril, no qual foram apresentadas as especificidades da oralidade e da escrita. No mural da plataforma Google Classroom, foi solicitada a seguinte produção:

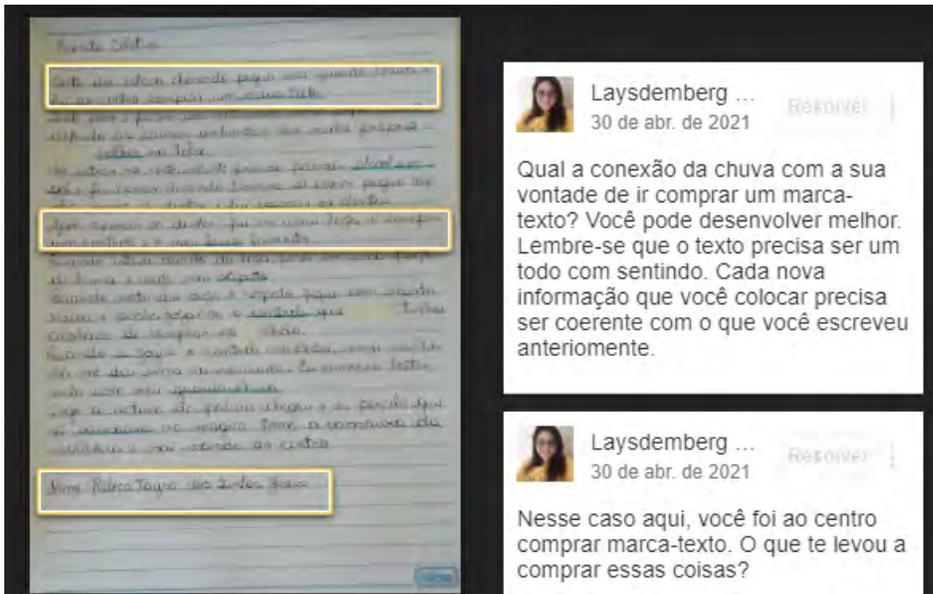
Quadro 1: Retextualização

Esta é a nossa produção textual coletiva. As palavras-comando estão destacadas de vermelho, lembrem que elas não podem ser alteradas. Mas vocês podem escrever mais detalhes para a história, como por exemplo, em qual momento o personagem foi comprar o controle remoto. Além disso, é importante que a história, agora na sua forma escrita, não possua marcas da oralidade, como a repetição excessiva e expressões típicas da fala. Vocês podem dividir o texto em parágrafos para uma melhor organização textual. Boa produção! Vocês podem editar neste documento. Estamos ansiosos para conhecer mais a criatividade de cada um.

Um certo dia peguei minha sombrinha e fui ao centro comprar um **marca-texto**. Me deu fome e eu fui comer ali perto com a minha **colher** que sempre levo na bolsa. Mas para entrar no local, precisei passar **álcool em gel**. Quando terminei de comer peguei a **escova de dentes**. Depois de escovar os dentes fiquei inspirado. Fui ler meu **livro** preferido. E quando estava indo embora, pisei numa poça de água e molhei meu **sapato**. Depois que eu me molhei, fiquei com tanta raiva que joguei meu **controle**, que eu tinha acabado de comprar, no chão. Quando eu joguei o meu controle no chão, uma velha doída me deu uma vassourada. Eu ameaçava bater nela com o **guarda-chuva**, logo a viatura da polícia chegou e percebi que a **vassoura** era voadora e sai do centro voando.

A seguir, apresenta-se a imagem do texto de Maria dos Anjos (nome fictício), uma das estudantes mais participativas da turma, acompanhado das intervenções realizadas pela professora Laysdemberg. E logo após sua transcrição.

Imagem 1: Retextualização de Maria dos Anjos



Fonte: Dados das pesquisadoras.

Quadro 2: Transcrição do texto de Maria dos Anjos

Escrita coletiva

Certo dia estava chovendo peguei meu guarda-chuva e fui ao centro comprar um **marca-texto**. Senti fome e fui ao restaurante comer sopa, como defendo as causas ambientais levei minha própria (rasura) **colher** na bolsa. Ao entrar no restaurante precisei passar **alcool em gel** e fui comer. Quando terminei de comer peguei minha escova de dentes e fui escovar os dentes. Após escovar os dentes, fui em uma loja e comprei um controle e o meu livro favorito. Quando estava saindo da loja, pisei em uma poça de lama e sujei meu sapato. Quando notei que sujei o sapato fiquei com muita raiva e acabei jogando o controle que (rasura) tinha acabado de comprar, no (rasura) chão. Quando eu joguei o controle no chão, uma senhora me deu uma vassourada. Eu ameacei bater nela com meu guarda-chuva. Logo a viatura da polícia chegou e eu percebi que a vassoura era mágica, tomei a vassoura da senhora e saí voando do centro.

Comparando o texto oral com a retextualização, observa-se que Maria dos Anjos acrescenta informações que estabelecem nexos semânticos com outras partes do texto, como: chuva e guarda-chuva; colher, sopa e causa ambientalista (para justificar o transporte de uma colher na bolsa), a substituição de sombrinha por guarda-chuva, mas ainda faltaram outros nexos, como a motivação para a compra do marca-texto. Como primeira

atividade, foi muito positiva a percepção que a estudante teve de que a construção do sentido global do texto passa pelo estabelecimento de relações semânticas entre as palavras.

Na segunda atividade proposta, denominada *Memórias*, a escrita aconteceu motivada pela crônica *Banho de mar*, de Clarice Lispector. Na oportunidade do encontro síncrono, foram discutidas as características dessa narração em primeira pessoa, que se assemelha muito ao tom de narrativa pessoal de memória. Destacou-se o uso de algumas estruturas naturais às narrativas, de acordo com Labov e Waletzky: resumo (síntese); orientação (contextualização); complicação da ação (clímax); resolução (desenlace); coda (término) e avaliação. Em seguida, foi solicitada uma produção textual, na qual cada estudante deveria escolher um acontecimento marcante em sua história e narrá-lo. A imagem seguinte traz a orientação para essa escrita.

Imagem 2: Proposta de escrita de memórias

The image shows a screenshot of a Google Classroom assignment. At the top left, there is a blue circular icon with a white document symbol, followed by the title "Memórias" in a large, bold, blue font. Below the title, it says "Laysdemberg Rodrigues • 8 de mai." and "100 pontos". On the right side, there is a vertical ellipsis icon and the text "Data de entrega: 15 de mai.". The main body of the assignment contains the following text: "Nossos dias são permeados por memórias e histórias que ouvimos e contamos sobre quem nós somos ou quem gostaríamos de ser. Que tal escrever um pouco da sua história? Essa atividade te convida a narrar algum fato que te marcou/marca. Esperamos que seja um momento de reflexão e de prazer. Lembrem de usar os elementos narrativos que trabalhamos na aula de hoje." Below this text is a quote: "Como doem as perdas para sempre perdidas, e portanto irremediáveis, transformadas em memórias iguais pequenos paraísos-perdidos."Caio Fernando Abreu. At the bottom, there is a preview of a document titled "Banho de Mar" from "Documentos Google".

Fonte: Dados das pesquisadoras.

Ao todo, quatorze alunos realizaram a atividade. Baseado no modelo de texto da Clarice Lispector, alguns estudantes apresentaram relatos pessoais, envolvendo depressão, morte, distanciamento social, bullying, amizade, relação com a literatura; outros narraram episódios vividos por eles e por conhecidos, seguindo as etapas da narrativa: resumo, contextualização, complicação, clímax e resolução.

O texto a seguir é do estudante José da Silva (nome fictício) que conta a depressão sentida após a morte de seu pai.

Imagem 3: Narrativa de José da Silva

A uns cinco anos atrás eu tava com depressão por ter perdido meu pai e algumas outras coisas que aconteceu comigo, eu cheguei a pensar que nunca ia voltar ao normal como eu era antes da depressão. Séries, filmes, ler livros e jogos no computador e celular essas coisas começou a me fazer um bem tão bom que eu tive a esperança de volta a ser o que eu era antes, uma amiga Tam bem me faz muito bem a minha melhor amiga e o meu melhor amigo foram muito importantes nesse processo para eu melhorar, um história que eu sempre lembro porque eu sei que eu sempre vou ter eles e essas coisas para me ajudar sempre que precisar.

Fonte: Dados das pesquisadoras.

O texto de José da Silva ocorreu de forma muito condensada, narrando um longo período de sua vida em poucas linhas e sem muitos detalhes. Entretanto, é possível perceber os elementos da contextualização, o clímax e a resolução. Assim, o leitor pode, a partir do resumo, reconhecer que a narrativa tratará de um momento de depressão vivenciado pelo narrador. A referência temporal é vaga, pois não há muitas delimitações textuais para o leitor se situar — principalmente, se não souber o ano em que o texto foi escrito. O clímax dá-se quando o narrador faz a confissão de que não voltaria a ser como era antes da depressão. É válido destacar a escolha do tempo verbal pretérito do indicativo. Em seguida, de modo frenético, a resolução é apresentada ao mesmo tempo em que é apresentada a progressão da melhora do narrador. Por fim, a narrativa é encerrada com a avaliação dessa experiência do narrador-personagem.

Foi adotada a modalidade de correção textual-interativa (RUIZ, 2018), através da adição de comentários - recurso do Google Docs - a fim de estabelecer um diálogo com os estudantes. A intervenção didática destacou alguns problemas de ortografia, todavia o enfoque se deu no progresso da narrativa. Para isso, foram acrescentadas perguntas e comentários relevantes para o desenvolvimento do texto: “Você pode escrever mais sobre a sua relação com o seu pai. Nessa parte, você pode detalhar seus sentimentos. E por fim, falar de forma mais ampla como você se recuperou. O que nos filmes e séries te faziam melhorar? Quem são esses seus amigos? Você pode nomeá-los, dizer como era sua relação com eles? Eles conheciam o seu pai? O que eles falaram para você? Caso queira, você também pode falar como ainda hoje sente falta do seu pai e como convive com as lembranças dele”.

Na atividade de reescrita, o estudante José da Silva atende às orientações da professora. Acrescenta um parágrafo para explicar a relação que tinha com o pai e como as amizades e os filmes influenciaram na sua recuperação.

Quadro 3: Transcrição da reescrita de José da Silva

A uns cinco anos atrás eu estava com depressão por ter perdido meu pai e algumas outras coisas que aconteceu comigo, eu cheguei a pensar que nunca ia volta ao normal como eu era antes da depressão. Séries, filmes, ler livros e jogos no computador e celular essas coisas começou a me fazer um bem tão bom que eu tive a esperança de volta a ser o que eu era antes, uma amiga Também me faz muito bem a minha melhor amiga e o meu melhor amigo foram muito importantes nesse processo para eu melhorar, um história que eu sempre lembro porque eu sei que eu sempre vou ter eles e essas coisas para me ajudar sempre que precisar.

A relação com meu pai antes dele morrer era muito boa, antes dele morrer eu não conseguir falar com ele porque eu estava dormindo isso me deixou muito mal, e saber que você perdeu alguém que você ama tanto assim é muito triste em parte a outra eu não sei como explicar ou falar. Depois de muito tratamento e com a ajuda dos meus amigos, séries e os filmes, muitas das vezes eu me identificava em um personagem, e me fazia muito bem assistir, e os meus amigos tem o meu melhor amigo e a minha melhor amiga que sempre estavam ali me incentivando a sair mais, me divertir, conhecer pessoas novas, e sempre estavam me ajudando no que eu precisasse, eles não conheciam meu pai porque foi depois que ele morreu que conheci eles, foi muito importante pra minha recuperação eles e hoje eles continuam sendo importante pra mim.

Para a terceira atividade, foi solicitada a escrita de um texto sobre alguma memória dos alunos relacionada às comemorações de São João, visto que as festividades não aconteciam há dois anos. Nesse momento, o estudante escolhido narra de forma mais sucinta, o que nos chamou atenção, pois se esperava que ao longo das aulas o aluno se sentiria mais à vontade para desenvolver as narrativas. Assim, o processo da escrita, a estruturação do texto, como também a organização da narrativa, de acordo com as orientações de Labov e Waletzky, precisam ser mais desenvolvidas nesse texto.

Imagem 4: Narrativa de José da Silva sobre São João

Eu tenho uma memória, **que** foi no são João, **que** eu tava na rua, era tarde, eu tava brincando com uns amigos e amigas, soltando fogos, e outras coisas aí eu tava perto da fogueira soltando bomba e eu acendie uma bomba e terminei esquecendo ela na minha **mãomão**, quando eu vi, ela já tinha estourado na minha **mãomão**, ainda bem que foi uma daquelas bem fraca, só **ficou**ou preta a minha **mãomão**.
Essa é uma das únicas memórias que eu tenho de são João, não tenho muitas. |

Fonte: Dados das pesquisadoras.

Curiosamente, o tom de memória é bastante presente, como também o tom de narrativa oral. O aluno desenvolve seu texto com frases curtas, expressões do uso da linguagem informal e sem o uso de pontuação

adequado. Embora condensados, os estágios da narrativa estão presentes: a contextualização, pode ser observada nas marcações do tempo e do espaço (“eu tava na rua era tarde, eu tava brincando com uns amigos e amigas, soltando fogos, e outras coisas”); a complicação (“eu tava perto da fogueira soltando bomba”); o clímax (“acendi uma bomba e terminei esquecendo ela na minha mão quando eu vi ela já tinha estourado na minha mão”) e, por último, a resolução junto com a avaliação (“ainda bem que foi uma daquelas bem fraca só ficou preta a minha mão”). Por fim, ressalta-se que há uma postura de “responder” a consigna, isso se verifica no início do texto (“Eu tenho uma memória, que foi no são João”) e em sua resolução e coda (“Essa é uma das únicas memórias que eu tenho de são João, não tenho muitas”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 impediu que os estudantes colaboradores desta pesquisa tivessem aulas presenciais. Após uma experiência menos eficiente com outra plataforma educacional em 2020, o uso das ferramentas Google Meet e Google Classroom contribuiu para a realização das atividades em 2021, também amenizou os problemas do distanciamento possibilitando uma boa interação entre professores e alunos. Os estudantes participavam dos encontros síncronos e interagiam com os professores pelo chat, mas poucos enviaram os textos na plataforma. De 21 matriculados, em média 11 postavam suas produções.

Embora os estudantes demonstrassem interesse pela leitura e escuta de narrativas, alguns não reconheciam que fatos de suas vidas pudessem ser narrados, não valorizavam as experiências vivenciadas. Em algumas ocasiões em que os professores solicitavam a produção da narrativa de experiência pessoal, os estudantes respondiam que não tinham nada interessante para contar, assim não pareceram tão receptivos à proposta, alegando não terem vivenciado grandes fatos.

Em relação à composição da sequência narrativa, observou-se que os estágios da narrativa de Labov e Waletzky estavam presentes nos textos, porém de uma forma mais condensada. O estágio da contextualização foi um dos mais reduzidos, sem indicação específica das marcas de tempo, espaço e nomes de personagens.

O processo de reescrita aconteceu com algumas limitações. Os textos demoravam a serem reescritos, a quantidade de refações foi sendo reduzida ao longo do curso. Algumas vezes, os estudantes não visualizavam os comentários deixados pelos professores na plataforma; outra possível explicação é o distanciamento do tempo entre a entrega da 1ª versão e a solicitação da reescrita. Tudo são hipóteses! A maior convicção é que

este tipo de experiência didática deve ser implementado urgentemente nas escolas de educação básica. Os estudantes devem cada vez mais ter a consciência de que a escrita é processo, sendo o planejamento, a revisão e a refação partes fundamentais dessa prática.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 29 de abril de 2020.

CASTILHO, Ataliba Texeira. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2002.

CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la coherence des textes. In: **Langue Française**. N° 38. Paris, Larousse, maio/1978.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1997.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. **Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience**. Em Helm, J (ed). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Washington: University of Washington Press, 1967.

LIMA, Danielle Belarmino de; OLIVEIRA, Fabiana Pincho de. Os processos referenciais na construção do gênero redação do Enem. **Revista Eletrônica Areia**, v. 1, n.3, 2020.

MADI, Sonia. Sequência didática por que trilhar o caminho proposto. **Na ponta do lápis**. Ano IX. São Pulo: 2013.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. **Leitura, produção de textos e a escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

PINTO, Maria Fernanda Barreiros Barbosa Alves. A progressão temática no artigo de opinião: uma experiência de escrita planejada em uma turma de 9º ano da rede estadual de Alagoas. **Dissertação de Mestrado**. Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal de Alagoas, 2017.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola**: uma proposta textual-interativa, 4ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, Osvaldo Epifânio dos. Produção textual no contexto da educação de jovens e adultos: um estudo de aspectos da textualidade nas narrativas de experiência pessoal. **Dissertação de Mestrado**. Mestrado Profissional em Letras. Universidade Federal de Alagoas, 2021.

SILVA, Ana Luisa Soares da; OLIVEIRA, Fabiana Pincho de. Gênero textual, intervenção e reescrita: ensino da escrita processual na Educação de Jovens e Adultos. In: LOPES, Adna de Almeida; PAULA, Aldir Santos de (orgs.). **Língua e literatura**: práticas pedagógicas em diferentes linguagens. Maceió: Edufal, 2019.

SILVA, Raul Guilherme Candido da; OLIVEIRA, Fabiana Pincho de. Escrita e ensino: planejando o tópico discursivo no gênero redação do Enem. **Revista Humanidades e Inovação**. v. 7, n.1, 2020.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. As Narrativas: sua importância na nossa vida e na escola. In: CAVALCANTE, Maria Auxiliadora & FUMES, Neiza de Lourdes F. (Org.). **Educação e Linguagem**: Saberes e Práticas. Maceió: Edufal, 2006, v. 1, p. 75-89.



Adriana Rodrigues de Sousa

Mestra em Letras pelo PPGEL/UFPI. Graduada em Letras-Português pelo PARFOR/UFPI. Professora da Educação Básica no município de Caraúbas – PI. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI/CNPq.

E-mail: adri_adrirodrigues@hotmail.com

Ana Paula Albarelli

Doutora em Letras (2020), na área de Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (FFLCH- USP). Mestra em Letras (2013) pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), cujo estudo investigou questões de Pragmática e Argumentação. Bacharela em Letras com habilitação em Português e Alemão (2007) pela Universidade de São Paulo (USP). Possui licenciatura em Letras pela Universidade de São Paulo (FEUSP-USP). É professora de Língua Portuguesa do ensino Fundamental II e Médio (SME) e atua como conteudista e elaboradora de material didático de Língua Portuguesa para os níveis: Fundamental I, II e Médio. Apresenta experiência na área de Letras, com ênfase nos seguintes âmbitos: Análise da Conversação, Descortesia Verbal, Pragmática, Sociolinguística Interacional, Retórica e Teorias da Argumentação, Oralidade e ensino de Língua Portuguesa.

E-mail: aalbarelli@yahoo.com.br

Cristina Felipeto

Doutora em Linguística (UFAL, 2003), fez estágio sanduíche na Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) entre 2002-2003 sob orientação de Jacqueline Authier-Revuz e pós-doutorado no ITEM-CNRS sob a supervisão de Almuth Grésillon entre 2009-2010. O seu trabalho centra-se no estudo dos processos de escrita colaborativa no ensino básico, em um contexto ecológico e de tempo real. É professora titular da Universidade Federal de Alagoas: Faculdade de Letras - FALE, PPGLL - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura e membro do ETC - Grupo de Pesquisa Escrita, Texto e Criação (CNPq) filiado ao Laboratório LAME do Manuscrito Escolar.

E-mail: crisfelipeto@gmail.com

Daniela Carla Silva Costa

Licenciada em Letras/Português, pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL/Arapiraca). Especialista em Linguagem e Práticas Sociais, pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL/Arapiraca). Professora efetiva da rede municipal de ensino da cidade de São Sebastião, em Alagoas.

E-mail: danielacarla2013@outlook.com

Dayane Rocha de Oliveira

Doutoranda em Linguística na linha Linguística Aplicada e processos-textual enunciativos - UFAL, Mestra em Linguística, na linha Linguística Aplicada e processos-textual enunciativos - UFAL Pós-graduada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pelo Instituto de Educação e Pesquisa Paulo Freire-IEP- Faculdade Santa Helena e graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pela Uneal.

E-mail: dayoliveira92@hotmail.com

Eduardo Pantaleão de Moraes

Doutor em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus São Miguel dos Campos.

E-mail: eduardo.pantaleao@uneal.edu.br

Emanuelle Maria da Silva Piancó

É mestranda em Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Linguística Aplicada na Educação, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduada em Letras/Português, pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Palmeira dos Índios/AL. Integra o Grupo de Estudos do Texto – GESTO/PPGL/UFPE, liderado pela professora doutora Suzana Leite Cortez.

E-mail: emanuellemariapianco@gmail.com

Fabiana Pincho de Oliveira

É Professora Associada 4 da Faculdade de Letras da UFAL, atuando nos âmbitos do ensino, pesquisa e extensão. Professora do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), vice-líder do grupo GETEL – Grupo de Estudos do Texto e da Leitura: perspectivas interdisciplinares e tutora do PET Letras.

E-mail: fabianaoliveira.fale@gmail.com

Heron Ferreira da Silva

Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Especialização em Libras com docência no ensino superior pela Faculdade Evangélica do Meio Norte - FAEME. Graduado em Letras Libras pela UFPI. Possui curso de formação em Tradução Interpretação de Libra/Português no contexto educacional. Foi bolsista CNPq durante os anos de 2016, 2017 e 2018 no programa de Iniciação Científica - PIBIC, na área de Análise de Discurso e Literatura Surda. Membro desde 2019 do grupo de estudos e pesquisas em Análise de Discurso – NEPAD/UFPI. Atualmente é servidor efetivo lotado na coordenação de Letras Libras – UFPI atuando como Tradutor Intérprete de Libras/Língua Portuguesa. Atua como professor de Libras e tradução em instituições públicas e privadas.

E-mail: fheron@ufpi.edu.br

João Benvindo de Moura

Possui doutorado e pós-doutorado em Linguística pela UFMG. Mestre e especialista em Linguística pela UFPI com graduação em Letras-Português pela mesma instituição. Docente da graduação e pós-graduação em Letras da UFPI. Editor da revista Form@re. Fundador e atual coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI/CNPq. Membro do GT sobre Argumentação, da ANPOLL.

E-mail: jbenvido@ufpi.edu.br

John Hélio Porangaba de Oliveira

Bolsista PROSUC/CAPES; doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco – PPGCL/UNICAP; com interesses voltados para metodologias de orientação para o ensino, pesquisa e produção de gêneros acadêmico.

E-mail: jhpoingles@gmail.com

Katiuscia Cristina Santana

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo na área de Filologia e Língua Portuguesa. Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (2013), bacharel em Letras com habilitação em Português e em Francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Possui Licenciatura em Letras Português e em Francês pela Faculdade de Educação da USP. Atua principalmente nos seguintes temas: Análise da conversação, Sociolinguística Interacional, Pragmática, Análise Crítica do Discurso e Ensino/ Aprendizagem de Língua Portuguesa e de Língua Francesa. Membro da EDiSo, Asociación de Estudios sobre

Discurso y Sociedad, é integrante do grupo de pesquisa da Universidade de São Paulo - Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural vinculado ao CNPq.

E-mail: kathycris@gmail.com

Laysdemberg Tavares Rodrigues

É graduanda do curso Letras Português da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Letras, colaboradora do Programa de Iniciação Científica – PIBIC e integrante do grupo GETEL– Grupo de Estudos do Texto e da Leitura: perspectivas interdisciplinares.

E-mail: laysdemberg.rodriques@fale.ufal.br

Maraisa Lopes

Licenciada em Letras (Português/ Inglês) e especialista em Estudos da Linguagem pela Universidade de Mogi das Cruzes. Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional. Mestre em Linguística, área de concentração - Análise de Discurso, e, Doutora em Linguística, área de concentração - História das Ideias Linguísticas, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual de Campinas. Realizou estágio Pós-Doutoral em Educação de Surdos (Deaf Education) pela Flagler College (Florida/USA), junto ao Masters Program in Education of the Deaf and Hard of Hearing, sob a supervisão da Profa. Emérita Dra. Margaret H. Finnegan. Professora Associada I, Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Ministro Petrônio Portela. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL), Campus Ministro Petrônio Portela. Líder do Núcleo de Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD).

E-mail: maraisa_lopes@uol.com.br

Maria Inez Matoso Silveira

Possui graduação em Licenciatura em Letras Português/Inglês, pela Universidade Federal de Alagoas (1974), mestrado em Letras e Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas (1993) e doutorado em Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). É professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura e do Mestrado Profissional em Letras, da UFAL. É líder Grupo de Estudos do Texto e da Leitura: Perspectivas Interdisciplinares (GETEL/CNPq/UFAL). Tem experiência nas áreas de Leitura e Cognição, Linguística Textual, com ênfase em componentes sociocognitivos no processamento

de compreensão de textos, atuando principalmente nos seguintes campos: formação de professores, ensino de línguas, leitura instrumental, teoria e análise de gênero textual (concepção sociorretórica) e letramento.

E-mail: mimatoso@uol.com.br

Maria Silma Lima de Brito

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), é especialista em Programação do Ensino de Língua Portuguesa (UPE). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UNINTER). Mestre em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Doutoranda em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Professora Substituta da UPE. Professora de AEE na rede pública. Atua no atendimento clínico psicopedagógico. Associada ao GETEL Grupo de Estudos do Texto e da Leitura Perspectivas Interdisciplinares (Diretório de Pesquisas-CNPq). Centraliza seus estudos nas áreas da neuropsicolinguística da Leitura e da Neurociência Cognitiva tendo como objeto de estudo a aprendizagem inicial da leitura, decodificação/ fluência em leitura/ consciência metalinguística consciência fonológica e compreensão textual.

E-mail: mariasilma95@gmail.com

Marcos Suel dos Santos

Doutorando em Linguística (PPGLL) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Letras (ProfLetras) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em Letras: português-inglês pela Faculdade São Luís de França (FSLF). Especialista em Neuroaprendizagem pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Graduado em Letras pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Atualmente é coordenador do Departamento de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação de São Sebastião, Alagoas. Interessa-se pelos estudos da Leitura e Cognição, da Leitura em Voz Alta e da Compreensão Leitora. Além de interessar-se ainda pela área da Linguística Textual. É integrante do GETEL – Grupo de Estudos do Texto e da Leitura: perspectivas interdisciplinares, coordenado pela Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (UFAL).

E-mail: markus-christie@uol.com.br

Max Silva da Rocha

Atualmente, é professor voluntário do curso de Letras da UNEAL/Palmeira dos Índios. É doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI). Possui mestrado em Linguística, pelo PPGLL/UFAL; especialização em Linguística Aplicada

na Educação, pela UCAM e licenciatura em Letras/Português, pela UNEAL/Palmeira dos Índios. É sócio efetivo da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). É vice-líder do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL/UNEAL). Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD/UFPI).

E-mail: msrletras@gmail.com

Patrícia Rodrigues Tomaz

Advogada e mediadora extrajudicial de conflitos. Mestra em Linguística pela UFPI. Especialista em direito e processo civil (2015), especialista em mediação de conflitos (2018), ambas pela Estácio Teresina. Graduada em Letras-Português pela Estácio Teresina. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI/CNPq.

E-mail: monitorapatriciatomaz@gmail.com

Samuel Barbosa Silva

Doutor em Linguística/Análise de Discurso (UFAL), Professor Substituto na Universidade de Pernambuco campus Garanhuns. Membro dos seguintes grupos de pesquisa: 1) Grupo de Estudo e Pesquisa em Análises de Discursos (GEPAD -UPE); 2) Grupo de Análise de Discurso (GrAD - UFAL); 3) Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia (GEDON - UFAL).

E-mail: samuel.bs@hotmail.com

Sandra Araujo Lima Cavalcante

Atualmente, é doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Possui graduação em Letras, pela Faculdade de Formação de Professores de Arapiraca (1991) e mestrado em Educação, pela Universidade Federal de Alagoas (2012). É professora efetiva do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus Arapiraca. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura e escrita de gêneros textuais no ensino médio, gêneros textuais profissionais e escrita colaborativa. É integrante do Grupo de Estudos do Texto e da Leitura – Perspectivas Interdisciplinares (GETEL/CNPq/UFAL).

E-mail: sandra_araujolima@yahoo.com.br

Thaís Ranieri

Doutora em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2015). Atua principalmente com trabalhos voltados para a Linguística Textual. Tem interesse também por trabalhos que atuam numa relação multimodal da língua em associação com semioses diversas. Profissionalmente atua na Universidade Federal Rural de Pernambuco no Departamento de Educação como Professora Adjunto na área de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Língua Portuguesa vinculada ao Departamento de Educação. Hoje é coordenadora institucional do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) na UFRPE dentro do Edital Capes 02/2020. Pertenceu à Diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE, nos biênios 2014-2016 e 2016-2018.

E-mail: thaisranieri@yahoo.com.br

Esta obra contém 12 capítulos escritos por autores/as brasileiros/as de diversas Instituições de Ensino Superior. Os textos são resultados de pesquisas científicas no campo da linguagem, tendo os estudos do texto e do discurso como foco. São corpora diversos que englobam redes sociais, charges, textos jurídicos, falas de professores, poesias, entrevistas, manuscritos de alunos, memes, narrativas pessoais, dentre outros. A abordagem teórica contempla o que há de mais moderno nos Estudos do Discurso, da Linguística Textual, da Enunciação, do Gênero, da Argumentação e da Retórica. Trata-se de uma obra destinada a todos e todas que se interessam pelos estudos da linguagem: alunos/as, professores/as e pesquisadores/as.

Prof. Dr. João Benvindo de Moura

Professor e pesquisador da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

 editora
PATHOS

ISBN 978-65-994244-6-5

